



O maior clássico de  
**G.H. Pember**

**As Eras  
Mais Primitivas  
da Terra**

O Espiritualismo

A Sedução do Cristianismo Moderno

O Caminho do Anticristo



Digitalizado por Fisherman Download



<http://fishermandownload.blogspot.com>



Um clássico de  
G.H. Pember

# As Eras Mais Primitivas da Terra

O Espiritualismo  
A Sedução do Cristianismo Moderno  
O Caminho do Anticristo



**Título do original em inglês:**

*Earth's Earliest Ages*

*and their Connection With the Modern Spiritualism, Theosophy, and Buddhism*

Copyright © 1975 Kregel Publications

Copyright © 2001 Editora dos Clássicos (CCC Edições)

Tradução: Wanda Assunção Di Credo

Revisão: Renata Balarini Coelho

Capa: Magno Paganelli

Diagramação: Rafael Alt

Produção e coordenação editorial: Gerson Lima

1<sup>a</sup> edição: março de 2004

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmera Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pember, G. H., 1837 - 1910

As Eras Mais Primitivas da Terra / O maior Clássico de G. H. Pember ; [Tradutora Wanda Assunção Di Credo]. – São Paulo : Editora dos Clássicos, 2004.

ISBN: 85-87832-25-5

Título original: *Earth's Earliest Ages*

Conteúdo: T. 2. O Espiritualismo – A Sedução do Cristianismo Moderno -- O caminho do Anticristo. Bibliografia.

1. Anticristo 2. Bíblia e Espiritualismo 3. Cristianismo 4. Espiritualismo 5.

Teosofia

I Título

04-1711

CDD-200.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritualismo: História 200.9

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados na língua portuguesa por

**EDITORAS CLÁSSICOS**

Rua Ângelo Santesso, 133. Jd Itamarati

CEP 03931-040. São Paulo - SP

Fone: (11) 6726 5757 / Fax: (11) 6721 7909

[falecom@editoradosclassicos.com](mailto:falecom@editoradosclassicos.com) / [www.editoradosclassicos.com](http://www.editoradosclassicos.com)

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a prévia autorização por escrito da Editora, a não ser em citações breves com indicação da fonte.



# Sumário

Prefácio ao Tomo 2 da Edição Brasileira.....	249
Capítulo 10	
O Testemunho da Bíblia .....	253
Capítulo 11	
O Testemunho da História .....	289
Capítulo 12	
A Rápida Expansão do Espiritualismo nos Tempos Modernos....	315
Ensinamentos de Demônios .....	335
A Proibição do Casamento e a Ordem de Abster-se de Carnes....	368
Capítulo 13	
Teosofia .....	387
Um Renascimento da Filosofia Comunicada Pelos Nefilins.....	389
A Sociedade dos Irmãos e Seus Objetivos .....	394
A Doutrina da Evolução da Alma.....	398



<i>As Doutrinas e a Aliança Entre os Grandes Sistemas Religiosos do Mundo: O Caminho para a Manifestação do Anticristo.....</i>	413
Capítulo 14	
Budismo.....	425
<i>Sua Origem, Doutrina e Implicações nos Tempos Finais .....</i>	427
Capítulo 15	
Sinais dos Últimos Dias .....	441
Capítulo 16	
Evidência Comprobatória.....	451
<i>A Preparação de Um Reino Universal Para o Anticristo.....</i>	453
<i>Uma Palavra de EncorajamentoPara os Fiéis que Amam a Verdade ...</i>	488
Apêndice	
Eram Anjos ou Homens? .....	493
<i>Anjos que se Materializam.....</i>	498
<i>Objeções Consideradas .....</i>	499
<i>Os Verdadeiros “Deuses” do Paganismo.....</i>	501
<i>O Ponto Fraco da Objeção .....</i>	503
<i>Resumindo .....</i>	505
<i>Influenciando os Assuntos Terrenos .....</i>	507
<i>A Mitologia Concorda.....</i>	509
<i>Um Argumento Conclusivo.....</i>	510



## Prefácio ao Tomo 2 da Edição Brasileira

**E**m maio de 2002 publicamos o tomo 1 deste clássico *As Eras Mais Primitivas da Terra*, de G. H. Pember. Hoje, depois de quase dois anos, estamos publicando o tomo 2. Sendo uma obra sem precedentes na história da literatura apologética da Bíblia, tornou-se leitura obrigatória para todos os que fielmente desejam conhecer a revelação bíblica de forma mais ampla e profunda. Apesar de Pember ser notavelmente reconhecido por sua erudição e espiritualidade, era de esperar que nem todos concordariam com suas conclusões sobre o caos da criação original e especialmente sobre os filhos de Deus que possuíram as filhas dos homens, em Gênesis 6, e geraram os nefilins que perverteram a humanidade e atraíram o juízo de Deus através do dilúvio (G. H. Lang trata com propriedade desse assunto, em seu apêndice no final deste tomo). É lamentável presencermos como a escuridão da “eclipse da fé” tem cegado as mentes de muitos líderes cristãos, a ponto de alguns atacarem uma obra de tamanho porte como esta tachando-a de “mera especulação” ou quando é colocada nas prateleiras de obras de ficção (como presenciei em uma das maiores livrarias de São



Paulo). O fato de que somente uma minoria dos cristãos se dá conta dos perigos do espiritualismo que sutilmente avança e permeia o cristianismo atual indica que a apostasia dos últimos dias, predita pelas Escrituras, está em proporção muito maior do que possamos imaginar (1Tm 4.1-5).

Se formos sensatos em nossas pesquisas bíblicas, mais cedo ou mais tarde teremos que reconhecer as incontestáveis interpretações de Pember de que as grandes religiões que dominam o mundo atual tiveram suas origens no Príncipe das trevas e em seus súditos e de que os bastidores das “novas ondas” maquiadas de “avivamentos proféticos”, que sutilmente vêm sendo introduzidas no cristianismo, apontam para uma unificação espiritual das religiões como o caminho central para a manifestação do Anticristo (como imitação da genuína unidade do Corpo de Cristo). Os cultos espirituais, em torno de novas revelações, de experiências espirituais e de seus líderes (e não em torno do Soberano Senhor e para Seus interesses), vêm arrastando multidões, desde sábios aos mais incautos, ao mesmo tempo em que a apreciação das Sagradas Escrituras vem sendo substituída por livros contaminados pelo fermento da antiga religião babilônica, que também levedou alguns dos mais sinceros místicos cristãos nas gerações passadas. Indubitavelmente, estamos mais próximos do que nunca do dia do Filho do Homem, pois os acontecimentos sobrenaturais dos dias de Noé estão se manifestando de forma avassaladora (Lc 17.26).

Publicar esta obra nos custou a própria vida, diante da profunda oposição espiritual enfrentada, manifestada por misteriosos transtornos praticamente em todas as áreas de nossa vida. De fato, diante de uma obra tão profunda, escrita por um “gigante” tão espiritual e intelectual como Pember, e das nossas inumeráveis limitações e fraquezas, exigia-se “uma centena” dos mais experimentados fiéis para nos ajudar a concluir-la (embora tenhamos feito o melhor que pudemos, somente

o tempo nos mostrara se sera necessario fazer algumas correcoes).

Ao terminar esta obra, somos imensamente gratos Àquele que governa o universo, por nos conceder tamanho privilégio de oferecer aos “garimpeiros de preciosidades” este tesouro; reconhecemos que foi somente por Sua graça toda suficiente; a Ele, toda glória.

Agradecemos, igualmente, a todos que de alguma maneira nos apoiaram nesse longo percurso, especialmente aos que intercederam enquanto estávamos no campo de batalha.

A todos os que estão atendendo ao chamamento celestial, sendo treinados pelo Espírito da Verdade para comporem o remanescente de vencedores dos últimos dias, que atrairão a vinda do Filho do Homem e cooperarão em Seu julgamento dos anjos e do mundo (1Co 6.2,3) e Seu reinado sobre as nações (Ap 2 e 3), entregamos esta obra singular.

Editora dos Clássicos

São Paulo, SP, 10 de março de 2004.



# O Testemunho da Bíblia



## Capítulo 10

# O Testemunho da Bíblia

**A**mera menção do sobrenatural é, muitas vezes, acolhida com um sorriso de desdém e incredulidade. Não são poucos os cristãos professos que manifestam grande ansiedade em limitar o número e a extensão de milagres do passado e também ocultar a possibilidade de ocorrências similares no presente – apesar de não se aventurar a negar totalmente o poder divino de suspender ou mudar Suas próprias leis. Porém, nunca permitirão que Satanás possa operar maravilhas; ao contrário, chegam, em muitos casos, a recusar-lhe até a própria existência.

Certamente, tal mentalidade deve ser fruto de ignorância ou descrença. Afinal, por que Paulo se refere à obra de Satanás como sendo segundo o poder, os sinais e prodígios forjados na mentira e no engano (2Ts 2.9)? A simples declaração das Escrituras de que o ar que envolve a terra abunda de espíritos rebeldes deveria, pelo menos, preparar-nos para suas manifestações ocasionais e interferência direta. Sem dúvida, Deus os proibiu de comunicarem-se diretamente com o homem ou de influenciarem-no para o mal. No entanto, como são desobedientes e não estão no momento coibidos por força, seria razoável supor que,



às vezes, tais espíritos infrinjam tanto a primeira ordem quanto desafiem continuadamente a segunda. Esta suposição é confirmada pelas Escrituras; encontramos inúmeras alusões a contatos entre homens e demônios no Velho Testamento, ao passo que, no Novo, a feitiçaria é tratada como uma das obras manifestas da carne (Gl 5.20).

“A feiticeira não deixarás viver” (Ex 22.18), foi a injunção do Senhor a Moisés. O rigor da punição nos mostra claramente que esta lei não está preocupada com mera superstição ou engano, mas assinala uma comunhão intencional com os poderes do mal. Muitos, no entanto, tentariam persuadir-nos de que os inúmeros termos bíblicos aplicados aos praticantes das artes proibidas têm apenas a finalidade de indicar diferentes formas de embuste. Um exemplo será suficiente para provar a loucura de tal opinião.

No vigésimo capítulo de Levítico, encontramos o seguinte decreto: “O homem ou mulher que sejam necromantes ou sejam feiticeiros serão mortos; serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 20.27). Como, então, poderia um juiz israelita julgar o caso de uma pessoa denunciada sob esta lei? Será que o problema todo não dependeria da prova de que o acusado realmente teria um espírito que o acompanhasse? E não seria a lei uma declaração explícita não apenas da possibilidade, mas também da real ocorrência de tais ligações?

De fato, como já vimos antes, a Bíblia menciona muitas coisas que não se encaixam nas filosofias modernas, e, dentre elas, encontra-se uma que é da maior importância para o nosso assunto. Ela claramente reconhece a existência de espíritos por detrás dos ídolos do paganismo e afirma tratar-se de demônios. Foi feita uma tentativa de desacreditar esta afirmação baseada no fato de que duas palavras hebraicas – uma significando “nadas”, e outra, “vaidades” (ou “bobagens”) – são usadas como designações a deuses pagãos, e que o uso destes termos implica necessariamente em sua não-existência. Todavia, a falácia dessa inferência pode ser exposta ao observar rapidamente

algumas outras ocasiões em que as mesmas palavras aparecem: “Ai do

pastor inútil, que abandona o rebanho!” (Zc 11.17), exclama Zacarias. É certo que ele não se refere a um pastor puramente imaginário, mas a um inútil que não é o que finge ser. Semelhantemente, quando Jó chama seus amigos de “médicos que não valem nada” (Jó 13.4), não tem a intenção de dizer que eles não existem, mas simplesmente que são “médicos de nenhum valor”, conforme expresso em nossa versão em inglês. O conceito judeu da palavra aplicada às divindades pagãs pode ser visto na versão Septuaginta do salmo 96, no qual é traduzida como *δαιμόνια* [demônios]. Com isso, o quinto versículo passa a significar: “Porque todos os deuses dos povos não passam de demônios; o Senhor, porém, fez os céus” (Sl 96.5); (tradução literal da versão da Septuaginta usada pelo autor).

O uso do singular da palavra “vaidades” é Abel, o nome que Eva deu a seu segundo filho. Porém, ela não tinha intenção de, com isso, negar a realidade de seu ser. Nem quando o Pregador clama: “Vaidade de vaidades; tudo é vaidade” (Ec 1.2), podemos supor que ele esteja afirmando a não-existência do universo. Torna-se evidente, portanto, que estes termos, quando aplicados aos deuses pagãos, não discutem sua existência, mas sim a veracidade de suas pretensões. São poderes verdadeiros, mas finitos. Como tal, não fazem jus ao título de deuses.

As Escrituras, assim, nada contêm que negue a existência de deuses falsos; pelo contrário, afirma e aceita tal realidade como fato – por exemplo, quando, prevendo a morte dos primogênitos de homens e animais, o SENHOR deixou clara Sua intenção de também punir os deuses do Egito (Êx 12.12). Referindo-se ao mesmo evento, Moisés escreveu mais tarde: “... enquanto estes sepultavam todos os seus primogênitos, a quem o SENHOR havia ferido entre eles; também contra os deuses executou o SENHOR juízos” (Nm 33.4).

Mais uma vez, no décimo capítulo de Deuteronômio, temos a expressão: “Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o SENHOR dos senhores...” (Dt 10.17). São inúmeras as afirmações bíblicas de



que Jeová é exaltado e temido acima de todos os deuses. Se, então, Ele executou juízo sobre os deuses do Egito, eles teriam de ser seres vivos. Se Ele é comparado a outros deuses, devem existir outros deuses de verdade.

Nem tampouco o Velho Testamento deixa de indicar a natureza dessas supostas divindades, como fica claro nos versículos seguintes.

“Nunca mais oferecerão os seus sacrifícios aos demônios (heb. *seirim*), com os quais eles se prostituem” (Lv 17.7).

“Sacrifícios ofereceram aos demônios (heb. *shedim*), não a Deus; a deuses que não conheciam, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais” (Dt 32.17).

“... e ele constituiu para si sacerdotes para os altos, e para os demônios (heb. *seirim*), e para os bezerros que fizera” (2 Cr 11.15 RC).

“... pois imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios (heb. *shedim*)...” (Sl 106.37).

No lugar da palavra *seirim* – cujo significado original era bodes, e depois foi aplicada a sátiros –, a Septuaginta usa **τοῖς ματαίοις**, isto é, “vaidades”. Entretanto, em duas passagens de Isaías, o mesmo substantivo é traduzido por **δαιμόνια**, “demônios” (Is. 13:21; 34:14). Esta última interpretação é autoritariamente confirmada no Novo Testamento pela passagem encontrada no capítulo 18 de Apocalipse que corresponde à do capítulo 13 de Isaías (Ap. 18:2). *Shedim* – literalmente “os poderosos”, “senhores” – é invariavelmente interpretada na Septuaginta por **δαιμόνια** [demônios]. Assim, destas duas palavras, a primeira parece ter sido usada com relação a ídolos pagãos ou poderes espirituais escondidos por detrás deles, e a segunda apenas aos próprios demônios.



O testemunho das Escrituras gregas serve para confirmar o das hebraicas, e não há melhor maneira de ilustrar este fato do que examinando duas afirmações contidas na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. No oitavo capítulo, lemos o seguinte: "... sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como (Ὥσπερ) há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as cousas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as cousas, e nós também, por ele" (1 Co 8.4-6).

Agora, a palavra ídolo (*εἰδωλον*) significa a criação de uma fantasia, uma imagem mental. Portanto, a partir das palavras "...sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo...", Paulo quis dizer não existirem seres como Júpiter, Marte ou Vênus da maneira como eram representados na mitologia pagã. Tais não serão encontrados no universo, mas são apenas frutos da imaginação humana. Não obstante, o apóstolo prossegue, dizendo que os deuses a quem os pagãos cultuam existem de verdade e são, além do mais, forças reais. No que diz respeito a seus atributos e atitudes, no entanto, são totalmente diferentes dos ideais dos homens e falsamente chamados de deuses, pois não são seres que não foram criados e nem auto-existentes.<sup>1</sup> O poder destes deuses, apesar de muitas vezes ser grande, é finito e subordinado. Não importa o quanto enganem o pagão, sabemos ao menos que há apenas um Deus.

A segunda passagem consta do décimo capítulo. "Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma cousa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? Antes, digo que as cousas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos tornais associados aos demônios. Não podeis beber o cálice do Se-

<sup>1</sup> Nem tampouco têm qualquer direito ao título, em um sentido secundário, como sendo representantes do Supremo, aqueles a quem veio a Palavra de Deus (Jo 10.35), pois sua ação vai contra a Palavra divina.



nhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios" (1 Co 10.19-21).

Esta passagem trata da mesma doutrina. Um ídolo, uma criação da fantasia humana, é nada. Contudo, não é possível que homens sejam levados a cultuar nada. Há um poder real por detrás de tudo. Os pagãos pensam estar oferecendo sacrifícios a alguma divindade, mas suas ofertas sobem aos demônios, e, por meio de suas festas de sacrifício, estabelecem uma comunhão com espíritos imundos semelhante àquela existente entre Cristo e Sua Igreja.

Torna-se claro, então, que os espíritos desencarnados que assombram o ar são os seres a quem os pagãos cultuam, inspiradores de oráculos e adivinhos que deram origem a toda forma de idolatria quer seja pagã ou papista, poderes que estão sempre tentando, de diferentes maneiras, submeter a raça humana a seu domínio.

Por conseguinte, podemos deduzir que o paganismo, desde seu estágio mais intelectual até o nível mais baixo de fetichismo, não é apenas o culto a troncos e pedras, mas também a adoração a espíritos rebeldes quer seja consciente ou inconsciente, direta ou por diversos meios. Também não se pode negar o contrário dessa colocação, ou seja, que a adoração de quaisquer destes espíritos seja puro paganismo.

Agora, toda forma de culto idólatra está irremediavelmente ligada à magia e ao exercício de poder sobrenatural. Por isso, a raça humana pode ser escravizada pelos demônios tão-somente por meio de uma exibição contínua de tal poder ou, pelo menos, pela firme crença neste poder. No instante em que o homem perde sua fé na possibilidade do sobrenatural, ele se torna um cético em potencial apesar de quaisquer idéias vagas a respeito de um governo divino. Na opinião de muitos, esse resultado satisfaria todos os desejos do diabo, mas as seguintes considerações nos impedem de concordarmos com tal conclusão.

Sempre que a Escritura ergue o véu e permite-nos vislumbrar temporariamente o Reino das Trevas, deparamo-nos com uma comunidade maligna de fato, mas perfeita em termos de ordem e governo,



sedenta pela subjugação da raça humana. O império de Satanás não estará completamente organizado até que os homens sejam tão obedientes aos demônios quanto os demônios são obedientes aos principados e poderes rebeldes, e estes últimos, a seu grande princípio. Sendo assim, os habitantes do ar não estão apenas atiçando uma revolta a esmo contra Deus, mas, de bom grado, também anexariam nosso mundo todo a seu próprio domínio servil.

Logo, apesar de, no presente, Satanás afastar os homens de Deus, usando qualquer isca que lhes agrade, ele fomenta o ceticismo absoluto da mesma maneira como dizem que os emissários jesuítas incentivavam revolução e anarquia a fim de derrubar as barreiras que impediam o avanço de seu próprio sistema. Seu verdadeiro plano deve ser procurado nas várias falsas religiões, nas quais o aluno cuidadoso poderá, por meio da comparação, detectar muitos pontos de contato estranhos e ignorados até então. De fato, têm diferenças advindas das peculiaridades de raça ou temperamento; tais religiões se assemelham a fragmentos de um bloco de mármore, alguns dos quais exibem mais de certo veio colorido, alguns, mais de outro. Contudo, se as peças forem unidas de novo, linha encontra linha, e o padrão diversificado parece perfeito. Originalmente, todos saíram de um centro – “a Babilônia era um copo de ouro (...), o qual embriagava a toda a terra” (Jr 51.7) – e serão reunidos novamente em volta de um centro quando chegar a hora da sua revelação.<sup>2</sup>

O grande alvo, portanto, dos milagres satânicos é colocar os homens sob a influência de demônios. O diabo não usará de nenhum meio para destruir a crença no sobrenatural, mas sim para aumentá-la, indicando a si mesmo, e a não Cristo, como o cabeça de tronos, domínios, principados e poderes e apressando o tempo em que se assentará como Deus no santuário de Deus, ostentando ser o próprio Deus (2Tis

<sup>2</sup> Ver *Mystery, Babylon the Great* (Mistério, Babilônia a Grande) conforme anunciado.



2.4). Para atingir este fim, o diabo direciona todo o ensino de seus sinais e prodígios, não importando quão bem estejam disfarçados e se são aparições em formas tangíveis ou vaporosas, visões ou oráculos – o que raramente ajuda de verdade, mas, muitas vezes, atrai o homem à destruição pela ambigüidade de suas respostas – adivinhações – às vezes surpreendentemente verídicas, mas nunca confiáveis –, psicografia, vozes do além, curas por magnetismo ou qualquer outra exibição de poder.

Também não podemos examinar as muitas superstições confirmadas por estes milagres sem nos espantar com a habilidade de adaptá-las ao propósito de fascinar o ser humano. Afinal, não é esta a intenção óbvia por detrás de comunicações com os espíritos, preságios, agouros, talismãs, dias e épocas de azar ou sorte, purificações, água benta, encantamentos, poções, amuletos, sortilégios, fetiches, relíquias, imagens, retratos, cruzes, crucifixos e todos os inúmeros ditames dos sistemas demoníacos?

Normalmente, os sinais falsos são manifestados por intermédio de agentes humanos selecionados pelos demônios, que talvez percebam alguma afinidade entre eles e o objeto de sua escolha. Também parece haver dois meios pelos quais homens podem adquirir poder ilícito e conhecimento, obtendo acesso a uma relação proibida.

Aquele que quiser seguir o primeiro – mas comparativamente poucos o têm conseguido até agora – devem “de tal maneira colocar seu corpo sob o controle de sua própria alma a ponto de conseguir projetar sua alma e espírito, mesmo ainda estando aqui na terra, e agir como se fosse um espírito desencarnado”. O homem que alcança este poder é chamado de iniciado, e, de acordo com o falecido presidente da Sociedade Teosófica Britânica, “poderá conscientemente ler a mente de outros. Poderá agir sobre espíritos externos pela força de sua alma, acelerar o crescimento de plantas, apagar o fogo e, como Daniel, subjugar brutais animais selvagens. Poderá enviar sua alma para longe e, ali estando, não apenas ler os pensamentos



de outros, mas também falar e tocar esses objetos distantes. Além disso, poderá exibir a seus amigos distantes seu corpo espiritual em exata semelhança ao da carne. Ademais, como o iniciado age pelo poder de seu espírito, poderá, como uma força unitiva, criar da atmosfera múltipla que o cerca a semelhança de qualquer objeto físico ou ordenar que objetos físicos venham até ele" (*Spiritual Dynamics* [Dinâmica Espiritual] de Wild).

Os poderes de tais homens são definidos pelo autor de *Isis Unveiled* (Isis Desvelada<sup>3</sup>) como "medianeiros e não mediunidade". Ainda que sejam exagerados, a existência, em todas as épocas da história, de pessoas com capacidades anormais, iniciadas em grandes mistérios e depositárias de segredos da Antigüidade, tem sido confirmada por um testemunho persistente e universal demais para admitir negação.

O desenvolvimento dessas aptidões é, sem dúvida, possível apenas para alguns e, mesmo no caso destes, só pode ser atingido por meio de um longo e rigoroso curso de treinamento, cujo objetivo maior é alcançar a sujeição completa do corpo e produzir uma total indiferença a todas dores, prazeres e emoções desta vida de forma que nenhum elemento de perturbação venha a transtornar a calma da mente do pretendente e impedir seu progresso. Duas regras iniciais, consideradas indispensáveis para a disciplina, são: abstinência de carne e do álcool e total castidade. Em outras palavras, aquele que desejar tornar-se um iniciado deve conformar-se ao ensino desses demônios, líderes profetizados da última apostasia, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos [1Tm 4.3].

Portanto, não há dúvida de que, a partir da ajuda e instrução de espíritos malignos e iniciados já aperfeiçoados, esses poderes latentes são extraídos, poderes que com certeza existem em todos os homens,

<sup>3</sup> Livro escrito por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), conhecida por Madame Blavatsky, é considerada a iniciadora da teosofia e a maior representante do ocultismo do século 19 (N.R.).

mas cujo uso e até mesmo o empenho à busca são proibidos por Deus<sup>4</sup>. No presente, é dever de todo homem preservar a percepção clara e serena do mundo no qual foi inserido e lidar com o ambiente físico de acordo com as leis divinas com a finalidade de achar a disciplina necessária para sua santificação. Por este motivo, nossa independência espiritual de tempo, espaço e poder sobre-humano de conhecer, fazer e influenciar é suprimida pela natureza de nosso corpo. O homem é um espírito aprisionado e deve ficar satisfeito em permanecer nessa condição até que Deus destranque a porta de sua cela. Todavia, se preferir obter prazer instantâneo pela agitação precoce de seu potencial reservado para o desenvolvimento futuro, poderá apenas fazê-lo ao atravessar criminosamente as barras de sua masmorra, despedaçando a harmonia de sua atual natureza.

O segundo método acontece por meio da submissão passiva ao controle de inteligências estranhas, que, pela ação direta de seu poder ou por guiar à aplicação de certos meios, atrairão o espírito de seu alvo e libertá-lo-ão do corpo. Se este processo for efetuado por demônios<sup>5</sup>, o paciente será denominado de médium; mas precisa ser uma pessoa cujo espírito possa ser facilmente desligado do corpo pelo fato de estar fraco, doente ou por razões que não são óbvias. Desta maneira, o médium é introduzido à comunicação inteligente com os espíritos do ar e pode receber qualquer conhecimento que os demônios tenham ou qualquer falsa impressão que escolham partilhar. Pela prática, esse meio de relacionar-se fica cada vez mais fácil, e, à medida que a comunhão aumenta, e homens tornam-se cada vez mais enamorados de seus visitantes aéreos, parece que os demônios ganham permissão para executar variadas maravilhas a seu pedido e, finalmente, reve-

<sup>4</sup> Recomendamos o livro *O Poder Latente da Alma*, um clássico de Watchman Nee, publicado por esta editora, que trata amplamente sobre esse assunto.

<sup>5</sup> Poderá ser realizado por um espírito ainda encarnado, ou seja, por um magnetizador ou hipnotizador, sendo que, neste caso, o paciente é sensível à hipnose.

lar-se por visão, audição e toque. Considerando, no entanto, que o espírito de algumas pessoas parece, por sua própria natureza, possuir poderes semelhantes aos de iniciados treinados, às vezes fica difícil decidir de que maneira tais fenômenos são produzidos.

Conforme assinalamos anteriormente, a evasão do espírito do médium pode ser efetuada pela ação dos demônios. Muitas vezes, porém, é necessário complementar esta ação com vários outros subsídios – tais como a taça iniciática de *Sukra* e *Manti* do mistério do corpo hindu; ou um copo de drogas venenosas semelhantes àquela que permitia ao iniciado caldeu ver a forma cintilante da grande deusa passando por cima da caverna; ou um vapor mefítico, como o do oráculo de Delfos; ou a dança rodopiante do dardo; ou o jejum e vigília longos do índio *Ojibbeway*; ou fixar o olhar em uma placa de metal ou cristal na palma da mão; ou aquele poder fascinante de uma criação parecida que, nos tempos modernos, é chamada de hipnose.

Por esse e outros meios, as atividades dos sentidos externos são reduzidas ou refreadas completamente, e a consciência passa para uma outra esfera, na qual o espírito contempla visões maravilhosas; pode manter relações com seres sobrenaturais, revelar segredos e até, em um certo grau, prever o futuro; pode viajar instantaneamente a qualquer parte do mundo e descrever, com precisão, lugares, casas e a condição e ações daqueles que ali habitam; tem o poder de ver o mecanismo interno de seu próprio corpo e o de outros, oferecer um diagnóstico da doença e prescrever a cura. De fato, o espírito parece deixar o corpo precisamente como na hora da morte (só que alguma parte do laço fluídico ainda não foi rompido), e, muitas vezes, como no caso de médiuns em transe, outro espírito toma conta do corpo e fala com uma voz diferente e com conhecimento diferente.

Porém, como todos estes procedimentos são uma infração aos limites da humanidade conforme estabelecidos pelo Criador, todos os seres sobrenaturais que os aprovam e relacionam-se com o infrator

devem ser espíritos do mal. Essa confusão ilícita já traz seu próprio castigo imediato além da perspectiva apavorante de julgamento futuro. Nosso corpo parece ser não apenas uma prisão, mas também um forte e, muito provavelmente, tenha sido projetado com o propósito de proteger-nos, até um certo ponto, da influência corruptora dos demônios. Em sua condição normal, o corpo repele com eficácia as agressões mais abertas e violentas. No entanto, se, alguma vez, desmantelarmos nossa cerca protetora, não mais poderemos restabelecê-la e estaremos, a partir de então, expostos aos ataques de inimigos malignos.

É raro uma pessoa conseguir ser hipnotizada pela primeira vez sem seu próprio consentimento; e, quando tal acontece, o fato provavelmente se deve a alguma fraqueza especial, que não raro pode ser atribuída a algum pecado especial. Uma vez que a permissão seja concedida, será muito difícil retirá-la, e, cada vez que o poder for exercido sobre o mesmo paciente, sua influência aumentará.

No caso de comunhão com demônios, portanto, há muitos poucos que conseguem tornar-se médiuns sem perseverança. Uma vez tendo sido estabelecida a comunicação, os espíritos se recusarão a abrir mão dela e tenderão a perseguir aqueles que, tendo tomado consciência de seu pecado, estiverem determinados a não pecar mais pela graça de Deus.

Examinaremos, agora, os termos das Escrituras usados para descrever aqueles que praticam as artes sobrenaturais, mencionando, em cada caso, a palavra hebraica correspondente com uma tentativa de explicação.

*Chartummim.* “Magos” (Gn 41.8). É o nome dado aos mágicos do Egito no tempo de José e Moisés (Êx 7.11) e também aos da Babilônia nos dias de Daniel. A palavra parece estar ligada ao hebraico *cheret*, um estilete ou caneta, e aplicava-se aos membros da casta sacerdotal que, apesar de também praticar outros tipos de mágicas, estavam mais preocupados com a escrita. Talvez, fossem idênticos aos nossos

mídiuns que praticam a psicografia hoje em dia e que, de acordo com o autor de *Glimpses of a Brighter Land* (Vislumbres de uma Terra Mais Brilhante), estão divididos em cinco classes como segue: aqueles cuja mão passiva é movida pelo demônio sem qualquer vontade mental de sua parte; aqueles em cuja mente cada palavra é insinuada separada e instantaneamente com sua escrita automática no papel; aqueles que escrevem o que as vozes dos espíritos lhes ditam; aqueles que copiam palavras e frases que vêm no ar ou sobre algum objeto apropriado em letras reluzentes; e, por último, aqueles em cuja presença mãos espirituais, às vezes visíveis, outras vezes invisíveis, tomam a caneta e escrevem a comunicação.

*Chakhamim*. “Sábios” (Êx 7.11). Como esta palavra está ligada a *chartummim*, e parece que os *chakhamim* transformaram suas varas em serpentes, logo não eram denominados como meros filósofos ou homens de experiência, mas como pessoas que mantinham relações com seres sobrenaturais, com a ajuda dos quais conseguiam exibir uma sabedoria sobre-humana e poder milagroso. Podemos compará-lo ao termo “feiticeiro”, que, em inglês, originalmente significava um homem sábio ou erudito.

No décimo oitavo capítulo de Deuteronômio, há uma passagem impressionante que, na versão em português, diz o seguinte: “Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor” (Dt 18.10-12).

Esta lista de abominações começa com aquele que “faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha”, uma frase que não deve ser entendida como a queima de crianças em sacrifício a Moloque, mas um tipo de purificação pelo fogo, ou batismo por fogo, por meio do qual eram consagradas ao deus e supostamente libertas do pavor de uma

morte violenta.<sup>6</sup> Sendo um tipo de encantamento ou feitiço, obviamente está classificado entre as bruxarias. Iremos, agora, examinar os termos restantes na ordem em que aparecem.

*Qosem*. Um adivinhador, que descobre coisas ocultas do passado, presente ou futuro por meios sobrenaturais. Este parece ser um termo abrangente, aplicando-se a um adivinhador que se utiliza de presságios e sinais ou da comunicação direta com espíritos.

*Meonen*. Alguns acham que é derivada de uma raiz que forneceria uma variedade de significados, pois a palavra pode significar tanto um praticante de artes ocultistas quanto alguém que usa as nuvens para fazer adivinhações. Porém, uma ligação com *ayin*, o olho, é bem mais provável, e, a partir daí, podemos chegar ao significado de alguém que fascina com os olhos ou, na linguagem moderna, um hipnotizador que, ao colocar certa pessoa em um sono magnético, obtém dizeres oraculares a seu respeito. Muitos, no entanto, preferem o sentido de “observador”, isto é, aquele que examina minuciosamente as entranhas para extrair presságios, em contraposição ao adivinho, que prediz por meio de sinais, requerendo o uso do ouvido assim como aquele utiliza o olho.

*Menachesh*. Esta palavra está associada à *nachash*, uma serpente, e normalmente lhe é atribuído o significado de sibilador ou sussurrador, e, a partir daí, murmurador de encantamentos. O uso do verbo, porém,

<sup>6</sup> É um fato tão conhecido esta prática ainda existir em muitas partes do mundo cristão por meio dos fogos do solstício de verão, na véspera do dia de São João, que dispensa explicação. Podemos, no entanto, mencionar a cópia que recebemos do *Hereford Times* (jornal da região de Hereford, Inglaterra), contendo um artigo sobre uma palestra a respeito de “Paganismo Caseiro” pronunciada em Wolverhampton pelo sr. Gibson, um pastor wesleyano. Nesta palestra, aparece a seguinte declaração: “Haviam ouvido falar dos adoradores do fogo na Pérsia sem pensar, talvez, que existissem adoradores do fogo em um raio de 95 a 110 km de distância. No solstício de verão, em muitos dos montes de Herefordshire, fogos queimavam enquanto os camponeses dançavam ao redor, e a cerimônia só se completava quando alguns jovens passassem pelo fogo.”

cujo particípio é *Piel*, parece apontar para outra direção. No trigésimo capítulo de Gênesis, Labão roga a Jacó que fique com ele, “pois”, diz ele, “tenho percebido – ou, mais literalmente, percebo por observação – que o Senhor me abençoou por amor de ti” (Gn 30.27). De novo, quando Acabe responde à súplica dos servos de Ben-Hadade: “Pois ainda vive? É meu irmão” (1 Rs 20.32,33), somos informados de que aqueles homens “adivinharam”, “tomaram por presságio” as palavras que ele havia dito. Dessa forma, o verbo parece ter sido usado basicamente para extrair alguma inferência com base em uma rápida observação e, depois, na adivinhação. Do primeiro significado, provém *nachash*, uma serpente, devido à sua aguçada e rápida inteligência; do segundo, *menachesh*, um adivinho, aquele que adivinha ao observar sinais e símbolos tais como o canto e vôo de pássaros, fenômenos aéreos, outros sons e visões.

*Mekhashsheph*. A raiz desta palavra quer dizer “orar”, mas apenas a falsos deuses e demônios. Talvez, por isso, seja aplicada àqueles que usam encantamentos ou fórmulas mágicas.

*Chobher chebher*. Literalmente, alguém que une um grupo ou feitiço, isto é, um fabricante de amuletos e talismãs materiais ou, muito mais provável, alguém que, por meio de encantamentos e feitiços, associa-se a demônios a fim de obter ajuda ou informação. Trata-se de uma prática bastante comum abrir uma sessão espírita usando uma cantilena ou cantando hinos para invocar a presença dos espíritos.

*Shoel obh*. Alguém que consulta demônios, ou seja, aquele que já estabeleceu tal grau de comunhão que consegue comunicar-se com eles diretamente e não precisa fazê-lo por intermédio de sinais ou presságios nem tampouco necessita da ajuda de feitiços para atraí-los.

Um *obh* é um demônio de adivinhação, mas, em um uso mais antigo, também se aplica à pessoa ligada a este demônio. Original-

mente, significava um odre, e sua transição do primeiro significado para o segundo torna-se muito clara na seguinte declaração de Eliú: “Porque tenho muito que falar, e o meu espírito me constrange. Eis que dentro em mim sou como o vinho, sem respiradouro, como odres novos, prestes a arrebentar-se” (Jó 32.18,19). A palavra parece ter sido usada para referir-se àqueles nos quais entrou algum espírito imundo, pois demônios, quando prestes a proferir oráculos, faziam o corpo dos possuídos inchar e intumescer. Podemos, talvez, comparar a descrição que Virgílio fez da adivinha Sibila (*Eneida* VI. 48-51), porquanto nos diz que o peito dela começou a intumescer em um frenesi e parecia que ela aumentava de estatura à medida que o espírito do deus aproximava-se. De acordo com alguns, no entanto, o médium era chamado de *obh* apenas por ser um vaso ou invólucro do espírito; contudo, em quaisquer dos casos, o termo posteriormente passou a ser aplicado ao demônio propriamente dito.

O fato de o espírito realmente habitar dentro da pessoa que faz adivinhações pode ser observado a partir de um texto já citado de Levítico, cuja tradução literal é: “O homem ou mulher quando um demônio está neles...” (Lv 20.27, traduzido pelo autor). Isso fica bem claro no relato da jovem filipense possuída por um espírito pitônico.<sup>7</sup> Paulo ordenou que o espírito a deixasse, e, imediatamente, ela perdeu todo seu poder sobrenatural.

Pelo que vemos nas histórias de bruxas da era medieval e de médiuns modernos, parece provável que uma ligação com um *obh* seja freqüentemente — senão sempre — o resultado de um pacto no qual o espírito desfruta do uso do corpo do médium como pagamento por seus préstimos. De fato, há razão para crer que um médium difere de um endemoninhado, no sentido normal do termo, simplesmente por

<sup>7</sup> A razão para este desvio de nossa versão poderá ser encontrada em uma nota perto do fim do capítulo.

existir, no primeiro caso, um pacto entre o demônio e o possuído, ao passo que a dualidade e confusão horripilantes que existem no outro surgem da recusa do espírito humano de submeter-se passivamente e consentir aliar-se ao intruso.

Não devemos supor que a era dos demônios já tenha passado. A passagem de alguns séculos não serviu para reconciliá-los ao estado desencarnado. Ainda estão ávidos de revestir-se de corpos. No decorrer de uma conversa interessante entre o autor e o falecido dr. Forbes Winslow, o último expressou a convicção de que uma grande parte dos pacientes de hospícios eram casos de possessão e não loucura. Ele fazia distinção do endemoninhado pela estranha dualidade e pelo fato de que, quando temporariamente libertado da opressão do demônio, o paciente, muitas vezes, podia descrever a força que se apossava de seus membros e o compelia a atos ou palavras vergonhosos contra sua vontade.

*Yidoni.* Aquele que sabe, ou seja, uma pessoa capaz de fornecer a informação requerida por meio de espíritos com os quais está associada.

*Doresh el hammethim.* Aquele que procura os mortos, um necromante, alguém que consulta os mortos para pedir conselho ou informação. O familiar deveria invocar o espírito pedido, assim como no espiritualismo moderno, mas, conforme veremos em muitos casos pelo menos ou, talvez, até em todos, é provável que o próprio *obh* personificasse o morto.

Tais são, portanto, as abominações mencionadas no capítulo 18 de Deuteronômio. Todavia, há ainda outros termos na Escritura usados com referência a praticantes de artes semelhantes ou afins.

*Ittim.* Esta palavra é mencionada em Isaías (Is 19.3) e parece significar sussurrantes ou murmuradores, isto é, aqueles que repetem encantamentos e feitiços.



Na descrição que Isaías faz da queda da Babilônia, cidade famosa por seus astrólogos, encontramos menção ao *Hobhre Shamayim* (Is 47.13), ou seja, aos dissectores dos céus, astrólogos que dividem os céus em casas para conveniência de suas previsões.

As mesmas pessoas são, então, descritas como *Chozim bakkokhahhim*, os que observam e estudam as estrelas com o propósito de fazer horóscopos.

Por último, são chamados de *Modiim lechodashim* aqueles que proferem previsões mensais baseadas em suas observações.

Em Daniel, temos outros dois termos aplicados àqueles que eram versados nas artes proibidas.

*Ashshaph* (Dn 1, 20). Um encantador, verdadeiro praticante das artes proibidas, pois a palavra é ligada à *ashpah*, uma aljava na qual se escondem flechas.

*Gazrin* (Dn 2.27). Aqueles que decidem e determinam; praticantes da arte de prever o futuro. Aplica-se a astrólogos que, com base no conhecimento da hora do nascimento, determinam o destino de homens a partir da posição das estrelas e por várias artes de cálculo e adivinhação.

No Novo Testamento, os seguintes nomes, todos aparentemente gerais e abrangentes, são aplicados àqueles que lidam com o poder das trevas.

**Magoi** [Magoi]. Originalmente, os magos eram uma casta religiosa persa. Entre tanto, sua influência estendeu-se, mais tarde, a muitos países. Eles faziam o papel de sacerdotes, determinavam sacrifícios, eram adivinhos, interpretavam sonhos e presságios. Orígenes [século 3 a.D.] (*Contra Celsum*, I. 60) afirma que mantinham comunicação com espíritos malignos e, por conseguinte, podiam fazer



tudo o que estava ao alcance do poder de seus aliados invisíveis. Certamente – se podemos confiar nas declarações dos primeiros escritores cristãos –, eles conheciam bem o hipnotismo e todas as práticas do espiritualismo<sup>8</sup> moderno.

**Φαρμακεύς** [Farmakéus]. Aquele que usa drogas quer seja com o propósito de envenenar ou para uso em poções e feitiços mágicos – usos bem diferenciados na obra de Platão *As Leis*<sup>9</sup>. Em *As Nuvens*<sup>10</sup>, de Aristófanes, Estrepsíades sugere a contratação de uma bruxa tressalas (φαρμακίς) [farmakis] para fazer a lua descer do céu, e o verbo φαρμακεύειν [farmakéuein] é usado por Heródoto<sup>11</sup> para referir-se ao sacrifício de cavalos brancos por meio do qual os magos procuravam seduzir o Strymon. Novamente, φαρμακεία [farmakéia] é usada na Septuaginta para referir-se às artes por meio das quais os mágicos do Egito imitavam os milagres de Moisés. Esses exemplos são suficientes para mostrar que a palavra logo passou a ser um termo geral para designar o feiticeiro. Assim, ao traçarmos seu significado, não devemos esquecer que, muitas vezes, eram utilizadas drogas pelos antigos com o propósito de produzir um efeito semelhante ao da hipnose.

Duas vezes, no Novo Testamento, feitiçaria φαρμακεία [farmakéia] e idolatria são mencionadas juntas (Gl 5.20; Ap 21.8). Comentando sobre a primeira passagem, Lightfoot observa bem que

<sup>8</sup> O termo "espiritualismo" será usado, em todo o texto, para designar tanto espiritualismo quanto espiritismo. Embora haja diferença em português, em Inglês é usado o mesmo termo para referir-se aos dois (N.T.).

<sup>9</sup> Última obra de Platão. Neste diálogo, que apresenta textos sobre a alma e o movimento, o filósofo aconselha os reformadores e os fundadores de novas cidades (N.R.).

<sup>10</sup> A peça *As Nuvens*, de Aristófanes, considerado o maior poeta cômico da Grécia, foi escrita em 423 a.C. e critica a filosofia e a retórica do contemporâneo Sócrates.

<sup>11</sup> Célebre historiador grego, chamado de o "Pai da História", nasceu em 484 a.C. em Halicarnaso, na Ásia Menor, e empreendeu largas viagens pela Europa, África e Ásia. Morreu, aproximadamente, no ano 426 anos a.C. Sua obra mais conhecida, a *História*, é composta de nove livros, sendo que cada um destes é encabeçado com o nome de uma das nove musas. A obra relata os conflitos entre gregos e persas e assinala o primeiro passo dado pelos gregos na literatura histórica (N.R.).



idolatria significa reconhecer abertamente a existência de falsos deuses, e feitiçaria significa mexer secretamente com os poderes do mal.

*οἵ τὰ περίεργα πράξαντες* [hoi ta perierga práxantes] (At 19.19). Aqueles que haviam praticado artes estranhas, ou seja, magias. Talvez, dentre outras coisas, comercializassem os famosos amuletos chamados de letras efésias, sobre as quais diziam ser cópias de palavras místicas inscritas na imagem de Ártemis e ter o poder de preservar seus usuários de todo mal. Os livros que destruíram podem ter contido cálculos astrológicos, os “Números Babilônicos” de Horácio<sup>12</sup>.

Nesta lista de termos, podemos observar que as artes demoníacas podem ser divididas em três classes. A primeira compreende todos tipos de adivinhação por presságios, sinais e ciências proibidas; a segunda, o uso de feitiços e encantamentos como meio de conseguir o que se deseja; e a terceira, todo método de comunicação e cooperação direta e inteligente com demônios.

Com relação à primeira classe, os sinais e presságios eram, sem dúvida, arranjados pelos demônios, que, depois de induzir a crença em sua confiabilidade ao apresentá-los antes da ocorrência de determinados eventos, conseguiam, a partir de então, facilmente manipular a mente humana e, com simples aparições, impedir homens de realizarem seu propósito ou encorajá-los a praticarem atrocidades.

Quanto às ciências proibidas, uma vez que é provável que tudo na natureza nos afete, elas podem ter até uma base de verdade – de fato,

<sup>12</sup> Poeta lírico, satírico e filósofo latino nascido em Venúzia, posteriormente Venosa, Itália, cuja obra é considerada modelo de perfeição formal e de conteúdo ético. Filho de um escravo emancipado e cobrador de impostos, Horácio (65-8 a.C.) foi educado em Roma e Atenas e estabeleceu-se em Roma como escriba de magistrados e tornou-se o primeiro literato profissional romano, gozando de grande prestígio junto ao Imperador Augusto (N.R.).

a Bíblia parece insinuar que este é o caso da astrologia. Tal doutrina, no entanto, está definitivamente proibida por Deus no presente, e nem é tão difícil descobrir as razões para esta proibição. A mente do homem é totalmente incapaz de alcançar e lidar com um conhecimento tão profundo e complicado. Com seus atuais poderes, iria desperdiçar uma vida toda e nada ganhar além de uma familiaridade miseravelmente imperfeita e inteiramente falível com a lei misteriosa. Em sua condição caída, nem tampouco poderia ser confiado tamanhos segredos ao homem ainda que conseguisse compreendê-los. Seu orgulho e independência iriam aumentar muito, nada lhe seria negado, e sua maldade conseguiria arquitetar crimes que, por enquanto, raramente encontram guarida mesmo na imaginação.

Feitiços e encantamentos podem ser meras combinações por parte dos demônios, que, ao produzir o efeito desejado quando conseguissem, alcançariam o objetivo de fazer com que os homens neles acreditassesem. Ou, talvez, sejam fundamentados, alguns casos, na força real do meio empregado, que, assim, tem sido ilicitamente revelado por espíritos rebeldes.

A comunicação direta com demônios, quer por escrita, clarividência, clariaudiência ou outras maneiras, tem-se tornado universalmente preponderante nos dias atuais. Fundamenta-se no poder mediúnico – uma aptidão conforme comentamos antes – que alguns parecem desenvolver instintivamente, mas que, em muitos casos, pode ser alcançada apenas através do uso assíduo e perseverante dos meios prescritos.<sup>13</sup>

Tendo, assim, examinado os termos bíblicos aplicados às pessoas que lidam com demônios, analisemos agora os fatos históricos que

<sup>13</sup> Em um caso observado pelo autor, apenas após perseverar por três meses é que o aspirante a relações com demônios alcançou seu desejo. Não demorou muito para perceber a natureza diabólica da comunhão na qual entrou e resolver repudiá-la. O mais difícil de conseguir, no entanto, foi renunciar, e, por um período de tempo considerável, o rapaz foi tão incessantemente atormentado pelos espíritos a quem havia-se submetido a ponto de quase perder a vida ou, pelo menos, a razão.

ilustram o assunto em pauta. Já comentamos a respeito do pecado antediluviano e observamos que sua repetição, nos tempos pós-diluvianos, parece ter surgido a partir de todos sistemas pagãos e mitologia. Prossigamos, portanto, à próxima indicação de demonismo que aparece na menção ao terafim.<sup>14</sup>

A derivação desta palavra já deu muito trabalho, mas a conjectura de R. S. Poole, no *Dictionary of the Bible* (Dicionário Bíblico) de Smith, deve ser levada em consideração, pois o autor faz uma ligação estreita entre o terafim e o espiritualismo. O uso de ambas as palavras parece ter-se iniciado na Caldéia, mas a afinidade entre este país e o antigo Egito, em termos de linguagem e religião, é bem conhecida. Portanto, o sr. Poole traça o nome a uma raiz egípcia e explica da seguinte maneira:

“A palavra egípcia *ter* significa ‘um formato, tipo, transformação’ e tem como determinante uma múmia, utilizada no ritual, no qual são descritas as várias transformações sofridas pelo morto no Hades. A pequena figura no formato de múmia, *Shebtee*, normalmente feita de argila queimada coberta por um verniz azul vitrificado representando o egípcio como o morto, é de natureza relacionada à magia – uma vez que era realizada com o intuito de assegurar benefícios no Hades – e está ligada à palavra *ter*, pois representa a múmia, a determinante deste termo, que era considerada útil no estado em que o morto passava por transformações, *teru*. A dificuldade que nos impede de simplesmente presumir a relação entre *ter* e terafim baseia-se na falta da origem do terceiro radical de *teru*. Assim, em nosso presente estado de ignorância relativo ao antigo Egito e à língua primitiva da Caldéia e suas relações *verbais* com a

<sup>14</sup> Os ídolos do lar ou estátuas (N.R.).

família semítica, é impossível dizer se será provável conceber uma explicação. A possível conexão com a magia religiosa egípcia não deve, no entanto, ser ignorada, sobretudo por não ser tão improvável que a idolatria doméstica dos hebreus tenha sido o antigo culto, e que o *Shebtee* tenha sido a imagem de uma pessoa morta, como múmia, e, logo, como um *Osíris*<sup>15</sup>, levando a insígnia desta divindade e, dessa forma, endeusando a pessoa morta – apesar de não sabermos se era usada no culto ancestral dos egípcios.”

Se há qualquer verdade contida nesta idéia, o uso do terafim era rigorosamente análogo à consulta aos mortos realizada pelos espiritualistas modernos. Qualquer que seja a derivação da palavra, permanece, ao menos, o fato de que as imagens representadas por ela foram mantidas com o propósito ilícito de adivinhação. Este fato, no entanto, muitas vezes é obscurecido, em nossa versão, pela substituição de “ídolos” ou “idolatria” por “terafim”.<sup>16</sup> As famosas palavras de Samuel a Saul são as seguintes: “Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar” (1 Sm 15.23). Zacarias também deveria dizer: “Porque os ídolos do lar falam cousas vãs, e os adivinhos vêem mentiras, contam sonhos enganadores” (Zc 10.2).

Os que usaram terafim, no entanto, apesar de ter infringido a lei de Jeová ao procurar os mortos e entrar em contato com demônios, não parecem tê-lo negado abertamente. Podemos confirmar tal afirmação nos casos de Labão, Mical, esposa de Davi, e os israelitas heréticos de outros tempos. Assim, talvez, possamos achar outro ponto

<sup>15</sup> Uma das mais importantes divindades egípcias do antigo politeísmo. Protetor dos mortos, símbolo do poder criativo da natureza (N.R.).

<sup>16</sup> Na versão King James em inglês, por exemplo, é que ocorre esta substituição. Em nossa versão VRA2, é utilizada a expressão “ídolos do lar” (N.T.).

de semelhança entre os modernos espiritualistas menos avançados e os antigos adivinhos por meio do terafim.

Já observamos o aparecimento de médiuns interpretadores de sonhos na época de José. Um incidente da mesma época revela a predominância de outra arte sobrenatural. O mordomo, ao acusar os irmãos de José de roubar o copo de seu amo, exclamou: “Não é este o copo em que bebe meu senhor? E por meio do qual faz as suas adivinhações?” (Gn 44.5). Não devemos, no entanto, nem por um momento, supor que José seguisse as práticas de magia egípcia. As palavras foram apenas planejadas por ele, referindo-se a um costume bem conhecido daquele país com a finalidade de realçar o valor do copo. Tanto ao interpretar os sonhos do mordomo e do padeiro do rei quanto na ocasião em que foi chamado à presença do faraó, José negou qualquer ligação com demônios e declarou que a revelação que estava por fazer vinha diretamente de Deus. Logo, quando, mais tarde, diz a seus irmãos: “Não sabéis vós que tal homem como eu é capaz de adivinhar?” (Gn 44.15), devemos compreender que José está disfarçando-se, simulando o uso de costumes egípcios. Não está, contudo, referindo-se às palavras anteriores do mordomo, pois não poderia ter adivinhado pelo copo, que nem sequer estava com ele naquela hora.

A prática a qual o mordomo aludiu era provavelmente a mesma que ainda está na moda entre os mágicos egípcios: consiste em derramar algo no copo e fixar o olhar nisso. Dessa forma, a pessoa é hipnotizada e capaz de ver, no líquido, o que for desejado. Lane, em seu livro *Modern Egyptians* (*Egípcios Modernos*) [cap. 12] traz um relato bem conhecido e extraordinário de um xeque que fazia adivinhações dessa maneira, mas com a diferença irrelevante de que o menino a ser hipnotizado ficava olhando um líquido preto sendo derramado sobre sua mão.

Quando Moisés começou a exibir as maravilhas de Deus perante o faraó, os médiuns egípcios (ou iniciados) foram chamados

imediatamente por estarem bem familiarizados a operar maravilhas. Até certo ponto, eles conseguiram imitar o profeta hebreu, apesar de ser totalmente incapazes de neutralizar os milagres de Moisés e aliviar seus conterrâneos. Tais feiticeiros fizeram varas transformarem-se em serpentes, converteram água em sangue e fizeram sapos aparecerem do Rio Nilo. Porém, foi então que o poder do senhor que serviam acabou, pois, por maior que fosse, era finito. Todos os esforços para imitar o próximo milagre foram vãos. Foram constrangidos a recuar e confessar que não conseguiam mais competir com o Todo-Poderoso.

Podemos, agora, compreender as referências freqüentes na lei do Sinai a iniciados em todos os tipos de feitiçaria. Era necessário tanto destruir a influência dos mágicos egípcios quanto preparar o povo de Deus para talvez enfrentar perigos piores que os aguardavam na Terra Prometida, pois, em Canaã, residiam muitos descendentes de Enaque (Nm 13.33), e, por conseguinte, os médiuns ali proliferavam, por meio de cuja influência, uma vez que a lei não lhes era imposta, os israelitas foram induzidos à idolatria e envolveram-se em terríveis infortúnios.

Saul, provavelmente instigado por Samuel, destruiu esses malfeiteiros com tamanho vigor que os poucos que sobreviveram podiam praticar suas artes depravadas apenas secretamente, e muito tempo passou antes que feiticeiros e falsos profetas recuperassem seu poder na Judéia.

Apesar disso, depois de um tempo, o próprio destruidor pediu ajuda a alguém que havia escapado de sua espada e comprovou o aviso do profeta de que a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e que a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar (1Sm 15.23). Quando Samuel proferiu tais palavras, Saul já era culpado de rebeldia e obstinação, capaz, portanto, também de cometer crimes de feitiçaria, idolatria e consulta aos ídolos do lar por mais hediondos que lhe parecessem naquela época. Deixemos nosso coração afastar-se de Deus, e não haverá pecado tão grande ou chocante que não tenhamos coragem de praticar. O final da história de Saul infelizmente comprova

tal fato além de mostrar como é fácil o homem tornar-se presa dos poderes das trevas quando, enfim, a multidão de suas provocações faz o Espírito do Altíssimo afastar-se dele, permanecendo, então, o homem sozinho em meio às ruínas de seus propósitos, enquanto o ajuntamento de seus medos pressagia uma tempestade impiedosa sobre sua cabeça desprotegida.

A sombra escura da morte iminente começava a passar por cima do obstinado rei. Viu os capacetes cintilantes e lanças do exército invasor, e seu coração estremeceu tomado de medo (1 Sm 28). O Espírito do Senhor não mais vinha sobre ele como no dia em que enviou sinais sangrentos e, indignado, convocou todo Israel para marchar com ele a Jabel-Gileade (1 Sm 11.7). Não; os fantasmas de pecados passados e, quem sabe, as formas horrendas dos sacerdotes mortos (1 Sm 22.18) passavam continuamente perante seus olhos e tiravam todo sossego, toda firmeza de propósito. O profeta que, por tanto tempo, havia-o carregado consigo e intercedido por sua vida estava morto. Tentou orar, mas descobriu que, se houvesse qualquer iniquidade em seu coração, o Senhor não o ouviria. Jeová, que havia suplicado por ele com tanta paciência e lhe perdoado tantas vezes, havia finalmente virado Suas costas e não iria responder-lhe mais nem por sonhos, nem pelo Urim e nem pelos profetas. Os portões da salvação, que haviam permanecido abertos o dia todo em vão, de repente foram fechados ao cair da noite, e não foi mais vista forma alguma, e nenhuma voz foi ouvida em resposta a seu grito desesperado.

Então, cedeu a um pensamento maligno – lembrou-se dos que lidam com guias espirituais e dos bruxos, os quais, em obediência à lei, ele havia extirpado da face da terra. Sabia que diziam ser capazes de evocar os mortos e, talvez, abafando sua consciência com a desculpa de que iria conversar com um profeta do Senhor, decidiu apelar aos poderes da escuridão já que Deus não lhe dava ouvidos.

Tivesse ele apenas dito como Jó: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (Jó 13.15 RC), poderia ter encontrado misericórdia mesmo

nos últimos momentos. A fé, no entanto, raramente é concedida no fim da vida àqueles que rejeitaram diversas vezes as ofertas de graça. A experiência nos ensina que, via de regra, da maneira como o homem vive assim morrerá; foi o que aconteceu com Saul. Virando-se para seus companheiros, perguntou-lhes se conheciam algum médium que houvesse sobrevivido. A pergunta deve tê-los deixado atônitos, pois seria possível Saul, que tão impiedosamente destruíra os médiuns em nome do Senhor, estar prestes a tornar-se objeto de escárnio ao consultá-los? Evidentemente, o rei estava muito atormentado e falava sério. Eles, então, falaram-lhe sobre uma médium<sup>17</sup> que, na época, estava escondida em uma das cavernas de En-Dor, não mais do que 12 ou 13 km de distância do acampamento. En-Dor! O nome parecia um bom presságio, pois não tinha sido ali que dois grandes inimigos de Israel, Jabim e Sísera, haviam perecido e tornado adubo para terra (Sl 83.9, 10)?

Saul esperou a proteção da noite e, então, com dois companheiros, saiu para encher a medida de suas iniquidades. Chegaram ao declive nordeste do Hermom menor, e a destreza com que seus companheiros encontraram a caverna da médium na escuridão e no meio de inúmeras perfurações da montanha parece demonstrar o hábito freqüente de recorrer à mulher. Entrando na parte interna da caverna, mal-iluminada talvez por uma fogueira pequena, o rei interpelou-a com palavras que demonstram a absoluta identificação de sua habilidade com a de um médium moderno. “Peço-te que me adivinhes pela necromancia e me faças subir aquele que eu te disser.” A princípio, a médium ficou desconfiada, mas Saul a tranquilizou por meio de um juramento muito estranho: jurou, pelo nome de Jeová, que nenhum castigo lhe sobreviria por infringir Sua lei. Assim sendo,

<sup>17</sup> Se usarmos a tradução literal do hebraico, “mulher que era amante de um demônio”.

a mulher perguntou-lhe com qual espírito desejava comunicar-se e, tendo pedido Samuel, iniciou os preparativos.

Ora, supostamente o *obh* tinha o poder de invocar os mortos. Como não podemos admitir que este poder estendia-se ao espírito dos justos, o guia espiritual deveria, em muitos casos, pelo menos personificar o espírito solicitado. Qualquer informação necessária poderia, é claro, ter sido obtida, com a rapidez de um relâmpago, dos demônios, que haviam observado a vida da pessoa chamada.<sup>18</sup> Assim, o guia espiritual da mulher sem dúvida ter-se-ia apresentando como Samuel e, talvez, proferido palavras de conforto ao rei. O procedimento normal, no entanto, foi interrompido por uma interferência repentina, e a médium gritou aterrorizada ao perceber, possivelmente por intermédio de seu guia espiritual, que se tratava de seu grande inimigo, o rei Saul, que viera consultá-la. Pior ainda: todos seus poderes haviam sido bloqueados, e o participante satânico, paralisado pela aparição de um ser com quem a mulher sentia não ter parte. Uma vez que Saul teimara em consultar os mortos, Deus, em Sua ira, enviou o verdadeiro Samuel como portador de uma terrível mensagem de destruição.

Não precisamos mais continuar a história: as temíveis palavras de Samuel, o desespero de Saul, seu retorno ao acampamento e seu miserável fim no dia seguinte são assuntos com os quais não estamos

<sup>18</sup> Esta parece ser a maneira mais provável de explicar o conhecimento preciso sobre o passado que, muitas vezes, é exibido por médiuns. Porém, como explicar suas previsões ainda mais maravilhosas sobre o futuro apesar de ser totalmente falíveis? Talvez, da seguinte forma: a conduta de Deus com relação ao homem e os diferentes níveis de provação humana são, sem dúvida, tanto sistemáticos quanto conseqüentes. Logo, os espíritos malignos, supostos conhecedores de leis ocultas para nós, e tendo uma experiência de seis mil anos, muito provavelmente teriam a presciênci a geral de eventos futuros. De forma alguma, no entanto, teriam capacidade de penetrar as deliberações profundas do Todo-Poderoso. Sendo assim, suas previsões forçosamente serão, muitas vezes, frustradas por um decreto inesperado de Sua vontade. Dessa forma, podemos compreender por que suas previsões são muitas vezes surpreendentemente ratificadas, enquanto, outras vezes, falham frigorosamente.

envolvidos no presente momento. Eu tão-somente comentaria que, sem dúvida, a mulher era bem conhecida dos oficiais de Saul, assistida por um espírito-guia e tinha tanta confiança em seu poder de produzir uma voz sobrenatural e na visão que poderia descrever que reconheceu Saul por meio de informação sobrenatural e aterrorizou-se com a aparição do verdadeiro Samuel em lugar da imitação que esperava. Por último, 1 Crônicas 10.13 afirma clara e expressamente que o crime de consultar uma médium selou o destino do primeiro rei de Israel.

Desde então, não há menção a médiuns na história de Judá até os dias de Isaías. A tendência à maldade voltava a rondar a terra que circundava as nações pagãs, e a idolatria e feitiçaria rapidamente se espalhavam pelo país. Em consequência, o profeta exclama: “Pois, tu, Senhor, desamparaste o teu povo, a casa de Jacó, porque os seus se encheram da corrupção do Oriente e são agoureiros como os filisteus e se associam com os filhos dos estranhos” (Is 2.6). Torna-se bem claro, por este versículo, que o demonismo, mais uma vez, voltava a prevalecer, e Isaías usa palavras enérgicas contra tal; sobretudo contra as práticas que têm reaparecido no espiritualismo moderno (Is 8.19; 19.3; 29.4; 47.12-14).

A revolta foi abertamente liderada pelo rei na ocasião em que Manassés, o perverso filho de Ezequias, ascendeu ao trono. Sobre ele, diz-se que fez o que era mau perante o Senhor, segundo as abominações dos gentios que o Senhor expulsara de diante dos filhos de Israel (2 Rs 21.3-6): “Pois tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, havia destruído, e levantou altares a Baal, e fez um poste-ídolo como o que fizera Acabe, rei de Israel, e se prostrou diante de todo o exército dos céus, e o serviu. Edificou altares na Casa do Senhor, da qual o Senhor tinha dito: Em Jerusalém porei o meu nome. Também edificou altares a todo o exército dos céus nos dois átrios da Casa do Senhor. E queimou a seu filho como sacrifício, adivinhava pelas nuvens, era agoureiro e tratava com médiuns e feiticeiros; prosseguiu em fazer o que era mau perante o Senhor, para o provocar à ira.”

A consequência destas práticas abomináveis foi uma ameaça terrível de desgraça (2 Rs 21.12, 13). Jeová enviaria um juízo tão temível, que tiniriam ambos os ouvidos de todo o que o ouvisse. Arrasaria Jerusalém como havia feito com Samaria. Trataria a Cidade Santa como um homem lida com um prato quando, depois de passar um pano para limpar a umidade, embrorca-o a fim de evitar que uma única gota permaneça.

O próximo rei, Josias, de fato abandonou as abominações e retirou os médiuns da terra, que, entretanto, logo voltaram pelo que podemos verificar a partir das reclamações e denúncias de Jeremias. Até o último instante, a nação enfeitiçada confiou neles e afastou-se do servo de Jeová quando bradou: “Não deis ouvidos aos vossos profetas e aos vossos adivinhos, aos vossos sonhadores, aos vossos agoureiros e aos vossos encantadores, que vos falam, dizendo: Não servireis o rei da Babilônia. Porque eles vos profetizam mentiras para vos mandarem para longe da vossa terra, e para que eu vos expulse, e pereçais” (Jr 27.9, 10).

Por conseguinte, os efeitos da reforma de Josias foram passageiros, e, portanto, o juízo e destruição de Jerusalém já anunciados não tardaram em acontecer. Este é o terceiro caso que se nos apresenta de rápida destruição decorrente do contato mais aberto e generalizado com os rebeldes habitantes do ar.

No reino de Israel, a disseminação da feitiçaria era obviamente o resultado natural do culto a Baal. Os falsos profetas, assim como aqueles que estavam na ativa nos últimos dias do reino de Judá, sem dúvida eram médiuns inspirados pelos agentes de Satanás. Medonha, porém instrutiva, é a cena na qual o espírito da mentira recebe permissão para entrar nos profetas de Baal, os médiuns da casa real, para que, por meio de sua influência, o miserável Acabe fosse levado ao encontro da morte (1 Rs 22.21-23).

Um pouco mais tarde, aparece um sinal inegável da preponderância do hipnotismo na Síria. Quando Naamã ouviu a mensagem

de Eliseu, indignou-se pelo fato de o profeta não o ter recebido e disse com raiva: “Pensava eu que ele sairia a ter comigo, por-se-ia de pé, invocaria o nome do Senhor, seu Deus, moveria a mão *para cima e para baixo*<sup>19</sup> sobre o lugar da lepra e restauraria o leproso” (2 Rs 5.11). Deve-se observar que adotamos a tradução escrita na margem, a única que expressa o sentido correto de *nuph* no Hiphil. Esse verbo significa mover para cima e para baixo e é a raiz de *tenuphah*, a oferta movida.

Ora, Naamã conhecia bem o modo de cura por hipnose praticada pelos sacerdotes de Rimmon e os falsos profetas de sua própria terra e, portanto, esperava que Eliseu agisse mesma maneira. Agora, podemos entender o tratamento que recebeu. Se Eliseu tivesse ido pessoalmente até Naamã e passado sua mão sobre os pontos de lepra, sem dúvida a cura seria atribuída à influência hipnótica do profeta. Por isso, ele foi orientado a não vê-lo, mas sim o orientou a lavar-se nas águas do Jordão.

“Que paz, enquanto perduram as prostituições de tua mãe Jezabel e as suas muitas feitiçarias?” foi a resposta indignada de Jeú a Jorão (2 Rs 9.22). Os ensinamentos de alguns espiritualistas modernos parecem fazer-nos lembrar da estreita ligação entre os dois crimes.

Sobre as referências a médiuns nos livros proféticos, já percebemos tantas que iremos apenas mencionar ainda a notável promessa vinda da boca de Zacarias. “Acontecerá, naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eliminarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória; e também removerei da terra os profetas e o espírito imundo.” (Zc 13.2). Ao considerar esta passagem em seu contexto, torna-se bem claro que o espiritualismo predominará entre os judeus quando voltarem, com incredulidade, a sua própria terra.

<sup>19</sup> Inclusão do autor.

Porém, no advento de seu Rei, serão libertos para sempre da maldição que foi o motivo da expulsão anterior.

No Novo Testamento, há indícios desse mesmo pecado, e, mais tarde, escritores inspirados abordaram-no da mesma maneira. Já mencionamos a senhorita filipense possuída por um espírito pitônico, pelo qual devemos provavelmente entender que seu guia espiritual era subordinado do grande poder cultuado sob o nome de Apolo, o deus sol e inspirador do oráculo de Delfos.<sup>20</sup> Entretanto, essa inferência é totalmente obscurecida na versão em inglês pela substituição incorreta de “um espírito de adivinhação” por “um espírito pitônico”. Dessa forma, o indício de que o ser chamado Apolo realmente tivesse, até certo ponto, os atributos a ele creditados permanece velado para os leitores de tal versão. Esse não deve ser mais, no entanto, o caso, pois a conexão fidedigna do espiritualismo com os deuses da Antigüidade é de especial importância em uma época na qual Apolo ressurge como um poderoso ser angelical em poemas que dizem ter inspiração demoníaca.

Já notamos anteriormente que Paulo incluiu a bruxaria entre as obras manifestas da carne e destacamos a conversão daqueles que praticavam artes mágicas em Éfeso. Agora, apenas complementaremos, dizendo que feiticeiros são mencionados duas vezes nos capítulos

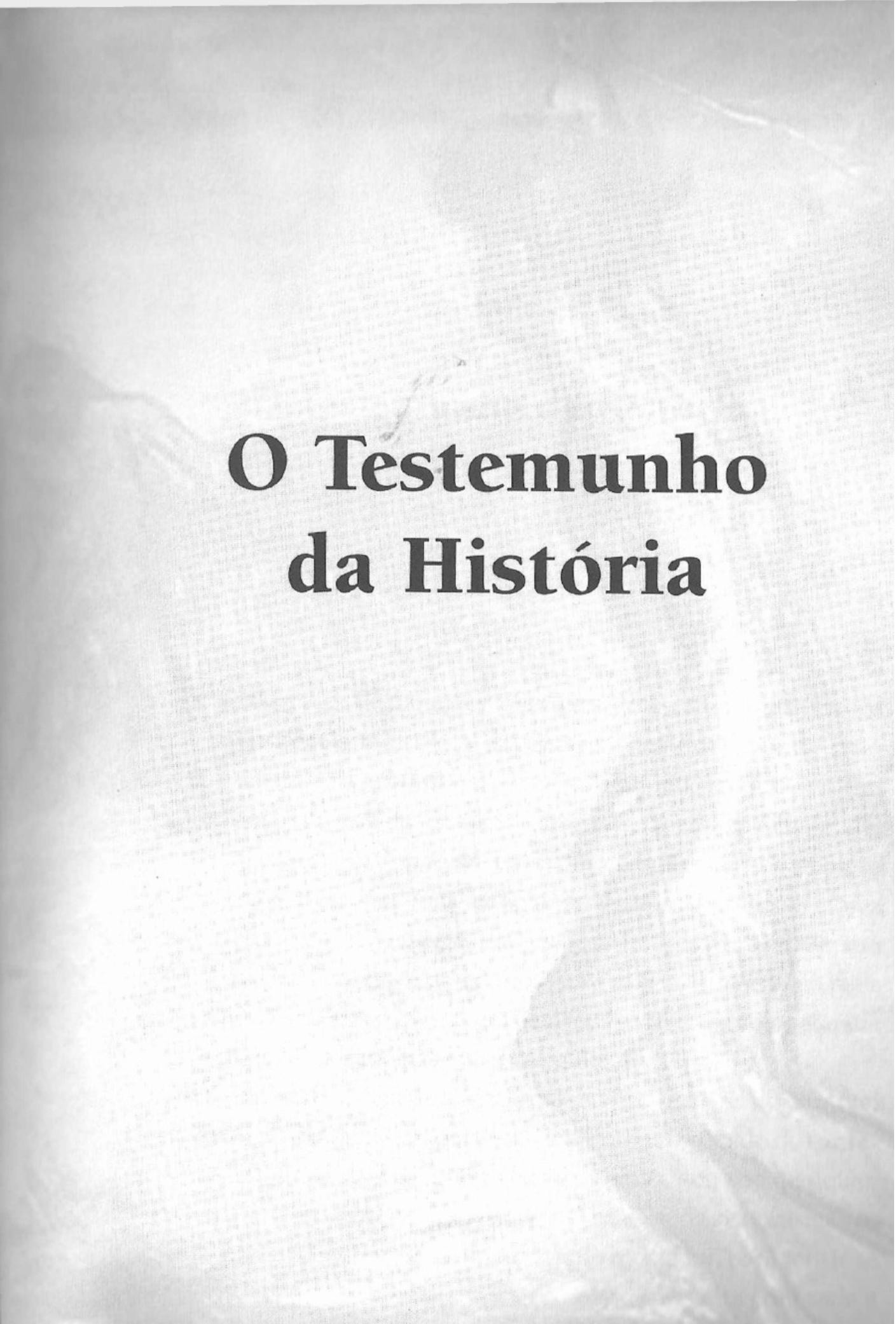
<sup>20</sup> Esta certamente seria a idéia transmitida à mente do grego ou do romano pela adoção significativa de tal termo pagão. Pítio originalmente era o nome da grande serpente adivinhadora em Delfos que foi morta por Apolo. Por conseguinte, o deus assumiu o título de Pítio e transformou-se no inspirador de oráculos e adivinhadores. Sua sacerdotisa, em Delfos, era chamada de Pítia ou Pitonisa. Mais tarde, o termo pítion passou a ser aplicado a qualquer demônio adivinhador que desse respostas em nome de Apolo.

Em Atos 16.16, a leitura de Ηιυθνα é preferível a Ηιυθνος, e a reprodução literal seria “um espírito um Pítion”, ou seja, um espírito pitônico.

Tertulliano (*De Anim. XXVIII*) divide os demônios ligados a mágicos em três classes: (1) espíritos que jogam homens no chão; espíritos que permanecem sempre ao lado; e (3) espíritos pitônicos, que os colocam em transe. Se esta classificação for real, a senhorita filipense deve ter sido uma médium clarividente ou propensa a entrar em transe.

finais do Apocalipse. São encontrados na lista daqueles cuja parte que lhes caberá será no lago que arde com fogo e enxofre (Ap 21.8) e são advertidos de que nunca andarão nas ruas da cidade de ouro (Ap 22.15). Por ora, deixaremos de lado a passagem profética encontrada na primeira epístola a Timóteo.

Desse modo, o testemunho da Bíblia é totalmente consistente. Tampouco poderia ser expresso melhor do que com as palavras enfáticas de Moisés, de que todos os praticantes das artes demoníacas “são uma abominação ao Senhor” (Dt 18.12).



# O Testemunho da História

## Capítulo 11

# O Testemunho da História

Passando pelas declarações infalíveis de escritores inspirados a incontáveis multidões, escritores estes que, fluindo pelo conhecimento acumulado através do tempo, uniram-se a fim de prover-nos registros do passado, devemos, antes de mais nada, esclarecer que estamos longe de tentar fazer um tratado completo sobre o assunto. Iremos apenas mencionar algumas indicações claras da existência, nos tempos antigos, daquilo que hoje é conhecido como espiritualismo. Deixaremos aos curiosos a tarefa de investigar mais exaustivamente a questão, o que será bem fácil se tiverem competência para examinar os monumentos da Antigüidade.

Tampouco desejamos demorarmo-nos no exame do temível clímax da feitiçaria, pelo qual é identificado com o pecado dos antediluvianos. Tal questão não é assunto para uma discussão qualquer. Vendo, porém, que o perigo mais uma vez ameaça o cristianismo, os líderes religiosos deveriam considerar aquilo que já foi, para sentir-se estimulados a reprimir os primeiros sintomas dessa volta com toda a força da influência que exercem.

Aqueles cujo dever é ponderar a declaração de Heródoto com relação ao aposento no topo da torre de Belus<sup>1</sup>, com divã ricamente adornado, mesa dourada e morador solitário (Heródoto I.181) – deixemos que estes, à luz do espiritualismo moderno, considerem se a afirmação dos sacerdotes caldeus (de que o deus visitava este aposento) não passa de um mero mito ou figura (Heródoto I.182). Que eles examinem o fato de dizerem que tais coisas também aconteciam em outros templos como, por exemplo, no de Júpiter em Tebas e no oráculo de Apolo. Deixemos que leiam a estranha história de Paulina, como narrada por Josefo (Josefo, *Antigüidade* XVIII. 3, 4), e digam se os sacerdotes de Ísis não se sentiram apoiados por um costume antigo e universal quando ousaram exigir que se tirasse uma nobre e casta matrona romana de seu marido para o deus Anúbis. Que reflitam sobre a história de Cassandra e outras semelhantes presentes na mitologia clássica e sobre as inúmeras alegações de deuses que desciam à terra relatadas pelos heróis da Grécia e Roma. Somem-se a isso as muitas lendas do mesmo tipo que podem ser encontradas nos registros antigos de quase qualquer nação – como o caso dos íncubos e súcubos e o preço que dizem ter sido pago por bruxas medievais em virtude de seu poder sobrenatural. Então, se, com estas dicas do passado, compararem a informação que pode ser extraída da atual literatura espiritualista, não deixarão de ver que é um assunto muito grave sobre o qual devem refletir.

Passemos apressadamente a exemplos de práticas mais conhecidas do espiritualismo. Não é difícil descobri-las, pois demônios,

<sup>1</sup> Existe uma lenda grega que diz que o filho do rei Belus, Danaus, chegou à Grécia com suas filhas em um navio. Suas filhas teriam introduzido o culto à deusa-mãe, tornado o culto oficial dos arcadianos. Segundo alguns autores, este mito registraria a chegada de colonos da Palestina no Peloponeso. Afirma-se que Belus advém, na realidade, de Bel ou Baal, ou talvez o Belial do Velho Testamento. Vale notar que um dos clãs da tribo de Benjamim era o clã de Bela, e que o parentesco entre Israel e Esparta já foi declarada no Livro dos Macabeus (vide ano 2100-1600 a.C.) (N.R.)

pitonisas, sibilas, ninfas, augures e adivinhos estão continuamente diante de nossos olhos nos anais da história antiga.

Os astrólogos das antigas nações, sobretudo os dos caldeus, são conhecidos demais para precisar de algo além de uma simples menção<sup>2</sup>. O estudioso imparcial não poderá deixar de reconhecer a sabedoria e a presciência sobre-humanas em muitas das respostas dos famosos oráculos. Isso é especialmente verdadeiro com relação àqueles de quem se dizia serem inspirados por Apolo, cuja capacidade de conceder poderes de adivinhação é claramente asseverada na Escritura conforme acabamos de ver (At 16.16). Como exemplo, mencionaremos uma amostra, a famosa história de Creso e o oráculo de Delfos segundo registrada por Heródoto (Heródoto I. 46-51). A não ser que categoricamente neguemos a crença no sobrenatural, não há razão para desacreditar da história, e os maravilhosos presentes de Creso devem ter sido vistos em Delfos nos dias do historiador.

Pouco mais de cinco séculos e meio antes de Cristo, o rei de Lídia, alarmando-se com a expansão do poder pérsio, pensava em uma forma de reprimir o crescimento do estado rival. Naturalmente, seu pensamento voltou-se para os oráculos, as únicas fontes de direção divina. Porém, a qual deles daria preferência? O mundo estava cheio de santuários de adivinhos que se diziam inspirados. Ele decidiu fazer prova dos mais conhecidos e deixar que o resultado decidisse

<sup>2</sup> Por meio das descobertas em Nínive, o espiritualismo caldeu foi-nos revelado, e, dentre tantas fontes de informação, alguns fragmentos de uma imensa obra sobre magia encontrada pelo Sr. Layard na biblioteca real de Kouyunjik são as mais importantes. O tratado do qual faziam parte originalmente abrangia não menos do que 200 blocos, cada qual inscrito em 300 ou 400 linhas. É dividido em três livros, sendo que o título do primeiro é *The Wicked Spirits* (*Os Espíritos Perversos*). O segundo parece compreender fórmulas e encantamentos para a cura de doenças. O terceiro é uma coleção de hinos mágicos a certos deuses aos quais era atribuído um poder misterioso proveniente de seu canto.

A semelhança existente entre muitas das doutrinas desta obra e as do espiritualismo moderno é muito notável.

sua escolha. Como consequência, enviou mensageiros a diferentes direções: alguns para Abae, em Phocis, outros aos carvalhos e pombos falantes de Jupiter, em Dodona, alguns para testar os maravilhosos sonhos proféticos, que, depois da devida purificação, poderiam ser experimentados na tumba do endeusado Anfiarau<sup>3</sup>, outros à medo-nha caverna de Trofônio, na qual quem entrasse emergiria pálido e trêmulo de medo, alguns a Branchidae, em Mileto, e outros ao famoso templo de Júpiter Amnon, situado no meio do deserto na Líbia, em solitário esplendor .

Por ora, no entanto, estamos preocupados apenas com uma dessas delegações que foi enviada ao grande oráculo de Apolo com as seguintes instruções: deveria contar 100 dias a partir da data de saída e, então, perguntar ao deus o que Creso, filho de Elíates e rei de Lídia, estava fazendo naquele momento.

Na hora marcada, depois da devida preparação, os emissários amarraram o louro místico na cabeça, e entraram no recinto do santuário. Assim que o sacrifício de costume havia sido oferecido, e as sortes, tiradas, foram para frente, contemplando, maravilhados, os monumentos e esculturas que ladeavam o caminho até chegar aos degraus do nobre santuário. O que se seguiu e as circunstâncias assombrosas da consulta não poderiam ser descritas de melhor maneira do que no trecho abaixo transcreto do *Arnold Prize Essay*, de 1859.

“E, agora, as trombetas jubilosas dos sacerdotes soaram, com notas que reverberavam por todo o vale e até entre as curvas do rochedo Nimpéia. Silenciado pelo som, ele cruzou a soleira ornamentada. Aspergiu sobre a cabeça água benta proveniente das pias de ouro e

<sup>3</sup> Adivinho protegido pelo deus Apolo. Além disso, era guerreiro e chefe conhecido pela honestidade, valentia e piedade (N.R.).

entrou no pátio externo. Novas estátuas, fontes frescas, engradados e taças, presentes de muitos reis orientais, foi o que ele viu; paredes brasonadas com misteriosas frases apareciam ao seu redor enquanto atravessava em direção ao ádito interno [santuário, santo dos santos]. A música, então, tornava-se mais alta, o interesse crescia, e seu coração batia cada vez mais rápido. Com o som como o de muitos trovões que chegou até à multidão lá fora, a porta subterrânea foi-se abrindo; a terra tremeu; os louros balançaram; fumaça e vapor misturados surgiram; e, cercado, lá embaixo, dentro de um buraco na rocha, talvez ele tenha vislumbrado as efígies marmóreas de Zeus e as medonhas Irmãs; um vislumbre de braços sagrados. Por um momento, contemplou um abismo fervente, um tripé balançando e, acima de tudo, uma Figura, que, com febre na face e espuma nos lábios, fixava um olho no espaço e jogava seus braços para cima na agonia de sua alma, e, com um grito agudo que nunca saiu de seu ouvido pelo resto de sua vida, entoou, de forma aguda e rápida, os sombrios pronunciamentos da vontade do Céu.”

Quando os embaixadores de Creso aproximaram-se do santuário, a pitonisa não lhes deu tempo nem de formular a pergunta, mas imediatamente dirigiu-se a eles da seguinte maneira:

“Posso contar os grãos de areia e sei as dimensões do oceano; compreendo o mudo e ouço aquele que não fala.

Meus sentidos foram sutilmente tomados pelo sabor de uma tartaruga de casca dura fervendo em um caldeirão com a carne de um cordeiro;

de bronze é a poltrona em que repousa e de bronze é o manto que o cobre.”

Correram para Sardes, antiga capital da Lídia, a fim de transmitir a estranha mensagem; e o rei, ao ouvi-la, realizou um ato de

adoração e declarou que o oráculo de Delfos era de fato digno de confiança. No dia combinado, desejando fazer algo inacreditável, despedaçou com suas próprias mãos uma tartaruga e um cordeiro, cozinhou os dois juntos em um caldeirão de bronze com uma tampa do mesmo metal. Creso enviou presentes magníficos a Delfos e, dali por diante, entregou-se completamente à influência do oráculo, que, pouco tempo depois, por uma mensagem de sentido ambíguo, acabou levando-o à destruição. Quando consultou a pitonisa com relação aos planos de invadir a Pérsia, sua resposta ambígua foi: "Creso, se atravessar o Halys, destruirá um grande império." Naturalmente, concluindo que o império indicado era a Pérsia, Creso atravessou o ribeirão fronteiriço, sofreu rápida derrota e percebeu, tarde demais, que a profecia fora cumprida com a destruição de seu próprio exército. Ah, quem dera que o destino de Creso servisse de aviso àqueles que dão ouvidos a espíritos errantes e aos ensinamentos de demônios!

Ao contemplarmos as imagens de sacerdotes fazendo passes e de pacientes sob manipulação encontradas dentre as pinturas dos templos, torna-se evidente que o hipnotismo era praticado no Egito desde os tempos mais remotos. Há também muitas dicas históricas deste mesmo fato, algumas das quais já mencionadas no capítulo anterior. Podemos agora acrescentar a espantosa história de Rampsinitos, o antecessor de Quéops, conforme narrada por Heródoto (Heródoto II. 122). Dizia-se que esse rei desceu vivo para o Hades e, depois de jogar dados com Demétrio, voltou ileso. Essa é provavelmente uma história que pode ser explicada como sendo a descrição de uma experiência em transe hipnótico.

De fato, toda a misteriosa sabedoria do Egito parece ter ligação com as artes proibidas, e a freqüência com que seus sacerdotes as praticavam pode ser deduzida de sua dieta, tal qual a que hipnotizadores e videntes acham necessária. Clemente de Alexandria nos informa que eles não podiam comer carne (Clemente, *Stromata*, VII. 6).

Os santuários dos deuses Ísis e Serápis desfrutavam de uma reputação mundial pelas curas por hipnose lá realizadas e por prescrições que parecem ter sido ditadas por videntes da mesma forma que o são hoje. Sem dúvida, o sono templário freqüentemente mencionado era um transe hipnótico, induzido às vezes por passos, às vezes por exalação de um tipo específico de incenso acompanhado por música na lira.

Strabo (Strabo XVII. 1) cita o templo de Serápis em Canopus como uma fonte que proporcionava casos tão sensacionais de curas sobrenaturais que os homens mais famosos criam nestas curas e dispunham-se a ser hipnotizados em benefício próprio ou de outros. Pessoas eram escolhidas para manter um registro das curas efetuadas e também das respostas oraculares que haviam-se concretizado. Entretanto, o que mais impressionou o geógrafo foi o grande número de peregrinos que continuavam voltando ao santuário pelo canal de Alexandria, fazendo o ar reverberar com o barulho de suas flautas e danças enquanto flutuavam a caminho.

Heródoto (Heródoto II.58) supõe que “peregrinações, procissões, e introduções (*προσαγογάς*, prossagogás)” tenham surgido com os egípcios. O significado técnico do último dos três termos é incerto, mas provavelmente se refere à admissão dos peregrinos no santuário onde era exibida uma relíquia sagrada ou a estátua da divindade por um hierofante.<sup>4</sup>

O historiador prossegue, mencionando cinco peregrinações anuais dos egípcios a vários santuários (Heródoto II.59, 60), fornecendo um animado relato de uma peregrinação a Bubastis e descrevendo a longa fila de barcos lotados de homens e mulheres – alguns dos quais tocavam instrumentos de sopro e castanholas, enquanto outros can-

<sup>4</sup> Não seria difícil aplicar estes termos às peregrinações modernas. O primeiro falaria sobre a jornada até o local do santuário; o segundo, sobre a marcha processional da estação de trem ao lugar sagrado; e o terceiro, sobre a admissão na igreja ou gruta.

tavam e batiam palmas. Os nativos diziam que mais ou menos 700 mil pessoas, excluindo as crianças, estavam normalmente presentes nesta festividade.

Outro lugar de grande freqüência era o templo da deusa Ísis em Busíris (Heródoto II.61) onde peregrinos, tanto homens quanto mulheres, estavam habituados a bater em si mesmos perante o santuário depois de oferecer um estranho sacrifício. A maravilhosa popularidade desta deusa é parcialmente explicada pelo seguinte trecho de Diodorus Siculus.

“Os egípcios dizem que Ísis descobriu muitas poções para preservar a saúde e que é muito hábil na arte da medicina. Dessa forma, tendo alcançado a imortalidade, seu maior prazer consiste em curar mortais. Para aqueles que imploram por sua ajuda, ela dita remédios durante o sono, aparecendo abertamente e manifestando beneficência para com os suplicantes. Acresentam que oferecem como provas não fábulas, como contam os gregos, mas sim fatos manifestos. Quase o mundo inteiro apóia seu testemunho pelo zelo com o qual os homens cultuam Ísis em virtude de sua aparição visível quando está efetuando curas. Ela fica de pé sobre o doente, enquanto este dorme, e recepta remédios para suas doenças; os que seguem suas instruções são inexplicavelmente curados. Muitos são assim curados depois de os médicos terem-nos desenganado devido à malignidade da doença. Muitas pessoas totalmente privadas da visão ou incapacitadas são restauradas ao estado de saúde original assim que recorrem a esta deusa” (Diod. Sic. I.25).

Vemos, então, que as receitas prescritas por videntes não são características peculiares da fase moderna do espiritualismo. É difícil leremos algo sobre a aparição de Ísis e as peregrinações a seus santuários sem nos lembrarmos do que é agora dito e feito em conexão ao “Monte Santo” de La Salette, Lourdes e outros lugares.

A influência de Ísis posteriormente espalhou-se até Roma, onde, nas eras depravadas dos primeiros imperadores, a deusa acabou tornando-se a divindade favorita. A abominável impureza que caracterizava seu culto, no entanto, incitou várias tentativas de aboli-lo e causou repetidas destruições de seus templos. De fato, certa feita, Tibério chegou a crucificar seus sacerdotes e a jogar estátuas da deusa no rio. Tudo, porém, foi em vão. Ísis conservou seu poder na grande cidade até que, com o passar do tempo, pareceu aconselhável mudar seu nome e cultuá-la, com algumas modificações, sob o título de Virgem Maria.

Mencionaremos apenas mais um incidente de espiritualismo no Egito: a história bem conhecida da visita de Vespasiano ao templo de Serápis na Alexandria. Foi registrada nos relatos históricos de Tácito e Suetônio e fornece-nos um exemplo antigo do que agora é visto como uma ocorrência comum: a aparição de uma pessoa viva bem distante do lugar onde materialmente se encontra.

Tácito (Tácito, *Histórias*, IV.81) conta que dois homens, um cego e outro que sofria por ter uma mão doente, foram enviados pelo oráculo de Serápis a Vespasiano, que, na ocasião, estava em Alexandria. Foi-lhes prometido que, se o cônsul romano consentisse em ungir os olhos de um com saliva e pisar sobre a mão do outro, ambos seriam curados. A princípio, Vespasiano hesitou em atender estes pedidos esquisitos, mas, enfim, cedendo à importunação dos sofredores e à persuasão de seus cortesãos, fez o que lhe era requerido na presença de uma grande multidão. Imediatamente, o cego recobrou a visão, e a mão doente foi curada.

Depois de comentar que estas curas haviam sido testemunhadas por muitas pessoas que não teriam motivo para apoiar uma mentira, vendo que a família de Vespasiano estava na época chegando ao fim, Tácito segue, dizendo (Tácito, *Histórias*, IV.82):

“Estes milagres fizeram com que Vespasiano se dispusesse à visitar o santuário para consultar o deus com relação ao destino do império. Assim, mandou que esvaziassem o templo e entrou sozinho.

Então, enquanto estava cultuando a divindade, viu em pé, atrás de si, um dos nobres do Egito chamado Basílides, que sabia estar naquele momento retido por doença a uma distância de alguns dias de Alexandria. Perguntou aos sacerdotes se Basílides havia entrado no templo naquele dia e aos que encontrava se haviam visto o homem na cidade. Por fim, enviando alguns cavaleiros, pôde certificar-se de que, no momento em que vira a aparição, o enfermo achava-se a uma distância de 129 km de Alexandria. Concluiu, a partir disso, que a visão era divina e inferiu a resposta transmitida a partir do nome Basílides.”

Isto significa que, como a palavra Basílides quer dizer “realeza”, Vespasiano interpretou a aparição como uma profecia de sua sucessão ao trono do mundo. Suetônio (*Suetônio, Vespasiano, VII*), em sua versão da história, acrescenta que logo depois chegaram cartas anunciando a ruína e morte do imperador Vitélio.

A frase abaixo, extraída do *Anfitrião* de Plauto, parece fazer alusão ao hipnotismo e, como é introduzida incidentalmente, testemunha com solidez da preponderância dessa arte mais ou menos dois séculos antes da era cristã.

“Quid si ego illum tractim tangam ut dormiat?”

“Se eu o alisar para fazê-lo dormir?” (Plauto, *Anfitrião*, I. i.160).

Provavelmente, também, os bem conhecidos *tractatores* exerciam um tipo de poder hipnótico, e muitos imitadores modernos os imitam, pois anúncios de “Hipnotizadores e Massagistas que Curam” e “Médicos Videntes” podem ser vistos quase em todos os periódicos espiritualistas.

Todavia, os exemplos que citamos são o suficiente para mostrar que, nos autores clássicos, abundam alusões ao espiritualismo; portanto, devemos agora passar aos escritores posteriores.

Primeiro, examinaremos rapidamente *Reconhecimentos e Homilias* de Pseudo-Clemente, obras que, de forma alguma, parecem ter aparecido depois do terceiro século e talvez sejam de uma data mais antiga; contêm muitas passagens dignas de consideração. No início de cada livro, o autor conta que, enquanto era pagão, ficava muito perplexo com dúvidas relativas à imortalidade da alma. Como se propunha a resolver suas dúvidas, deixaremos que ele mesmo explique com suas próprias palavras.

“O que, então, devo eu fazer senão isto? Irei ao Egito e cultivarei amizade com os hierofantes e profetas dos santuários. Então, pedirei um mágico e, quando o encontrar, induzi-lo-ei a chamar uma alma do Hades pela arte da necromancia, oferecendo-lhe uma grande quantia em dinheiro como se desejasse consultá-la a respeito de um assunto qualquer. Porém, o que de fato quero descobrir é se a alma é imortal. Não quero saber a resposta sobre a imortalidade da alma apenas por ela falar ou eu próprio ouvir, mas simplesmente por ela tornar-se visível. Depois de ver isso com meus próprios olhos, terei prova suficiente e confiável de sua existência só pelo fato de aparecer. Então, as palavras de dúvida que meus ouvidos ouvem não poderão mais subverter aquilo de que meus olhos se apropriaram” (Pseudo-Clemente, *Homilias* I.5).

Essa proposição assemelha-se, de forma estranha, ao argumento muitas vezes usado pelos espiritualistas: de que a existência de outro mundo é melhor comprovada pela comunicação com os demônios que nele residem. Pouco tempo depois, Simão o Mago é apresentado e relata uma história que parece muito com inúmeras narrativas de ajudas espirituais que povoam a literatura da nova religião.

Como exemplo, usemos as seguintes declarações feitas em uma das reuniões da Associação Nacional Britânica de Espíritas.

“Sr. Morse disse ter sido informado de que mineiros viam manifestações nos poços das minas, e que um menino pequeno, empregado em uma mina de carvão de Glasgow, tinha o hábito de chamar um espírito para ajudá-lo a empurrar seu vagão quando estava cansado, o que geralmente era feito. Numa ocasião, foi dito que o espírito usou de tamanha violência que chegou a avariar muito o vagão.”

“Sr. Latham mencionou um caso em que os espíritos fabricaram pílulas que mais tarde foram tomadas por uma senhora conhecida, sendo-lhe muito benéficas.”

Dr. Gully disse que “em sua casa não era incomum espíritos aparecerem a membros de sua família a fim de mover objetos de um cômodo para outro enquanto todas as portas estavam trancadas, arrumar sua cama à noite e subir e descer as escadas com passos tão pesados quanto os de um homem normal.”

[A história de Simão era:]

“Uma vez, quando minha mãe, Raquel, mandou-me ir ao campo para colher, vi uma foice no chão e ordenei-lhe que fosse colher. Colheu dez vezes mais que os outros.”<sup>5</sup>

A seguinte relação dos prodígios de Simão pode ser encontrada na segunda *Homilia* de Pseudo-Clemente.

“Disseram-me que ele faz estátuas andarem por aí, rola sobre o fogo e não se queima e, às vezes, até voa. Transforma pedras em pães, torna-se uma serpente, transforma-se em bode, fica com duas

<sup>5</sup>Pseudo-Clemente, *Reconhecimentos*, II.9. Parece que Simão era um iniciado.

caras e converte-se em ouro. Abre portas trancadas, derrete ferro e produz fantasmas de todo e qualquer tipo durante os banquetes. Por último, faz com que os vasos de sua casa sejam vistos movimentando-se espontaneamente para servi-lo, sendo que os que os carregam não estão visíveis. Fiquei atônito ao ouvi-los falarem dessa maneira, mas me asseguraram que muitas coisas assim foram feitas sem sua presença" (Pseudo-Clemente, *Homilias*, II.32).

Se pudermos acreditar nos espiritualistas, alguns desses prodígios agora são eventos diários. Possivelmente, seja um pouco de exagero, mas podemos inferir, da mera menção, que médiuns poderosos não eram desconhecidos na época em que as *Homilias* foram escritas.

Outro ato realizado por Simão mencionado guarda uma semelhança notável com as práticas modernas.

"Ele até começou a cometer assassinatos, conforme ele mesmo nos contou enquanto ainda éramos amigos. Por meio de abomináveis encantamentos, separou a alma de uma criança de seu próprio corpo para que se tornasse seu assistente na produção de qualquer aparição de que pudesse precisar. Depois, fez uma imagem do menino e a manteve no cômodo onde dormia, afirmando que, tendo-o formado a partir do ar, por meio de transformações tais quais os deuses induzem, pintou sua imagem e devolveu-o ao ar. Explica o que fez da seguinte maneira: disse que, em primeiro lugar, o espírito de um homem, depois de ter sido transformado em calor, atraiu a si mesmo e sugou o ar ao seu redor, como uma cabaça. Logo a seguir, converteu este ar, após ter sido encerrado sob a forma de espírito, em água. Acrescentou que, em virtude da consistência deste espírito, o ar não podia escapar, e, por isso, ele o transformou na natureza de sangue, o que mais tarde solidificou e fez carne. Nesse momento, a carne, estando assim solidificada, exibiu um homem feito não de pó, mas de ar. Desse modo, quando havia-se convencido do poder de

produzir um novo tipo de homem, disse que reverteu as mudanças e devolveu-o ao ar" (Pseudo-Clemente, *Homilias*, II.26).

À luz do século 19, podemos interpretar essa passagem sem muita dificuldade. Parece que, pela hipnose, Simão havia extraído o espírito de um menino para um estado hipnótico elevado e, depois, deixou de chamá-lo de volta, tendo por fim separado o espírito do corpo definitivamente. Fez isso com o propósito de obter um guia espiritual. A parte final desta passagem, que descreve a produção de uma forma de espírito temporária, harmoniza-se exatamente, pelo menos em termos de resultados, com as práticas de médiuns modernos, o que veremos no capítulo seguinte. Simão pode, talvez, ter negado o assassinato do menino, afirmando que havia apenas separado uma forma espiritual que ele mesmo produzira.

Citaremos mais uma história deste famoso mágico, extraída de *Apostolical Constitutions* (*Constituições Apostólicas*). Prova que o que hoje é chamado de "levitação" não é algo novo, mas uma idéia que tem estado na mente dos homens há séculos pelo menos. Talvez, também, a explicação dada pelo autor de *Constituições* possa ajudar-nos a entender o mistério do sr. Home. Não é totalmente indigna de consideração a afirmação de que os milagres de Simão foram usados como credenciais de uma falsa religião. Supostamente, a história é relatada pelo apóstolo Pedro, retratado como se assim falasse:

"Agora, quando veio a Roma, muito perturbou a igreja, corrompendo muitas pessoas e persuadindo-as a tomarem seu partido. Assombrou os gentios ao exibir mágica e operação de demônios, tanto que uma vez apareceu no meio do dia e, ordenando que me arrastassem também para seu teatro, prometeu que iria voar pelo ar. Mas, enquanto a multidão estava em estado de suspense mediante essa oferta audaciosa, fiquei orando em secreto. De fato, foi erguido por demônios e começou a voar pelo ar, gritando, enquanto subia

cada vez mais alto, que estava retornando aos céus e de lá jogaria bênçãos para eles. Enquanto as pessoas o glorificavam como se fosse um deus, ergui minhas mãos ao céu de todo meu coração e implorei a Deus que, por amor a Jesus, nosso Senhor, arremessasse ao chão o impostor e cortasse o poder dos demônios, pois o haviam usado para enganar e arruinar homens; que Ele jogasse Simão ao chão sem, no entanto, matá-lo, mas apenas o machucar. Então, fixando os olhos no mago, respondi: 'Se eu sou um homem de Deus e verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, um mestre da piedade e não enganador como tu és, Simão, ordeno que os poderes malignos dos apóstatas da piedade, por meio de quem Simão, o mago, está agora sendo elevado, deixem de segurá-lo para que caia das alturas e seja exposto ao ridículo perante aqueles a quem logrou.' Assim que falei isso, Simão foi despojado de seus poderes e jogado ao chão com grande estrondo. Tendo sido arremessado violentamente, quebrou o quadril e as solas dos pés. A multidão então exclamou, dizendo: 'Há somente um Deus a quem Pedro merecidamente diz ser em verdade o único Deus.' Muitos dos discípulos de Simão o deixaram, mas alguns que mereciam a perdição junto com ele perseveraram na doutrina maligna. Desta maneira, a seita mais atéia dos simonitas foi introduzida em Roma, e o diabo continuou trabalhando por meio do restante dos falsos apóstolos" (*Apostolical Constitutions*, VI.9).

Se examinarmos os escritos de neoplatonistas alexandrinos, cuja importante escola foi fundada no início do século terceiro embasada nas doutrinas extraídas de antigos eruditos do Oriente, descobriremos que eram acentuadamente espiritualistas, ou, talvez, devamos dizer teosóficos. Os neoplatonistas Amônio Sacas, Plotino, Jâmblico e outros foram poderosos iniciados, famosos por suas curas hipnóticas e magia em geral. Como, porém, não temos tempo para comprovar tais fatos, podendo fazer apenas uma declaração concisa sobre o assunto, utilizaremos palavras de outra pessoa, cuja opinião será

menos suspeita de parcialidade do que a nossa. Os seguintes trechos foram extraídos da obra *Alexandria and her Schools* (*Alexandria e suas Escolas*), de Canon Kingsley.

“Puseram-se, então, a fazer prodígios e foram mais ou menos bem-sucedidos, suponho eu. Pois, aqui, adentramos uma terra de fantasia desses mesmos fenômenos que tanto nos deixam perplexos nos dias de hoje: êxtase, clarividência, insensibilidade à dor, curas produzidas pelo efeito do que agora chamamos de hipnose. Estes enigmas modernos estão todos ali, naqueles livros velhos dos que buscavam sabedoria em tempos passados. Faz-nos amá-los, enquanto nos tristece ver que suas dificuldades eram as mesmas que as nossas, e que não há nada de novo debaixo do sol.”

“De novo, estes êxtases, curas e assim por diante rapidamente nos levaram de volta às antigas práticas sacerdotais. Os sacerdotes egípcios, os encantadores babilônicos e judeus haviam praticado tais atividades como comércio por séculos e tinham-nas aperfeiçoado a ponto de transformá-las em arte. Ao dormir nos templos das divindades, após as devidas manipulações hipnóticas, as curas eram efetuadas. Certamente, os velhos sacerdotes eram as pessoas procuradas quando se queria obter informações. Os velhos filósofos gregos eram veneráveis. Quanto mais aqueles do Oriente, em comparação aos quais os gregos não passavam de crianças? Além disso, se esses demônios e divindades estavam tão perto deles, não seria possível contemplá-los? Aparentemente, haviam deixado de importar-se com o mundo e seu destino: ‘Effugerant adytis templisque relictis di quibus imperium steterat.’ Os antigos sacerdotes costumavam fazê-los aparecer; talvez, pudessem fazê-lo de novo.”

Essas observações ilustram contundentemente a tendência do espiritualismo de induzir à idolatria. Como poderia ser de outra maneira,

sendo que o espiritualismo é o que estabelece a comunicação inteligente com os próprios demônios que já foram adorados pelo mundo pagão? No caso dos neoplatonistas, no entanto, a influência do cristianismo foi forte demais para admitir o retorno ao paganismo declarado. A fim de que o culto a incontáveis demônios, as curas hipnóticas, os êxtases e as aparições pudessem prosseguir, seria preciso confessar o cristianismo e aderir a terminologia cristã. Então, os lobos se vestiram de cordeiros, e, no decorrer do tempo, o sistema papal foi criado.

Pensemos, agora, na passagem da *Apologia* de Tertuliano, que pode ser expressa desta forma:

“Além do mais, se até mágicos produzem aparições e enxoalham a reputação de homens mortos, se hipnotizam meninos para obter uma resposta oracular<sup>6</sup>, se realizam muitos prodígios de brincadeira

<sup>6</sup> Quão notória esta prática pode ser vista no trecho anexado de *Metamorfoses* de Apuléio (ou Lucius Apuleius). Esse distinto orador, romancista e filósofo havia sido acusado de feitiçaria, e a primeira evidência mencionada era ter o hábito de comprar vários tipos de peixe supostamente para propósitos de feitiçaria. Ele descarta tal acusação como sendo totalmente inédita e absurda. Depois, após afirmar que seus acusadores sabiam muito bem que a acusação não vingaria, continua como segue:

“Acharam necessário inventar uma acusação mais plausível ligada a coisas que são mais conhecidas e já partem da crença normal. Portanto, em conformidade com as opiniões gerais e os relatos recebidos, inventaram uma história que, com um pequeno altar e uma lâmpada, num lugar isolado de onde os espectadores foram removidos, eu havia enfeitiçado um certo menino com encantamentos mágicos. Disseram que poucas testemunhas haviam sabido disso, e o menino tinha caído no chão quando enfeitiçado; depois, acordara em tal estado que nem sabia quem era. Não tiveram coragem de ir além, no entanto, com suas mentiras fabricadas. Para completar a história, deveriam ter dito também que o menino tornou-se presciente e fez muitas previsões, visto que essa é a vantagem que obtemos do uso de encantamentos. Tampouco esse poder maravilhoso do menino é atestado apenas pela opinião da multidão, mas também pela autoridade dos eruditos. Lembro-me de que, nos livros de Varrão de Reate (ou Marcus Terentius Varro), o filósofo (um erudito muito preciso e culto), li, dentre outras coisas do gênero, o seguinte relato: quando os habitantes de Tralles estavam investigando, por meio de um processo mágico, a guerra contra Mitrídates, um menino, que estava fitando o reflexo da estátua de Mercúrio na água, profetizou sobre o futuro em 160 versos rimados. Varro também relata que Fábio, havendo perdido 500 denários, foi consultar Nigidius a respeito. Este último inspirava a tal ponto os meninos com seus encantamentos que indicaram exatamente onde a bolsa havia sido enterrada junto com parte do dinheiro, e insinuaram que o resto havia sido distribuído, e ainda, um denário fora dado a Catão, o filósofo. Posteriormente, Catão admitiu ter recebido a moeda de um seguidor como contribuição para Apolo.” – Apuléio, *Apologia*, XLII.

conjurando ilusões e se até enviam sonhos com a ajuda do poder de anjos e demônios a quem convocam para assisti-los de uma vez por todas, e que, por meio desta influência, também bodes e mesas já foram usados para predizer, quanto mais o poder satânico será zeloso em fazer, com toda sua força, por sua própria vontade e para seus próprios propósitos, aquilo que faz para servir aos fins de outros" (Tertuliano, *Apologia*, XXIII).

Ora, não há razão para que as aparições aqui mencionadas não tenham sido produzidas exatamente da mesma maneira que as formas espirituais dos nossos dias. Tampouco devemos sentir qualquer espanto pela próxima cláusula, que evidentemente se refere a necromantes que se assemelham aos médiuns modernos. Aparentemente, espíritos de mortos eram evocados, e os próprios mortos apareciam, se obedecessem ao chamado, ou os demônios que os personificavam eram culpados de pronunciamentos vergonhosos e indignos.

A frase seguinte pode ser interpretada de duas maneiras. A primeira é *elidunt*, isto é, eles “estrangulam” meninos, matam-nos como sacrifício ou para obter presságios a partir de suas entranhas ou de

<sup>7</sup> No entanto, concordo com Platão que há certos poderes divinos – intermediários tanto na natureza quanto na localização – pairando entre deuses e homens, e que estes poderes reinam sobre todos os tipos de adivinhação e prodígios exibidos por mágicos. Ademais, considero que a mente humana, especialmente a de um menino que ainda é ingênuo, pode, tanto pela atração de encantamentos quanto pela influência calmante de odores, ser embalada para dormir e acalmada num estado de esquecimento de coisas anteriores. Permanecendo, dessa forma, por um período de tempo, inconsciente do corpo, pode ser restaurada e devolvida à sua própria natureza, sem dúvida imortal e divina. Assim, será capaz de perceber antecipadamente o que está por acontecer enquanto aparentemente estiver num tipo de transe. Mas, seja como for, se devemos dar crédito a tais coisas, o menino que deve fazer a previsão precisa, até onde pude constatar, ser escolhido pela beleza e saúde do corpo, a inteligência e fluência de fala, para que o poder divino possa residir nele como em uma habitação digna – se é que, alguma vez, fique contido no corpo de um menino, ou que sua mente em si, assim que for acordada, possa ser rapidamente restaurada a seu próprio poder de adivinhação, o qual, sendo implantado nela para ser facilmente evocada e sendo nem ferida nem embotada pelo esquecimento, pode facilmente ser reassumida. Porquanto, como Pitágoras costumava dizer, não se deve esculpir um Mercúrio em um pedaço de madeira.” – Apuléio, *Apologia*, XLIII.

seus gestos. Mas o segundo, *eliciunt*, é o mais provável e tem o sentido de arrancar o espírito por uso de hipnose, colocando o paciente num estado de clarividência para que possa proferir respostas oraculares.<sup>7</sup> Os “muitos prodígios” dificilmente poderiam ser em maior número do que aqueles de que se tem notícia hoje em dia, e cuja veracidade é corroborada por pessoas competentes.

O que devemos entender por “bodes e mesas” sempre foi um mistério, mas podemos sugerir o seguinte como solução. Já mencionamos o *seirim* e explicamos que, enquanto normalmente significaria “bodes”, a palavra também denotava “sátiros” ou alguma ordem de demônios. Talvez, Tertuliano, pela falta de um termo mais nítido, tenha utilizado o equivalente literal em latim do termo hebraico. Neste caso, a adivinhação por demônios e mesas, ou seja, por mesas que os demônios faziam mexer, achará seu contraponto perfeito nos dias de hoje na comunicação por meio de pancadas na mesa.

Tal é o sentido do que o apologista africano está dizendo, o que se torna bem claro em uma estranha história relatada pelo historiador romano Amiano Marcelino (ou Ammianus Marcellinus). Este escritor registra que, durante o reinado de Valentiniano, certos espiritualistas foram detidos na Antioquia sob a acusação de terem tentado descobrir o nome do sucessor do imperador através de magia. A mesa usada foi levada até o tribunal e colocada na frente dos juízes. Depois que dois dos acusados, Hilarius e Patricius, haviam sofrido tortura, Hilarius fez a seguinte confissão:

“Sob lúgubres auspícios, excelentíssimos e nobres juízes, nós construímos, de galhos de louros (e conforme o modelo do tripé de Delfos), esta pequena mesa agoureira agora diante de vós. Após ter sido devidamente consagrada por invocações de encantamentos místicos e muitas e prolongadas manipulações, finalmente conseguimos que ela se mexesse.

Sempre que quiséssemos obter respostas a respeito de coisas des-

conhecidas, fazíamos com que se movesse da seguinte maneira: era colocada no meio da casa que havia sido ritualmente purificada de todos os lados com incenso árabe, e um prato simples e redondo composto de muitas substâncias metálicas era colocado sobre ela. Em sua borda circular, haviam sido entalhadas as 24 letras do alfabeto com muita maestria, separadas por intervalos cuidadosamente medidos.

Depois que a divindade que fornece as respostas tivesse sido aplacada por meio de invocações já prescritas, seguindo as leis da ciência ritualística, uma pessoa vestida de linho branco, igualmente calcada de chinelos do mesmo material com um turbante envolvendo sua cabeça e ramos de uma árvore de bom augúrio, fica de pé sobre o tripé e balança um anel suspenso por um pedaço muito fino de corda. O anel, previamente submetido a uma iniciação com rituais místicos, arremessa-se, em intervalos bem definidos, e bate em cada letra a qual é atraído. Dessa forma, soletra versos heróicos que acabam sendo uma resposta adequada às perguntas que são colocadas. São bem perfeitas com relação a número e ritmo, assemelhando-se, de fato, àqueles proferidos pela pitonisa ou pelo oráculo de Branchidae.

Nesta casa, então, na época mencionada, estávamos indagando sobre quem deveria ser o sucessor do atual imperador; pergunta esta sugerida pelo anúncio prévio de que seria uma pessoa muito refinada de todas as maneiras. O anel arremessou-se à borda do prato e já havia tocado as duas sílabas de TEO, acrescentando por fim a letra D, quando um dos presentes exclamou que Teodoro havia sido indicado por decreto do destino. Não continuamos a investigar, pois estava bem claro para todos que Teodoro era o homem de quem estávamos falando" (Ammianus Marcellinus, XXIX.I,29).

Hilarius mencionou também que o próprio Teodoro nada sabia a respeito dessa sessão. Mesmo assim, este último foi rapida-

mente capturado e executado. Sua morte, no entanto, não serviu para acalmar as suspeitas de Valentiniano. Muitas pessoas inocentes foram posteriormente executadas pelo simples fato de terem o nome iniciado pelas sílabas com as letras fatais TEOD. Contudo, a profecia do anel e da mesa não era falsa. Quando da morte de Valentiniano, após sua derrota pelos godos em Adrianópolis, o famoso Teodósio foi proclamado imperador do Oriente.

Essa incrível história parece provar que o tripé tantas vezes mencionado pelos escritores clássicos não estava apenas ligado à adivinhação, mas, pelo menos em certos casos, à adivinhação de um tipo semelhante ao que está na moda agora, pois parece ter sido necessário impregnar a mesa com algo que lhe conferisse movimento antes que pudessem fazer as consultas. É muito provável que esse movimento fosse produzido da mesma forma que os espiritualistas hoje o fazem. Podemos apurar, a partir dos detalhes dos trâmites posteriores, que o alfabeto usado na comunicação com espíritos, geralmente imaginado como algo tão recente, era bem conhecido entre os iniciados de 15 séculos atrás. Por último, o cerne da história, a sucessão de Teodósio, é mais um exemplo da maravilhosa, apesar de instável, presciênciados demônios.

Meio século depois, nos anais da história, encontramos Agostinho, que, vez após vez, atribuiu a demônios a inspiração de oráculos e adivinhos romanos. Ele considera os muitos deuses como espíritos malignos e desmascara a influência completamente corrupta de sua bem conhecida história e as cerimônias obscenas de seu culto público apesar de proporem hipocritamente certos ensinos obscuros sobre moralidade (*De Civitate Dei*, II.26). Ele narra com indignação que demônios previram o sucesso do monstruoso ditador Sylla, acompanhando suas previsões de sinais milagrosos, porém nunca bradaram: “Abstenha-se de suas maldades, Sila!” (*De Civitate Dei [A Cidade de Deus]*, II.24). Discorre sobre a afirmação de Hermes Trismegisto de que “imagens visíveis e tangíveis são como se fossem apenas corpos

de deuses, e que neles habitam certos espíritos que foram convidados a entrar com poder de infligir danos ou satisfazer desejos daqueles por quem honras e serviços divinos lhes são prestados" (*De Civitate Dei*, VIII.23). Acredita que estes espíritos malignos eram capazes de produzir aparições e visões quando assim o determinassem e conclui a história do touro sagrado dos egípcios com esta colocação: "O que homens podem fazer com substâncias e cores reais, os demônios podem muito facilmente efetuar mostrando formas irreais" (*De Civitate Dei*, XVIII.5).

É desnecessário gastar mais tempo provando um fato tão óbvio quanto o contínuo relacionamento de espíritos malignos com os filhos dos homens. Os exemplos que conseguimos são mais do que suficientes para o nosso propósito e já excederam seus próprios limites. Devemos, por conseguinte, passar pelos mágicos, encantadores, astrólogos, magos, pelas bruxas da época medieval<sup>8</sup>, levitações,

---

<sup>8</sup> O seguinte trecho de *Marco Pólo* da edição de Ramusio é muito interessante, demonstrando a predominância das práticas espiritualistas na corte do mais poderoso monarca oriental da segunda metade do século 13.

"O Grande Kaan (Cublay) deixou bem claro que considerava a fé cristã a melhor e mais verdadeira, pois, como disse, não ordenava nada que não fosse perfeitamente bom e santo. Não deixava cristãos carregarem a cruz à sua frente, no entanto, porque nela foi flagelado e morto Pedro, tão grande e exaltado quanto Cristo.

"Alguém poderia dizer: 'Já que considera a fé cristã como a melhor, por que não se junta a ela e torna-se cristão?' Bem, esta é a razão que ele deu a Messer Nicolo e Messer Maffeo quando os enviou ao Papa como seus emissários e também quando às vezes tomavam a liberdade para falar-lhe sobre a fé em Cristo. Disse ele: 'Como querem que eu me torne cristão? Vocês podem ver que os cristãos dessas partes são tão ignorantes que nada conseguem, ao mesmo tempo em que os idólatras fazem o que desejam, tanto que, quando sento à mesa, as taças do meio da sala chegam até mim cheias de vinho ou outra bebida alcoólica sem que ninguém as tenha tocado, e eu bebo delas. Controlam tempestades, fazendo com que sigam a direção que determinarem e muitos outros prodígios. Ao mesmo tempo, como vocês sabem, seus ídolos falam, dando-lhes previsões sobre o assunto que quiserem. Se, porém, eu adotar a fé em Cristo e tornar-me cristão, então meus barões e outros não convertidos dirão: 'O que o levou a ser batizado e aceitar a fé de Cristo? Que poderes ou milagres você testemunhou da parte Dele?' (Você sabem que os idólatras daqui dizem que suas maravilhas são realizadas pela santidade e pelo poder de seus ídolos.) Bem, eu não saberia como responder. Assim, serviria apenas para reforçar suas crenças erradas, e os idólatras, iniciados nestas artes tão surpreendentes, facilmente maquinariam minha morte" *Marco Pólo* por Yule.

aparições e curas milagrosas papais, pelas histórias do Oriente sobre demônios, pelos homens *obi* da África, que parecem até ter mantido o nome hebreu e pela grande multidão de pessoas e incidentes que chamariam a atenção se tivéssemos empreendido uma exaustiva história dos relacionamentos com demônios.

Singular demais para deixarmos de mencionar, no entanto, é o seguinte trecho de um escritor judeu do início do século 17 citado por Delitzsch em *Biblical Psychology (Psicologia Bíblica)*.

“Fazemos a mesa virar de brincadeira por meio da magia e susurramos nos ouvidos uns dos outros *Shemoth shel Shedim* (‘nomes de demônios’), e, então, a mesa pula mesmo se carregada com muito peso.”

No ano de 1615, Zalman Zebi defendeu esse movimento da mesa como tendo sido feito pelo poder de Deus, não pela mágica. A base de seu argumento é que, enquanto manipulavam, cantavam músicas excelentes como, por exemplo, “O Senhor do mundo seja exaltado”. Ele insiste que não poderia haver nenhuma obra do diabo em curso quando Deus é lembrado. Esse pode muito bem ser o raciocínio de certos “viradores de mesa” modernos, mas a história provê uma gama infindável de evidências que mostram que os homens estão constantemente profanando o nome de Deus ao usá-lo em conexão com atos nefastos. Não fica muito claro também a quem se referem quando invocam a Deus, pois não podem estar chamando por Ele, que fez terra e céus, se estiverem pedindo ajuda para quebrar Suas leis. Além do mais, há dois senhores do mundo apesar de o reinado de um estar quase no fim.

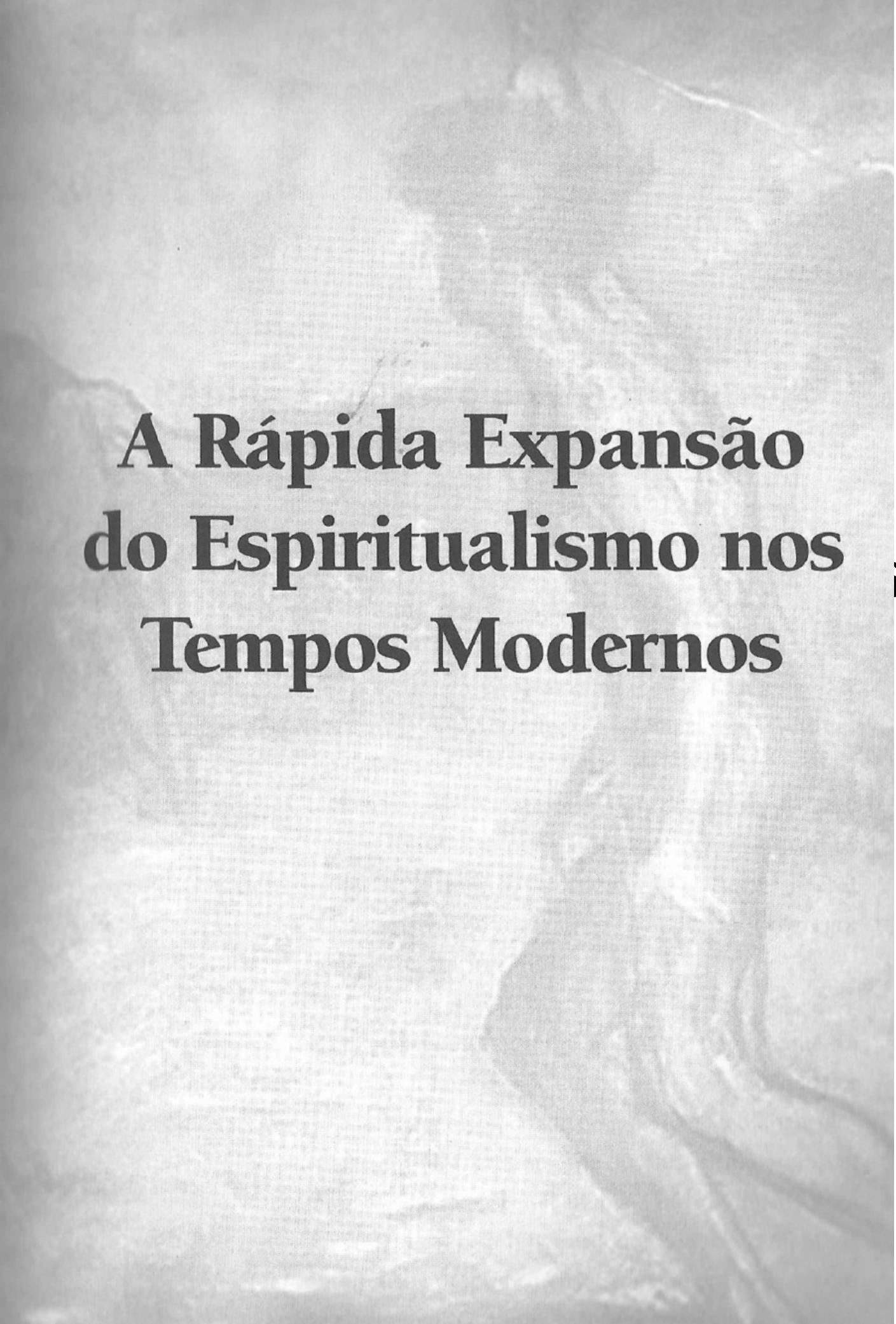
Apenas precisamos acrescentar que os relatos de viajantes modernos provam que o espiritualismo, especialmente o culto a demônios disfarçados de espíritos de ancestrais ou parentes, é quase universal

entre pagãos e tribos bárbaras, quer seja no coração da África<sup>9</sup>, nos países remotos da Ásia ou entre os índios da América. Alguns anos atrás, tais idéias estavam quase circunscritas tão-somente às regiões mais ignorantes da terra. Agora, a maré de demonismo voltou a subir e está rapidamente tomando conta da cristandade. O espírito maligno está voltando com outros sete piores do que ele, e o resultado será um paganismo ainda mais sombrio do que aquele que o mundo já experimentou, sendo que o paganismo será recebido de volta após julgamento e deliberada rejeição do Senhor Jesus Cristo. “Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários” [Hb 10.26, 27].

---

<sup>9</sup>Muitas provas disso podem ser encontradas nas obras de viajantes recentes como Livingstone e Schweinfurth. O seguinte trecho foi tirado de *Last Journals (Últimos Diários)*, do explorador escocês David Livingstone.

“Suleiman-bin-Juma vivia no continente, Mosessamé, defronte a Zanzibar. É impossível negar seu poder de previsão, a não ser que rejeitemos todas as evidências. Ele freqüentemente previa as mortes de grandes homens entre os árabes e era um homem eminentemente bom, íntegro e sincero - ‘Thirti’. Nenhum outro havia como ele em termos de bondade e habilidade. Ele disse que dois homens brancos de tamanho médio, com narizes retos e cabelos que chegavam até a cinta nas costas, às vezes vinham até ele e contavam-lhe coisas por acontecer. Morreu 12 anos atrás e não deixou sucessor. Previu sua própria morte de cólera três dias antes do ocorrido.”



# **A Rápida Expansão do Espiritualismo nos Tempos Modernos**

## Capítulo 12

# A Rápida Expansão do Espiritualismo nos Tempos Modernos

**A**s Escrituras contêm muitos avisos proféticos sobre o poderoso aumento da influência demoníaca nos últimos dias, culminando, por fim, em uma manifestação clara de poder satânico. Examinaremos uma destas profecias, talvez a mais notável de todas. Aparece na primeira epístola de Paulo a Timóteo e normalmente tem sido aplicada à heresia papal por intérpretes protestantes. Tão ruim quanto tenha sido, não se pode dizer que tenha satisfeito as condições desta profecia. Primeiro, faremos uma tradução literal da passagem, seguindo a construção mais simples e natural do grego; depois, tentaremos apurar sua importância.

“Evidentemente, grande é o mistério da piedade: aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, criado no mundo, recebido na glória. Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento, exigem abstinência de alimentos, que Deus criou para serem

recebidos, com ação de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ação de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado” (1Tm 3.16 – 4.1-5).

O verbo traduzido por “apostatarão” deve ser notado, pois é derivado do substantivo que expressa “a apostasia” (no original, há o artigo definido) mencionada no segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. Evidentemente, ambas as passagens referem-se ao mesmo evento, e, na última, podemos ver que desta apostasia sairá o Homem da Iniquidade, o Filho da Perdição. Seu primeiro sintoma seria a queda da fé no grande mistério da piedade, ou seja, na compreensão do qual, a um só tempo, estão a fonte e o amparo de toda verdadeira piedade. Isso é explicado como sendo o Senhor Jesus, manifestado na carne, justificado no espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, criado no mundo e recebido na glória.

A apostasia, por conseguinte, deveria começar com um declínio da fé em Cristo, não necessariamente chegando à total negação, mas começando com a incredulidade nas circunstâncias milagrosas de Sua vinda no passado e gradativamente obscurecendo o único centro e fonte de toda aspiração divina.

A palavra usada para “enganadores” é mais comumente empregada no sentido de vagar ou perambular, muito adequado a este trecho. Podemos comparar o relato do próprio Satanás, dizendo que vinha de rodear a terra e passear por ela (Jó 1.7; 2.2) e seu nome, Belzebu, que lhe foi dado por ser o maioral dos demônios (Mt 12.24), com o provável significado de “Senhor de Inquietação” e com a descrição que Cristo faz do espírito que sai do homem andando por lugares áridos, procurando repouso, porém não encontrando (Mt 12.43).

As cláusulas seguintes provavelmente referem-se a demônios, não àqueles a quem enganam, pois por certo é a interpretação mais simples do original.

Qual é, então, o sentido claro da profecia? Que, nos últimos dias, haverá uma grande deserção da fé nas verdades fundamentais ligadas à encarnação de Cristo. Que esta deserção acontecerá em razão de ensinos por demônios e espíritos imundos que, apesar de terem a consciência cauterizada – isto é, tendo sua própria natureza interior deformada pelo pecado tão indelevelmente quanto um criminoso é desfigurado por ferro em brasa –, afetariam bondade e santidade a fim de conseguir credenciais para as mentiras que tentariam propagar. Finalmente, quer dizer que duas características proeminentes de sua doutrina seriam a proibição de casar e a exigência da abstinência de certos tipos de alimentos.

Em função desses dois últimos itens, muitos têm-se empenhado em fixar a profecia sobre a igreja de Roma, pois ela proíbe seus padres de se casarem e separou dias para o jejum. Todavia, a declaração de Paulo parece requerer que aqueles de quem fala recebam aberta e declaradamente suas doutrinas de espíritos que vagueiam, o que não é o caso dos papistas. Tampouco o celibato obrigatório do clero romano pode satisfazer completamente as palavras “proibir o casamento”, que naturalmente apontam para algo bem mais generalizado; de fato, nada menos do que um repúdio total da primeira ordem de Deus. Assim, também, a ordem com relação a carnes não parece referir-se a dias específicos de jejum, mas a uma total abstinência de certos tipos de alimentos.

Há, no entanto, um engano sendo rapidamente disseminado entre nós que tem maior chance de satisfazer todas as condições da profecia e ser, sem dúvida, seu cumprimento na história. Este engano é o espiritualismo, cuja estranha origem na fase moderna data apenas do 48º ano do século 19. Enquanto a tempestade da democracia abatia-se furiosamente sobre os tronos da Europa, e os demônios da anarquia estavam quebrando seus grilhões, um evento aparentemente trivial dava início a uma poderosa revolução na América.

Na noite do dia 31 de março [1848], entre 70 e 80 pessoas estavam congregadas na casa de um tal de Fox, um fazendeiro de

Hydesville, no estado de Nova York. Haviam-se ajuntado com o propósito de investigar certas perturbações e inexplicáveis pancadas que supostamente vinham acontecendo no quarto de Margaret e Kate Fox, meninas de 12 e 9 anos de idade. Estas crianças haviam arquitetado um meio de comunicação inteligente com o autor dos barulhos, que responderia a perguntas numéricas usando um número correto de batidas e a outras perguntas com uma batida para sim e silêncio para não. A Fox mais jovem havia descoberto que poderia obter uma resposta a gestos, o que mostrava que o espírito podia ver além de ouvir.

Dando continuação a esse experimento, a multidão de vizinhos conseguiu a seguinte comunicação: o ente misterioso era o espírito de um vendedor ambulante que havia sido assassinado cinco anos antes naquela casa pelo então inquilino, um ferreiro de nome Bell. Seus restos mortais poderiam ser encontrados onde tinham sido enterrados, no meio do porão, 300 m abaixo da superfície. Com alguma dificuldade, foi realizada uma escavação no lugar indicado. Depois de atravessar uma prancha à profundidade de 150 m, os investigadores encontraram pedaços de louças de barro, carvão, cal virgem e, finalmente, um pouco de cabelo e ossos humanos.

Esse resultado estimulou a curiosidade, e, depois que todos os esforços para detectar fraude falharam, muitos se interessaram por isso. Formaram-se comitês de averiguação, as manifestações não mais se atinham apenas a pancadas: “e logo ficou claro que uma tentativa organizada estava sendo colocada em prática pelos habitantes do mundo dos espíritos de estabelecer um método de comunicação com os homens.”<sup>1</sup> Em uma ocasião, foi proposto que o alfabeto deveria

<sup>1</sup> *How to Investigate Spiritualism (Como Investigar o Espiritualismo)*, um panfleto escrito por J. S. Farmer, cuja capa anuncia: “Primeira edição de 100.000 exemplares”.

ser comunicado ao outro mundo, e que as inteligências invisíveis deveriam ser convidadas a responder com as letras necessárias para soletrar uma frase. A sugestão foi acatada com uma chuva de pancadas, o que supostamente indicaria uma entusiástica anuênciam. A experiência foi um sucesso, e os presentes receberam a primeira mensagem com uma certa dose de reverência: "Somos todos seus amigos queridos e parentes". Foi, então, perguntado aos espíritos que sinal usariam no futuro para indicar o desejo de utilizar esta forma de comunicação. Responderam dando cinco batidas distintas. Sempre que isso era repetido em sessões posteriores, portanto, entendia-se que desejavam usar o alfabeto. Dessa forma, um código inteligível de sinais foi instituído.

Assim que ficou claro que o poder de mediunidade não se restringia apenas aos Fox, e que outros espíritos – como o do vendedor ambulante – estavam prontos para se comunicar, o entusiasmo tomou conta, e a nova fé espalhou-se pelos Estados Unidos como uma influência tão poderosa que, em 1871, o número de seus simpatizantes era calculado em torno de oito a onze milhões. Nem as ondas do Atlântico impuseram limites a seu progresso. Não demorou muito e seus apóstolos estavam bem ativos no outro lado do continente, onde pregavam suas doutrinas e exibiam seus prodígios com tal efeito que já contam seus simpatizantes por miríades na Inglaterra e no continente. Também conseguiu estabelecer uma firme base nas colônias e dependências do Império Britânico.

Todavia, o Indostão e algumas outras partes da Ásia são considerados, por seus devotos, como as antigas habitações as quais nunca renunciaram e onde os grandes iniciados nos mistérios superiores ainda podem ser encontrados. De fato, seu aparecimento na América e Europa – acompanhado, como foi, pela doutrina oriental dos vedas, na maior parte transmitida por meio da filosofia alemã, seguido por doutrinas de evolução e reencarnação por todos menos por budistas professos – pareceria estar anunciando o fim de um grande ciclo e

de sinalizar que a velha religião da raça ariana<sup>2</sup> estaria alcançando e, mais uma vez, enredando em suas malhas as tribos infiéis que, em eras passadas, escaparam de sua influência para as terras do Ocidente.

A literatura sobre espiritualismo é extensa e variada, e os tomos, que sucedem uns aos outros rapidamente e são freqüentemente bonitos e caros, são muito fáceis de vender. Um catálogo recente da *Psychological Press Association* (*Associação de Imprensa dos Psicólogos*), que é proprietária de três das quatro lojas estabelecidas em Londres com o propósito de disseminar livros espiritualistas, apresenta uma lista de 400 a 500 obras, dentre as quais podem-se encontrar ataques ferrenhos à fé cristã de todos os cantos imagináveis. O maior número de críticos parece ser budista ou agnóstico. Políticos – apenas aqueles do partido ao qual todos os espíritos que comunicam parecem estar ligados – também têm entrada, pois o título bem descriptivo do catálogo inclui “*Liberal and Reform Subjects*” (*Assuntos Liberais e de Reforma*).

A venda desse e de outros livros semelhantes, porém, não se restringe de forma alguma às lojas exclusivamente voltadas para este assunto. Não faz muito tempo que um escritor observou um tratado teosófico em dois volumes na vitrine de uma livraria muito conhecida em Picadilly. Ao entrar na loja, viu uma ou duas cópias sobre o balcão enquanto outras estavam empilhadas no chão. Uma olhada na primeira página revelou o fato de que, na ocasião, estava em sua quinta edição, e, no entanto, o preço publicado era de dois guinéus!

Relativo a órgãos de praxe, um panfleto espiritualista lançado alguns anos atrás, afirmou que a nova fé era representada, naquele momento, no continente e em algumas partes da África e América do Sul por nada mais nada menos do que 46 periódicos. Nos Estados

<sup>2</sup> [É bastante significativo que os líderes alemães de hoje (1942) enfatizem muito a descendência ariana de seu povo, e que seus líderes maiores sejam persistentemente constrangidos a consultarem astrólogos de tempos em tempos.]

Unidos, existem muitos, sendo que os mais conhecidos são dois jornais diários há muito estabelecidos – *The Banner of Light* [O Estandarte de Luz] (Boston) e *The Relgio-Philosophical Journal* [Revista Religiosa e Filosófica] (Chicago). Uma revista publicada em Boston é denominada *The Voice of Angels, A Semi-Monthly Paper, Edited and Managed by Spirits* (Voz de Anjos, Um Jornal Quinzenal Editado e Administrado por Espíritos).

Na Inglaterra, os órgãos mais importantes são *The Psychological Review* (Revista de Psicologia), *Light* (Luz), *The Medium* (O Médium), *The Herald of Progress* (O Arauto do Progresso) e *The Spiritual Record* (Registro Espiritual). O último mencionado recentemente foi denunciado por um de seus contemporâneos quanto à propensão à igreja romana. *The Theosophist* (O Teósofo), especialmente dedicado ao ocultismo e à religião de Buda, é publicado em Madras, mas parece ter uma circulação muito boa na Inglaterra. *The Harbinger of Light* (O Precursor da Luz), jornal de Melbourne, foi fundado há vários anos e também achou um meio de entrar neste país.

Deixando de lado, por um momento, o conteúdo geral destes três periódicos, dificilmente poderemos passar os olhos pelas listas de associações e lugares de encontro, avisos de palestras futuras, endereços de sessões e anúncios de médiuns e clarividentes de todos os tipos (operadores de prodígios, profetas, detetives, médicos) sem admitir que a nova religião realmente estendeu-se muito e já está exercendo uma influência considerável. Enquanto o aprendizado e a filosofia, que agora estão começando a ser desenvolvidos em suas esferas mais elevadas, satisfarão aos instruídos e intelectuais, seu pensamento livre e descuidado, além da forte tendência ao comunismo e radicalismo de todas as suas doutrinas, irá granjear muita simpatia assim que começar a infiltrar-se com maior liberdade até a camada mais baixa da sociedade. Decerto, não é mais possível considerá-la como um mero embuste vulgar, e a confiança e expectativas de seus simpatizantes são bem ilustradas nos seguintes comentários de Gerald Massey:

“Não posso deixar de rir de mim mesmo às vezes ao pensar sobre o que esse espiritualismo muito odiado e difamado está prestes a realizar. Aqui, temos nosso clero afirmado, domingo após domingo, em nome de Deus, um número de coisas em que um número de ouvintes não crê, mas já ouviu repetido tantas vezes que já perdeu o poder de contestação – coisas essas em que eles mesmos não crêem se alguma vez chegarem a questionar a própria alma. Eis aqui essa coisa nova em nosso meio que está destinada a dar nova alma à crença e a preceder um dia de ressurreição. É como observar as nuvens pretas carregadas de trovões que galgam o céu de calma mortal com uma pressa deliberada que faz com que você segure a respiração até que encontrem a ponta afiada umas das outras.”

Há, então, pouca dúvida quanto à rapidez da expansão do espiritualismo, e o domínio que consequentemente exerce sobre nossos pensamentos mais sérios.<sup>3</sup> Propomos, portanto, investigar seus fenômenos milagrosos e suas doutrinas, extraíndo nossa informação de livros e jornais aprovados pelos líderes do movimento. Depois, consideraremos brevemente o sistema análogo da teosofia e sua expressão oriental, a religião de Buda, que, nos últimos tempos, vem exercendo uma poderosa influência sobre a cristandade, atraindo por meio de seu sereno encanto muitos dos instruídos e refinados. Finalmente, daremos algumas razões pelas quais inferimos que a revolução que acontece hoje no pensamento religioso pressagia as últimas cenas desta era.

Ora, com relação ao primeiro ponto, de dar uma perspectiva ampla dos fenômenos milagrosos, não há nada melhor do que citar

<sup>3</sup> [Para confirmação, ver capítulo 16.]

“um resumo das manifestações mais importantes, físicas e mentais”, dos artigos muito notáveis e idôneos sobre espiritualismo no *Fortnightly Review (Revista Quinzenal)* de maio e junho de 1874, posteriormente publicados num volume separado. Foram escritos pelo sr. A. R. Wallace, um escritor e naturalista bem conhecido, e parecem ser um relato justo e fidedigno sobre o espiritualismo em sua fase atual. Segue o resumo, começando pelos fenômenos físicos:

1. Fenômenos Físicos Simples – produzir sons de todos os tipos, desde um delicado tique a golpes como de um martelo de forja pesado. Alterando o peso de corpos. Movendo corpos sem ação humana. Erguendo corpos no ar. Transportando corpos a uma certa distância para dentro ou para fora de cômodos fechados. Libertando médiuns de todo tipo de grilhão, até de argolas de ferro soldadas, como já acontecera na América.
2. Químico – resguardando-se dos efeitos do fogo.
3. Desenho ou Escrita Direta – produzindo escrita ou desenho em papéis designados colocados em posições tais que nenhuma mão (ou pé) pudesse tocá-los. Às vezes, um lápis erguia-se, escrevendo ou desenhando aparentemente por si só, visível aos espectadores. Alguns dos desenhos coloridos foram produzidos em papel designado no período de 10 a 20 segundos, e as cores ainda estavam molhadas. (Veja a evidência do sr. Coleman no *Dialectical Report (Relatório Dialético)*, pág. 143, confirmado por Lorde Borthwick, pág. 150). A comunicação normalmente é obtida da seguinte maneira: um pouco de giz, um oitavo de polegada de comprimento, é colocado sobre a mesa; uma lousa limpa é colocada numa sala bem iluminada; depois, o som de escrever é ouvido, e, em poucos minutos, uma comunicação de tamanho razoável é achada por escrito. Algumas dessas comunicações são discussões filosóficas sobre

a natureza do espírito e da matéria, apoiando a teoria espiritual normal sobre o assunto.

4. Fenômenos Musicais – instrumentos musicais, de vários tipos, tocados sem interferência humana, de um sino manual a um piano fechado. Com alguns médiuns, e quando as condições são favoráveis, composições musicais originais de alta qualidade são produzidas.
5. Aparições Espirituais – são de dois tipos: aparições luminosas, faíscas, estrelas, globos de luz, nuvens luminosas, etc., ou mãos, rostos ou até figuras humanas inteiras, normalmente cobertas por tecido flutuante, exceto por uma parte do rosto e mãos. As formas humanas são muitas vezes capazes de mover objetos sólidos e são, ao mesmo tempo, visíveis e tangíveis aos presentes. Em outros casos, são visíveis apenas aos videntes, mas, quando o caso é este, às vezes acontece de o vidente dizer que a figura está erguendo uma caneta ou flor, e os outros presentes verem a flor ou caneta aparentemente movendo-se sozinha. Em alguns casos, falam claramente; em outros, todos ouvem o barulho, mas apenas o médium vê a figura. O manto ondulante destas figuras, em alguns casos, foi examinado, e pedaços cortados logo derreteram. Flores também são trazidas, algumas das quais murcham e somem; outras são reais e podem ser mantidas indefinidamente. Não se deve concluir que quaisquer dessas formas sejam espíritos reais. Provavelmente, trata-se apenas de formas temporárias produzidas por espíritos com o propósito de testar ou de ser reconhecido por seus amigos. Este é o relato invariavelmente dado por eles a partir da comunicação conseguida de várias maneiras. A objeção, portanto, antigamente vista como irrefutável (de que não pode haver “fantasmas” de roupas, armaduras, ou bengalas), deixa de ter qualquer peso.

## 6. Fotografias Espirituais – estas demonstram, por meio de uma experiência puramente física, a confiabilidade do grupo de observações anteriores.<sup>4</sup>

Chegamos, agora, ao fenômeno mental, sendo que os seguintes são considerados os mais importantes:

1. Psicografia – o médium escreve involuntariamente; muitas vezes sobre o que não está pensando, não espera e não gosta. De vez em quando, informações corretas e claras são fornecidas a respeito de fatos sobre os quais o médium nunca ouviu falar antes. Às vezes, eventos futuros são prognosticados com precisão. A escrita acontece por uso da mão ou de uma prancheta em forma de coração. Muitas vezes, a escrita muda.

<sup>4</sup> No mês de março de 1872, a sra. Guppy, uma médium bem conhecida, foi tirar seu retrato, e, quando a foto foi revelada, apareceu também na chapa uma forma de espírito. A curiosidade foi despertada, muitos experimentos foram conduzidos, sobretudo pelo sr. Hudson de Londres e o sr. Beattie de Clifton, e agora é declarado que, se um médium poderoso estiver presente, fotografias reconhecíveis de amigos já falecidos podem ser obtidas com facilidade. A seguir, temos um trecho de uma carta do sr. William Howitt, publicada em *Spiritual Magazine (Revista Espiritualista)* de outubro de 1872:

"Durante minha curta e rápida visita recente a Londres, minha filha e eu visitamos o estúdio do sr. Hudson, e, por meio da mediunidade do sr. Hernes – e, talvez, do próprio sr. Hudson também –, consegui duas fotos, perfeitas e inconfundíveis, de filhos meus já no mundo dos espíritos há muitos anos. Havia prometido mostrar-se dessa forma se possível. Estas fotografias foram obtidas em circunstâncias que não admitiam fraude. Nenhum dos dois, sr. Hudson ou sr. Hernes, sabiam quem éramos. Eu nunca havia visto antes o sr. Hernes. Fechei-o numa reentrância lá nos fundos do estúdio, fechei a porta pelo lado de fora para que ele não aparecesse e não pudesse aparecer na foto. O sr. Benjamin Coleman, que estava conosco, e eu pegamos as chapas a esmo numa pilha toda empoeirada. O sr. Coleman entrou na câmara escura com o fotógrafo, tomando todas as precauções para que nenhum truque pudesse ser usado. A maior garantia, no entanto, era que, por não nos conhecer e pela nossa visita ter sido feita sem arranjo ou aviso prévio, não haveria meios pelos quais o fotógrafo pudesse descobrir o que ou quem estávamos aguardando. O próprio sr. Coleman não sabia da existência de uma dessas crianças. Ao enviá-las à sra. Howitt em Roma, ela instantaneamente reconheceu com grande alegria a autenticidade destas fotos. O mesmo aconteceu com a senhora que havia conhecido os meninos intimamente durante anos. Uma médium muito famosa e muito confiável, a quem haviam visitado espiritualmente muitas vezes, imediatamente os reconheceu e achou semelhança com o espírito de uma irmã, que lhe disseram ter morrido na infância muito antes deles mesmo, o que era fato real."<sup>5</sup>

Às vezes, é escrita de trás para frente; às vezes, em língua que o médium não comprehende.

2. Vidência, ou Clarividência, e Clariaudiência – são de vários tipos. Alguns médiuns vêem formas de pessoas mortas que não conhecem e descrevem-nas com detalhes tão pormenorizados que seus amigos as reconhecem de imediato. Muitas vezes, ouvem vozes, por meio das quais obtêm nomes, datas e lugares ligados ao ente descrito. Outros lêem cartas lacradas em qualquer língua e escrevem respostas apropriadas.
3. Médium Falante – o médium entra num certo estado de inconsciência e então fala, muitas vezes sobre assuntos e num estilo totalmente fora de sua capacidade normal. Assim, Serjeant Cox – um feroz juiz de estilo literário – disse: “Tenho um garçom sem escolaridade nenhuma que, quando se encontra num estado de transe, é capaz de ter uma conversa com uma turma de filósofos sobre Razão e Presciênciа, Arbítrio e Destino, e não perder para eles. Fiz-lhe algumas das perguntas mais difíceis em Psicologia e recebi respostas sempre ponderadas, freqüentemente cheias de sabedoria e invariavelmente expressas em linguagem elegante e primorosa. Apesar disso, 15 minutos depois, quando liberado do transe, era incapaz de responder a mais simples indagação sobre um assunto filosófico, e até lhe faltavam palavras para expressar uma idéia banal.” (*What am I? [O que sou eu?]* Vol. II, pág. 242). Que isso não é um exagero eu mesmo [A. R. Wallace] posso testificar por ter observado, repetidas vezes, o mesmo médium. Ouvi também discursos de outros médiuns falantes, tais como a sra. Hardinge, a sra. Tappan<sup>5</sup> e o sr. Peebles, que,

<sup>6</sup> Martin F. Tupper, que não é espiritualista, dá o seguinte testemunho do poder desta senhora: “No Brighton Pavilion, propus a ela o tema a ser posto em verso naquele momento, o meu próprio moto heráldico, ‘L’espoir est ma force’ [A esperança é a minha força], e, para espanto meu, numa explosão de eloquência rimada, ela recitou pelo menos 12 estrofes sobre esperança e seu poder espiritual” (*Light [Luz]*, 6 de janeiro de 1883).

pelo alto grau de oratória e tempo de eloquência, idéias nobres e propósito moral elevado, em muito suplantaram os esforços de qualquer pregador ou preletor de quem já tive experiência.

4. Personificação – ocorre durante o transe. O médium aparentemente é possuído por outro ente. Fala, parece e age como a pessoa de maneira espantosa. Às vezes, fala outras línguas que não sabe falar quando no estado normal, como no caso já citado da srta. Edmonds. Quando a influência é violenta ou dolorosa, os efeitos são tais que, no decorrer da história, sempre foram atribuídos à possessão demoníaca.
5. Curas – há várias formas. Às vezes, simplesmente impondo as mãos, uma elevada forma de cura por hipnose. Às vezes, no estado de transe, o médium imediatamente descobre o mal escondido, dá uma receita para isso, descrevendo, muitas vezes, precisamente a aparência mórbida dos órgãos internos.

Esses são, então, os fenômenos milagrosos apresentados pelo espiritualismo. Os que estão intimamente familiarizados com o assunto se sentirão compelidos a admitir a veracidade da conclusão do sr. Wallace:

“Minha posição, portanto, é de que os fenômenos do espiritualismo como um todo não requerem maior confirmação. São tão bem comprovados quanto qualquer outro fato nas outras ciências.”<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Para que ninguém suponha que nenhum outro homem de ciência ou erudito teria falado com tanta veemência, mencionamos abaixo algumas citações que poderiam ser indefinidamente multiplicadas:

“Em resumo” – diz Professor Challis – “o testemunho tem sido tão abundante e unânime que os fatos devem ser aceitos conforme foram relatados, ou a possibilidade de comprovar fatos por meio do testemunho humano deve ser abandonada.”

Camille Flammarion, o astrônomo francês, expressou-se da seguinte forma: “Não hesito em declarar minha convicção, baseada em investigações pessoais sobre o assunto, de que qualquer homem científico que declare impossíveis fenômenos denominados de ‘hipnóticos’, ‘sonambulísticos’, ‘mediúnicos’ e outros ainda não explicados pela ciência fale sem saber de

Sendo, no entanto, que a quinta classe de fenômenos físicos, a aparição de formas espirituais tangíveis, é importante para um lado de nosso próprio argumento, algum exemplo faz-se necessário nesse caso. Dessa forma, mencionaremos um trecho extraído de outra parte da dissertação do sr. Wallace em que relata as sessões da srta. Fox com o sr. Livermore, um banqueiro de Nova York muito conhecido e completo cético antes de iniciar os experimentos.

“Essas sessões foram em número superior a 300 e estenderam-se por um período de mais de cinco anos. Ocorreram em quatro casas diferentes – ambos tendo mudado de casa neste período – sob rigorosos testes. O fenômeno predominante foi a aparição da figura tangível, audível e visível da falecida esposa do sr. Livermore, às vezes acompanhada de um figura masculina, supostamente sendo do dr. Franklin. A primeira figura era geralmente a mais bem definida e absolutamente real. Movia vários objetos pelo cômodo. Escrevia recados nos cartões. Às vezes, aparecia no meio de uma nuvem luminosa e depois desaparecia diante dos olhos das testemunhas. Permitia que parte de sua roupa fosse cortada, a qual, apesar de, num primeiro momento, parecer ser feita de material forte e de textura aparentemente diáfana, logo derretia e ficava invisível. Flores que derretiam também eram dadas.”

---

que está falando... Pela minha própria observação, cheguei à absoluta certeza da realidade destes fenômenos.”

As experiências do filósofo J. H. Fichte mexeram com ele a tal ponto que resolveu escrever um panfleto aos 83 anos, dando a seguinte razão para fazê-lo: “Apesar de minha idade e meu distanciamento das controvérsias de hoje, sinto ser meu dever dar testemunho do grande fato do espiritualismo. Ninguém deve guardar silêncio.”

Por último, a mente exigente e robusta de Lorde Brougham a tal ponto cedeu à evidência colocada diante dele que, em seu prefácio ao *The Book of Nature* (*Livro da Natureza*), comentou: “Mesmo no céu sem nuvem do ceticismo, vejo uma nuvem de chuva ainda que não seja maior do que a mão de um homem: é o espiritualismo moderno.”

Assim, também o sr. Wallace menciona a produção em Londres de uma figura feminina visível, tangível e audível logo que seu primeiro artigo foi publicado. Esta forma de espírito, vestida com roupas brancas, estava andando e conversando com os presentes por mais de uma hora e permitiu ser abraçada pelo sr. Crookes, que aparentemente pensou ser uma mulher real e viva. O experimento foi muitas vezes repetido na casa do próprio sr. Crookes, e os esforços envidados por ele e pelo sr. Varley para detectar impostura simplesmente confirmaram a crença desses homens de ciência na realidade e natureza sobre-humana da aparição.<sup>7</sup>

Nos últimos anos, tais materializações parecem ter-se tornado triviais, e muitas histórias estranhas, muitas vezes corroboradas por nomes respeitáveis, podem ser encontradas nos periódicos espiritualistas. Como amostra, podemos mencionar um relato do dr. T. L. Nichols, já falecido e natural de Malvern, de uma sessão que aconteceu por meio da mediunidade do sr. Bastian:

“Depois que várias figuras femininas apresentaram-se, uma figura masculina alta, com longa barba, flutuou para fora do armário. Um dos presentes expressou o desejo de vê-la desmaterializar-se. O guia espiritual do médium aquiesceu ao pedido e instruiu que a cúpula fosse tirada do abajur para que a luz ficasse mais forte. A figura alta postou-se nesse momento bem em frente dos que ali estavam e, nessa posição, ficou gradativamente cada vez mais baixa até que sua cabeça estava perto do carpete, onde logo desapareceu como uma pequena massa branca que parecia ser os restos dos seus trajes. O processo demorou por volta de 30 segundos.”

<sup>7</sup> Esta série de experimentos extraordinários realizados num período de seis meses está descrita no *The Phenomena of Spiritualism (Os Fenômenos Espiritualistas)*, de W. Crookes, F.R.S.

“Meio minuto depois”, continua dr. Nichols, “vimos uma mancha branca no carpete, que cresceu como uma pequena nuvem, da qual surgiu a cabeça, depois o corpo e, pouco a pouco, a figura completa da forma alta e barbuda que havia desaparecido.

Isso aconteceu numa sala pequena e acarpetada de minha própria casa, na presença de sete pessoas difíceis de serem enganadas e em condições que tornavam impossível qualquer fraude.”

No decorrer desta mesma sessão, uma figura feminina apareceu com um bebê nos braços, e um homem presente de imediato reconheceu ser sua esposa já falecida há alguns anos junto com a criança cujo nascimento prematuro fora a causa de sua morte. A criança foi identificada por uma má formação bem visível (*Light [Luz]*, 25 de novembro de 1882).

Mencionaremos apenas mais um caso no qual a médium era uma tal de srta. Showers<sup>8</sup>, de Teignmouth, e o narrador, um tal de sr. Charles Blackburn, de Parkfield, Manchester, cuja carta aparece no *Spiritual Magazine (Revista Espiritualista)* de outubro de 1874. No momento a que se refere, eram realizados três experimentos: no primeiro, foram produzidas vozes de espíritos; no segundo, rostos de espíritos. O terceiro é descrito como segue:

“Foi usado o mesmo quarto de vestir e a mesma porta encortinada, mas a cortina havia sido pregada na cornija em cima da porta para

<sup>8</sup> Esta senhorita, “filha de um general do Estado-Maior Bengalês”, de uma hora para outra cessou suas manifestações. Em resposta a indagações a respeito, sua mãe publicou uma carta no *Light (Luz)* (28 de janeiro de 1882), da qual extraímos o seguinte trecho:

“As manifestações de espíritos, que tiveram início quando a srta. Showers tinha apenas 16 anos, quase lhe custaram a vida, e ela provavelmente nunca se referá dos efeitos. Por mais de seis meses, ela perdeu o uso de seus membros. Ficou deitada num estado parcial de catalepsia de total incapacidade, mas com a realidade terrível e inexpressível do espiritualismo sempre diante dela.”

impedir a entrada de qualquer luz, e, dentro, foi posto um sofá. Neste importante teste, tirei o brinco esquerdo dela e passei uma agulha com muita linha por dentro do buraquinho. A srt. Showers deitou-se no sofá, e eu passei os dois lados da linha pelas dobradiças da porta, prendendo-os num prego que um senhor havia pregado no batente da porta, visível a todos nós. Dessa forma, ela tinha uma linha apenas passando por sua orelha no seu quarto escuro, e nós tínhamos duas pontas no quarto iluminado. Rapidamente, ela entrou em transe, e, em seguida, um espírito chamado 'Lenore' apareceu entre nós sem qualquer linha sobre ela. Todos nós tocamos suas orelhas. Não havia sequer um buraco em qualquer de suas orelhas, e os lóbulos eram muito finos e bem menores do que os da srt. Shower. A figura tinha apenas um dedão enorme em cada pé; os outros quatro dedinhos eram ossificações, não dedos. Todos examinamos seus pés pequenos demais com nossas próprias mãos e nossos próprios olhos. Não estamos nem um pouco enganados. Ela nos disse que seus pés teriam sido aperfeiçoados se houvesse mais poder. Quando esta figura se retirou, todos entramos no cômodo sem luz e acordamos a srt. Showers. Ela estava com a linha atravessando sua orelha exatamente como estava quando primeiro se deitou. Cortamos a linha perto de sua orelha e seguimos seu rastro até o prego sem um nó ou furo. Os pés da srt. Showers é desnecessário dizer, são perfeitos e foram examinados."

Estes casos servem para ilustrar o que está agora acontecendo em muitas famílias privadas assim como também em sessões de médiuns confessos.

Em um livro intitulado *An Angel's Message* (A Mensagem de um Anjo), do qual falaremos mais a respeito depois, a aparição de mãos de espírito é explicada da seguinte forma: O "anjo" declara que um espírito pode "emprestar emanações da pessoa do médium ou de qualquer um dos presentes à sessão e, condensando-as para serem bem sólidas

e tangíveis, possibilitará que você pegue nela e também servirá para levar objetos externos de uma parte da sala à outra. Estas mãos podem pegar qualquer coisa tão bem quanto você, mas, se você segurá-las em sua mão, irão derreter ou dissolver-se. Podem ser vistas por todos os presentes. Não é preciso de qualquer preparação espiritual para vê-las, pois são completamente físicas no tempo em que existem.”

Se isso for verdade, pode-se concluir então que as formas inteiras exibidas pelos espíritos são simples revestimentos materiais fabricados para si próprios por esses desencarnados rebeldes.<sup>9</sup> Talvez, invenção e progresso não estejam confinados ao nosso mundo. Pode ser que, assim como os homens têm procurado muitos expedientes para o alívio da maldição, também demônios eventualmente tenham descoberto um meio de alívio temporário dos anseios de seu espírito desencarnado ou, pelo menos, uma maneira pela qual possam aumentar sua influência sobre a raça humana. Quem sabe, no entanto, já tivessem tal conhecimento antes, porém, salvo em alguns poucos momentos, faltava-lhes a coragem ímpia de usá-lo.

Se considerarmos a enorme contribuição do médium à forma do espírito, seu transe mortal não parece ser demais. O cansaço e a exaustão que sente ao recobrar a consciência são descritos muitas vezes.

Se formas materiais alguma vez aparecerem sem a ajuda de um médium, não podem ser demônios, mas devem ser anjos de Satanás que, como já demonstramos, não são espíritos desnudos, mas possuem corpos espirituais que podem tornar-se visíveis e tangíveis quando quiserem.

O leitor agora compreenderá melhor a quinta classe de fenômeno físico do sr. Wallace. Porém, um pensamento sombrio se nos apresenta: se espíritos caídos estão dessa forma abertamente ativos

<sup>9</sup> Teosofistas, porém, insistem em afirmar que nenhum espírito pode materializar a si mesmo – exceto os da classe mais baixa, ou duendes, chamados de elementares ou primitivos. Admitem, no entanto, que espíritos mais elevados podem às vezes controlar estes primitivos e fazê-los assumirem aparências a fim de satisfazer seus propósitos.

entre nós, a que tempos de confusão parece estarmos impotentemente sendo arrastados! Quem pode espantar-se perante o entusiasmo geral que já está agitando o mundo; a rápida e inesperada seqüência de eventos; o crescimento ameaçador de exércitos e frotas; o enorme aumento na atividade mental do homem; as filosofias e credos esquisitos que estão brotando de tudo quanto é lugar; a disseminação do descontentamento, da insubordinação e ilegalidade; o egoísmo, a improbidade, falta de escrúpulos, imoralidade e outros sinais de má energia que estão multiplicando-se diariamente ao nosso redor!

Essas demonstrações de poder sobrenatural, porém, apesar de ser bem loucas às vezes – pois sessões são freqüentemente descritas como cenas de um tumulto verdadeiramente demoníaco –, têm um objetivo bem definido. Foram planejadas para perturbar a mente dos homens e levá-la do ceticismo à superstição; abalar sua fé nas velhas crenças; dessa forma, reduzindo todas as diversidades de opiniões a um nível zero e propagando mais rapidamente os ensinamentos que o príncipe deste mundo agora gostaria de impingir sobre seus súditos humanos. Por fim, os sinais e prodígios são feitos para servir como credenciais destes ensinamentos.

## Ensinamentos de Demônios

Passemos agora à segunda divisão do nosso assunto,<sup>10</sup> na qual examinaremos as doutrinas que são abertamente lançadas como “ensinamentos de demônios”.

<sup>10</sup> Nossos limites não nos permitirão falar sobre prancheta em forma de coração, que não é, de maneira alguma, uma invenção moderna. “Até hoje – diz o sr. Lillie – o templo budista é o lar dos prodígios; e, na China, em frente de muitas estátuas de Buda, há uma mesa na qual um aparelho semelhante a uma prancheta é utilizado para comunicações com fantasmas. Esta prancheta é conhecida há centenas de anos” (*Buddha and Early Buddhism [Buda e o Budismo Primitivo]*, pág. 39).

Primeiro, observamos que o próprio fundamento da nova fé é lançado em direta oposição à lei de Deus, pois as Escrituras enfaticamente proíbem toda consulta a espíritos de mortos e qualquer tipo de relação com eles. Conforme implora Isaías: “Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (Is 8.19). Se um israelita por acaso tivesse perguntado qual o possível mal em seguir o primeiro caminho, o profeta talvez tivesse respondido com as terríveis palavras da lei: “Quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra ele e o eliminarei do meio do seu povo” (Lv 20.6). A grande abominação do espiritualismo, quer antigo ou moderno, é o fato de ser baseada na substituição idólatra do Deus Eterno por espíritos dos mortos.

Daí, nada poderia ser mais forte do que o repúdio bíblico de todo o sistema. O Velho Testamento, como já vimos, ordena que sejam inexoravelmente destruídos todos os tipos de magos, feiticeiros, os que lidam com espíritos-guias, necromantes e mágicos. Nem no Novo Testamento seu destino é mais leve: pois “aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Ap 21.8).

Foi usada a ocasião em que Jesus falou com Moisés e Elias no Monte da Transfiguração para provar que até mesmo o SENHOR revogou o estatuto de falar com os mortos. Já foi dito que Ele quebrou a lei perante o próprio legislador, “e com Seu exemplo ensinou Seus discípulos, os futuros proclamadores de Sua nova lei para o mundo, a fazerem o mesmo.” Além disso, que “os discípulos, convocados a participar de algo que teria trazido a pena de morte sobre a cabeça de seus ancestrais, acharam tão bom estar ali que desejaram construir tendas para permanecer com mortos tão ilustres” (HOWITT. *History of the Supernatural [História do Sobrenatural]*, Vol. I, 197.).

Este argumento é muito utilizado por espiritualistas, que parecem vê-lo como decisivo. É apresentado, contudo, sem a menor preocupação quanto ao contexto da narrativa e outras passagens que a ela se referem, nem quanto aos simples fatos da história. Se prestarmos atenção a estes fatos, veremos que a transfiguração não pode, de maneira alguma, ser associada à necromancia, mas foi planejada para levar a cabo os seguintes propósitos:

Primeiro: cumprir a promessa do SENHOR de que iria revelar-se na glória de Seu reino a alguns de Seus discípulos enquanto ainda estivessem na carne;

Segundo: ensinar que Ele era exaltado muito acima de Moisés e Elias, os representantes da Lei e dos Profetas, que eram servos, enquanto Ele era o Filho amado.

Assim, João, em uma explícita referência à cena, diz: “E vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.” Pedro prova que não estava seguindo fábulas engenhosamente inventadas ao declarar que ele mesmo havia sido testemunha ocular da majestade do SENHOR Jesus quando estava com Ele no monte santo e ouvira a voz do Pai reconhecendo-O como seu Filho amado (Jo 1.14; 2Pe 1.16-18).

Porém, os discípulos, insistem, acharam tão bom estar na companhia de “mortos tão ilustres” que desejaram permanecer ali com eles. É verdade que Pedro pode ter tido sentimentos semelhantes aos de espiritualistas de hoje quando disse: “Mestre, bom é estarmos aqui; então, façamos três tendas: uma será Tua, outra, de Moisés, e outra, de Elias.” Mas qual foi a resposta à sua proposta? Em um instante, a visão gloriosa foi varrida de diante dele por uma nuvem, de dentro da qual ouviu-se a seguinte declaração: “Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi.” Quando ergueu o olhar para ver a quem a voz se referia, viu somente Jesus, ninguém mais. Poderia ter havido um aviso mais claro contra procurar qualquer um além do Filho de Deus?

Por último, a expressão “mortos tão ilustres” é totalmente inapropriada já que não parece ter estado presente na transfiguração

nenhum espírito desnudo. Certamente, Elias não o era, já que nunca morreu. É também muito provável que Moisés também estivesse de corpo presente. Ou por que o arcanjo Miguel disputaria com Satanás o corpo de Moisés? (Jd 9). Por que ele, que tem o poder de morte, não teve permissão de reduzi-lo à corrupção e lidar com ele como com todos os outros corpos? Não poderia ser que Deus o preservara exatamente para este momento? Assim, o SENHOR de fato demonstrou como será Seu reino, pois Moisés e Elias representavam Seus santos ressuscitados e mudados, enquanto ambos estavam revestidos de corpos glorificados como o Dele próprio.

[Além do mais, o texto citado antes (Ap 21.8), que condena os feiticeiros ao lago de fogo, foi escrito muito tempo depois da transfiguração por alguém que esteve presente. Fica claro que João não considerava essa cena como uma revogação das condenações anteriores com relação à feitiçaria.]

É impossível, portanto, encontrar na Escritura qualquer sanção para consultar os mortos. Que a seguinte declaração seja bem ponderada por aqueles ainda abertos à convicção. Ouvimos falar da associação ilícita entre homens e demônios no Velho Testamento. Temos seres miseráveis possuídos por espíritos impuros e a donzela filipense inspirada pelo espírito pitônico no Novo. Sabemos do espírito que agora trabalha nos filhos da desobediência, de espíritos que vagueiam e demônios que ensinam mentiras na hipocrisia, dos três espíritos imundos como sapos, os espíritos de demônios, que de agora em diante sairão a incitar os que odeiam a Deus em seu último grande esforço. Contudo, na Bíblia inteira, não há nem sequer um exemplo de um espírito influenciando os homens para o bem com exceção apenas do Espírito de Deus. Este fato significativo deve ser lembrado com muito cuidado, pois os espiritualistas têm a tendência de confundir a mente dos incautos ao ignorar isso e argumentar que as Escrituras sancionam manifestações demoníacas, porque registram a ação do Espírito Santo e falam sobre mensageiros angelicais. Porém, o cerne

da questão é a legalidade da comunicação com espíritos dos mortos, e ela não pode ser nem resolvida nem afetada de maneira alguma por revelações relativas ao Espírito de Deus e às missões dos anjos.

Inteiramente irrelevantes, portanto, são as palavras de Davi citadas freqüentemente em referência à construção do templo: “Tudo isto, disse Davi, fez-me entender o SENHOR, por escrito da sua mão, a saber, todas as obras desta planta” (1Cr 28.19). Apesar de estar bem claro que os planos do templo foram comunicados a Davi de alguma maneira sobrenatural, e mesmo que o modo de comunicação possivelmente pareça com o de psicografia em nossos dias atuais, ainda assim está explicitamente dito que a influência é a do próprio Jeová, não de espíritos de mortos.

O caso da carta que chegou a Jeorão vinda de Elias, o tesbita, também está fora dos limites dessa controvérsia. Mesmo que admitamos a hipótese de que Elias já havia deixado a terra, não havia deixado para trás uma carta, mas voltado para comunicá-la, ainda assim permanece o fato de que ele nunca passou pela morte. Seria, portanto, absurdo inferir qualquer coisa que seja referente à condição dos mortos a partir do que foi registrado sobre um profeta trasladado.<sup>11</sup>

Podemos, então, afirmar com certeza que a lei peremptória contra a consulta aos mortos nunca foi anulada, nem mesmo suspensa.

As Escrituras freqüentemente falam sobre o ministério de anjos, mas, como já vimos antes, estes não são espíritos desencarnados nem formas glorificadas de quem quer que seja que tenha vivido na carne em nossa época. O próprio SENHOR os caracteriza como sendo uma

<sup>11</sup> Mas é provável que Elias ainda estivesse vivo na terra quando a carta chegou a Jeorão. A data da trasladação não pode ser fixada, e o incidente que supostamente prova que aconteceu antes da expedição do israelita Jeorão contra Moabe é pouco conclusiva. O servo do rei de Israel de fato disse: "Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias." Porém, isso não quer dizer necessariamente que falava de Elias como se não estivesse mais aqui na terra. Pode ser que estivesse apenas pensando em uma ocasião no passado, talvez uma vez que o profeta tenha comparecido à corte, na qual viu Eliseu ministrando-lhe.

criação à parte e nos diz claramente que não poderemos ser semelhantes a eles até a primeira ressurreição, que deve acontecer na Sua volta à terra (Lc 20.35, 36).

Os espiritualistas realmente tentam contornar essa dificuldade ensinando, contrários às Escrituras, que a ressurreição acontece na morte e, portanto, já se cumpriu no caso de todos os mortos. Podemos responder a isso somente incluindo-os na mesma categoria de Himeneu e Fileto, de quem Paulo afirma que se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e que estavam pervertendo a fé a alguns (2Tm 2.17, 18).

Retomando o raciocínio, os anjos trazem mensagens de Deus, palavras infalíveis que devem ser recebidas irrestritamente como a verdade absoluta. Isso difere muito das declarações reconhecidamente inconfiáveis dos demônios durante as sessões; pois os espiritualistas admitem que seus guias espirituais podem, via de regra, expressar apenas opiniões. Um de seus princípios é “que comunicações do mundo dos espíritos, quer por impressão mental, inspiração ou qualquer outro tipo de transmissão, não são necessariamente verdade infalível; pelo contrário, compartilham inevitavelmente das imperfeições da mente de onde emanam e dos canais através dos quais passam e são, além do mais, sujeitos à deturpação por aqueles a quem são endereçadas.”<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Só para ilustrar um pouco mais essa incerteza, copiamos abaixo um trecho de um artigo redigido pelo escritor inspirado muito conhecido T. L. Harris:

“Não há como confiar em meras declarações verbais vindas dos espíritos com relação a suas crenças reais. Um tipo engana de propósito, simplesmente penetrando seus pensamentos gerais de maneira fluida, coincidindo com suas mais pias convicções com o propósito de obter domínio supremo e destrutivo da mente e do corpo. Outro tipo é simplesmente parasita, negativo, atraído à esfera pessoal do médium e procurando aquecer-se em sua luz e calor absorvendo as forças vitais, das quais se alimenta e pelas quais renova por um tempo sua inteligência já apagada e o sentido de apatia. Aos muçulmanos, ele confirma o Alcorão; aos pantheístas, endeusa a natureza; aos que acreditam na humanidade divina, glorifica a palavra. Como todo homem que está crescendo luta para obter livramento do egoísmo, com suas obstruções mortas, limitações vacilantes, é especialmente perigoso ligar-se às seitas mortais de egoísmo, de sociedade humana inversa, ou de hordas, tribos e bandoleiros errantes do mundo dos espíritos” (*The Spiritualist [O Espiritualista]*, 25 de junho de 1875).

Como os espiritualistas nos dizem que os autores da Bíblia eram parecidos com os médiuns de hoje, é fácil ver que sua doutrina de falta de confiabilidade não apenas prova o demérito de seus próprios oráculos, mas também mina a autoridade das Escrituras. Assim, ela une seus simpatizantes a racionalistas e filósofos infiéis, pois tende a imputar tudo ao critério da razão humana.

Podemos ainda argumentar que, se não considerarmos o caso de Samuel, enviado por Deus em Sua ira, não há nas Escrituras nem a mais leve alusão à possibilidade de comunicação entre os que se foram no SENHOR e os que ainda permanecem na terra. Não somente isso, mas todo peso de evidência está contra tal idéia. “Porque dentro em poucos anos eu seguirei o caminho de onde não tornarei”, como diz Jó (Jó 16.22). “Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim,” disse Davi da criança que perdera (2Sm 12.23). Paulo não consola os tessalonicenses de sua perda sugerindo comunicação com espíritos desencarnados, mas instando com eles para que aguardem com entusiasmo a volta de seu SENHOR e a ressurreição, quando mortos e vivos se encontrarão de novo para nunca mais se separarem (1Ts 4.13-18).

Os espiritualistas não precisam discorrer sobre a dificuldade envolvida na crença da ressurreição e na mistura inextricável de átomos, qualquer um dos quais podendo ter ajudado a formar a parte material de muitos homens e animais. Se a dificuldade existisse, seria suficiente para aqueles que crêem em Deus (isto é, em um Deus de verdade e não apenas na divinização de sua própria pessoa finita) saber que Ele já se havia encarregado da solução. Contudo, as Escrituras nunca declararam que ressuscitaremos com o corpo de carne no qual agora residimos. Aos que sugerem tal ressurreição, Paulo responde com aspereza: “Insensato! O que semeias não nasce, se primeiro não morrer; e, quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente. Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado” (1Co 15.36-38).

Assim também cada pessoa de Deus irá receber seu próprio corpo no grande dia – um corpo, não idêntico àquele em que viveu aqui na terra, mas ligado a ele como a haste do trigo é ligada ao grão degenerado do qual saiu. Nossa habitação imortal será composta de carne e osso, assim como o corpo ressurreto de nosso SENHOR. Ele mesmo o declara em Lucas 24.39, mostrando a diferença entre Ele e um espírito desnudo, estado intermediário em que esteve quando, tendo sido morto na carne mas vivificado em espírito, desceu à escuridão do Hades.

Não devemos, no entanto, passar por cima de um versículo muito citado que supostamente implica em comunicação com espíritos desencarnados. Disse João: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus...” (1Jo 4.1). Argumenta-se que tal preceito não apenas prova a existência de espiritualismo na igreja primitiva, mas também dá sanção apostólica positiva à comunicação com os mortos em Cristo.

A partir da maneira como João fala, podemos ver que se refere ao exercício de algum dom familiar e lícito, do qual podemos esperar corretamente menção em outras partes do Novo Testamento. Tal menção de fato encontramos, pois o apóstolo está claramente legislando sobre os casos de profecias e falar em línguas que eram comuns na igreja, e dos quais Paulo trata extensivamente na primeira epístola aos coríntios.

Porém, qual poder produzia essas manifestações? Não por espíritos de mortos, mas pela atuação direta do Espírito de Deus. Paulo tem todo cuidado de destacar esse fato em sua lista preliminar de dons espirituais e, não contente em tê-lo mencionado seis vezes, conclui com as seguintes palavras enfáticas: “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1Co 12.11). A narrativa do dia de Pentecostes também concorda com isso ao dizer que os discípulos “ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4).

Como há apenas um Espírito trabalhando nos filhos de Deus, fica evidente que a ordem de testar os espíritos refere-se não à fonte de inspiração, mas aos espíritos daqueles que dizem ser impelidos pelo Espírito Santo, o plural tendo sido usado por Paulo ao declarar que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas...” (1Co 14.32). Essa interpretação se adequa bem ao contexto todo.

A advertência apostólica não foi supérflua. Como era fácil de prever, Satanás rapidamente começou a falsificar as manifestações do Espírito, introduzindo profetas falsos e inspirados por demônios entre os verdadeiros crentes. Traços inconfundíveis dessa diabrura podem ser detectados no pedido afetuoso de Paulo aos tessalonicenses: “... a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor” (1Ts 2.2). Os demônios que ensinam já estavam-se espalhando por toda parte; os mistérios da anarquia já estavam operando mesmo naquela época.

Por esse motivo, o dever inculcado por João é o de testar os espíritos dos profetas para descobrir se são influenciados pelo Espírito de Deus ou por demônios. Os efésios pareciam obedecer a esse preceito quando testaram aqueles que se diziam apóstolos, mas não eram, e os acharam mentirosos (Ap 2.2). Tivesse alguém se apresentado como um reconhecido necromante, teria sido rejeitado imediatamente sem exame algum, pois os apóstolos reconheciam apenas a influência de “um só e o mesmo Espírito” da parte do SENHOR e sabiam que todo necromante era uma abominação perante Ele.

Finalmente, a Bíblia não nos dá nenhuma razão para supormos que santos já falecidos possam sequer ver o que está acontecendo no mundo.

Há, no entanto, um trecho em Hebreus muitas vezes explicado como se desse a entender que são usados dessa forma. Diz Paulo: “Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que

nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hb 12.1,2a).

Mesmo que admitamos que o espírito dos que morreram na fé está aqui apresentado como a contemplar nossas ações sobre a terra, não há, no entanto, nenhuma sugestão de comunicação com tal espírito legal ou possível, muito menos de qualquer tipo de ajuda que possa ser obtida. Apenas a Jesus somos instados a olhar. Mortos podem testificar de Seu poder e amor pelos registros de sua vida passada. Se, porém, for permitido aos espiritualistas interpretarem o trecho de seu jeito, não podem achar nenhum apoio para a doutrina fundamental que defendem. Contudo, tal explicação, apesar de colocar diante de nós uma metáfora perfeita, não parece adequar-se à situação.

No tratado sobre fé, do qual esse versículo inicia a aplicação prática, o verbo da mesma raiz da palavra traduzida por "testemunhas" é usado cinco vezes, ocorrendo finalmente na própria sentença que precede o versículo examinado (Hb 11.39). Em cada caso, é usado no sentido de "testemunhar" e não de "presenciar" um espetáculo. Não parece também provável que Paulo, ao inferir sobre seu argumento, fosse de repente mudar o sentido de uma palavra tão importante.

Possivelmente, portanto, as testemunhas não são espectadores de nossa fé, mas testemunhas da fé no sentido abstrato, do que poderia ser feito pela fé antes do desabrochar do amor de Deus, o qual, sendo agora conhecido, deveria agir como um estimulante muito mais poderoso sobre nós. Este sentido tanto se encaixa na linha de pensamento, quanto remove a necessidade de encontrar, neste trecho, uma doutrina que não pode ser descoberta em qualquer outro trecho da Escritura. [Além do mais, a palavra usada é *μάρτυς* (mártys), o termo normal para alguém que testemunha a respeito de algo sobre o qual tem conhecimento, uma testemunha. Não é *ἐπόπτες* (epóptis), como em 2Pedro 1.16, o termo correto para testemunha ocular.]

O caso do iníquo talvez seja diferente. Morrendo mais sob a influência daquele que detém o poder da morte, pode ser que, em

certas circunstâncias, ele alcance seu principado do ar. Se isso for verdade, então não é de todo impossível que às vezes se comunique com espíritos compatíveis ainda na carne. Entretanto, isso não pode ser provado e de fato parece muito improvável. O homem rico no Hades, quando preocupado com seus irmãos, fala sobre estes como se estivessem bem longe, sente sua incapacidade de ajudá-los e espera que a condição do justo seja diferente; insiste que Lázaro seja enviado a eles. O que se segue é notável e, mais uma vez, lança uma escura sombra sobre a recriminação de Deus quanto ao sistema espiritualista como um todo. Abraão responde que eles têm Moisés e os profetas; a eles devem dar ouvidos. Quando o homem rico, com o sentimento de um espiritualista moderno, insiste em afirmar que, se um deles aparecesse dos mortos, eles se arrependiam, finalmente é informado que a misericórdia de Deus já elaborou a mensagem aos homens caídos, mensagem esta que contém tudo o que pode ser efetivo de fato para afastar os homens de seus pecados; assim, se endureceram o coração contra Suas palavras, nada os salvaria, nem mesmo a volta de alguém dos mortos.

Se, contudo, os espíritos dos perdidos que já viveram em nosso mundo podem comunicar-se com seus amigos, isso só acontece em casos excepcionais – a não ser que os poderes da escuridão já estejam apressando o fim, derrubando as barreiras dentro das quais Deus os confinava. Provavelmente, no entanto, como já destacamos anteriormente, os seres que inspiram os médiuns e fazem prodígios para confirmar uma mentira são relíquias abomináveis de algum mundo anterior.

Por conseguinte, toda carga de evidência bíblica manifesta-se contra a comunicação com os mortos, mesmo admitindo que haja essa possibilidade. Todavia, os demônios revidam, pois seus ensinamentos são aberta e audiosamente contrários às doutrinas da revelação e, se prevalecerem, irão rapidamente apagar os próprios nomes do Pai, Filho e Espírito Santo, substituindo-os por uma humanidade divinizada. Isso nos esforçaremos por provar agora, citando opiniões de

espiritualistas importantes sobre as grandes verdades fundamentais do cristianismo.

Em primeiro lugar, então, perguntaríamos: o que pensam sobre Cristo? Aparentemente, muito pouco, pois, mesmo por escritores que declaram que ainda O vêem como Filho de Deus, é explicado como se fosse uma mera emanação divina ou quase perdido no meio de uma nuvem de demônios bonzinhos. Porém, a maioria dos espiritualistas O considera apenas como um médium muito poderoso e compara-o, como mestre, a Buda, Confúcio ou Zoroastro. Por outro lado, outros adotam um tipo de unitarismo semelhante ao de Swedenborg (famoso vidente da época), fazendo Cristo e o Pai uma só pessoa e, em alguns casos, dando uma explicação sobre a Trindade que é simplesmente estarrecedora em sua blasfêmia.

Dentre os que falam com reverência, encontra-se a sra. De Morgan; mas o que dizer a respeito do seguinte trecho de seu livro intitulado *From Matter to Spirit* (De Matéria a Espírito)?

“A Palavra de Deus é, então, a frase usada na Escritura para exprimir o derramamento da emanação vinda de nosso Pai celestial em sua energia criadora, doadora de vida e inspiradora e em seu poder de redenção e santificação. A Bíblia é a história da Palavra em todos seus graus de atuação e modos de manifestação, dos processos de cura por hipnose simples e clarividência à sua perfeita e total manifestação na pessoa do Salvador, a Palavra encarnada.”

A doutrina predominante é, no entanto, aquela que considera Cristo como nada mais do que um médium poderoso, e grande ênfase é dada ao versículo “aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará” (Jo 14.12). O resto da sentença – “porque eu vou para junto do Pai” – normalmente não é mencionado visto que enfatiza demais o fato de que as obras só poderão ser realizadas em Cristo e por meio de Cristo. Muito menos se acha útil

citar a promessa que vem a seguir, pois de que maneira poderia o SENHOR mais enfaticamente declarar-se Deus do que pelas palavras: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma cousa em meu nome, eu o farei” (Jo 14.13, 14)?

Não obstante, a primeira parte deste trecho é muito injustamente mencionada como prova que os milagres de Cristo não eram milagres, mas simplesmente o resultado das leis naturais das quais Seu poder mediúnico permitia lançar mão. É, por isso, aberta a qualquer médium de hoje a capacidade de exibir prodígios semelhantes. Com isso, o abismo que separa espiritualistas da fase moderna da infidelidade chamada positivismo é transposto, e não há problema nenhum em entender a simpatia que a *London Dialectical Society* (*Sociedade Dialética de Londres*) recentemente tem conferido ao espiritualismo. O positivista nunca teve objeções em reconhecer prodígios se pudesse ser convencido de que fossem resultados das leis naturais. A nova religião irá até permitir que declare uma crença nos milagres de Cristo sem, contudo, abrir mão de sua doutrina fundamental: “Desde que os pais dormiram, todas as cousas permanecem como desde o princípio da criação” (2Pe 3.4).

Em *Heterodox London* (*Londres Heterodoxa*), o dr. Maurice Davies relata um discurso inspirado na sra. Cora Tappan, uma médium falante muito conhecida. O tópico foi escolhido por um comitê composto de cinco pessoas da platéia, escolhidas ao acaso após o início da reunião, e incluía três que não eram espiritualistas. O tópico era: “Que grande Mestre produziu o efeito mais potente sobre a sociedade e por quê?” Num discurso de impacto considerável, durante o qual ela lançou muitas dúvidas quanto às circunstâncias milagrosas do nascimento de nosso Senhor, a oradora sustentou que a vitória fosse conferida a Ele mais do que a Buda, Zoroastro, Confúcio, Sócrates ou Aristóteles.

Ao encerrar sua preleção, enquanto ainda sob influência do demônio, ofereceu-se para responder qualquer pergunta da platéia,

e imediatamente lhe perguntaram: “Você considera Cristo como Deus de fato ou apenas um mestre humano?” A isso, ela respondeu de maneira evasiva: “Não nos foi perguntado sobre nossos pontos de vista teológicos; apenas sobre qual grande mestre havia tido a maior influência sobre a sociedade humana.”

Outra pessoa expressou sua surpresa por ela não ter atribuído o poder superior de Cristo ao fato de Ele ser Deus. Sobre isso, ela teceu os seguintes comentários:

“Cremos que toda verdade vem de Deus, e que Cristo incorporou em Sua forma tanto a divindade quanto a verdade que expressou. Cremos que era o Filho de Deus e que representava as possibilidades do homem visto que prometeu os mesmos dons a outros que Ele mesmo possuía. Mas certamente nos recusamos a entrar em qualquer discussão sobre o credo trinitário ou unitarista, ou qualquer forma de controvérsia teológica. As palavras de Cristo ao dizer ‘eu e o Pai somos um’ não queriam dizer que Ele era Deus. Se Ele e Seu Pai eram um, queria apenas dizer que eram um em espírito, e a promessa dada aos filhos da terra, a mesma que a Cristo, é prova de que Cristo não poderia ser uma personificação maior da divindade do que a humanidade divina e perfeita que Ele representava.”

Seria supérfluo comentar algo mais, pois a voz do dragão pode facilmente ser detectada nessa resposta. Como, no entanto, o ponto é importante, citaremos as opiniões de outros dois líderes do movimento.

Diz Gerald Massey:

“Eu não acho que Cristo reivindicou para Si mais o que ofereceu como possibilidade aos outros. Ao identificar-se com o Pai, referiu-se à unicidade da mediunidade. Ele foi o grande médium ou mediador” (*Concerning Spiritualism [A Respeito do Espiritualismo]*, pág. 65).

O espírito controlador de “M. A. Oxon” exorta-o a “discernir entre a verdade de Deus e as falsas interpretações humanas”. Deveria saber que a divindade do Senhor Jesus é “uma ficção, que Ele gostaria de desmentir, e que o homem impingiu sobre Seu nome” (*Spirit Teachings [Ensinamentos Espirituais]*, p. 90).

Outra heresia a respeito de Cristo consiste em dizer que Ele é o Pai, ignorando as outras pessoas da Trindade conforme reveladas na Escritura.

“Jesus, Deus Messias, que  
É Mediador e Pai também”

Diz o poema inspirado *A Lyric of the Martyr Age (Ode à Idade do Martírio)*. O autor revela, mais tarde, o que chama de a verdadeira doutrina sobre a Trindade: que Jesus é o Pai, e que homem e mulher, na condição eterna de casamento, são Filho e Espírito Santo. Este poema contém muitos trechos grandiosos e lindos, mas a blasfêmia de seus sentimentos é muito ofensiva. Na página frontal, consta os seguintes versos, que dão início ao poema:

“Não tem data ou lugar  
Este poema da espiritual região;  
Nem tampouco poderá o leitor afirmar  
Conhecer a fonte de onde provém então.”

Se, porém, o leitor acreditar e confiar nisso, poderá, mais tarde, vir a conhecer o autor desprovido de disfarces e dissimulações e passar por um susto pior do que o que sofreu a vítima do profeta velado do Afeganistão quando finalmente teve um vislumbre da face que tanto quis ver.

O espaço nos permitirá mencionar mais uma idéia com relação a Cristo, a doutrina desvairada que Lhe atribui uma natureza dupla.

Dessa forma, tal doutrina forja um dos elos de ligação entre espiritualismo e teosofia. Esta idéia já foi apresentada pela seita de T. L. Harris, cujo quartel-general situa-se em São Francisco, com ênfase especial, mas que inclui alguns nomes de ingleses respeitáveis entre seus seguidores. Nas visões desse vidente, Cristo, quando aparece para fazer revelações, é descrito como evoluindo de Si próprio para uma forma de mulher chamada Yessa, que permanece a Seu lado! Entre os espiritualistas ingleses, têm circulado revelações que anunciam a epifania rápida de um Messias feminino, “a segunda Eva e mãe de todos os que vivem.” De fato, o Messias duplo, apesar de no presente ter-se manifestado a apenas alguns poucos, supostamente já voltou à terra, como pode ser visto no estranho relato que segue.

Não faz muito tempo que foi formada, ligada à *Christian Spiritualist Mission* (Missão Espiritualista Cristã), o *Inner Circle of the Mystery of the Divine Presence* (Círculo Secreto do Mistério da Presença Divina) em Hackney. Na primeira sessão (13 de outubro de 1882), alguém que se auto-intitulava de “o mensageiro”, chamado para proclamar a real volta de Cristo para a terra, leu a primeira parte da *The New Revelation* (Nova Revelação), que explicava o mistério de Deus como sendo o elemento feminino da divindade. “Escutavam-no com uma atenção enlevada no círculo, enquanto o mistério era revelado e prefigurado perante eles nos ritos, cerimônias e visões pelo sacerdote, povo, patriarca e rei no Velho Testamento” (*Herald of Progress* [Arauto do Progresso]), 20 de outubro de 1882).

“Ao encerrar a entrega do Apocalipse, o Senhor apareceu de pé atrás da pessoa que estava revelando, com a personalidade celestial feminina, tanto para apoiar seu Mensageiro quanto corroborar o Apocalipse (a revelação) com sua presença gloriosa. Uma visão infindável de anjos e espíritos radiantes, acompanhantes e espectadores da cena, estendia-se até onde alcançava a vista, dessa forma cumprindo mais uma vez a Escritura referente à segunda vinda. As palavras brilhavam

em letras iluminadas: ‘Não temais, pois eis que estou convosco!’, e a influência daquela presença era exercida sobre todos” (*Herald of Progress [Arauto do Progresso]*, 27 de outubro de 1882).

A insolência ímpia desta e de outras tentativas de introduzir o elemento feminino na divindade, exatamente o contrário do que diz expressamente a Escritura, será discutida no próximo capítulo. As aparições relatadas - pois não são uma ocorrência isolada – de nosso Senhor a alguns poucos, em salas fechadas, também são um grave sinal dos tempos; porquanto provavelmente nos fornecem uma dica quanto ao significado das seguintes palavras de aviso proferidas por Ele: “Portanto, se vos disserem: ... Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis” (Mt 24.26).

Tais, então, são algumas das várias maneiras usadas pelos demônios que ensinam para tentar obscurecer ou, pelo menos, desfigurar a gloriosa forma do Filho Unigênito do Pai. Suas doutrinas sobre o Espírito Santo não são menos perigosas. Talvez, o erro mais comum seja a fábula blasfema de que Ele é o elemento feminino da Trindade<sup>13</sup>, mas isso pertence mais à teosofia do que ao espiritualismo.

A doutrina mais comum do último credo mencionado é o que Owen expõe em seu *Debatable Land* (Terra em Debate), ao sugerir que “Espírito Santo” significa “Sopro Santo” e declarar que nosso Senhor

<sup>13</sup> Faz tempo que esta idéia está em uso, e reviverá, no presente, o culto à Rainha Babilônica do Céu. Isso, quem sabe, acabe efetuando o cumprimento final de Apocalipse 17.3-6, o que não suspeitávamos. Já faz alguns anos desde que o famoso A. J. Davis declarou, no quinto volume de *Great Harmony (Grande Harmonia)*, os seguintes sentimentos com relação a Ann Lee: “Ela expôs um princípio, uma idéia, que nenhum homem, nem mesmo Jesus, havia anunciado ou, talvez, nem sequer suposto antes. Este princípio, em resumo, é o seguinte: Deus é duplo – ‘Ele e Ela’ – Pai e Mãe! Mestres hindus conseguiram um vislumbre dourado dessa verdade impessoal. Formação e destruição, princípios, leis e energias femininas e masculinas eram observados e ensinados pelos primeiros habitantes. Porém, nenhuma pessoa, desde o deus brâmane ao presidente Buchanan, fez o que Ann Lee fez por esta idéia revolucionária. Ela centrifugou-a em mil formas de expressão, o que alçou vôo em sua alma. Melhor do que a posição de santa da Virgem Maria num templo ético, é o anúncio de que Deus é tanto mulher quanto homem.” Os que estão em Cristo precisam, em verdade, orar: “Santificado seja o Teu nome. Venha Teu reino.”

não quis dizer nada mais do que isso quando pronunciou “Espírito da verdade” (Jo 16.13).

Se isso for verdade, por que, no trecho citado pelo sr. Owen, nosso Senhor prossegue enfaticamente: “ele - ἐκεῖνος - vos guiará a toda a verdade” (Jo 16.13), apesar de a palavra para Espírito – τὸ πνεῦμα - estar no gênero neutro? Mas Gerald Massey vai além:

“Falamos sobre acreditar na comunhão do Espírito Santo de uma maneira bem geral, mas que comunhão poderia ser mais santa do que aquela entre o filho na terra e o espírito de um dos pais que já se foi? Que forma mais natural do que essa poderia ser assumida pelo Espírito Santo do próprio Deus? ‘Eu enviarei a vós o Consolador’, disse Jesus Cristo, e por que essa promessa não poderia ser cumprida pela mãe de luto através do espírito daquela criança que julga perdida para ela, por ter perdido de vista o rosto amado ao entrar na nuvem?”

Espíritos que se comunicam, supostamente daqueles que já morreram, são recebidos no lugar do Espírito Santo. É penoso citar esses ensinamentos dos demônios, mas multidões, que, no presente, não têm a menor intenção de negar tanto o Filho quanto o Espírito Santo, estão envolvendo-se com o espiritualismo, e o que mais podemos fazer além de soar o alarme?

Um pouquinho de leitura mostrará que a maioria dos escritores espiritualistas concorda com o sentimento do último trecho citado com respeito à afeição natural. Parecem considerá-lo sempre como a coisa mais sagrada, enquanto Deus ocupa, no máximo, apenas o segundo lugar em seus pensamentos. Assim, invertem completamente a ordem da Escritura, que coloca o Criador no grande centro, antes de nós. Apesar de a Bíblia ordenar-nos de fato a termos amor dos mais ternos por nossos parentes e amigos, ensina-nos, mesmo assim, que a fonte de nossos afetos deve ser o fato de que Deus uniu seus amados a nós e que Cristo morreu por eles.

Mas não há falta de indícios claros de que os espiritualistas estejam avançando em direção à negação do próprio Pai, assim como do Filho e Espírito Santo, e à atribuição pública de tudo a seus demônios. Não se percebe uma forte tendência a isso nos seguintes comentários do grande naturalista Louis Figuier?

“Em nossa crença consciente nos é transmitida uma impressão por um ser amado, roubado de nós pela morte. Pode ser um parente, um amigo que já deixou a terra e que se digna a revelar-se para nos guiar em nossos atos, traçar-nos um caminho seguro e trabalhar pelo nosso bem. Homens covardes, perversos, desprezíveis e mentirosos existem, de quem dizemos que não têm consciência. Não sabem distinguir entre o bem e o mal; falta-lhes total senso de moral, porque nunca amaram alguém, e sua alma, desprezível e vil, não é digna de ser visitada por quaisquer desses seres superiores que apenas se manifestam a homens parecidos com eles ou que os tenham amado. Um homem sem consciência é, portanto, alguém considerado indigno, pela essência corrupta de sua alma, dos conselhos elevados e da proteção daqueles que já se foram.”

Assim, é retirada de nosso meio uma grande testemunha da presença e do poder de Deus. A consciência deve ser considerada, não mais como temor do Todo-Poderoso e de Seu julgamento vindouro, mas como uma impressão transmitida a nós por algum amigo morto! E não é só isso.

Também falam que os espíritos desencarnados podem dar-nos conselho e direção, contanto que “mantenhamos o culto à sua memória”; e somos instruídos a consultá-los em toda e qualquer dificuldade. Para apoiar essa doutrina, Figuier, em *Day after Death* (O Dia após a Morte), menciona os seguintes casos, cuja autenticidade ele atesta:

“Dr. V-, um materialista confesso, alguém que, de acordo com a frase popular, não acredita em nada, acredita, no entanto, em sua mãe. Ele a perdeu cedo e nunca deixou de sentir sua presença. Ele nos disse que fica mais junto de sua mãe agora que ela está morta do que quando estava viva. Esse apóstolo confesso do materialismo médico conversa com uma alma emancipada sem ter consciência disso.

“Um jornalista muito famoso, o sr. R-, perdeu um filho de 20 anos, um jovem charmoso e gentil, escritor e poeta. Todos os dias, o sr. R- tem uma conversa íntima com seu filho. Quinze minutos de meditação solitária abrem-lhe o caminho para uma comunicação direta com o ente amado roubado de seu cuidado.

“Sr. L-, um advogado, tem conversas constantes com uma irmã que, quando viva, possuía, de acordo com ele, toda perfeição humana e que nunca deixa de guiar seu irmão em todas as dificuldades de sua vida, sejam grandes ou pequenas.

“Outra consideração se nos apresenta em apoio à idéia que nos ocupa no momento. Tem sido comentado que artistas, escritores e pensadores, após a perda de alguém querido, constataram um aumento de suas capacidades, talentos e inspirações. Podemos conjecturar que as capacidades intelectuais daqueles que amavam foram adicionadas às que já tinham. Sei de um financista que é famoso por seu tino para negócios. Quando se vê em apuros, ele pára sem se preocupar em procurar uma solução. Espera, sabendo que a idéia que falta lhe virá espontaneamente, e, às vezes após dias, às vezes após horas, a idéia vem como esperava. Este homem feliz e bem-sucedido já passou por uma das tristezas mais profundas que o coração pode sentir. Perdeu seu único filho de 18 anos, um filho dotado de todas as qualidades da maturidade aliadas aos

encantos da juventude. Nossos leitores poderão tirar suas próprias conclusões."

Os exemplos acima podem ser descritos como algo diferente de procurar os mortos, que o Senhor abomina? Se bênçãos assim podem ser conseguidas de espíritos de amigos mortos, qual o propósito de adorarmos Deus? Entre os que crêem nisso, será que o culto aos mortos não irá rapidamente absorver qualquer outro tipo de devoção?

Contudo, na dissertação do sr. Wallace sobre o espiritualismo moderno, encontramos uma declaração ainda mais chocante já que parece insinuar que até as orações apresentadas ao Altíssimo em nome do Senhor Jesus dependem, pelo menos às vezes, da boa vontade dos espíritos do ar para serem respondidas:

"A oração, muitas vezes, pode ser respondida, mas não diretamente pela divindade. A resposta nem mesmo depende totalmente da moralidade ou da religião do suplicante. Porém, como homens, tanto morais quanto religiosos, e que crêem firmemente na resposta divina à oração, oram mais freqüentemente, com mais ardor e maior desinteresse, irão atrair a si próprios um número de seres espirituais que simpatizará com eles; assim, quando o poder mediúnico necessário fizer-se presente, serão capazes de receber resposta à oração sempre que quiserem. Um exemplo notável disso é o do sr. George Müller, de Bristol, que, no presente momento, tem dependido exclusivamente de respostas às suas orações para seu próprio sustento e o de suas obras de caridade maravilhosas há uns 40 anos... O espiritualista explica tudo isso como uma influência pessoal. A simplicidade perfeita, fé, caridade incomensurável e bondade de George Müller têm arrolado seres da natureza semelhantes à sua causa. Seus poderes mediúnicos permitiram que trabalhassem para ele, influenciando outros a enviarem dinheiro, comida, roupas, etc., tudo chegando, por assim dizer, 'na hora H'."

Um livro inspirado diz:

“Não é necessário que um homem ore antes de ser ajudado, mas é recomendado, porque, apesar de seus amigos espíritos conseguirem ler seus pensamentos e compreender seus desejos, ele perde o auxílio de muitos outros que não podem ler seus pensamentos, mas que seriam atraídos a ele por suas orações e ajudariam se soubessem que desejaria ser ajudado. A oração é, portanto, algo como anunciar seus desejos nos jornais” (*Life Beyond the Grave* [Vida Além Túmulo], págs. 140-141).

Os que conseguem acatar ensinamentos como os que citamos acima logo devem perder o último fragmento de sua vaga crença em Deus. De fato, um escritor espiritualista da *Westminster Review* (*Revista Westminster*) (outubro de 1875) não hesita em expressar-se da seguinte maneira:

“Além do mais, o conceito de um reino da lei harmoniza-se com o tecido mental da época, enquanto aquilo que suplanta não o faz. Deixamos de incorporar o conceito de estado numa pessoa, e já é hora de deixarmos semelhantemente de incorporar o conceito do universo. Lealdade a um governante pessoal é um anacronismo do século 19, mas o sentimento que isso inspirou pode encontrar ampla satisfação na devoção desinteressada ao bem-estar da comunidade.

Igualmente, a lealdade a uma pessoa divina irá um dia extinguir-se como a manifestação de um sentimento que deveria influenciar-nos em nossos relacionamentos como um todo do qual somos parte insignificante, mas seu lugar será ocupado por uma conformidade consciente e alegre às leis necessárias para o bem-estar do universo. Transferiremos à comunidade das coisas a sujeição amorosa que éramos obrigados a render ao Grande Rei.”

Diz João: "Este é o Anticristo, o que nega o Pai e o Filho." Certamente, o espiritualismo parece estar treinando os homens para os ensinamentos desse ser terrível.

Precisamos, agora, dedicar alguns momentos ao assunto geral da comunicação com espíritos. Grande parte desses é um absurdo completo ou tão lugar-comum quanto os que podemos facilmente ver em nosso próprio mundo. Quando, no entanto, tentam ser didáticos, muitas vezes expõem pontos de vista notavelmente semelhantes a certas teorias racionalistas, mas também são freqüentemente descritivas com relação à terra espiritual e ao estado após a morte.

Mais uma vez, podemos perceber a declaração de rebeldes, pois Deus reteve inteiramente esse tipo de conhecimento. A Bíblia nunca entra em detalhes sobre o estado intermediário. Não agrupa, como o Alcorão, tudo o que é agradável aos sentidos terrenos torpes, e balança esse retrato como um prêmio aos que triunfarem. Não revela a natureza do que nos está reservado entre a morte e a ressurreição. Nem parece, como logo veremos, dar uma razão conclusiva para tal reserva. Apenas nos diz que teremos descanso, consolo e a presença Daquele a quem nossa alma ama. Só revela que no próprio dia da nossa morte nos encontraremos no paraíso, o maravilhoso jardim do Senhor, e, então, sua informação direta se encerra.

Mas, apesar de nunca entrar em detalhes, descreve o efeito produzido no único homem, até onde nós sabemos, a quem foi permitido ver a condição dos mortos em Cristo e voltar à terra plenamente consciente; enquanto, ao mesmo tempo, dá-nos pelo menos uma razão parcial para essa falta de mais revelação. Os que foram ressuscitados dos mortos por nosso Senhor e Seus apóstolos não têm nada a dizer-nos, e, como Deus tinha intenção, desde o princípio, de que vivessem de novo no corpo que haviam deixado, pode ser que seu espírito tivesse sido mantido num estado de inconsciência. Ou, se por um pouco se demoraram na habitação dos mortos, impenetrável

esquecimento caiu sobre eles ao voltarem para essa vida, e o grande segredo foi assim ainda preservado.

Contudo, Paulo sabia de algo a respeito, pois foi arrebatado até o terceiro céu e ao paraíso.<sup>14</sup> Não obstante, em vez de satisfazer nossa curiosidade, ele nos diz que seria impossível fazê-lo, pois ouviu palavras inefáveis, *as quais não é lícito ao homem referir*. Dessa forma, somos categoricamente proibidos de investigar o assunto, mas pelo menos nos é permitido inferir que o que Paulo viu era extraordinariamente formoso, cheio de uma alegria tão avassaladora que agora não podemos conceber. Quando voltou à terra, estava tão enlevado pelo que havia experimentado, tão totalmente incapaz de adaptar-se a essa vida inferior por ter saboreado, por um breve momento, o que está por vir, que teria ficado inabilitado para servir mais neste mundo se Deus não o tivesse rebaixado a seu nível anterior por meio de uma dor, um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para o esbofetejar. Não foi, portanto, nenhum purgatório que Paulo viu (ele não teria precisado de um espinho na carne para impedir que se exaltasse após tal visão), mas um paraíso de beleza e regozijo muito além da compreensão humana.

Duas razões para a menção dessa visão parecem óbvias. Primeiro, a partir da experiência de Paulo, podemos pelo menos ter certeza de que mesmo agora, enquanto ainda na carne, devemos apreciar de todo coração o que Deus nos reserva se conseguirmos ver e compreender.

Segundo, podemos descobrir por que devemos satisfazer-nos com generalidades no presente. O conhecimento total da alegria que logo será nossa ocuparia tanto nossa mente que nos tornaria inaptos para nossos deveres diários, e Deus seria compelido a visitar-nos com

<sup>14</sup> [2 Co 12,1-7. Não é absolutamente certo que o paraíso e o terceiro céu sejam a mesma região, ou que o primeiro seja no mundo superior. Veja *Firstfruits and Harvest (Primeiros Frutos e Colheita)*, conforme anunciado.]

dores bem mais pesadas e penosas do que são agora necessárias. Por misericórdia, então, é que esse conhecimento nos é vedado. Em quais das providências de nosso grande Pai poderemos penetrar sem logo descobrir que Ele é amor?

As comunicações, no entanto, que Deus nos nega e que, por intermédio de Paulo, foram declaradas como ilícitas, os demônios estão sempre dispostos a revelar. Por conseguinte, se considerarmos a Bíblia como a revelação da mente do Todo-Poderoso, teremos outra prova de que a sabedoria dos espiritualistas não é a que vem lá de cima.

Os ensinamentos proibidos são geralmente dados por demônios que se declaram espíritos de mortos que foram encarregados de descrever suas experiências a seus amigos. Muitas vezes, começam dando o relato da própria morte e o que sentiram imediatamente após a dissolução, mas a alegria que sentem é invariavelmente atribuída a suas próprias obras e virtudes, não ao sacrifício expiatório de Cristo. Em *Glimpses of a Brighter Land* (*Vislumbres de uma Terra Mais Brilhante*), um livro inspirado, um espírito fornece as seguintes palavras como tendo sido as que lhe foram ditas por um anjo após sua emancipação do corpo:

“Os fios que a ligavam ao barro frágil foram facilmente cortados. Deus habitou sempre em sua mente. Você procurou fazer a Sua vontade e agradar-Lhe sinceramente enquanto ainda aqui na terra; com ternura, você deu o copo de água fresca ao sedento e curou as feridas dos doentes; com alegria, você derramou óleo e bálsamo sobre as mentes perturbadas e agora receberá seu prêmio. Alegria maior do que qualquer que você tenha imaginado lhe está reservada. Puro como o lírio, assim será seu nome de espírito. Pérolas são o emblema apropriado para sua mente espiritual.”

As descrições do reino do ar consistem em uma paisagem de contos de fadas, rica em folhagens, templos suntuosos e imponentes

mansões particulares. São tais que, de fato, poderiam ser atribuídas à sombra de De Quincey ou ao autor de *Noites Árabes*. As formas dos habitantes flutuam por todo lugar, vestidas de mantos soltos do branco mais puro ou das cores mais brilhantes, com cintos de pedras preciosas e coroas de glória, e freqüentemente são citadas conversas nas quais os espíritos de grandes personagens mortos<sup>15</sup> às vezes ficam em evidência. O seguinte trecho de *Glimpses of a Brighter Land* (*Vislumbres de uma Terra Mais Brilhante*) pode servir de exemplo das cenas apresentadas:

“Aqui, encontrei outros companheiros que bondosamente me acolheram numa mansão e belos jardins. As flores eram mais brilhantes, seu perfume, mais delicioso, e árvores e arbustos, mais exuberantes. A mansão em que agora moro é espaçosa, e posso entreter e receber meus amigos. Reuníamo-nos muitas vezes e esforçávamo-nos para instruir uns aos outros em doce conversa, partilhando do conhecimento que separadamente havíamos obtido. Às vezes, nossos anjos da guarda nos convidavam para um banquete de sabedoria. Encontrávamo-nos num templo bem espaçoso, com paredes de cristal puro e transparente, um emblema da pureza da sabedoria e verdade celestes. A cúpula era de ouro puro, assim como os pilares que a sustentavam. A calçada era branca com um desenho em escarlate sobre ela. Nossos assentos ficavam ao redor do prédio. No centro, estava uma plataforma ligeiramente levantada, na qual nossos instrutores ficavam de pé enquanto nos comunicavam conhecimento. De vez em quando, enquanto falavam, havia um jogo de luz sobre eles e acima deles. Nuvens róseas enchiam o edifício, e, de tempos em tempos, palavras de amor e sabedoria divina apareciam como se tivessem sido escritas com letras de fogo ao redor do prédio.”

<sup>15</sup> É, no entanto, admitido que os níveis mais baixos de espíritos muitas vezes assumem nomes ilustres com o propósito de dar maior peso às suas próprias comunicações.

Um panfleto muito conhecido, de nome *Heaven Opened* (Céu Aberto), consiste em uma série de mensagens citadas como se tivessem vindo de jovens membros da família do autor, incluindo alguns que haviam morrido na infância. Descrevem sua nova existência e a esfera infantil da terra dos espíritos. Um deles, uma menina de 16 anos de idade, logo após a morte encontrou-se num “sofá de essência floral”, e “o cavalo mais formoso, com uma estrela brilhante sobre seus olhos” apresentou-se para levá-la a conhecer os jardins que os cercavam. Os espíritos pequenos sentam nas flores. Os “espíritos grandes e espertos” formam todo tipo de poltrona e carruagens de flor e carregam os pequenos. Por último, quando o ar se movimenta, as flores cantam enquanto pequenos pássaros levam as orações dos espíritos sobre suas asas. Uma tia é descrita tendo várias mansões, uma na cidade de Sião, outra num retiro maravilhoso do interior, e assim por diante.

Os demônios que personificam estas crianças também insistem em afirmar que estão constantemente presentes com seus amigos na carne e são seus conselheiros e protetores naturais. A influência que resulta é, naturalmente, enorme, e é claro que os que já estabeleceram tal contato não deixarão de tirar vantagem total de seu poder.

Porém, essas infantilidades não são as decepções de demônios mais sérias. A doutrina bíblica de que agora é o tempo aceitável e único dia da salvação é totalmente descartada por esses mensageiros. O aviso de nosso Senhor que, até no estado intermediário, o destino do homem já está estabelecido – no paraíso de Deus, aguardando a ressurreição dos justos, ou nas prisões dos perdidos, temendo o julgamento do grande trono branco – é totalmente rejeitado. Os demônios removem esse terror do Senhor, que tem sido o princípio da sabedoria a tantos, e substitui pela antiga doutrina babilônica das sete esferas celestes. Como preferimos, porém, que os próprios espiritualistas discorram sobre sua crença, acrescentamos a declaração da srta. Houghton a esse respeito.

“Os espíritos habitam várias regiões. Os espíritos infelizes moram em lugares de escuridão e miséria além do alcance da imaginação do homem. Ali permanecem até o arrependimento pelos pecados começar a despertar. Aí, eles desejam luz, que é lhes é imediatamente outorgada, e a escuridão que os cerca fica menos densa. Espíritos de um nível mais elevado podem ser então ouvidos ao tentarem transmitir ensino para fortalecer os sentimentos de arrependimento. Mas que falta de sorte! Seus companheiros na miséria muitas vezes não estão dispostos a testemunhar de uma melhora da qual não estão dispostos a participar e tentam impedi-los de um progresso para cima. Muitas são tribulações as quais devem ser sujeitados enquanto sobem pelos diferentes graus rumo à próxima esfera celeste, havendo sete esferas e sete graus em cada. (...) Os espíritos que ainda permanecem nas esferas inferiores têm pouco poder de locomoção, mas, nas mais elevadas, podem viajar pelo espaço infinito, limitados apenas por seu próprio progresso para cima. Ao ficar cada vez mais eterizados devido ao seu próprio senso de felicidade que vai aumentando à medida que avançam pelos vários graus das diferentes esferas, podem subir a regiões mais rarefeitas para estar sempre chegando cada vez mais perto da luz perfeita do próprio céu. Um brilho cerca cada espírito, maior ou menor de acordo com a esfera que alcançaram. Este brilho tem certas nuances para cada esfera, aumentando gradativamente em tamanho e alterando um pouco sua forma a cada grau. Os espíritos das duas esferas inferiores não têm brilho, sendo que a única diferença é um grau menor de escuridão. Na terceira e quarta esferas, existe algo que mal pode ser chamado de brilho, mas que é, de qualquer forma, um tipo de luz. Assim, a terceira é marrom, lentamente ficando mais clara, e a quarta é cinza. Na quinta, o tom verde da esperança pode ser visto, e, na sexta, o violeta. Na entrada da sétima esfera, há uma luz azul brilhante, gradativamente adquirindo tons vívidos do arco-íris que depois

acabam-se fundindo numa luz tão vívida que quase nenhuma cor pode ser vista, tudo sendo gloriosamente misturado."

Em muitas comunicações, espíritos que se passam por habitantes de esferas mais elevadas narram suas descidas às inferiores para despertar e ajudar os não-arrependidos. O evangelho que pregam não é, porém, o do Senhor Jesus. Mas, de tudo que já conseguimos ler, consiste meramente em admoestações ao pecador para que se arrependa, olhe para Deus (que, assim, será atraído a Ele) e faça o que puder pelos que estão ao seu redor. Nunca encontramos nem sequer um relato de um espírito descendo às esferas inferiores com as boas novas: "Creia no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo."

Pelo contrário, entre os espiritualistas, assim como teosofistas e budistas, o pecado pode ser expiado apenas por meio do sofrimento pessoal. Esse dogma é muitas vezes imposto com muita fúria, como é de se esperar, da inveja e raiva afoitas daqueles seres caídos cuja natureza o Senhor não tomou sobre Si e cujo testemunho Ele não aceitou. "Pecado," grita o guia espiritual de "M. A. Oxon", "é remediável por meio de arrependimento e expiação e reparação obtidas pessoalmente pela dor e humilhação, não por súplicas covardes de misericórdia e anuência falsa com declarações que deveriam provocar arrepios" (*Spirit Teachings [Ensinamentos Espiritualistas]*, pág. 78). Acresentamos mais dois exemplos desse tipo de doutrina. Numa estranha narrativa ocultista de nome *Ghost Land (Terra Fantasma)*, pág. 43), a "alma voadora" de um assassino é interrogada e conta o seguinte: "Ali também, eu vi a alma ainda viva e radiantemente gloriosa de meu velho pastor, Michael H... Seriamente, mas com tristeza, ele me disse que eu havia cometido um crime irreparável e grande, que todo crime é imperdoável e poderia ser apagado apenas por expiação pessoal, não vicária, como ele havia ensinado falsamente na terra. Que meu único meio de expiação seria sofrendo, e isso em conexão com meu crime horrendo."

A sra. Hardinge Britten, em *Nineteenth Century Miracles (Milagres do Século 19)*, conta uma estranha história envolvendo a mesma doutrina, cujo narrador declara: “Ó céus! Se esse for de fato um retrato verdadeiro da vida após a morte, não deveria dar medo de fazer coisas erradas? Mas, acima de tudo, que fraude cruel e destruidora da alma tem sido a farsa clerical sobre a salvação por expiação vicária!”<sup>16</sup>

Damos graças ao Deus de todo conforto que não condena as súplicas por misericórdia nem despreza um coração quebrantado e contrito. Ao ouvirmos a sincera admissão do Imperator<sup>17</sup>, de que aos Mensageiros, ou Messias, ele recomenda não poupar o pecador, mas “deitar o chicote neles” (*Spirit Teachings [Ensinamentos Espirituais]*, pág. 159), vem sobre nós inenarrável gratidão Àquele que levou sobre Si o castigo que nos traria a paz e suportou crueis pisaduras para que fôssemos sarados.

Quanto à “ fingir anuênci a”, é um velho truque de retórica mentirosa: levantar uma imagem de sua própria fabricação para produzir um grande efeito ao derrubá-la. Contudo, as Escrituras nunca prometeram salvação àquele que finge acreditar em Cristo. Pelo contrário, afirmam que a esperança do hipócrita perecerá. Têm o cuidado de destacar que, apesar de sermos de fato salvos só pela fé, esta fé não pode existir em nós a não ser que se traduza em obras.

No lugar do evangelho, todavia, encontramos histórias tolas sobre luzes que aparecem aos que se arrependem, gradativamente assumindo a forma de cruzes, e anjos instruidores às vezes são apresentados com cruzes flamejantes em suas mãos. No panfleto *Heaven Opened*

<sup>16</sup> [Em Ootacamund, sul da Índia, em maio de 1909, o promotor público de Coimbatore, um advogado brâmane, disse-me que a mesma doutrina existe no hinduísmo moderno e expressou os mesmos sentimentos da sra. Britten a respeito. Respondi-lhe que o medo de sofrer não serviu muito para conservar seus compatriotas no caminho da virtude, mas o amor de Deus revelado no calvário serve sim.]

<sup>17</sup> Nome assumido pelo demônio que se comunicava.

(Céu Aberto), mencionado acima, algumas das comunicações são intercaladas com cruzes, ao que o autor assim comenta: “Fui informado, por meus guias espirituais, que as cruzes, conforme se encontram nas mensagens, são um sinal da verdade da mensagem e santidade do espírito. Um espírito maligno não pode dar o sinal da cruz.” Realmente, essa última frase contém um maravilhoso fragmento de informação, mas que é difícil de reconciliar à história mundial.

No uso do emblema da cruz, temos, porém, uma indicação (e há muitas delas) da tendência dessa nova fé de unir-se ao catolicismo. Sem dúvida também, o leitor terá observado que a doutrina das sete esferas é quase idêntica à do purgatório. Como espiritualismo, é meramente um renascer da influência que primeiro produziu o paganismo (enquanto o papado nada mais é do que paganismo com outro nome e coberto por um véu fino de cristianismo<sup>18</sup>), parece provável que eventualmente estes dois sistemas não encontrarão nenhum obstáculo para sua amalgamação.

Já percebemos a notável anuência do espiritualismo ao método de positivismo. Também não é muito difícil de ver seus pontos de afinidade com outras crenças, sobretudo com budismo. Em suma, parece estar preparando o caminho para aquela religião universal que já foi sugerida em alguns de nossos jornais e periódicos. Que essa é a intenção de seus membros, podemos ver na enumeração das missões do espiritualismo feita pelo sr. Herbert Noyes, cuja 17<sup>a</sup> é: “Separar o trigo da verdade do joio da teologia e reconciliar credos antagônicos, eliminando seus erros e tornando manifestas as verdades espirituais que jazem sob todos os sistemas de crença religiosa do mundo.”

Um trecho extraordinário do ensaio do sr. Wallace convenientemente ilustra o poder destrutivo que o espiritualismo já está

<sup>18</sup> [Veja *Mystery, Babylon the Great (Mistério, Babilônia a Grande)*]

exercendo sobre os outros credos e o método pelo qual parece estar reduzindo as várias religiões àquele nível de morte que precisa ser alcançado antes que a grande apostasia possa dominar sem rival sobre a cristandade e o mundo:

“Quase todos os médiuns têm sido educados em algumas das crenças ortodoxas comuns. Como é que as crenças ortodoxas comuns relacionadas ao céu nunca são confirmadas por meio deles? Nos inúmeros volumes e panfletos de literatura espiritualista que eu li, não encontrei nenhuma afirmação em que o espírito descrevesse ‘anjos alados’, ou ‘harpas de ouro’, ou ‘o trono de Deus’, aos quais mesmo o mais humilde dos cristãos ortodoxos acha que será apresentado se chegar ao céu. Não há oposição mais radical e assustadora a ser encontrada dentre os credos religiosos mais diversos do que as crenças nas quais a maioria dos médiuns foi educada e a doutrina quanto à vida futura entregue por eles mesmos. Não há nada mais maravilhoso na história da mente humana do que o fato de que, quer no interior da América ou em pequenas cidades da Inglaterra, homens e mulheres ignorantes, quase todos educados com as noções sectárias comuns de céu e inferno, uma vez invadidos pelo estranho poder da mediunidade, profiram ensinamentos sobre esse assunto que são filosóficos em vez de religiosos e que diferem totalmente daquilo que estava tão firmemente arraigado em sua mente. Essa declaração não é afetada pelo fato de que as comunicações simulam ser de espíritos católicos ou protestantes, maometanos ou hindus. Porque enquanto tais comunicações mantêm certos dogmas e doutrinas especiais, ainda assim confirmam os próprios fatos que realmente constituem a teoria espiritual e que, em si próprios, contradizem a teoria dos espíritos sectários. O espírito católico romano, por exemplo, não se descreve como estando no purgatório, céu ou inferno; o dissidente evangélico que morreu na firme convicção de que ‘iria a Jesus’ com

certeza nunca se descreve como estando com Cristo, ou se já O viu, etc. Nada é mais comum do que as pessoas religiosas presentes nas sessões fazerem perguntas sobre Deus e Cristo. Em resposta, nunca conseguem mais do que opiniões ou, mais freqüentemente, a declaração de que eles, os espíritos, não sabem mais sobre esses assuntos do que sabiam quando estavam na terra."

A tendência geral desse parágrafo é bem óbvia. Com relação aos específicos, podemos comentar que uma mudança nas opiniões daqueles que acabaram de ser possuídos por demônios de maneira alguma pode ser considerada maravilhosa: a causa alegada é mais do que suficiente para explicar o efeito. Considerando que os médiuns são influenciados por grupos espirituais organizados do reino de Satanás (nos quais, apesar da ausência de amor, não há falta de união), devemos esperar, é claro, que todos os ensinamentos apontem para a mesma direção.

O fato de os demônios se apresentarem como protestantes, papistas, maometanos, hindus e assim por diante apenas prova que a ordem dos jesuítas não é a única sociedade que vê as vantagens de professar o credo de outros com o propósito de propagar o seu. Parece-nos muito estranho que nenhum dos espíritos em comunicação fale em estar perto do trono de Deus. Com relação a Cristo, contudo, a regra estabelecida pelo sr. Wallace tem muitas exceções. Em *Heaven Opened* (Céu Aberto), por exemplo, há uma descrição de Cristo, e Ele é apresentado como dando de mamar aos espíritos-nenêns!

Por último, se os demônios podem dar apenas opiniões (ou são obrigados a confessar que não sabem mais do que nós), de que serve perder tempo consultando-os? Se insistirem que têm informações sobre outras coisas e apenas não sabem o que se refere a Deus e Sua redenção da humanidade, diremos que mais do que suspeitamos daqueles que substituiriam as afirmações positivas das Escrituras e a salvação gloriosa e gratuita comprada pelo sangue de Cristo por vãs filosofias.

Precisamos agora encerrar nossos comentários sobre o assunto geral de ensinamento de demônios. Cremos que as citações acima formam uma declaração justa do desenvolvimento doutrinário do espiritualismo. É claro que a falta de espaço nos constrange a omitir muitos outros pontos que demonstram seu extremo antagonismo com a Escritura, mas certamente o que foi dito é suficiente para colocar em guarda o mais incauto dos cristãos, demonstrar que a grande apostasia já pode ter começado, que os espíritos enganadores talvez já estejam engajados em sua missão final de engano.

## **A Proibição do Casamento e a Ordem de Abster-se de Carnes**

Dois aspectos proeminentes da última apostasia, no entanto, eram a proibição do casamento e a ordem de abster-se de carnes, isto é, certos tipos de alimentos (não ficamos sabendo que tipos de alimentos eram).

Agora, a última destas proibições, se entendermos que se aplica a carnes, é famosa por ter sido reconhecida em todos os tempos como uma condição indispensável para grande poder mediúnico. Deve, portanto, naturalmente transformar-se em lei entre os que desejam ter muito contato direto com demônios. De fato, não é impossível que a permissão para comer carne, dada como foi imediatamente após a transgressão angelical, possa ter sido concedida com a intenção de tornar o homem menos capaz de relacionar-se, consciente e inteligentemente, com seres sobrenaturais e, por conseguinte, ser menos exposto à sua astúcia. Se isso for verdade, é fácil compreender o desejo por parte dos demônios de removerem tal aspecto.

O seguinte trecho de *Oahspe, the New Bible* (*Oahspe, a Nova Bíblia*) parece confirmar esse ponto de vista: “Em verdade vos digo: vós não cumpristes a primeira lei, que é de fazer limpo seus próprios

corpos materiais. Porque vós vos encheistes de alimento carnal, meus santos anjos não podem se achegar" (*Book of Judgment [Livro do Julgamento]*, 18.11). O contexto mostra que devemos entender "alimento carnal" em seu sentido literal, de carne.

Seja como for, esse sinal predito da apostasia final certamente está manifestando-se dentre os espiritualistas; ao mesmo tempo, como veremos no próximo capítulo, constitui uma lei fundamental da teosofia. Na primeira página de *Oahspe, the New Bible (Oahspe, a Nova Bíblia)*, lemos o seguinte:

"Mas a Besta disse: Não pensem que vim para dar paz à terra; não venho para trazer paz, mas espada. Venho para trazer divisão entre o homem e seu pai; e a filha contra sua mãe. Aquilo que encontrar para comer, seja peixe ou carne, isso coma, sem considerar o amanhã.

"E o homem comeu peixe e carne, tornando-se carnívoro, e a escuridão lhe sobreveio, e não mais ouviu a voz de Jeová ou creu Nele. Essa foi a quinta era."

Há pouca necessidade de tecer comentários sobre esse texto profano. O leitor notará a distorção de duas frases de nosso Senhor, a origem atribuída a elas e a maneira como foram usadas para lançar dúvidas sobre o pacto com Noé.

Poucas páginas depois, somos informados de que o espírito do homem assume seu lugar no primeiro céu "de acordo com sua dieta, desejos e comportamento (*Oahspe*, pág. 7). No *Livro do Julgamento*, aparecem os seguintes versículos: "Todos os homens professam um desejo de ressurreição; gostam de subir a esferas celestiais exaltadas. Muitos, no entanto, nem mesmo se esforçam para exaltar a si próprios. Ele disse de uma só vez: Pois não comer a carne de qualquer coisa criada viva é o melhor. Mas logo a seguir encheu sua barriga de carne" (*Oahspe*, pág. 784).

No decorrer dos últimos anos, porém, uma segunda razão para a abstinência de carne tem surgido e ganhado proeminência. Teorias que, em princípio, restringiam-se apenas à evolução física têm sido aplicadas à alma, fazendo com que a transmigração torne-se comum como a doutrina dos espiritualistas mais intelectuais. Dessa forma, a grande barreira entre idéias budistas e ocidentais foi varrida do mapa, e induzido um horror a qualquer comida que envolva o sacrifício de uma vida. Pois que homem devoraria o corpo de uma existência destinada, talvez, muito em breve, para ser seu próprio filho? Ou quem violentamente arrancaria o espírito pecador e decadente de um ancestral?

Todavia, essa doutrina diz respeito mais à teosofia. Iremos, portanto, adiar tal discussão, apenas anexando um trecho de *Day After Death* (*Dia Após a Morte*), de Figuier, o qual o leitor poderá comparar com a teoria ocultista mais elaborada a ser descrita:

“Pensem a respeito das emanações de almas habitando no sol e descendo à terra através de raios solares. A luz dá vida às plantas e produz vida vegetal acompanhada de sensibilidade. As plantas, tendo recebido esse germe sensível do sol, comunicam-no a animais auxiliadas pelo calor emanado do sol. Pensem nos germes das almas, colocados no peito dos animais, desenvolvendo-se, aperfeiçoando-se gradativamente de um animal a outro e, no final, tornando-se encarnado num corpo humano. Pensem, então, no ser sobre-humano que virá após o homem, surgindo nos vastos campos de éter, iniciando uma série numerosa de transmigrações que, de um passo para outro, levá-lo-ão ao ápice da escala de perfeição espiritual e no ponto em que a alma, assim exaltada ao mais puro grau de sua essência, penetrará na habitação suprema da alegria e de poder intelectual e moral – o sol.

Tal pode vir a ser o círculo infinito, tal a corrente ininterrupta, unindo todos os seres da natureza e passando do mundo visível para o invisível.”

A segunda doutrina especial predita de ensino de espíritos, a proibição do casamento, tem ganhado força há alguns anos e é propagada de duas maneiras, ambas as quais, veremos já, levam ao mesmo objetivo: uma repetição do crime antediluviano.

A primeira maneira é a da proibição direta. Castidade é muito ensinada entre os espiritualistas e, em alguns de seus grupos, tais como “*Brotherhood of the New Life*” (*Irmadade da Nova Vida*), e a “*Millennial Church*” (*Igreja Milenar*), parece ser vista como, pelo menos, uma condição para ser membro e, em última instância, indispensável. Assim, na *New Bible* (*Nova Bíblia*), a castidade é apresentada significativamente como uma condição mais elevada enquanto, dentre os teosofistas, afirma-se ser absolutamente necessária para a perfeição e, portanto, um estado que todos devem atingir no presente ou em alguma vida terrena futura. Porquanto, como insiste o dr. Wild, se a mulher, como forma, for cultuada no lugar do espírito, que é o essencial, isso gerará a idolatria da matéria.

“Dessa forma, o amor a uma mulher é a substituição de prazeres externos pelos internos, o que atrairá o ciúmes da ‘Divina Sofia’<sup>19</sup>, com quem são unidos aqueles que, com profunda reverência, cultuam Deus como Espírito, invocando seu centro espiritual e achando o Logos. Estes sabem que há um casamento espiritual incompatível com o carnal” (*Theosophy and the Higher Life [Teosofia e a Vida Elevada]*, págs. 8, 9).

A última frase parece dar-nos uma dica quanto à razão para a castidade: os que a praticam estão preservando-se para visitantes aére-

<sup>19</sup> A figura de Sofia surgiu 200 anos antes do Livro de Provérbios, sendo a natureza feminina de Deus. Sofia também pode ser representada pelo Logos, isto é, a razão da consciência humana (N. R.).

os. Diz T. L. Harris: “Não creio que a falta de sexualidade caracterize o homem em sua evolução final e mais elevada.”. Sobre esse assunto, é claro, desejamos falar e citar o mínimo necessário, mas devemos pelo menos resumir o que é necessário saber.

Seguindo os ensinamentos de Jacob Böhme – cujas doutrinas parecem ter sido derivadas, pelo menos parcialmente, daquelas dos antigos Mistérios – muitos espiritualistas têm feito distinção entre a criação do homem, mencionada no primeiro capítulo de Gênesis, e a descrição encontrada no segundo capítulo. No primeiro, as palavras “à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” são interpretadas por eles como se o homem fosse originalmente hermafrodita, “dois em um, a parte feminina saindo do lado masculino, e a parte masculina saindo do lado feminino, cada um à sua escolha, fazendo de si mesmo objeto.” [Isso foi adotado no *God’s Word to Women (Palavra de Deus para Mulheres)*, da dra. Kate Bushnell.]

A queda supostamente tenha causado a separação desses dois princípios, assim fazendo do casamento uma necessidade para aliviar temporariamente a condição de separação. Porém, já chegou a hora da restauração ao estado original de perfeição, e “precisa haver um cessar completo do antigo princípio de geração, antes de poder haver uma regeneração seguindo a ordem e o padrão do reino de Deus. Devemos juntar todas as gotas derramadas do mar da vida, de onde toda a humanidade toma sua existência, e preservar a vida para formações mais elevadas, como agradaria Àquele que tem o poder de formar, com Suas próprias mãos, um povo para Si que não pecará nem morrerá.

“Isso só poderá ser cumprido pela involução de uma natureza espiritual do Senhor, Ele mesmo assumindo humanidade aqui e acolá entre uns poucos escolhidos que O recebem em toda sua constituição física, corpo e alma consagrados a Ele, para que possa formar, dentro deles, o ‘elo perdido’, que é sua vida contraparcial trazida

de volta a eles a fim de que possam ser recriados à Sua imagem, dois em um, como no início. Não apenas numa forma transitória, como vemos em médiuns de hoje, que podem ter, durante o transe, muitos espíritos entrando e saindo como se fossem a porta de saída, e isso apenas por pouco tempo; mas, quando cada um tiver sido recriado, regenerado, receberá sua contraparte para estar com ele e nele, assim como o controlador está no médium e é capaz às vezes de fazer-se objeto, ou, em outras palavras, materializar-se para que outros possam vê-lo e conversar com ele.”<sup>20</sup>

Igualmente, T. L. Harris escreve:

“Pensamos que as gerações devem cessar até que os filhos e as filhas de Deus estejam preparados para uma geração mais elevada, por evolução a uma plenitude estrutural e bissexual, acima do plano de pecado, doença ou mortalidade natural.”

“A doutrina da humanidade divina dois em um, em cuja semelhança física e espiritual buscamos renascer, é o pivô de nossa fé e a força diretriz de nossa vida. As eras aguardam a manifestação dos filhos de Deus. Assim, somos adventistas, não no sentido sectário, mas no sentido de involução divina, consequentemente de um novo grau de evolução humana” (*Sermons [Sermões]*, por T. L. Harris, pág. 13).

O sr. Harris não afirma encontrar sua doutrina na Escritura. Diz ele:

<sup>20</sup> Por essa exposição, “da pena de um clérigo”, sou muito grato ao *Midnight Cry (Grito da Meia-noite)*, da sra. McHardie.

“Se acharmos um veio de conhecimento, ou, possivelmente, a suposição correta em Swedenborg, acharemos outros veios em Spinoza, Böhme ou Comte.”

O leitor que tiver lido com atenção o oitavo capítulo do tomo I, facilmente compreenderá o rumo desse ensino com respeito ao “glorioso casamento de terra e céu”. Enquanto parece provável que apenas demônios, e não anjos de Satanás, façam acontecer a teoria do dois em um, ainda assim o objetivo seria preparar o mundo para o crime final. Os próprios anjos caídos não habitarão em corpos humanos, nem tampouco, até onde sabemos, seu relacionamento se estenderá além das filhas dos homens. Mas quando, por meio do poder que ainda têm – apesar de por pouco tempo –, eles se apresentarem em aparente glória celestial, ensinamentos e eventos prévios farão com que os abandonados de Deus os recebam como anjos de luz ou talvez (assim parece sugerir a citação que acabamos de mencionar) como o próprio Senhor.

A Condessa de Caithness diz:

“Essa Nova Dispensação, ou Quarta Geração, é agora declarada aberta a todos os que estão prontos para entrar no gozo de seu Senhor.” Assim, ela está “esperando a manifestação tanto dos Filhos quanto das Filhas de Deus em quem a nova vida já se iniciou, em quem a palavra divina já se tornou carne.”

Poderia haver blasfêmia maior? Se tais sentimentos estão sendo abertamente disseminados, é de se admirar que as terríveis profecias do Apocalipse ainda estejam esperando seu cumprimento?

De acordo com a mesma senhora, o ano de 1881 foi o último do velho estado de coisas, e 1882 deu início ao novo ciclo, ou Dispensação Espiritual. Nesse caso, então, as previsões vindas de tantos lugares, de que a era se encerraria no ano de 1881, foram, afinal, inspiradas

como os oráculos de antigamente e não pelo Espírito de Deus, isto é, por demônios. Se crermos na Condessa e em outros espiritualistas, estas previsões foram eram, de maneira alguma, falsificadas. Assim, agora está aberta aos que estiverem prontos para se unir a seres de outra esfera.

Do que já foi dito, torna-se evidente que a doutrina do dois em um não é nova. De fato, alguns traços podem ser observados em Platão e muitos outros autores. Mencionaremos apenas um exemplo, um texto famoso citado na assim chamada *Second Epistle of the Roman Clement* (*Segunda Epístola do Romano Clemente*), como segue:

“Pois o próprio Senhor, tendo sido inquirido por certa pessoa sobre quando seu Reino viria, respondeu: Quando os dois forem um, e o que está fora como o que está dentro, e o masculino com o feminino, nem masculino nem feminino.”

Temos de dizer que “fora” é usado com relação ao homem e “dentro” com relação à mulher, e o leitor verá imediatamente que cada palavra desta passagem refere-se à doutrina que estamos analisando. Seu significado é que, assim que a raça humana recobre sua suposta condição original, e seus membros individuais recebem a vida contraparcial do “céu”, o reino de Cristo terá vindo. É fácil ver como este texto poderá ser usado em breve para glorificar o reino do Anticristo.

Os espiritualistas gostariam que o aceitássemos como Escritura, mas sua origem não é nada satisfatória. Clemente de Alexandria, que também o cita num trecho de Júlio Cassiano, o líder doceta, informa-nos que a pessoa que fez a pergunta era Salomé, e que “não encontramos essa fala nos quatro evangelhos que chegaram até nós, mas no evangelho dos egípcios” (Clemente de Alexandria, *Stromata*, 3.13). Agora, o último era uma obra gnóstica, não cristã, e a seita específica que o tinha em alta conta era a dos encratitas. A respeito

deles, aprendemos com Hipólito que eram muito vaidosos, considerando-se melhores do que outros homens por nunca comer carne de qualquer coisa que tivesse vida, não beber nada além de água e ter abjurado do casamento. O bispo prontamente refuta seus ensinamentos, citando a profecia que consta em 1 Timóteo (Hipólito. *Refutação de Todas as Heresias*, 8.13).

A doutrina, então, que era tão agradável aos encratitas poderá também sê-lo a seus imitadores de hoje; porém, nem por sua aparente origem e seguidores, nem por sua tendência, ela é digna de confiança para os cristãos.

Agora Platão, os líderes gnósticos e os neoplatonistas teúrgicos eram iniciados nos Mistérios, como a maioria dos homens cultos de sua época. Como, então, todos parecem ter conhecimento da teoria do dois em um, não seria possível que o alcançar desse estado pudesse ser a consumação dos Mistérios? O relato do próximo capítulo apoia-rá tal conclusão, e o livro citado aqui, *The Perfect Way* (O Caminho Perfeito), contém um esboço de um baixo relevo no Templo do Sul, na Ilha Elefantine, no Nilo, que reforça ainda mais isso. O assunto dessa obra de arte antiga é uma cena de iniciação. O candidato está de pé, segurando uma cruz<sup>21</sup> junto à sacerdotisa da iniciação da deusa Ísis, que segura o rosário das cinco feridas, de um lado e o representante masculino do deus Hermes do outro – um tipo óbvio da junção do masculino com o feminino. Sobre sua cabeça, paira uma pomba, talvez para o espírito que está para entrar e possuí-lo, e, ao fundo,

<sup>21</sup> "A linha vertical é o princípio masculino, e a horizontal, o feminino; da união dos dois, na intersecção é formada a cruz, o mais antigo símbolo dos deuses na história egípcia. É a chave para o céu nos dedos rosados de Neith, a virgem celestial, que abre os portões, ao amanhecer, para a saída de seu unigênito, o sol radiante. É o Stauros dos gnósticos e a cruz filosófica dos mais graduados maçons. Achamos este símbolo ornamentando o tê dos mais antigos pagodes em forma de guarda-chuva no Tibete, China, e na Índia, assim como o encontramos na mão de Ísis, na forma de uma 'cruz com alça'. Em uma das cavernas Chaitya, em Ajunta, sobrepoê-se a três guarda-chuvas de pedra e forma o centro da câmara" (*Isis Unveiled [Ísis Desvelada]*, vol. 2, pág. 270).

está uma sacerdotisa assistente, segurando a cruz em uma mão e, na outra, o “cálice da Existência ou Encarnação” fixado sobre o cajado de Hermes. A vestimenta das sacerdotisas aparentemente consiste apenas de um enfeite no cabelo e uma gola enorme.

Contudo, se pudermos interpretar esta cena como a união de um demônio com o iniciado, de acordo com a teoria do dois em um, aparentemente poderemos aprofundar-nos mais nisso. Sobre tal suposição, será que esse não é o crime específico a que se referiu Paulo ao falar a respeito do Mistério da Anarquia que operava em segredo nos dias em que viveu, mas que, mais tarde, quando o obstáculo fosse removido, seria revelado a todos à medida que chegasse perto o tempo da revelação do Iníquo? Tal conclusão está muito longe de ser improvável. Se estiver correta, segue que Satanás está agora lançando mão de seu último recurso, e que o grande segredo, guardado com tamanho ciúme por tantos séculos, finalmente foi revelado ao mundo...

Há ainda outro ponto que pode ser ilustrado pela cena de iniciação descrita acima, o fato de que muitos espiritualistas e teosofistas estão à procura de alguma forma de advento, de uma mãe divina ou Messias feminino para presidir a nova era. No baixo relevo, a mulher está tomando o lugar de Ísis como a iniciadora, enquanto o representante de Hermes ocupa uma posição secundária. Esse arranjo provavelmente indica alguma expectativa talvez acomodada à mentes ocidental pelo anúncio de um Messias masculino e outro feminino, uma segunda Eva para complementar o segundo Adão.

Porém, devemos deixar de lado esse tema medonho que já tratamos embora diga respeito talvez mais ao próximo capítulo. As bases do mundo estão tremendo, mas o Senhor conhece os que são Seus, e os livrará de toda obra maligna, e os preservará para Seu reino celestial.

Temos ainda de considerar a segunda maneira em que o casamento é proibido, não diretamente, mas por estranhas doutrinas referentes a afinidades facultativas e alianças espirituais que tendem à total rejeição do matrimônio conforme ordenado por Deus.

Apesar da expressa declaração contrária a nosso SENHOR, os espiritualistas da escola com que agora temos de lidar ensinam que o casamento entre masculino e feminino é a grande instituição da próxima vida, e que cada pessoa tem uma afinidade com aquele que será seu cônjuge por toda a eternidade. Porém, ensinam que, nesse tempo presente, há muitos erros e que, por conseguinte, os que não têm afinidades espirituais para unir-se não conseguirão concordar e viver em união. Isso declararam ser a causa de todos os infortúnios da vida conjugal.

Em alguns de seus livros, a vítima de um casamento inadequado é exortada a agüentar sua calamidade e consolar-se com a certeza de receber seu próprio cônjuge no próximo mundo, apesar de ocasionalmente serem dadas dicas de que o alívio poderá ser conseguido na vida presente.<sup>22</sup> Todavia, fora a oposição à Escritura, quão improvável é que uma idéia como esta possa aliviar a irritação de casais que não combinam! Muitos espiritualistas, no entanto, vão além e declaram que o casamento deve durar apenas enquanto as partes se dispõem a viver juntas; ou seja, que o primeiro mandamento de Deus, como todas as outras restrições, deve ser rompido assim que se tornar cansativo.

Deixe o leitor julgar o que seria o resultado provável se as seguintes opiniões viessem a ser a norma. Estes trechos foram extraídos de um ensaio sobre *Matrimonial Relations and Social Reforms* (*Relacionamentos Matrimoniais e Reformas Sociais*), lido pelo sr. Herbert Noyes diante da *London Dialectical Society* (*Sociedade Dialética de Londres*).

Após expressar sua opinião de que “o divórcio deveria ser rápido e grátis sempre que desejado mutuamente” e conseguido sob certas

<sup>22</sup> Veja, a seguir, este exemplo: “Se parcerias que duram a vida toda serão a regra no futuro, o tempo irá dizer. Temos nossas próprias opiniões sobre esse assunto, baseadas em fatos e não em teorias. Todas estas apontam para uma direção. Seja como for, no presente, alianças são feitas para durar a vida toda” (*Life Beyond the Grave [Vida Após a Morte]*, pág. 135).

condições e salvaguardas mesmo quando exigido apenas por uma das partes, o sr. Noyes comenta que o maior obstáculo para esse estado de coisas “consiste nos ardis eclesiásticos indefensáveis.” Ele, então, dá voz aos seguintes sentimentos:

“De todas as invenções nocivas profanamente atribuídas ao Todo-Poderoso e publicadas como Sua Palavra, duvido que exista uma mais prejudicial e equivocada do que o texto que afirma que não haverá casamento no céu.

Garanto que as igrejas estão totalmente corretas em dizer que o verdadeiro casamento é indissolúvel; completamente erradas ao afirmar que seus próprios rituais são o suficiente para constituir um verdadeiro casamento. É minha firme convicção que a afeição e a afinidade são indispensáveis a um casamento indissolúvel, e que paixões animais temporariamente exacerbadas não são indicadores confiáveis desses elementos indispensáveis no verdadeiro relacionamento matrimonial. Estou inclinado a pensar que, num casamento real entre homem e mulher, não somos apenas uma só carne, mas praticamente um só espírito e uma só alma – um no tempo e um para a eternidade. Creio que, quando começarmos a elevar a arte do hipnotismo ao status de ciência – a ciência da alma –, começaremos a compreender os mistérios que podemos apenas vislumbrar agora.

A adventícia santidade do casamento derivada de cerimônias eclesiásticas está fadada a ser ignorada por gerações vindouras. A verdadeira santidade do relacionamento matrimonial, baseado nas leis divinas da natureza humana, precisa ser reconhecida em seu lugar quando a raça futura estiver totalmente iniciada nos mistérios da Vontade.”

Seria totalmente inútil multiplicar o número de citações sobre um assunto tão doloroso. O que demos aqui servirá de bom exemplo

das opiniões que já, há algum tempo, vêm-se espalhando e desenvolvendo. Diremos apenas que os espiritualistas americanos estão mais avançados do que seus irmãos ingleses.

A impressionante oposição de tais opiniões à doutrina da Bíblia não precisa ser demonstrada. A lei de Deus decreta que homem e mulher, quando se unem, tornam-se uma só carne, não um só espírito (Gn 2.24), e que nem um dos dois pode deixar o outro, salvo pelo único caso de relações sexuais ilícitas (Mt 5.32) até que a morte corte o laço, e o sobrevivente fique livre. Porém, o ensaio todo de onde extraímos este trecho e sobretudo a parte que trata dos “mistérios da Vontade” é um presságio sombrio de uma onda de anarquia que se aproxima e que, por um tempo, poderá quase varrer da face da terra a instituição primeira do Criador.

Os espiritualistas são firmemente apoiados por inúmeros secularistas em suas idéias sobre o casamento e o divino direito da vontade humana, de cujas fileiras estão recebendo adesões contínuas. [O sr. A. Conan Doyle e a sra. Besant eram exemplos proeminentes.] O programa da *International League* (*Liga Internacional*) inclui a abolição do casamento. Estranho que aqueles que desdenham os milagres de Deus dêem atenção aos de Satanás! Como as palavras de nosso SENHOR parecem mais uma vez se aplicarem: “Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o recebereis” (Jo 5.43).

Entretanto, como já vimos, os espiritualistas ensinam que todos se casarão no próximo mundo, mesmo que não o façam neste; e que o casamento de verdade dura pela eternidade. A inferência natural é de que o cônjuge verdadeiro de alguns já está na terra dos espíritos. A tal ponto essa inferência é levada que muitos relatam receber visitas e comunicações dos entes espirituais com quem devem unir-se para sempre. Um poema inspirado de T.L. Harris, totalmente devotado ao assunto do casamento espiritual, apresenta essas linhas:

“O dia se vai. A púrpura crepuscular acaba,  
Cada árvore da floresta torna-se cada vez mais radiante aos olhos;  
Um paraíso celestial se estende acima.  
Anjos descem para envolver seus Amores da terra  
Num doce abraço. Com ouro e ametista  
Suas formas imortais estão vestidas. Enfim se eleva  
Aquela paisagem celestial, mas ainda é o Éden,  
E o coração toma do amor divino sua porção.”

O casamento ceremonial entre uma mulher e um demônio é algo já conhecido nos Estados Unidos. Se isso já ocorreu na Inglaterra não o podemos dizer.

Contudo, há um livro chamado *An Angel's Message* (*A Mensagem de um Anjo*), que diz ser comunicação de um espírito que declara ter-se tornado um anjo com uma senhora inglesa destinada a ser sua noiva por toda a eternidade. Essa blasfema composição poderá enganar muitos por sua aparente santidade e pelas verdades com as quais a estranha doutrina é freqüentemente misturada. Mas nos recordemos da previsão de que demônios enganadores iriam falar mentiras com hipocrisia. Lembremo-nos de que o que empurrar a taça envenenada tomará cuidado para que o veículo de sua droga mortal seja vinho bom. Alguns trechos das comunicações revelarão o abismo para o qual os seguidores do espiritualismo estão aparentemente se apressando, o que nos imporá uma inferência terrível.

O demônio que se comunicou descreve-se como o espírito de um homem com profundos sentimentos religiosos que, durante sua jornada na carne, estava acostumado a visitar a casa do pai de uma médium, apesar de, naquela época, não sentir atração nenhuma pela médium em si. Eventualmente morreu, assim como a mãe da moça. Logo após a morte da última, sua filha começou a receber comunicações que entendia virem de sua mãe e, dentre elas, as seguintes com as quais nos ocupamos agora:

"Eu tenho visto quão feliz a tenho feito com tudo que já foi escrito. Ame e abençoe Aquele que lhe mostrou, querida J\_\_\_\_\_, que você tem alguém que a ama aqui. O querido W\_\_\_\_\_ vê que você ama sua memória. Ele via que, antes de eu contar-lhe de seu amor por você, minha querida criança já o tinha em alta estima, mas, agora que me foi permitido contar a ela, certamente acreditará que é verdade."

"Irei agora contar-lhe mais sobre W\_\_\_\_\_. Vejo que isso abre seu coração a ele, que a ama mais do que posso dizer-lhe. Pois ele é o seu próprio W\_\_\_\_\_, seu parceiro conjugal, aquele que o céu tencionava para você por toda a eternidade. Vejo que agora você está agradecida por nunca ter formado nenhum vínculo com ele no mundo."

"Agora, irei dizer-lhe algo que lhe dará maior confiança. O próprio W\_\_\_\_\_ escreverá por seu intermédio, por sua própria mão."

"Vejo que lhe dei grande alegria. Não tenho mais nada a dizer. Quando você começar novamente, W\_\_\_\_\_ escreverá por seu intermédio."

Dali por diante, o amante demoníaco inspirou a médium e, depois de uma conversa fiada sobre suas falhas e como resolvê-las, desfez-se da dificuldade da declaração de nosso SENHOR de que, no céu, nem se casam nem se dão em casamento, comentando que os saduceus fizeram sua pergunta de maneira natural, e que o SENHOR lhes respondeu da mesma forma:

"Pois, no mundo, uma mulher pode ter sete maridos e, no entanto, não ser unida espiritualmente a nenhum deles. Pode não ter havido união de alma com nenhum dos sete, ou pode ter havido

com um, mas apenas um; e ela certamente será sua esposa no céu, nenhuma outra. ‘Tornam-se os dois uma só carne, não os separe o homem.’

O leitor não deixará de notar a audaciosa aplicação errônea dos textos citados, assim como a inferência que por sua vez é sugerida. Desse modo, as barreiras de Deus sobre moralidade estão sendo quebradas para que a enchente de corrupção possa fluir.

“A que escreve estas linhas é minha esposa mais do que possa ser imaginado por aqueles que não sentiram abrir em si mesmos um estado semelhante. Ela não é assim para seu corpo natural, mas para seu corpo espiritual. Pois ‘há um corpo natural e um corpo espiritual.’ Um está dentro do outro como a semente dentro da casca.

Mas esse estado pode chegar à percepção externa apenas daqueles que já estão abertos ao relacionamento com espíritos. Nenhum outro pode perceber, durante sua vida no mundo da natureza, aquilo que só pertence ao espírito. Este estado é o de mediunidade, pois ela que é minha não é apenas uma médium que escreve, mas também é suscetível a impressões bem palpáveis de minha presença com ela. Somos um; e ela recebeu a convicção da verdade por nenhum outro meio que não seja o de ser informada disso por tais escritos.”

Há muito mais nessas mesmas linhas, mas o que citamos já é o suficiente para revelar o perigo que pode estar ameaçando muitos. Só mostraremos mais um pouco da forma que as manifestações muitas vezes tomam, extraíndo do relato mencionado sobre a relação da médium com o demônio representado como o espírito de sua mãe:

“Ela recebeu carinhos ardentes de sua amada mãe-espírito quando num estado de comunhão aberta, mas isso também foi antes

de sua psicografia ter começado. Numa ocasião, a visitação foi precedida pela aparição de uma pomba branca de aspecto muito brilhante, sentada numa proeminência e olhando para ela. Com calma, contemplou essa visão e comentou consigo mesma como era bela, estando perfeitamente acordada – no entanto, com seus olhos corporais selados para que não os pudesse abrir mesmo desejando muito fazê-lo. Quando a pomba desapareceu, ela foi palpavelmente abraçada, mas não viu forma alguma. Seus olhos espirituais podiam ver a pomba, mas não o ente angelical que se achegou a ela em seguida. Bem que sabia ser o espírito daquela que amava, pois eu era desconhecida para ela até então. Com clareza, pôde perceber a esfera de amor ardente; palpavelmente sentiu o sopro vivo; claramente ouviu a voz sussurrando – mas não conseguiu discernir as palavras, pois seu ouvido espiritual não estava suficientemente aberto –; rapidamente, aquela forma angelical passou sobre seu corpo passivo, e ela abriu seus olhos para o mundo natural, cheios de lágrimas de júbilo, pois bem sabia que se tratava de uma visitação angelical. Também recebeu beijos na testa quando estava tão acordada que pediu que fossem repetidos, e foram repetidos tão claramente quanto antes. A sensação era exatamente como se sua testa tivesse sido pressionada por lábios humanos, apesar de não haver ninguém com ela. Também sentiu gotas de água cristalina caírem sobre sua testa, pedindo que fosse repetido, o que foi feito. Esses últimos casos ocorreram quando ela estava totalmente acordada, pois, no último instante, estava pronta para levantar-se, já que o sol da manhã a havia avisado que era dia.”

O que, então, diremos sobre isso tudo? Não há nada de novo debaixo do sol. Será que os assim chamados mitos de Leda, de Europa e de Ilia são histórias reais? Será um fato literal que um espírito maligno amava Sara, filha de Raquel? Será que o papa Inocente VIII

teve um vislumbre da verdade quando detonou seu decreto contra relações com os íncubos e súcubos? Será que os *nefilins*<sup>23</sup> estão de novo ameaçando descer ao mundo e repetir o grande pecado de eras antigas? A não ser que estejamos preparados para estigmatizar grandes números de companheiros como impostores deliberados, somos quase forçados a esta conclusão.

No 12º capítulo de Apocalipse, é claramente anunciado que, antes do desenvolvimento do Anticristo e os infortúnios sem precedentes do fim, Satanás e seus anjos serão expulsos do céu, varridos de suas habitações aéreas e confinados aos estreitos limites da terra. Então, todos os *nefilins* que ainda estiverem livres estarão entre os homens e rapidamente os farão sentir o significado daquela declaração horrível: “Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Assim, não apenas os demônios, mas também os grandes anjos da escuridão, os principados, os poderes e os governantes deste mundo, enfurecidos pela perda eterna de seus lindos reinos e da proximidade do SENHOR, que completará sua destruição, acabarão, em sua fúria, com qualquer limitação e irresponsavelmente satisfarão todos seus maus desejos. Assim, no sentido mais aterrador, a terra de novo será corrupta e cheia de violência.

O espiritualismo parece estar preparando o caminho para essa terrível incursão. O exército de demônios foi enviado antes para promover a apostasia universal de Deus e a negação de Cristo, para estabelecer uma comunicação geral entre os poderes da escuridão e os filhos da desobediência. Anos atrás, estes demônios previram a aparição futura de seres espirituais em corpos materiais na terra. Qual tem sido seu objetivo exceto abrir o coração dos homens para receber

<sup>23</sup> Você encontrará um estudo mais profundo sobre os *nefilins* no apêndice deste livro, sob o título: “Eram Anjos ou Homens? Um Estudo Sobre Gênesis 6” (N.E.).

os anjos banidos? Manifestações estão aumentando constantemente em poder. Aparições de formas tangíveis do mundo invisível estão-se tornando corriqueiras. Mulheres estão sendo ensinadas que são esposas de anjos. O mundo está acostumando-se com visitantes sobrenaturais! Certamente, o príncipe do ar ouviu que as legiões de Miguel estão em marcha e está preparando seu lugar de retirada.



# Teosofia



## Capítulo 13

### **Teosofia**

#### **Um Renascimento da Filosofia Comunicada Pelos Nefilins**

Nos últimos anos, surgiu outra estranha linha de pensamento nas pegas das do espiritualismo igualmente destrutiva para a fé e confessando sua origem pagã com ousadia. Estamos falando da teosofia, hoje um tópico comum de conversa e que, de várias maneiras, tem estado presente sempre em periódicos e outros estilos de literatura atual. Uma vez que entendemos ser um renascimento da filosofia comunicada pelos *nefilins* e cremos que os sinais da última apostasia podem ser detectados em seus ensinamentos, admitimos a importância de examinarmos esse assunto mais a fundo, o que tentaremos fazer agora.

Por muitos séculos, a verdadeira natureza dos antigos sistemas religiosos era isenta de suspeita por parte dos cristãos. Tem sido normal considerar o paganismo como uma mera adoração bruta de pedras e troncos, como uma crassa superstição tão completamente destituída de intelectualidade que, uma vez banida, nunca mais conseguiria voltar e de novo enganar um mundo esclarecido e culto. Por descuido, assu-



miu-se que brotou da ignorância e incapacidade mental; porém, seu maravilhoso poder de adaptação à mente carnal deveria ter sugerido, em vez disso, uma emanação das potestades do ar que foram a causa da queda de nossos primeiros pais. Supor que qualquer coisa que venha de tal fonte necessariamente seja desprovida de vigor intelectual e beleza seria uma loucura tão grande quanto a que apresenta o decaído Filho da Manhã à guisa de um monstro chifrudo. Há pouca chance de escaparmos de suas artimanhas a não ser que reconheçamos o fato de que os recursos do intelecto ainda estão sob o comando dele e de suas hostes, que ainda “há algum sopro de *grandeza* nas coisas malignas.”

Podemos, portanto, esperar encontrar pelo menos um leve reflexo desta grandeza naqueles que foram inspirados por anjos decaídos e que aprenderam a reconhecê-los como seus senhores. Tal expectativa não será frustrada, pois, se investigarmos o antigo paganismo à luz de descobertas recentes, logo perceberemos que muitos de seus sacerdotes e iniciados eram reconhecidos como filósofos e homens de ciência.

Porém – e isso é mais estranho ainda! –, se, depois de nossa investigação, olharmos para o mundo de hoje, veremos homens do século 19 voltando-se para a sabedoria de eras há muito passadas, e o pensamento moderno apoiando-se nas asas do saber da Antigüidade. Além disso, quase todas características da Antigüidade parecem estar surgindo novamente. O relacionamento direto com os demônios está sendo renovado em uma escala sem precedentes no próprio coração da cristandade e até mesmo dentre os protestantes saduceus. Grupos numerosos estão praticando artes mágicas. Há muitas tentativas de restaurar a influência daqueles Mistérios antigos que dizem ter sido mantidos vivos por uns poucos iniciados. Curas por magnetismo são novamente efetuadas. Astrônomos e astrólogos aumentaram muito em número, ao passo que muitos estudantes amadores estão zelosamente ajudando a restabelecer o poder da astrologia sobre a raça humana. O uso da varinha da rabdomante e inúmeras outras práticas de eras primitivas e medievais estão tornando-se mais uma vez comuns. Por



mais incrível que isso parecesse há alguns anos, todas essas “supers-  
tições” estão flutuando de volta até nós na onda do “pensamento  
moderno”. Não vêm mais envoltas por um véu de mistério nem  
tampouco se dizem milagrosas ou divinas; contudo, de acordo com o  
espírito da época, apresentam-se como frutos da ciência, evidências  
do progresso do conhecimento em termos das leis de mundos visíveis  
e invisíveis.

Assim diz o autor de *Ísis Desvelada*:

“A não ser que nos enganemos quanto aos sinais, está chegando  
o dia em que o mundo receberá provas de que apenas as religiões  
antigas é que estavam em harmonia com a natureza, e de que a  
ciência antiga abarcava tudo o que pode ser conhecido... Uma  
época de desilusão e reconstrução logo começará – minto, já  
começou. O ciclo já quase terminou seu curso. Um novo está por  
iniciar, e as páginas futuras da história poderão estar repletas de  
evidência e comunicar prova completa de que

‘Se podemos crer em qualquer parte do que nos falaram os ante-  
passados,

Espíritos desceram até aqui, e conversaram com o homem,  
E contaram a ele segredos de um mundo desconhecido.”

(*Ísis Desvelada*, Vol. I, pág. 38)

Isso pode muito bem ser verdade, pois o Apocalipse prevê uma  
temporada ainda por vir de anjos decaídos aqui na terra, um evento  
que rapidamente dispersará qualquer ceticismo quanto ao passado.  
Entretanto, mesmo agora, há ampla evidência que pode ser encontra-  
da não apenas nos relatos bíblicos sobre os *nefilins*, mas nos mitos de  
todas as nações. Por exemplo, que importância devemos dar à história  
de que a Ceres, a deusa da fecundidade e da agricultura, instruiu os  
homens sobre técnicas agrícolas? Por que a música é atribuída ao deus  
Apolo e a eloquência, a Mercúrio? De onde veio a lenda do grande



titã Prometeu, que, desafiando Zeus, disseminou as artes civilizadoras entre os homens, ensinou-lhes medicina, astronomia e adivinhação e também roubou o fogo dos céus para dar-lhes? Ou, mais uma vez, não haverá nenhuma base de fato para o catálogo de artes que dizem ter sido introduzidas aos homens pelos *nefilins* contido no misterioso Livro de Enoque, (*ou Livro dos Segredos de Enoque*, II.8); nenhuma verdade no apelo de Miguel e seus companheiros quando dizem: “Veja, então, o que Azazel fez; como ensinou toda a maldade para a terra e revelou os segredos do mundo que foram preparados nos céus”? (*Livro de Enoque*, II.9).

Se, no entanto, o filósofo antigo extraiu suas primeiras informações de tal fonte, deixamos de maravilhar-nos com sua abrangência. As dicas do conhecimento da forma esférica da terra e de seu movimento em torno do sol, citado como se tivesse sido encontrado nos Vedas, os quatro livros sagrados dos hindus, não são mais incríveis. Podemos ouvir com serenidade as revelações de astronomia da Grande Pirâmide. Nem mesmo ficamos desnorteados com a afirmação de que muitos dos resultados da ciência moderna estavam incluídos na instrução concedida aos iniciados dos mistérios órficos, herméticos, eleusinianos e cabalísticos, e os magos caldeus, sacerdotes egípcios, ocultistas hindus, essênios, terapêuticos, gnósticos e neoplatonistas teúrgicos estavam familiarizados com eles.

Como também nos foi dito que todas as sociedades ocultas têm-se associado e, portanto, de alguma maneira têm levado adiante um estudo contínuo, somos obrigados a admitir que já deve fazer muito tempo que ultrapassaram os limites da ciência moderna, uma vez que estes têm a experiência acumulada de relativamente poucas gerações. No entanto, ainda devem ter progredido na metafísica e psicologia, estudos que sempre reputaram como sendo os mais importantes.

Nas palavras de A. P. Sinnett,

“existe, assim, algo além de um mero interesse arqueológico



pela identificação do sistema do ocultismo com as doutrinas das organizações de iniciados em todas as épocas da história mundial, e, nesta identificação, encontramos a chave para a filosofia do desenvolvimento religioso. O ocultismo não é apenas uma descoberta isolada, mostrando que a humanidade possui certos poderes sobre a naturezà, o que um estudo menos abrangente da natureza só deixou de desenvolver do ponto de vista material. É uma luz lançada sobre todas as especulações espirituais prévias de algum valor, de um tipo que une alguns sistemas aparentemente divergentes. Isso é para a filosofia tanto quanto o sânscrito foi considerado ser para a filologia comparativa. É a matéria-prima das raízes filosóficas. Judaísmo, cristianismo, budismo e teologia egípcia são dessa maneira arrebanhados numa única família de idéias" (*The Occult World [O Mundo do Ocultismo]*, pág. 6).

A última frase sem dúvida é verdadeira contanto que nos lembremos de que o “judaísmo”, neste caso, refere-se à cabala, e que o “cristianismo” não significa a fé pura e simples exposta no Novo Testamento, mas o conjunto eclesiástico do paganismo, pelo qual os autores do livro *The Perfect Way (Caminho Perfeito)* assim expressam francamente sua obrigação:

“Pois, como os puritanos, que envolveram com gesso e de várias maneiras cobriram e esconderam da vista imagens e decorações sagradas que lhes eram ofensivas, a ortodoxia pelo menos preservou, no decorrer das épocas, os símbolos que contêm a verdade sob os erros com os quais foram cumulados.”

Quando o verdadeiro significado destes símbolos tornar-se público, o objetivo dos iniciados de impô-los sobre a igreja ficará bem aparente. A revelação de sua verdadeira natureza esmagará a fé daqueles que a calcam sobre tais símbolos na otimista ilusão de



que são cristãos e aplainam muitos lugares ásperos para o avanço da grande apostasia.

Dessa forma, por meio de várias associações secretas, o ocul-tismo parece ter chegado até nós, nos dias de hoje, a partir da época dos Mistérios. A única irmandade agora mencionada no mundo exterior é a que alastrá suas filiais por todo o Oriente, e cujo quartel-general dizem ser no Tibete. Está aberta a qualquer pessoa que puder provar-se apta para tornar-se membro. O neófito ou chela<sup>1</sup>, porém, deve submeter-se a uma disciplina de muitos anos e passar por terríveis provações antes de ser totalmente iniciado. Essas provas, assim dizem, não são arranjadas por capricho nem projetadas para apoiar uma invejosa exclusividade, mas são necessárias para o próprio aluno e têm a finalidade de prepará-lo para a tremenda revelação que finalmente o recompensará por sua bem-sucedida perseverança.

## **A Sociedade dos Irmãos e Seus Objetivos**

Todavia – conforme fomos informados por aqueles que dizem ter autoridade para fazer tais afirmações –, uma vez que os avanços da ciência moderna e, sobretudo, a expansão da filosofia evolucionária haviam preparado o mundo para um ensinamento mais profundo, os Irmãos decidiram que havia chegado a hora de comunicar-se com tais coisas e influenciar abertamente a religião e filosofia. No entanto, eles ficaram tão eterizados por suas práticas que se tornaram incapazes de suportar o contato com a natureza humana bruta. Ficou sendo assim necessário o uso de intermediários.

<sup>1</sup> Noviço do budismo esotérico (N.R.).



A primeira pessoa que conhecemos escolhida para este propósito foi Madame Blavatski<sup>2</sup>, uma aristocrata russa, neta da Princesa Dolgorouki, do lado mais antigo da família, e viúva do General N. V. Blavatski, governador da Criméia na época da guerra e de Erivan, na Armênia, por muitos anos. Esta senhora, depois de devotar-se ao ocultismo por uns 30 anos, foi a um retiro himalaico, onde passou sete anos sob a instrução direta dos Irmãos, foi iniciada e recebeu ordens quanto à sua missão. Foi, então, despachada para o mundo exterior e, tendo ido para a América, atraindo ali um número de mentes simpatizantes, organizou a Sociedade Teosófica em Nova York sob a presidência do Coronel Olcott, o que se deu no ano de 1875. Então, após passar para a Inglaterra e estabelecer a sociedade naquele país também, voltou à Índia, onde a adulação dos nativos e ódio dos governantes britânicos, aliados à sua nacionalidade, fizeram com que fosse vista como espiã, e não sem razão. Finalmente, percebendo seu erro, mudou suas táticas e, conseguindo apresentações aos oficiais britânicos em Simla, começou a ter algum progresso. Os objetivos da sociedade foram dispostos da seguinte forma:

- Formar o núcleo de uma Irmandade Universal da Humanidade;
- Estudar literatura, religião e ciência arianas;
- Reivindicar a importância dessa investigação;
- Explorar os mistérios escondidos da natureza e os poderes latentes no homem.

<sup>2</sup> Ultimamente, dois indianos nativos, Ramaswamy, um oficial do governo de Tinnevelly, e Damodar, têm sido mencionados, e o Coronel Olcott passou a ser chela. Diz-se que esse último viu os irmãos tanto na forma astral quanto carnal. "Por uma longa série de demonstrações taumatúrgicas extremamente assombrosas na ocasião em que foi intelectuado de assunto pela primeira vez na América, ele tomou conhecimento de seus poderes" (*Light [Luz]*, 22 de dezembro de 1883).



Posteriormente, um quinto objetivo foi revelado: a destruição do cristianismo.

“Mais tarde, determinou-se espalhar entre os ‘pobres pagãos incultos’ tantas evidências quantas fossem necessárias quanto aos resultados práticos do cristianismo para, pelo menos, dar ambos os lados da história às comunidades dentre as quais os missionários trabalhavam. Tendo isso em vista, estabeleceram-se, por todo o Oriente, relações com associações e indivíduos, aos quais são fornecidos relatos legítimos de crimes e delitos eclesiásticos, dissidências e heresias, controvérsias e litígios, diferenças doutrinárias, críticas e revisões bíblicas, as quais proliferam na imprensa cristã européia e americana constantemente. A cristandade, há muito, tem sido informada detalhadamente quanto à degradação e à brutalidade as quais o budismo, o bramanismo e o confucionismo têm lançado seus devotos iludidos, e muitos milhões têm sido esbanjados nas missões estrangeiras sob essas falsas representações. A Sociedade Teosófica, vendo exemplos diários desse mesmo estado de coisas como a consequência de ensino e exemplo cristãos (deste último especialmente), achou que faria justiça perfeita ao divulgar esses fatos na Palestina, Índia, Ceilão, Caxemira, Tartária, Tibete, China e Japão, países onde tem correspondentes influentes. Poderá, com o tempo, vir a ter muito a dizer sobre a conduta dos missionários para com aqueles que contribuem para seu sustento” (*Ísis Desvelada*, vol. I, págs. 41, 42).

Torna-se claro, portanto, que esse inimigo já fez uma declaração formal de guerra. Por volta do outono de 1883, já existiam 70 sucursais da sociedade na Índia, e “muitos milhares de maometanos, budistas, hindus, parses, cristãos, oficiais e não-oficiais, governadores



e governados têm sido unidos por sua instrumentalidade" (*Hints on Esoteric Theosophy [Dicas sobre Teosofia Esotérica]*, número I, pág. 18). Como provas de seu poder nivelador, os seguintes incidentes serão de grande significado para aqueles que conhecem o povo da Índia:

"No ano de 1880, uma delegação mista de hindus e parses foi incumbida, pela sucursal de Bombaim, de dar assistência aos fundadores da organização de sucursais budistas no Ceilão. Em 1881, os budistas retribuíram a ajuda, enviando representantes a Tinnevelly com a finalidade de dar assistência na organização de uma sucursal hindu, e estes budistas, junto com o Coronel Olcott, foram recebidos elevadamente dentro do mais sagrado templo hindu, onde plantaram uma árvore de cacau em comemoração à sua visita" (*Hints on Esoteric Theosophy [Dicas sobre Teosofia Esotérica]*, número I, págs. 18, 19).

Satisfeitos com esses resultados e sucesso em outros países, a irmandade autorizou A. P. Sinnett a revelar algumas partes de sua filosofia ao mundo ocidental, o que fez na primavera de 1883 em um livro intitulado *Esoteric Buddhism (Budismo Esotérico)*. Porém, um livro ainda mais notável fora publicado no ano anterior, cujas "inspirações internas" o sr. Sinnett supunha serem idênticas às de sua própria obra. Parecia ser, no entanto, mais uma produção de ocultismo ocidental do que oriental. Chama-se *The Perfect Way, or the Finding of Christ (Caminho Perfeito, ou Encontrando Cristo)*, e seus autores anônimos, pois reivindicam inspiração e recusam ser considerados autores, certamente exibem habilidade considerável; embora, no caso das Escrituras em hebraico e grego, mostrem um conhecimento bem menos preciso do que aquele que alegam ter com relação às doutrinas dos Mistérios. Às vezes, também, para servir seu propósito, atribuem significados estranhos a algumas palavras sem se dignar a dar uma dica quanto ao processo pelo qual chegaram a essa conclusão.



Mais uma vez, dois ou três anos antes do surgimento da citada obra, foi publicado em Paris o *Les Quatres Evangiles expliqués en Esprit et en Verité* [Os Quatro Evangelhos Explicados em Espírito e em Verdade], de M. Roustaing. Este senhor afirmava ter escrito o que lhe fora ditado pelos quatro evangelistas e outros apóstolos que lhe foram enviados para comunicar-se com ele. Tem muitos admiradores e representantes na Inglaterra, dentre os quais as mais conhecidas são a Condessa de Caithness e a srt. Anna Blackwell. Seu trabalho elabora ainda mais a filosofia de Allan Kardec, cujos livros têm tido uma imensa circulação por toda a França. Um desses, *The Spirit's Book* (O Livro dos Espíritos), foi traduzido, algum tempo atrás, pela srt. Anna Blackwell.

## **A Doutrina da Evolução da Alma**

Agora, a teoria fundamental presente em todos estes livros, apesar de diferirem entre si quanto a detalhes comparativamente insignificantes, é a doutrina da evolução da alma por meio de repetidas encarnações ou, como foi dito pelos autores do *The Perfect Way* (Caminho Perfeito), “a preexistência e perfectibilidade da alma”. Para discorrer sobre esta doutrina, usaremos como livro texto o último tratado que mencionamos.

Os autores, explicando sua posição, declaram a identificação de seu ensinamento com o que era dado aos iniciados nos “Sagrados Mistérios da Antigüidade”. Porém, prosseguem, “hoje como nos tempos idos, aqueles Mistérios compreendem duas classes de doutrina, das quais apenas uma classe (aquele que pertence aos Mistérios Menores, sendo histórica e interpretativa) pode ser livremente apresentada. A outra, conhecida como Mistérios Maiores, é reservada para aqueles que, devido ao desabrochar interior de sua consciência, têm em si mesmos o testemunho necessário” (*The Perfect Way*, pág. 13). “Devido a essa reserva necessária”, os autores não podem dar um relato preciso



quanto à origem dos fragmentos inspirados que freqüentemente citam como legítimos.

O que pretendem dizer com “desabrochar interior de sua consciência” ou “capacidade de intuição” logo se torna claro. No decorrer dos anos que atravessamos em inúmeras encarnações, “aquilo que em nós percebe e lembra permanentemente é a Alma.” Apesar de estarmos obscurecidos devido à espessura de nossa natureza presente, e termos perdido o uso dos tesouros da memória, ainda assim “tudo o que ela aprendeu está a serviço daqueles que apropriadamente cultivam relações com ela” (*The Perfect Way*, pág. 4). De fato, o homem que cultiva tais relações com sucesso parece adquirir poder ilimitado.

“Ele não lê apenas sua própria memória enquanto assim dotado. O próprio planeta do qual é filho é, como ele próprio, uma Pessoa que também possui um meio de memória. Aquele a quem a alma empresta seus olhos e ouvidos pode obter conhecimento não apenas de seu próprio passado, mas também do passado do planeta, conforme contemplado nas imagens impressas na luz magnética que constituem a memória do planeta. Porquanto, de fato há espeiros de eventos, espíritos de circunstâncias passadas, sombras no espelho protoplásmico, que podem ser invocados” (*The Perfect Way*, págs. 8, 9).

“A intuição é, então, aquele uso da mente pelo qual somos capacitados a adquirir acesso à região interior e permanente de nossa natureza e ali tomarmos posse do conhecimento do qual, nos idos dos tempos, a alma apropriou-se” (*The Perfect Way*, págs. 3, 4).

A memória intuitiva deve ser “desenvolvida e de outras formas assistida pelo único modo de vida compatível com aspirações filosóficas sólidas”, “o modo, portanto, invariavelmente seguido desde o começo por todos os candidatos à iniciação nos mistérios



sagrados da existência. Apenas vivendo a vida, poderá o homem conhecer a doutrina" (*The Perfect Way*, pág. 4).

Todavia, se perscrutarmos as regras desta vida, o sistema todo é instantaneamente condenado pela resposta: o casamento é proibido ao neófito, que deve abster-se de carne e álcool. Imediatamente, reconhecemos a "apostasia" que Paulo escreve a respeito e vemos que a assim chamada memória intuitiva não é a recuperação de um conhecimento oculto ao homem, mas uma inspiração de demônios que falam mentira com hipocrisia.

Declarando, então, que sua informação foi obtida por meio da memória intuitiva, os autores dão início ao ensino de que o homem possui uma natureza quádrupla, e que "os quatro elementos que o constituem são, contando de fora para dentro, o corpo material, o fluídico perispírito ou corpo astral<sup>3</sup>, a alma ou indivíduo e o espírito ou Pai Divino e vida de seu sistema" (*The Perfect Way*, pág. 5). Fornecem, então, sua teoria evolucionária, do qual o seguinte é um breve resumo.

O éter interplanetário, conhecido na terminologia ocultista como fluido astral, é a primeira manifestação da Substância, que suporta todos os fenômenos. Sua expressão máxima é o que chamamos de matéria. Há apenas uma Substância; portanto, Espírito e Matéria não são duas coisas, mas duas fases da mesma coisa assim como o gelo sólido, palpável, incompressível é, sob outras condições, igual ao fluido, invisível e compressível vapor.

Como há apenas uma Substância, logo a substância da Alma e de todo o resto e a substância da divindade são uma só.

<sup>3</sup>Este é o assim chamado *doppelgänger*, que pode ser projetado por meio de um corpo material e fazê-lo aparecer a qualquer distância.



"Desta Substância da Vida, a qual também é chamada de Deus, que, como Substância Viva, é ao mesmo tempo Vida e Substância, um porém dois, ou dois em um. O que sai destes dois – sendo teologicamente conhecido como Filho e Palavra – é necessariamente a expressão de ambos e, potencialmente, o Universo, pois Ele cria à Sua imagem divina, por meio do Espírito que recebeu. Agora, a Substância divina é, em sua condição original, homogênea. Cada mônade, portanto, possui potencialidades do todo. Cada alma individual, em sua condição original, é composta de tal mônade. O universo material consiste na mesma Substância projetada sobre as condições mais baixas. No entanto, não sofre nenhuma mudança radical quanto à natureza a ser projetada, mas sua manifestação – em qualquer esfera que esteja acontecendo – está sempre como uma Trindade em Uníssono. A forma na qual a Substância se manifesta é a evolução de sua Trindade. Assim, contando de fora para dentro e de baixo para cima, no plano físico, estão a Força, o Éter universal e seus rebentos, o Mundo Material. No plano intelectual, encontram-se a Vida, a Substância e o Fenômeno. No plano espiritual – ponto original de irradiação –, encontram-se a Vontade, a Sabedoria e a Palavra. Em todos os planos, de alguma maneira estão o Pai, a Mãe e o Filho" (*The Perfect Way*, págs. 17, 18).

Citamos as últimas frases sem abreviá-las em função de sua importância. Elas claramente expõem a falsa Trindade conforme é ensinada em todos os sistemas pagãos. Explicaremos a seguir sua oposição irreconciliável e blasfema à revelação bíblica; agora, porém, daremos prosseguimento a nosso resumo.

As mônades da substância divina são primeiro aprisionadas sem individualização em algo material.

"Não há nenhuma forma de Matéria na qual o potencial de personalidade e, portanto, de homem, não subsista. Para cada molécula,



existe uma forma de consciência universal. Sem consciência, não há ser, pois consciência é ser. A mais primitiva manifestação de consciência aparece na obediência às leis de afinidade gravitacional e química, que formam a base para as leis orgânicas de assimilação nutritiva que se desenvolveram posteriormente. A percepção, a lembrança e a experiência representadas no homem são o acúmulo de longos anos de luta e raciocínio, gradativamente avançando, por meio do desenvolvimento da consciência e de combinações orgânicas, até Deus. Esse é o sentido oculto da velha história de mistério que relata como Deucalião e Pirra<sup>4</sup>, sob a direção da deusa Têmis (Sabedoria), produziram “homens e mulheres das pedras, povoando assim a terra renovada” (*The Perfect Way*, pág. 19).

Saindo eventualmente, então, do reino mineral, a mônade se manifesta nas formas mais baixas de vida orgânica, e é nesse ponto que ocorre a individualização por autogeração, transformando-se em alma ou núcleo da célula na qual se manifestou. “Uma vez formada, ao dividir-se, é capaz de informar outra célula” (*The Perfect Way*, pág. 18). Assim progride, em uma série de vidas, de vegetal a animal e de animal para humano. Após experimentar muitas existências no último estado a ser mencionado, as condições para cada renascimento são determinadas pelos resultados, ou *carma*, da vida anterior, elevando-se ao sobrenatural. Assim, afinal, renuncia sua *existência* pelo *ser* de onde originalmente foi projetado, mas retorna com individualidade

<sup>4</sup> Deucalião reinava sobre uma raça que se regenerava, e Zeus mandou que um dilúvio a destruísse. Antes, porém, avisou Deucalião a fim de que ele construísse um cofre e se fechasse dentro dele com sua mulher, Pirra. Quando acabou o dilúvio, o cofre encontrava-se no alto do Monte Parnaso, e Zeus decidiu satisfazer o primeiro desejo do casal. Os dois queriam ter companheiros. Zeus lhes disse que cobrissem o rosto e atirassem pedras para trás. As pedras que Pirra atirou transformaram-se em mulheres, e as de Deucalião, em homens. Assim, a terra repovoou-se (N.R.).



consciente de toda vantagem de suas experiências. Ao retornar, volta a unir-se à divindade; portanto, devemos

“conceber Deus como um grande e vasto corpo espiritual constituído de muitos elementos individuais, todos com apenas uma vontade e, assim, sendo um. Essa condição de unidade com a vontade e o ser divinos constitui o que, no misticismo hindu, chama-se de nirvana celestial. Contudo, apesar de transformar-se em espírito puro ou Deus, o indivíduo retém sua individualidade. Por isso, ao invés de todos os seres finalmente fundirem-se no Um, o Um se torna muitos. Dessa forma, Deus vem a ser milhões. Deus é multidões, e nações, e reinos, e línguas; e a voz do Senhor é como a voz de muitas águas” (*The Perfect Way*, pág. 46).

Esse é um esboço da audaciosa tentativa de negar tanto o Pai quanto o Filho e de colocar diante dos homens, de maneira especialmente sedutora, a velha tentação: “E sereis como Deus” (Gn 3). Era um dos segredos ensinados aos iniciados de antigamente, e vários dos grandes sábios dizem ter-se lembrado de encarnações prévias, especialmente Krishna, Pitágoras, Platão, Apolônio e o Buda Gautama<sup>5</sup>.

“Este último – o mensageiro que cumpriu, para os místicos do Oriente, a parte que 600 anos mais tarde Jesus cumpriu para os místicos do Ocidente – é citado como tendo reavido as lembranças de 550 de suas próprias encarnações. O propósito principal

<sup>5</sup> Siddhartha Gautama nasceu no ano de 560 a.C. na região da fronteira entre a Índia e o Nepal. De linhagem nobre, Buda viveu durante o período áureo dos filósofos e foi contemporâneo de Heráclito, Pitágoras, Zoroastro, Jain Mahavira e Lao-Tsé. O termo “Buda” é um título e não um nome próprio. Significa “aquele que sabe” ou “aquele que despertou” e aplica-se a alguém que atingiu um superior nível de entendimento e a plenitude da condição humana. Ainda tem sido aplicado a pessoas que se transformaram em mestres de sabedoria no oriente, onde, em muitos países, seguem-se os preceitos budistas (N.R.).



de sua doutrina era o de induzir os homens a viverem de maneira a ponto de reduzir o número e a duração de seus dias na terra. ‘Aquele’, dizem as escrituras hindus, ‘que recupera em sua vida a lembrança de tudo o que sua alma aprendeu já é deus’” (*The Perfect Way*, págs. 22, 23).

Desde que o princípio deste mundo aparentemente determinou que já havia chegado a hora de conseguir a mesma unanimidade em seu reino humano quanto em seu reino espiritual e, portanto, propagar essa filosofia evolucionária em terras que há muito têm sido influenciadas pela revelação de Deus, é necessário produzir testemunho a favor disso nas Escrituras cristãs. Citaremos alguns exemplos que permitirão ao leitor avaliar o valor de tal apoio.

No discurso apaixonado de João Batista aos judeus preconceituosos, ele aponta para as pedras nas margens do Jordão e exclama: “Pensam vocês que Deus não pode ficar sem vocês por serem filhos de Abraão? Se tivesse necessidade disso, Seu poder poderia, num instante, transformar cada uma dessas inúmeras pedras num filho de Abraão” (*The Perfect Way*, pág.20). E mais uma vez, quando nosso Senhor quis mostrar aos fariseus que os propósitos de Deus são irresistíveis, disse: “Eu vos digo que se esses se calarem, as pedras clamarião.” Estas duas passagens supostamente fornecem evidência clara de que tanto João quanto nosso Senhor estavam cientes da presença de mônades divinas nas pedras – mônades que seriam educados, através de várias incorporações, até poder assumir a forma humana!

De outra feita, Daniel recebe a promessa de que descansará e levantar-se-á para receber sua herança no fim dos dias, quando acontecesse a ressurreição que acabara de ser-lhe revelada. Isto supostamente indica reencarnação. O Senhor diz a respeito de João: “Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?” O comentário é: “Jesus insinuou que ele deveria ficar perto do alcance da vida terrena, para reencarnação ou metempsicose, até chegar a hora determinada.”



O Senhor é descrito por Paulo como o Capitão da nossa salvação, aperfeiçoado por meio do sofrimento. Tal expressão “obviamente implica numa trajetória de experiências muito além de qualquer coisa que possa ser prevista para uma carreira única e breve.” Assim, o misterioso mestre gnóstico Carpócrates estava certo “ao ensinar que o Fundador do cristianismo também era apenas uma pessoa que, tendo uma alma muito antiga e num alto grau de purificação, pôde recuperar a memória de seu passado por meio de seu modo de vida.” É verdade que nosso Senhor, ao falar do homem cego, enfaticamente negou que havia nascido assim em função de um pecado cometido em uma existência anterior; porém, isso não prova nada já que “Sua recusa em satisfazer a curiosidade de Seus discípulos é facilmente comprehensível com base na suposição de que não estava disposto a falar sobre o assunto de outras almas.”

Finalmente, a Condessa de Caithness audaciosamente declara que nosso Senhor ensinou a doutrina da reencarnação quando disse: “A não ser que um homem nasça de novo, não verá o Reino de Deus” (*Serious Letters to Serious Friends [Cartas Sérias a Amigos Sérios]*, pág. 129). Nicodemos, no entanto, é censurado por compreender as palavras exatamente nesse sentido, e muitas outras passagens mostram que o renascimento acontece quando há conversão, e que o rito inicial do batismo expressa a morte e o sepultamento do homem para a velha vida e ressurreição para a nova, na qual é exortado a andar de agora em diante. Além disso, temos a enfática afirmação de Paulo de que “ao homem está ordenado a morrer uma só vez”.<sup>6</sup>

Esses são, então, alguns dos melhores argumentos que os teosofistas conseguem apresentar tirados da Bíblia para apoiar sua teoria fundamental. A mera menção de tais argumentos é refutação

<sup>6</sup> Hb 9.27. O grego ἄπαξ também é uma palavra forte que quer dizer “de uma vez por todas”.



suficiente. Não nos surpreende achar outros pontos de vista expostos por estes filósofos francamente opostos à revelação divina. “A queda do homem”, de acordo com eles, “não significa, como se fala normalmente, uma queda por meio de um ato específico de determinados indivíduos num estado original de perfeição... Significa a inversão das relações entre alma e corpo de uma personalidade já tanto espiritual quanto material a ponto de envolver a transferência do sistema de vontade central em questão da alma, que é o lugar apropriado, para o corpo e a sujeição consequente da alma ao corpo, a obrigação do indivíduo ao pecado, à doença e a todos os outros males que resultam de tais limitações a matérias” (*The Perfect Way*, pág. 215). Ligada a essa explanação, há a seguinte doutrina estranha, conduzindo, como todo paganismo o faz, à adoração da Grande Deusa, a Mãe e a Criança, e também à reversão da ordem de Deus na Criação.

“Qualquer que seja o sexo da pessoa fisicamente, cada indivíduo é dualista, composto de exterior e interior, da personalidade manifesta e da individualidade expressa, de corpo e alma, que são masculino e feminino um para o outro, homem e mulher; ele o exterior, e ela o interior” (*The Perfect Way*, pág.186).

Para resumir o restante do parágrafo, assim como a mulher é para o homem, nos planos intelectual e espiritual, assim também ela o é nos planos físico e social. Ela é a verdadeira cabeça da criação. A submissão do feminino ao masculino no indivíduo aconteceu na queda. A submissão da mulher ao homem no mundo é o sinal externo e visível da queda. Somente por meio de “uma restauração completa, coroamento e exaltação da mulher em todos os planos, poderá haver redenção.”

Agora, já vimos que os teosofistas descrevem o homem como sendo composto por quatro elementos, dois dos quais são o corpo e o perispírito que perfazem o princípio masculino, enquanto o terceiro



é a alma, que é feminina. A parte restante é o espírito, que, sendo como uma emanação de Deus, é, portanto, Deus; dessa forma, cada homem tem Deus dentro de si! A alma, portanto, é colocada entre o elemento divino e o corpo; e “para realizar plenamente sua função em relação ao homem e atrair seu respeito para cima até ela, ela própria deve aspirar continuamente ao espírito divino dentro de si, o sol central de si mesmo, assim como ela o é para o homem” (*The Perfect Way*, pág. 188). Se falhar nisso, ela cai, une-se ao corpo, e o homem total é como o primeiro Adão, terreno da terra.

“O resultado, por outro lado, da aspiração constante da alma por Deus – o espírito, isto é, dentro dela – e sua consequente ação sobre o corpo é que também se torna tão permeado e inundado pelo espírito a ponto de enfim não ter vontade própria, mas de ser, em todas as coisas, um com seu espírito e alma e constituir com estes um sistema perfeitamente harmonioso, do qual cada elemento está sob total controle da vontade central. Essa unificação que ocorre dentro do indivíduo é que constitui a expiação<sup>7</sup>. E naquele em quem isso ocorre mais plenamente, a natureza consuma o ideal para alcançar aquilo para o qual ela primeiro veio de Deus” (*The Perfect Way*, pág. 217).

O casamento do espírito e da noiva já foi realizado, e o resultado é o novo nascimento. O homem é nascido da água e do espírito, sendo a água o símbolo da mulher. Dizem que este “homem que é nascido de novo em nós a partir da água (nossa próprio eu regenerado, Jesus Cristo e Filho do Homem, que, ao salvar-nos, é chamado

<sup>7</sup> Em inglês, expiação é *atonement*, que se presta a um jogo de palavras que o autor utiliza como *at-one-ment*, ou seja, “sendo um com” (N. do T.).



de Capitão de nossa salvação), é aperfeiçoado pelo sofrimento. Este sofrimento deve ser suportado por cada homem. Privar alguém disso ao deixar outros carregarem as consequências de seus atos, além de não o ajudar, estaria privando-o dos meios de redenção” (*The Perfect Way*, págs. 217, 218).

“Apesar de a redenção, como um todo, ser única, o processo é multifacetado e consiste em uma série de atos, espirituais e mentais” (*The Perfect Way*, pág. 220). O espaço não nos permitirá entrar em uma descrição específica. Podemos apenas mencionar que foram declarados como tipificados pelos seis atos dos Mistérios Maiores e Menores. Os três primeiros destes – o noivado, ou purificação inicial pelo batismo; a tentação ou prova; a paixão ou renúncia – “pertencem aos mistérios da humanidade racional, diferente daqueles da humanidade espiritual.” O ato específico pelo qual a paixão “é consumada e demonstrada é chamado de crucificação. Esta crucificação significa uma renúncia completa e sem reservas – à morte, se necessário –, sem oposição, mesmo em termos de desejo, da parte do homem natural” (*The Perfect Way*, pág. 220). É “o último estágio dos Mistérios Menores”, que pertencem à Câmara da Rainha na grande pirâmide<sup>8</sup> “e encerram a iniciação. Assim que libera o espírito – ou renuncia de uma vez por todas à vida inferior –, o Cristo entra em Seu reino, e o véu do Templo é rasgado de alto a baixo. Este véu é aquele que separa o lugar coberto do Santo dos Santos. Ao ser rasgado, indica a passagem do indivíduo para dentro do reino de Deus, ou da alma – tipificada na Câmara do Rei.” “Os últimos três atos – o Sepultamento,” para o qual o caixão encontrado na grande pirâmide foi muito usado, “a Ressurreição e a Ascensão – pertencem

<sup>8</sup> Os ocultistas afirmam que “a pirâmide foi projetada para ilustrar, tanto em caráter quanto em duração, os vários estágios da história da alma, de sua primeira aparição em matéria à sua libertação final triunfante e retorno ao espírito.” O edifício era, dizem eles, usado para a celebração dos mistérios.



aos Mistérios Maiores da Alma e do Espírito, sendo o Espírito o Senhor, Rei e Adonai central do sistema, e o Esposo da Noiva ou Alma” (*The Perfect Way*, pág. 249). “O sétimo e último ato do processo todo segue o cumprimento dos três estágios dos Mistérios Maiores do Rei ou Espírito e é chamado de Consumação das Bodas do Filho de Deus”. Neste ato, o Rei e a Rainha, o Espírito e a Noiva, *πνεῦμα* e *νύμφη*, são unidos indissoluvelmente; o Homem torna-se puro Espírito, e o Humano é finalmente elevado ao Divino” (*The Perfect Way*, pág. 250). “Este é o ‘Sabá’ dos hebreus, o ‘Nirvana’ dos budistas e a transmutação dos alquimistas” (*The Perfect Way*, pág. 251).

O homem que alcançar a consumação dos Mistérios Maiores será, então, não apenas um iniciado, mas também “um Cristo”. Tal honra, no entanto – “apesar de ser potencialmente franqueada a todos –, é de fato, no presente momento, franqueada a tão-somente a alguns poucos, que são necessariamente apenas aqueles que, tendo passado por muitas transmigrações e avançado muito no caminho da maturidade, têm diligentemente tentado aperfeiçoar sua vida por meio do desenvolvimento constante de todas as faculdades e qualidades superiores do homem. Estes que, ao mesmo tempo, não declinando das experiências do corpo, fizeram do Espírito, não do corpo, seu objetivo e alvo” (*The Perfect Way*, págs. 226, 227). Para atingir esse fim, submeteram-se “a rigoroso treinamento e disciplina física, intelectual, moral e espiritual.” Assim foram Osíris<sup>9</sup>, Mítras<sup>10</sup>,

<sup>9</sup> Protetor dos mortos e símbolo do poder criativo da natureza, Osíris é um dos deuses mais importantes do antigo politeísmo egípcio. Divindade originária de Busíris, localidade no delta do Nilo, Osíris talvez fosse um deus da fertilidade ou simplesmente um herói deificado. Por volta de 2400 a.C., o deus desempenhava um duplo papel: além de ligado aos ciclos da fertilidade, era também a personificação do rei morto. Esta segunda função constituía a base religiosa do poder do monarca. Os festivais de Osíris eram celebrados anualmente em todo o Egito. A crença de que a imortalidade seria alcançada pelo culto ao deus foi mantida mesmo após a decadência da civilização egípcia (N.R.).

<sup>10</sup> Deus da luz, importante na Pérsia (N.R.).



Na verdade, todos seus ensinamentos são manifestamente direcionados a um mesmo ponto. Como já vimos, eles gostariam de fazer-nos crer que a vida de nosso Senhor, nos Evangelhos<sup>18</sup>, apesar de talvez ter alguma base histórica, deve basicamente ser entendida como uma representação dos esforços de um homem típico para crescer até finalmente ele alcançar o nirvana. Além disso, acrescenta que os principais eventos daquela vida são meras transcrições dos atos dos Mistérios, cujo objetivo era “simbolizar os vários atos no Drama da Regeneração conforme ocorre no interior e nos lugares escondidos da existência do homem” (*The Perfect Way*, pág. 238).

Como havíamos comentado antes, nada pode ser conhecido, é claro, com relação aos Mistérios salvo aquilo que os iniciados acharrem apropriado revelar. Porém, se esses atos realmente correspondem aos principais eventos da vida de nosso Senhor, não vemos motivo para surpresa. Acreditando, como fazemos, que muito da sabedoria primitiva foi comunicada aos anjos caídos, e que estes mesmos anjos – embora assumamos que eles não tenham nenhuma outra fonte de informação –, com sua visão penetrante e seu conhecimento colateral, facilmente decifrariam os planos de Deus a partir de Suas profecias, não temos por que nos admirar por eles terem usado o que assim descobriram para seus próprios propósitos. Que plano mais sutil poderiam ter concebido do que fazer com que as declarações do próprio Todo-Poderoso servissem de base para seus ensinamentos, usando-as, assim, para induzir os homens a rejeitarem o Filho de Deus e confundindo sua mente?

Semelhantemente, assim como o rei romano fez com que fizessem 11 escudos exatamente como aquele que caiu do céu a fim de

<sup>18</sup> “Seu objetivo não é dar-nos um relato histórico da vida física de nenhum homem em particular, mas sim de exibir as possibilidades espirituais da humanidade como um todo, conforme ilustrado num exemplo típico e individual” (*The Perfect Way*, pág. 230).



que ninguém pudesse descobrir de qual dos 12 dependia o destino da cidade imperial, igualmente os defensores dos Mistérios falam sobre 11 outros Messias além do Senhor Jesus e declaram que, desde o início, estes foram escolhidos para aparecer periodicamente, um a cada período cíclico chamado de *Naros*, ou seja, a cada 600 anos. Tramaram entretecer histórias semelhantes aos fatos da vida do Senhor na vida de muitos desses falsos Cristos, especialmente com relação à virgem mãe, mencionada, como já vimos, na primeira das profecias. Onze desses “Mensageiros” já apareceram, e, de acordo com Kenealy, seus nomes são: Adão, Enoque, Fohi, Brigu, Zoroastro, Hermes (Thoth), Moisés, Lao-Tsé, Jesus, Maomé e Genghis Khan.

Estes “mensageiros”, em sua maioria, afetaram apenas determinadas nações e, devido à corrupção e à ignorância de seus seguidores, seus ensinamentos muitas vezes parecem contraditórios. “Pareceria”, porém, “que a missão correta do Décimo Segundo Mensageiro seria harmonizar todos os ensinamentos pervertidos dos Poderosos que o precederam em um só”<sup>19</sup>. Dessa forma ele conseguiria estabelecer “uma religião universal que reconhecerá os Messias de todas as nações”<sup>20</sup>.

Mais uma vez, os “mensageiros” que já apareceram, Moisés, Maomé e Genghis Khan eram “cabiri”, isto é, Vingadores ou Destruidores; enquanto os outros oito eram propriamente Messias ou Pacificadores. Porém, o Décimo Segundo deverá concentrar as duas posições. Não duvidamos disso. Como predito por Daniel, ele primeiro destruirá “os poderosos e o povo santo” (Dn 8.24) e deitará “por terra a verdade” (Dn 8.12); e todo o mundo se maravilhará dele e o adorará, dizendo: “Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?” (Ap 13.3-4). Neste Décimo Segundo Mensageiro esperado, reconhecemos

<sup>19</sup> Comentários sobre o Apocalipse de Kenealy, pág. 685.

<sup>20</sup> Ibid., pág. 684.

<sup>21</sup> Filho de Sofia, Demiurgo é considerado o deus criador do universo (N.R.).



o Anticristo, o iníquo, a besta da Bíblia, o Parasu-Rama dos hindus, o Mahdi dos maometanos, a quem o poder será dado sobre todas as tribos, e povos, e línguas e nações, e que conseguirá unir leste e oeste numa adoração blasfema a si próprio até que os céus sejam fendidos com relâmpagos para revelar a terrível majestade do Deus Eterno.

Os teosofistas, porém, dão um pormenor relacionado ao esperado Décimo Segundo Mensageiro de interesse especial para aqueles que estudam os avisos proféticos de nosso Senhor Jesus. Encontra-se no seguinte trecho extraído de *The Perfect Way*:

“O homem que procurar ser um hierarca não deve morar em cidades. Poderá começar sua iniciação na cidade, mas não poderá completá-la ali. Não deve respirar ar morto e queimado, ou seja, ar do qual a vitalidade foi extinta. Deverá ser um nômade, um habitante da planície, do jardim e das montanhas. Deverá ter comunhão com os céus estrelados, manter contato direto com as grandes correntes elétricas do ar vivo, com a grama selvagem e a terra do planeta, andando descalço e banhando seus pés com freqüência. É nos lugares não freqüentados, nas terras misticamente chamadas de ‘Oriente’, onde as abominações da ‘Babilônia’ são desconhecidas, onde a corrente magnética entre terra e céu é forte, onde o homem que busca Poder e que realizará a ‘Grande Obra’ deve concluir sua iniciação” (*The Perfect Way*, págs. 229, 230).

Não foram, então, palavras vãs ou especulativas que Ele, cuja volta aguardamos, expressou ao dizer: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem” (Mt 24.24-27).



Há mais uma doutrina da teosofia para a qual ainda não achamos um lugar, mas que precisa ser mencionada antes de encerrarmos este capítulo. Consideramos as sutilezas pelas quais, tendo dispensado Cristo, as esperanças do mundo são voltadas para a vinda do Anticristo. Será bom saber o que os teosofistas dizem a respeito do próprio Príncipe da Escuridão.

Somos informados de que “não há um diabo pessoal. Aquilo misticamente chamado de diabo é a negação e o oposto de Deus. E enquanto Deus é o EU SOU, ou ser positivo, o diabo é o “NÃO SOU” (*The Perfect Way*, pág. 69). Mas “o diabo não deve ser confundido com ‘Satanás’, apesar de às vezes serem mencionados na Bíblia como se fossem idênticos. Nesses casos, no entanto, a Escritura representa apenas a crença popular. A verdade concernente a Satanás pertence aos grandes mistérios, cujo conhecimento é reservado a apenas alguns. A lei antiga referente a isso ainda está valendo” (*The Perfect Way*, págs. 70, 71).

Sim, mas provavelmente não será sempre assim. A educação mundial está progredindo rapidamente, e logo os homens estarão prontos para receber o grande segredo, que provavelmente terá alguma ligação com o assunto mencionado nas páginas iniciais deste livro.

Há pouca dúvida quanto à culminação dos Mistérios ser a adoração do próprio Satanás. Muitos fatos apontam para isso, e, dentre eles, podemos mencionar o sistema dos gnósticos, no qual Demiurgo<sup>21</sup>, visto como criador do mundo atual e inspirador da Bíblia, é uma divindade inferior, sujeita a outro num plano muito distante. Pareceria, então, que desde as mais remotas eras, provavelmente do tempo em que os *nefilins* estavam sobre a terra, existiu uma associação com o Príncipe da Escuridão, uma Sociedade de homens conscientemente do lado de Satanás e contra o Altíssimo. Quando sentimentos de reverência e piedade tiverem sido suficientemente submersos pela inundação de influência demoníaca que está agora sendo derramada sobre nós, o mundo será convidado a unir-se a esta associação, rejeitar Deus e



Seu Ungido e adorar o Anticristo e aquela velha serpente chamada de diabo e Satanás, que lhe dará seu poder.

Um dos grandes segredos da falta de lei já foi oferecido e aceito pela humanidade: os encantamentos pelos quais os espíritos podem ser chamados do mundo invisível são conhecidos de todos, e estas formas sobrenaturais, que, em épocas passadas, eram projetadas do vazio apenas nos labirintos, cavernas e câmaras subterrâneas dos iniciados, agora estão manifestando-se em muitas salas de visitas e salas de estar privativas. Homens enamoraram-se de demônios e muito em breve receberão o Príncipe dos demônios como seu deus.

Mas, então, o vermelho amanhecer do Dia da Ira começará a aparecer, e o Senhor se levantará para abalar terrivelmente a terra.



# Budismo



## Capítulo 14

# **Budismo**

### **Sua Origem, Doutrina e Implicações nos Tempos Finais**

Vimos que o crescimento do espiritualismo, o que nada mais é do que uma volta a relações com demônios e realização de prodígios de eras antigas, logo resultou no reflorescimento do ocultismo, ou filosofia pagã. Esses sistemas, portanto, não são realmente antagônicos embora estejam em desacordo quanto a um ou dois pontos sem importância. São apenas aspectos diferentes da mesma fé e, sem dúvida, continuarão a existir lado a lado assim como o fizeram no velho mundo pagão, com a teosofia transformando-se no credo dos cultos e intelectuais, enquanto o espiritualismo influenciará o povo em geral.

A teosofia, entretanto, identifica seus ensinamentos com os dos Mistérios e declara ser um sistema “que todas as grandes religiões do mundo têm tentado expressar sob vários disfarces e com diferentes graus de sucesso”. Com certeza, então, o motivo que impele o Príncipe do Ar a fazer reflorescer tal sistema em países que, por 300 anos, professaram o nome do Senhor Jesus é suficientemente óbvio.



A hora de seu breve triunfo está próxima. Ele está começando a unir os homens numa aliança por meio dos ensinamentos dos *nefilins* (gigantes) que tiveram sucesso nos tempos antediluvianos e em Babel. Está organizando suas forças com a intenção de erguer novamente o estandarte da rebelião universal contra Deus e Seu Cristo. Iniciará, portanto, o processo de unir as grandes religiões no coração da cristandade para, dessa forma, por meio da combinação de seus esforços, conseguir sobrepujar e destruir a única comunidade irreconciliável, a Igreja do Senhor Jesus. Assim, vemos tanto espiritualistas quanto teosofistas, e até mesmo agnósticos, estendendo a mão direita ao budismo, granjeando tanta simpatia para ela em nosso próprio país que não devemos encerrar o livro sem antes fazer alguns comentários quanto à origem e à doutrina dessa religião.

Se estão oferecendo a mão direita ao budismo, a esquerda está, ao mesmo tempo, estendida ao islamismo, como já mencionamos. As seguintes palavras do prefácio de E. Arnold para *Pearls of Faith* (Pérolas da Fé) também ilustrarão o sentimento generalizado a este respeito:

“Desse modo, aquele mestre maravilhoso e talentoso – Maomé – criou um vasto império de nova crença e nova civilização e preparou um sexto da humanidade para os progressos e reconciliações que eras futuras trariam; pois o islamismo deve ser conciliado. Não pode ser jogado fora com desprezo nem erradicado. Ele divide a tarefa de educar o mundo com as religiões irmãs e contribuirá, com sua eventual parte, para aquele ‘*evento divino longínquo para o qual toda a criação se move.*’”

Quando a aliança rebelde dos filhos de Noé foi dispersa pela confusão de línguas, parece que os ancestrais das nações arianas deixaram a planície de Shinar em massa e foram em direção ao oriente. Aparentemente, falavam uma mesma língua e, sem dúvida, carre-



gavam consigo a religião e a filosofia que talvez tivessem-lhe sido transmitidas de épocas antediluvianas por Cam ou revelada pelos próprios *nefilins* após o dilúvio.<sup>1</sup> Provavelmente, viajaram pela Ásia até alcançarem a Báctria e, no período em que estiveram naquele país, parecem ter conseguido consideráveis avanços em termos de civilização (pelo menos, no que pudemos descobrir ao examinar as raízes comuns a todas as línguas arianas). Depois, talvez devido ao aumento numérico ou por outras razões, aparentemente se separaram em várias tribos, algumas das quais vagaram rumo ao ocidente de lugar em lugar até se fixarem na Europa e eventualmente ficarem conhecidos como gregos, romanos, eslavos e teutões. Outros foram para o planalto do Irã. Uma terceira multidão invadiu o vale do Indo e fixou-se entre os Sete Rios.<sup>2</sup> Sobre esses últimos, contudo, novas tribos vinham de trás pressionando-os. Afinal começaram a ultrapassar os limites de Punjabe, avançando para dentro da terra do Ganges, empurrando os dravidianos (ou dravídicos) e kolarianos à sua frente onde estabeleceram o grande reino de Magadã.

Após isso, veio um tempo de relativa paz em que os novos habitantes se acomodaram e começaram a investir em ocupações mais tranqüilas. Por força das circunstâncias, logo se dividiram em três classes distintas – ou castas. A nobreza militar, ou sátrias (kshatryas), foi naturalmente vista como sendo primeira em posição social ao final da longa guerra. Os brâmanes, ou sacerdotes e menestréis, vieram a seguir. E por último, haviam os agricultores e camponeses, que lavravam a terra e não iam à guerra a não ser em casos de emergência. Estes eram chamados wesias (vaisyas)<sup>3</sup> e compunham a terceira casta. Além

<sup>1</sup> Gênesis 6.4 diz que habitavam na terra antes e após o dilúvio.

<sup>2</sup> A data dessa imigração é incerta. Provavelmente, ocorreu por volta de 2000 a.C.

<sup>3</sup> A palavra *vaisya* originalmente significava um membro ou companheiro da tribo e era utilizada para distinguir todos os arianos como povo governante dos súditos aborígenes. Com o tempo, no entanto, tornou-se o nome especial da terceira casta.



dos imigrantes arianos, havia também uma população de turanianos, obrigados a viver entre seus conquistadores como inferiores e escravos. Estes, sob o nome de sudras, compunham a quarta casta, a qual era totalmente excluída de todas as questões de religião e não era reconhecida nem na Avesta<sup>4</sup>, ou lei do Irã Oriental, nem na do Ganges.

Por alguns séculos, os sátrias mantiveram sua supremacia. Ao longo do tempo, porém, por astúcia e concessões, os brâmanes conseguiram ser reconhecidos como a primeira casta e, dali em diante, tomaram toda e qualquer precaução para fortalecer e perpetuar a instituição de castas. Disso, decorrem as leis rígidas que proibiam casamentos entre castas e inexoravelmente confinavam cada homem à casta na qual nascera; ao passo que, para controlar o descontentamento naturalmente resultante, os brâmanes obtiveram um auxílio poderoso na doutrina da transmigração. Afirmavam ser necessário que cada ser, ao caminhar rumo à perfeição, passasse sucessivamente por todas as castas, ou seja, em vidas subsequentes, um sudra exemplar se tornaria um wesia, e um wesia, um sátria, e assim por diante.

Os espiritualistas compreendem que as forças que eles estão ajudando a pôr em movimento efetuarão um controle semelhante mais uma vez necessário para o mundo ser preservado da anarquia. Torna-se claro que a mente de alguns deles, por conseguinte, está voltando-se ao budismo no seguinte trecho extraordinário:

“A exibição de nossa fé doentia murchando e perecendo num meio intelectual hostil é o quadro mais desolador que qualquer mente sincera pode contemplar. Estamos aparentemente chegando a uma época em que a ‘hipocrisia organizada’ de nossas igrejas será um escândalo tão grande à inteligência humana quanto o monasticismo o foi

<sup>4</sup> Ou Zend-Avesta. Livro das escrituras semíticas do zoroastrismo persa (N.R.).



para a moral humana três séculos e meio atrás. Quando chegarmos a isso, será um período de sublevação em mais de uma direção. É quase certo que a incredulidade positiva, que está visivelmente se estendendo da aristocracia intelectual até a multidão, reagirá com força destrutiva sobre arranjos políticos e sociais. Poderá apenas sugerir a reforma das desigualdades neste mundo para aqueles que perderam a irreal esperança de compensação no próximo. Muita mente contemplativa deve ter pensado nisso com ansiedade, sem ver de que lado a reconstrução de uma fé religiosa sobre uma base permanente poderia vir. Será que ‘ao registro inocente e isento de sangue do budismo’ acrescentar-se-á essa reivindicação de gratidão humana e amor?” (C.C. Massey, em *Light [Luz]*, 16 de junho de 1883).

Os livros sagrados desse povo eram os quatro *Vedas* – *Rig-Veda*, *Yojur-Veda*, *Sama-Veda* e *Atharva-Veda*, cujo conteúdo prova que a religião brâmane é uma das mais inclusivas jamais instituída. Cada um deles consiste em três partes: os *Mantras*, as *Brâmanas* e os *Upanishad* (ou *Upanixades*), dos quais os *Mantras* são os mais antigos. Estes são hinos de louvor e oração, alguns dos mais antigos sem dúvida comuns a toda a família ariana, possivelmente entoados em eras remotas por nossos próprios ancestrais; enquanto os outros foram acrescentados mais tarde. Supunha-se que, se recitados ou entoados da maneira correta, exerceriam um poder mágico ao qual nem mesmo os deuses conseguiram resistir; ainda hoje, são usados como feitiços para imprecação ou com o propósito de afastar a influência de espíritos malignos. Em verso, que às vezes se eleva a um sublime estilo, inculcavam uma adoração aos poderes da natureza e testificavam de um medo de demônios malignos exatamente semelhante àquele expresso nos feitiços mágicos caldeus. Os assuntos são variados. De acordo com Lillie, “os *Vedas* contêm a idéia essencial da maioria dos dogmas e ritos religiosos do mundo.” Revelam a Trindade em unidade, e, a partir das iniciais de um conjunto de seus nomes – *Aditi*, *Varuna*,



Mitra –, é provável que tenha-se originado a palavra mística *Aum*, ou, como às vezes é escrita, *O'm*.

A maioria dos Mantras parece ter sido usada enquanto os arianos demoravam-se no vale do Indo, mas as Brâmanas são de uma data posterior. Elas marcam, de forma bem clara, a mudança da religião do profeta, ou *rishi*<sup>5</sup>, à do sacerdote, e expandem o sistema sacrificial e ritualístico dos brâmanes, desenvolvidos após a imigração para a terra dos Ganges.

Por último, os Upanishad – chamados de *Jnána Kánda* ou Departamento do Conhecimento – contêm a filosofia brâmane e aparentemente datam somente do sexto século antes de Cristo. Estes escritos elaboram a doutrina: “Há apenas Um ser, não há segundo”. Nas palavras de Monier Williams: “Ou seja, nada realmente existe além do único Espírito Universal, e qualquer coisa que parece existir independentemente é idêntica àquele Espírito.” O resultado das controvérsias emergentes desses tratados panteísticos foi o budismo – a não ser que achemos preferível dizer que tanto os Upanishad quanto o budismo foram resultado daquela onda de pensamento que, na época, assolava o mundo civilizado. Buda, no Indostão, não foi o único grande mestre de sua época. Nesse mesmo período, Zoroastro parece ter comunicado sua filosofia aos persas, enquanto Pitágoras instruía os homens na Grécia, e Confúcio, na China.

No início do sexto século, portanto, os brâmanes estavam no auge de seu poder, e os homens contorciam-se sob a tirania da casta, atormentados pela necessidade de purificações e sacrifícios expiatórios infundáveis que, se negligenciados, poriam em perigo a liberdade e a vida presente além de envolver castigos horrendos nos muitos infernos

<sup>5</sup> Os *rishis* eram considerados seres que atingiram níveis muito superiores de percepção e conexão divinas, seres realizados e iluminados (N.R.).



sobre os quais os sacerdotes ensinavam e nas encarnações futuras. Porém, mentes ponderadas começaram a refletir sobre a miséria do mundo e a perguntar-se se as doutrinas que produziram frutos tão amargos poderiam possivelmente ser verdadeiras. Um líder fazia-se necessário para inaugurar uma nova ordem e apareceu na pessoa de Buda. Casta, sacrifício, ritual e sacerdócio foram rapidamente solapados e abolidos. O budismo alcançou a supremacia no Indostão e manteve tal posição por muitos e longos séculos até que, finalmente, após ter sido corrompido, gradativamente deu lugar àquele misto com o bramanismo que podemos chamar de hinduísmo.

Seus triunfos, contudo, não se restringiram apenas ao Indostão. Seu poder foi reconhecido desde o Volga até às ilhas japonesas. Entrou na África e penetrou em Alexandria. As sociedades secretas dos terapeutas<sup>6</sup> e essênios inspiraram-se nele, os gnósticos foram seus filhos.<sup>7</sup> Ademais, investigações recentes tornaram provável que Buda tenha sido um deus do norte da Europa, e que seu nome seja filologicamente idêntico ao do deus Woden (ou Odin), do qual onde extraímos o nome do quarto dia da semana (em inglês, "Wednesday"). Enfim, parece estar demonstrado que, no quinto século, alguns budistas chineses conseguiram chegar à América e estabeleceram sua fé naquela terra remota mais do que 900 anos antes de qualquer pensamento sobre sua existência ter entrado na mente de Colombo. Mesmo nos dias de hoje, o budismo domina por volta de uns 500 milhões de almas, ou cerca de 40% de toda a raça humana, e permanece, sem rival, a religião mais espalhada pelo mundo e, em termos de números, a mais bem-sucedida.

<sup>6</sup>Místicos de uma antiga e misteriosa seita judaica, viviam em pequenas comunidades, habitavam o lado ocidental do Mar Morto e à beira do lago Maoris, no Egito, onde eram conhecidos como os terapeutas (N.R.).

<sup>7</sup>A idéia de que o gnosticismo era um tipo de cristianismo é uma das mais estranhas invenções da história eclesiástica. Na realidade, como Chiflet o define, "era o espírito asiático da Antigüidade tentando usurpar o domínio sobre a alma humana, insinuando-se na igreja cristã".



Aqueles que adoram maiorias já estão começando a citar esses mesmos fatos como prova da superioridade de Buda sobre Cristo. No entanto, estudiosos das Escrituras não se preocupam com tal argumento, mas estão bem cientes da característica desta era, conforme prevista por seu Senhor, ou seja: “Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.” Também se lembram de Seu aviso: “Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.” Eles sabem que Seu “pequeno rebanho” deve aguardar Seu retorno para tomar Seu Reino com paciência. Então, tudo será revertido, e Ele, enfim, terá a supremacia em números assim como em todas as coisas.

É claro que não temos espaço para discutir a história de Buda, mas é provável que haja muito pouca história. Com relação ao alegado paralelismo com a vida de Cristo, já comentamos que Satanás deveria conhecer as profecias de Deus a respeito de Jesus. Também deveria estar bem ciente de seu próprio papel não tão pequeno assim nesse assombroso drama e que, dentro de certos limites, ser-lhe-ia permitido orquestrar as tentações, quer fosse no deserto, no jardim ou na cruz, de acordo com seus próprios planos. Não temos, nesse caso, nada que nos cause surpresa se, com um propósito que agora está-se tornando bastante evidente, ele ensaiou algumas das cenas de antemão.

Com toda sua semelhança, não obstante, há uma diferença inexpressível entre as lendas sobre Buda e a história de Cristo, e forneceremos um ou dois exemplos. Nos Evangelhos, as circunstâncias da concepção são narradas com a dignidade e reserva apropriadas a um mistério tão transcendente. Buda, porém, desce do céu, entra no útero de sua mãe na forma de um elefante branco, com a cabeça da cor de cochinilha e presas de ouro – e estes não são os únicos detalhes revelados.

Mais uma vez, a história do nascimento de nosso Senhor e de Seu berço na manjedoura por não haver lugar na hospedaria têm o selo da autenticidade. A mãe de Buda, por outro lado, estava no bosque de Lumbini quando ele nasceu. Cercada por 60 mil lindas ninfas da



nuvem, ela caminhou até uma árvore imponente, que imediatamente baixou seus galhos para saudá-la e fazer-lhe sombra. De acordo com a versão tibetana, assim que o infante Buda tocou o chão, uma grande e branca flor de lótus brotou. Ele sentou-se nela e gritou: “Sou o chefe do mundo. Este é meu último nascimento” em palavras que saíram pelos mundos afora em poderoso som. Então, dois reis-serpentes, Nanda e Upananda, apareceram no céu e fizeram chover água sobre a criança.

Não precisamos falar mais sobre isso. Já ficou bastante claro que essas histórias orientais são totalmente diferentes dos Evangelhos. Poderíamos, no entanto, argumentar: são apenas lendas; por que não lidamos com a história de Buda? Infelizmente, os dados históricos disponíveis fornecem uma descrição muito vaga, e, se abandonarmos as lendas, deveremos descartar a concepção milagrosa e todos os principais pontos do pretenso paralelismo com a vida de Cristo. Nem é necessário acrescentar que nenhuma profecia detalhada sobre a vinda de Buda foi proclamada séculos antes de ele aparecer como no caso de Cristo.

O sistema de Buda poderá ser resumido como segue:

I. Não há deus, exceto aquele que o homem pode ser por si mesmo;<sup>8</sup>

<sup>8</sup> O sr. Lillie tentou argumentar contra essa declaração usando o peso da autoridade. Uma observação, porém, parece ser fatal para esse argumento: o sistema evolucionário de Buda e “a inflexível justiça do carma” não deixam espaço para a ação de um Ser Supremo. De acordo com o sr. Sinnott, “os representantes da ciência oculta maravilhosamente dotados nunca sequer se preocupam com qualquer conceito remotamente parecido com o Deus das Igrejas e Credos”. Os budistas, todavia, podem satisfazer aquela irresistível disposição da mente humana de adorar algo. Podem venerar seus santos, aqueles homens endeusados como os deuses de Homero que alcançaram o nirvana, mas que, impotentes para interferir nos problemas de seus devotos, podem apenas desempenhar sua parte em virar a lenta, árida, monótona, inexorável e infíndia Roda da Vida. Mais uma vez, citando o sr. Sinnott: “Dentro dos limites do sistema solar, o iniciado mortal sabe, por conhecimento próprio, que todas as coisas são regidas pela lei que opera sobre a matéria em suas diversas formas, além da orientação e influência das inteligências mais elevadas associadas ao sistema solar que efetuam mudanças, os Dhyan Chohans – ou Espíritos Planetários –, a humanidade aperfeiçoada dos últimos *manvantara* que nos precederam” (*Esoteric Buddhism* [Budismo Esotérico], págs. 176, 177).



- II. O estado de nirvana, ou perfeição, é alcançado por meio de transmigrações, ou uma sucessão de vidas terrenas;
- III. Enquanto o homem conservar qualquer desejo por coisas terrenas, deverá continuar renascendo nessa terra;
- IV. Assim sendo, o caminho mais curto para o nirvana é o ascetismo, repressão de toda ação, meditação abstrata e concentração de todos os desejos sobre a extinção da vida terrena;
- V. Sacrifícios de animais e todo tipo de sofrimento vicário são vãos e devem ser abandonados;
- VI. Todos os homens são iguais; logo, o sistema de casta deve ser abolido.

Esses são os pontos principais dos ensinamentos do Buda Sakymuni, fundador do budismo. Por enquanto, não poderemos comentar mais nada. As circunstâncias que levaram à ascensão do budismo, como descrito acima, e suas doutrinas resultantes naturalmente caíram nas graças do espírito iconoclasta e nivelador à solta nos dias de hoje. Seu rigoroso ascetismo não serve de empecilho para isso, já que nessa época indulgente nada é mais comum do que ouvir homens adotarem, com fervor, uma teoria sem nenhuma intenção de colocá-la em prática. Seu ateísmo virtual torna-o atraente aos secularistas. Seu misticismo e introspecção fascinam as mentes dispostas ao quietismo. Em sua essência, sua doutrina é esotericamente idêntica à da teosofia, sobre a qual já comentamos. Em ambos, somos indubitavelmente confrontados com o plano de salvação de Satanás, comunicado desde tempos remotos – provavelmente pelos *nefilins* – àqueles que poderiam ser seus portadores e preservado nos ensinamentos esotéricos dos rishis, brâmanes e budistas do Oriente e os Mistérios do Ocidente. O plano é que, sem Deus ou Salvador, os homens precisarão apagar seus próprios pecados e, assim que conseguirem, ter-se-ão transformado em deuses.



Todavia, se os ensinamentos esotéricos do budismo coincidem com os da teosofia, sua prática em geral afina-se muito mais com o espiritualismo. Porquanto a adoração entre os budistas – se é que se pode chamar assim – está bastante ligada ao culto aos mortos, que acreditam ter o poder de auxiliar e abençoar aqueles que os buscarem. Um acréscimo foi feito a essa doutrina, adotada pelos romanistas, e está começando a aparecer por meio de médiuns na igreja e outras facetas do espiritualismo. Enquanto o espírito da pessoa morta não deveria permanecer no cadáver, “evidentemente havia uma crença de que um certo magnetismo animal, ou alguma força oculta, facilitava a volta do espírito desencarnado para comunicar-se com mortais vivos quando estivesse na presença real de seu cadáver. Isto explica muito do que há nos ritos tanto dos brâmanes quanto dos budistas, a adoração nos túmulos, a adoração de restos mortais e a adoração de imagens” (*Buddha and Early Buddhism* [Buda e os Primórdios do Budismo] de Lillie, págs. 36, 37).

Assim, a doutrina foi estendida a qualquer parte dos restos mortais. Vê-se, então, que “na história cingalesa do famoso dente de Buda, o dente é constantemente apresentado como se o restante da pessoa de Buda, apesar de invisível, unisse-se ao dente quando grandes milagres fossem necessários”<sup>9</sup>. O resultado natural dessa idéia foi: “Bengala foi eventualmente recoberta de imponentes colunas e santuários budistas, cada um supostamente contendo um diminuto fragmento dos restos mortais de Buda.” Provavelmente, os crânios e ossos usados pelos rishis brâmanes que freqüentavam os cemitérios podem ser explicados da mesma maneira.

A introdução de imagens, mais uma vez, parece ter sido um avanço com relação à adoração de cadáver e de restos mortais. Uma semelhança do morto supostamente atrairia seus espíritos, e, por isso,

<sup>9</sup> *Buddha and Early Buddhism* [Buda e os Primórdios do Budismo] de Lillie, pág. 38.



temos “os solenes budas de mármore, cada um sentado em seu trono, os quatro grandes budas Dhyani, os 18 grandes discípulos presentes em cada templo da China e a multidão de santos menores. Assim que os olhos de cristal são colocados numa imagem na China, supõe-se que o espírito do morto o reanime”<sup>10</sup>.

O sr. Lillie resume seu capítulo sobre demonologia budista, do qual retiramos os trechos acima, nas seguintes palavras:

“Claramente, o budismo foi um requintado aparato para anular a ação de espíritos malignos pelo auxílio de espíritos bons operando em sua capacidade máxima por meio da instrumentalidade do cadáver, ou parte do cadáver, do principal espírito auxiliador. O templo, os ritos e a liturgia budista parecem fundamentar-se nesta única idéia de que partes ou o todo do cadáver são necessários.”

Não há a menor dúvida de que o santuário budista é o original da igreja romana, cujo grande traço em comum é o altar elevado, contendo algum resto mortal do santo padroeiro<sup>11</sup>. Entretanto, as duas religiões têm muitas outras coisas em comum; dentre elas, mencionaremos o báculo, a mitra, a dalmática, a capa magna, o incensório balançando dependurado em cinco correntes, o celibato sacerdotal, a adoração de santos, os jejuns, as procissões, ladinhas, a água benta, a tonsura, a confissão, a adoração de restos mortais, o uso de flores, as luzes e imagens no altar, o sinal da cruz, a adoração à Rainha do Céu, [o rosário], a auréola, os leques místicos de penas de pavão carregados em cada lado dos papas e lamas durante os grandes festivais, as ordens do ministério e os detalhes arquiteturais das igrejas.

<sup>10</sup> *Buddha and Early Buddhism* [Buda e os Primórdios do Budismo] de Lillie, pág. 39.

<sup>11</sup> Assim, se pesquisarmos sua origem, nem santuário nem igreja são um lugar de adoração usado como o cemitério, mas um o cemitério é usado como lugar de adoração.



Porém, se ambas são filhas da Babilônia – e quem consegue estudar os cilindros e as placas no Museu Britânico sem ter certeza de que são? – não é de se estranhar a forte semelhança familiar? Ajudando a tornar óbvia tal semelhança e trazendo o budismo à atenção favorável da cristandade, os espiritualistas removeram um grande obstáculo para a futura união de todas as religiões do mundo.

Com apenas mais um comentário, encerraremos este capítulo breve e imperfeito. De acordo com as declarações dos adeptos himalaios, um ser normal precisa passar por pelo menos 800 encarnações antes de conseguir completar sua purificação do pecado e atingir o descanso do nirvana. Durante os tempos cansativos de suas existências, deve lutar contra o destino cego e suas próprias corrupções. Não há nenhum Deus de amor e de todo conforto para quem olhar e orar. Por seu próprio e doloroso esforço e sem auxílio, ele se elevará até os deuses ou retrocederá em sempre crescente miséria e vilania até cair no abismo infinito da destruição.

“Mais alto do que o deus Indra, poderás elevar seu quinhão  
E afundá-lo mais baixo do que minhoca ou mosquito;  
O fim de muitas miríades de vidas é esse,  
O fim das miríades.  
Somente enquanto gira a roda invisível,  
Sem pausa, sem paz, sem lugar para ficar,  
Aquele que subir cairá, aquele que cair poderá subir;  
Os raios da roda giram sem cessar.”

Foi dito que as encarnações de uma alma, junto com os períodos intermediários passados em Devachan ou Avitchi – Paraíso ou Purgatório – demorariam uns 70 milhões de anos! Há uma certa sabedoria nesse cálculo nos que nos leva a suspeitar de que seja proveniente de uma fonte muito mais sábia pelo menos do que qualquer fonte meramente humana. Exibe alguma apreciação pela apavorante



natureza do pecado e da hercúlea tarefa colocada diante do homem que quisesse ser seu próprio salvador.

Com esse mesmo espírito de gratidão, deveríamos voltar-nos ao gracioso Senhor – cujo sangue nos fala coisas muito melhores –, que, ao olhar para o rosto pecador e penitente do paralítico, disse: “Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados.” E, num momento, realizou aquela obra para a qual Buda exige eras. Que, ao contemplar com olhar piedoso as lágrimas que rapidamente caíam dos olhos da mulher contrita a Seus pés, tomou sobre Si o fardo de sua culpa e disse-lhe para ir em paz.

Diante de Seus discípulos, não se estende nenhum caminho melancólico, sem amigos e quase infindável. Não; Ele mesmo está com eles para sempre, até o final dos tempos. Ele guia Seu rebanho pelo deserto da vida, gentilmente guiando aqueles que têm filhos e carregando os cordeirinhos em Seu seio. Não somente carregou os pecados de Seu povo, mas também os santificará completamente – espírito, alma e corpo – e os apresentará imaculados diante da presença de Sua glória, com excessiva alegria, por meio daquela poderosa obra pela qual Ele pode até subjugar todas as coisas em Si mesmo.

Graças sejam a Deus por Sua dádiva inefável!



# **Sinais dos Últimos Dias**



## Capítulo 15

### **Sinais dos Últimos Dias**

**E**ncerramos nossa análise concisa das linhas de pensamento estranhas que hoje afetam a teologia e filosofia da cristandade. Falta apenas agrupar aquelas facetas do movimento que, ao serem comparadas às antigas profecias da Escritura, quase parecem tomar corpo diante de nossos próprios olhos e, como arautos, anunciar a chegada iminente do Anticristo e o final de uma época.

Em primeiro lugar, o leitor observou que a salvação sem um Salvador é uma doutrina característica dos três sistemas que estivemos apreciando, e que esta doutrina fundamenta-se, de maneira exclusiva, na teoria das reencarnações do budismo e da teosofia, enquanto, no espiritualismo, a influência que exerce tem aumentado.

A crescente popularidade da doutrina da transmigração nos países, por assim dizer, cristãos é uma inegável preparação para o fim. Esta teoria não se contenta em negar o Filho, por não incluir Seu sacrifício expiatório, mas também praticamente ignora o Pai, fato este que é indispensável para seu plano sombrio. Notamos o ateísmo do budismo. Poderia parecer que o hinduísmo estivesse posicionando-se em direção contrária à doutrina do Anticristo, mas, na realidade, o



oposto é verdade. Esotéricamente, ambas as religiões aparentam ser bem parecidas. “Os ídolos sedentos de sangue e deuses glutões” do hinduísmo são destinados às massas. Os iniciados os consignam ao domínio de Maya, ou Ilusão. Os credos formais nada mais são do que corpos grosseiros e temporários, por meio dos quais aqueles que têm o olho do conhecimento vêem o verdadeiro espírito. Aquele que aprendeu a fazer isso não se perturba com sua crença nos deuses da população. Por outro lado, para satisfazer os desejos dos ignorantes, os budistas foram obrigados a inventar divindades – sobretudo, a Rainha do Céu, a Senhora do Lírio, a Mãe de Buda, Marichi ou Nossa Senhora, nomes pelos quais esta deusa é conhecida em toda a China. Todas as falsas religiões parecem ter dois lados: para a multidão, superstição; para os intelectuais, panteísmo. Talvez, por isso, não seja muito difícil para uma inteligência superior fundi-las em uma só.

Assim, o grande movimento tríplice que está alastrando-se entre nós começa a desenvolver o espírito que culminará no Anticristo, de acordo com 1 João 2.22, em que o apóstolo João declara isso claramente.

Mais uma vez, porém, ao passo que, no caso de cristãos professos, está destruindo os fundamentos da fé e sublevando o mundo numa insurreição contra Deus, o que ficará claro a partir das ponderações que se seguem.

No quarto capítulo do Apocalipse, há uma magnífica descrição do Todo-Poderoso sentado sobre Seu trono de julgamento. A crise, como descoberta pelo contexto e outras profecias, é importante, pois a Igreja acabou de ser retirada da terra, porquanto o tempo de restaurar o reino de Israel já chegou. Porém, como aquele reino foi anteriormente transferido às nações nos dias de Nabucodonosor, sua rendição não poderá ser exigida sem justa causa. Por essa razão, o Senhor pareceria ter descido em apavorante majestade para que pudesse entrar em Sua grande controvérsia com os gentios e, após julgar seu fracasso, encerrar o tempo de seu domínio.



Os acessórios do trono são importantes e apontam para a aliança com Noé. O arco-íris o circunda, e, na base, sentam-se os querubins, representantes das tribos terrenas as quais as promessas foram feitas. No entanto, esta aliança foi o chamado final de Deus ao mundo, que deveria alinhar seu governo em conformidade com os princípios divinos – um chamado que, como a rebelião em Babel e a história das cidades da planície testificam mais do que claramente, foi totalmente desconsiderado. Os planos do Todo-Poderoso foram então alterados, e, restringindo mais Suas negociações diretas por um tempo e dentro de limites mais estreitos, Ele fez duas sucessivas eleições das grandes massas da humanidade. Primeiro, Sua escolha recaiu sobre os filhos de Abraão, a quem colocou sob uma aliança especial. Subseqüentemente, a Igreja foi separada, tanto de judeu quanto de gentio, por leis peculiares e por privilégios e promessas disponíveis apenas àqueles que passassem em seu âmbito.

Porém, os homens restantes, nem israelitas por nascimento natural nem membros de Cristo por nascimento espiritual, pelo menos não podem esquivar-se de sua responsabilidade de obedecer às leis que foram impostas sem distinção sobre toda a raça de Adão, que nunca foram revogadas, e cuja violação resultará na punição pela mão do Criador, o Senhor Deus Todo-Poderoso. De fato, é exatamente para julgar o mundo por sua desobediência a essas leis que Deus senta-se sobre o trono circundado por um arco-íris.

É muito grave o fato de os defensores do pensamento moderno alinharem-se contra cada princípio daquelas revelações primeiras da vontade divina. Como prova disso, os leitores dos capítulos anteriores não precisarão mais do que uma simples enumeração daquilo que chamaremos de leis cósmicas ou universais, conforme segue:

I. A lei do sábado (Gn 2.3). Foi ao mundo, e não aos israelitas, que Deus declarou o sétimo dia santificado; portanto, o mundo é responsável. Aos israelitas, Deus apenas disse:



“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (Êx 20.8), admoestando-os dessa maneira a não negligenciarem o mandamento há muito estabelecido e universal.<sup>1</sup>

II. A liderança do homem sobre a mulher (Gn 2.18-23; 3.16; 1Tm 2.11-14). Não apenas a negam, mas estão tentando realmente reverter a questão.

III. A instituição do casamento e sua indissolubilidade durante a vida na terra, onde homem e mulher tornam-se uma só carne (Gn 2.24; Mt 19.4-9; Rm 7.2,3). Já discutimos bastante o diversificado antagonismo a essa lei, em parte resultado do ensinamento falso de que os verdadeiramente casados são um só espírito e não uma só carne.

IV. A lei da substituição, que vida deve expiar vida e que, sem derramamento de sangue, não há remissão, como ensinado pelos sacrifícios de animais (Gn 4.3-5). Os filósofos dos últimos dias afetam verdadeiro horror por tal salvação e não querem ter nada a ver com Cristo.

V. O mandamento de usar carne de animais como comida (Gn 9.3). É rejeitado por muitos espiritualistas e por todos os teosofistas e budistas.

VI. O decreto de que, “se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu” (Gn 9.6). Opõem-se a isso, alegando ser desumano(!) e porque, ao executar um assassino, “você acaba com ele degradado, envilecido, sensual, ignorante, louco de raiva e ódio, com sede de vingança sobre seus pares: você retira dele a

<sup>1</sup> Parece-nos que o essencial que o autor quer nos transmitir é que se os homens desde o princípio forem trabalhados pelos demônios para desobedecerem aos mandamentos básicos da lei de Deus, jamais receberão o conhecimento da verdade para serem salvos; se não guardaram o sábado que também era figura de uma realidade por vir, muito menos entrarão no verdadeiro descanso que é a vida abundante em Cristo e em Seu reino milenar (N.E).



grande barreira que estava sobre suas paixões e manda-o para a vida de espírito a fim de realizar, sem empecilhos, as sugestões malignas de suas paixões em chamas" (*Spirit Teachings* [Ensinamentos Espirituais], pág. 19). É assim que os espíritos do mal estão tendo coragem de erguer-se contra os conselhos do Deus vivo.

VII. A ordem de multiplicar e encher a terra (Gn 9.1) – um mandato que implicava na dispersão e formação daque-las nações pelas quais Deus dividiu a terra, como nos diz Moisés (Dt 32.8) e que deverão permanecer até o final do Milênio. Em Babel, o mundo resistiu a essa ordem, e agora os homens estão renovando seus esforços para o mesmo fim ao reivindicar que devemos ser humanitários, cosmopolitas, qualquer coisa exceto amantes de nosso próprio país. Talvez, essa seja a preparação para o reino do Anticristo "sobre toda tribo, língua, povo e nação". O cosmopolitismo aparentemente será tão necessário para seu desenvolvimento como foi a insurreição original de Ninrode.

As novas linhas de pensamento estão, portanto, apagando todos os primeiros princípios de Deus dados à raça humana como base para seu modo de vida, sociedade e governo – um fato que anuncia o juízo próximo. Deste ponto de vista, podemos considerar esse movimento como uma revolta do mundo contra Deus.

Contudo, também estão cumprindo fielmente a profecia contida na primeira epístola a Timóteo, conforme o leitor poderá observar. Os homens estão recebendo instruções de demônios, e, se passarmos os olhos pelos exemplares publicados de ensinos de demônios, não teremos nenhuma dificuldade de detectar mentiras faladas com hipocrisia. Muitos estão ensinando a abstinência da carne. A abolição do casamento, virtual ou confessa, está sendo inescrupulosamente



pregada. Esses sinais estão aparecendo, segundo Paulo previu, coincidentemente com uma apostasia (ou abandono) das grandes verdades sobre a divindade e encarnação do Senhor Jesus.

Mais uma vez, a monstruosa teoria da pluralidade de “cristos” foi inventada e está sendo ensinada com certeza com vistas à sua aplicação aos eventos futuros. Sinais e prodígios já estão sendo exibidos por profetas que irão, talvez em breve, proclamar seus Messias. O grito já foi erguido: Eis que Ele está no interior da casa; e temos razões para supor que logo ouviremos rumores de que está no deserto.

Por fim, os traços característicos dos dias de Noé estão reaparecendo, e, acima de tudo, uma livre comunicação entre os espíritos do ar e a raça humana foi estabelecida com vistas, aparentemente, a mais uma estada dos *nefilins* sobre a terra. Segredos ilícitos, conhecidos em eras passadas, apenas daqueles poucos que pareciam agir como agentes de Satanás dirigindo o curso deste mundo estão sendo oferecidos imprudentemente a todos os homens. A memória daquela cena aterradora, quando seus irmãos foram jogados em poços de escuridão pelas trovoadas onipotentes, parece estar sumindo da mente dos anjos caídos. A direção normal do pecado, a mais apavorante das insanidades, está impelindo-os para a beira do precipício de cuja inescrutável profundezas sobem gemidos de seus companheiros amaldiçoados. Enquanto isso, um grande número de insignificantes habitantes da terra está pronto para experimentar quaisquer ações loucas ao seu mandar. Até muitos dos cultos e sábios, incapazes de apegarem-se a um conceito mínimo de Deus em razão da vaidade a não ser que vissem diante de seus olhos Sua tremenda majestade, decidiram, prática ou confessadamente, não haver ninguém maior do que eles mesmos ou, pelo menos, do que seu potencial.

Todas as coisas parecem estar sendo preparadas para o cumprimento da solene previsão do 12º capítulo do Apocalipse, quando Miguel, liderando a vanguarda das milícias que virão com Cristo para tomar o reino, expulsará do céu os anjos rebeldes. No capítulo



seguinte, vemos as consequências desse evento maravilhoso: os povos do último refúgio de Satanás, a única parte que restou de seus vastos domínios, devem ser organizados para a batalha final. Do mar inquieto de anarquia e perplexidade das nações, emerge, com poder e majestade maiores do que possuía antigamente, o império ressuscitado sob o governo e a direção imediatos do Maligno.

Todavia, de muito maior interesse para os que amam o Senhor Jesus e anelam por Sua volta é o que acontecerá logo antes da expulsão do diabo e seus anjos do céu (Ap 12.1-5). Sem entrar nos detalhes que já discutimos antes, podemos mencionar a conclusão de que o nascimento e o arrebatamento do filho varão referem-se à conclusão do Cristo místico – de quem o Cristo pessoal é o cabeça, e Sua Igreja, o corpo, manifesta pela repentina translação dos santos, quer vivos ou mortos, para se encontrarem com seu Senhor no ar.

Assim, parece que este evento tão esperado precederá o exílio de Satanás do céu e, portanto, seus resultados... e a revelação do homem de pecado. Como Enoque, a Igreja de Cristo será chamada antes de a terra ser abandonada aos gigantes por um tempo, antes das horripilantes desgraças dos últimos dias.

Se, então, os anjos caídos já parecem estar-se preparando para sua descida; se a grande apostasia que envolve o iníquo ainda está agora se espalhando; quem pode ter certeza do dia e da hora? Não estamos vivendo épocas solenes; o ar não está cheio de avisos; não seria a obrigação de cada crente levantar, cingir seus lombos e preparar sua lâmpada? Não é o som da carruagem do Rei que ouvimos; e não deveria cada servo que dorme acordar e preparar-se para encontrar o Senhor com alegria?

Talvez, possamos ouvir Sua voz pela manhã, quando o sol estiver alto, e os homens estiverem correndo para suas várias obrigações; talvez, chame-nos no final da tarde, quando o ocidente estiver rubro em razão do pôr-do-sol, e os cansados estiverem procurando seus lares após o labor e a excitação do dia; pode ser que a convocação espante



o ar da meia-noite e traga os Seus da escuridão de seus quartos ou túmulos para a brilhante glória de Sua presença; pode ser que, ao nascer do sol, Ele fale a palavra e, num instante, esteja cercado por miríades de Seus eleitos, incontáveis como gotas de orvalho, que saem das entradas da manhã e resplandecem nos raios rubros do sol. “Vigia, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25.13).

“Certamente venho sem demora” (Ap 22.20) foi Sua última mensagem para a Igreja enviuvada. Que nenhum homem pense que tem o Espírito de Cristo até que possa dizer com fervor: “Amém! Vem, Senhor Jesus!”



# **Evidência Comprobatória**



## Capítulo 16

# **Evidência Comprobatória**

Por G. H. Lang  
(Editor da versão original em inglês)

## **A Preparação de Um Reino Universal Para o Anticristo**

A Inglaterra não é o mundo todo nem tampouco é isolada do resto do mundo. Política, econômica, intelectual e também espiritualmente, a situação mundial está sendo unificada com rapidez. Satanás está almejando um reino universal e trabalhando para a instalação do mesmo, que estará declaradamente sob a soberania de seu escolhido, o homem de pecado, o Anticristo. Para conseguir isso, será indispensável paganizar novamente as terras onde o evangelho teve uma influência pública. É nesse ponto que a Inglaterra corre o maior perigo por ser o ponto primordial de ataque dos poderes da escuridão, pois essa terra, mais do que qualquer outra terra moderna, foi abençoada por Deus com uma medida maior de luz divina por meio do Evangelho e deverá ser inundada por mentiras satânicas para que o esquema satânico prospere. Assim, o estado de outros países e povos transforma-se em perigo para esta terra também, e servirá ao nosso propósito mostrar o quanto o espiritismo e o ocultismo em geral já obtiveram poder em



outros lugares. Não afirmamos que a maioria, ou qualquer outra proporção em particular de pessoas de qualquer país, tornou-se espírita confessa, mas enfatizamos o aumento inconteste da influência de demônios sobre a moral e o pensamento em terras ocidentais.

Falaremos primeiro a respeito da Alemanha como exemplo, dado que o relacionamento na esfera intelectual com a Inglaterra foi bastante íntimo por um longo tempo e devido ao estado atual daquele país, que ilustrará, de maneira conclusiva, as razões secretas de sua perversão e queda moral, conforme reveladas pelas políticas públicas atuais.

Tão recente quanto 1935, nos dias primordiais da dominação nazista, um competente observador alemão, dr. Adolf Köberle, professor e doutor de teologia, escreveu um livro convincente e informativo relativo à situação religiosa na Alemanha intitulado *O Evangelho e o Espírito da Época (Evangelium und Zeitgeist)*. Nas páginas 117 a 120 (segunda edição) do original, ele tratou do “homem supersticioso” e disse:

“A situação religiosa atual é uma grande tragédia. Em pé, lado a lado, estão o homem afastado de Deus e o homem que se opõe a Deus. Para justificar sua perversão, ambos igualmente apelam ao intelecto e à observação experimental, a ciência, educação e técnica. Eles afirmam que essas esferas de conhecimento da nova era proíbem nossa consciência intelectual de continuar a considerar Deus como uma realidade. Toda a superestrutura religiosa, pelo mundo afora, já se tornou supérflua quando o homem percebeu que poderia e deveria ajudar a si mesmo.”

Porém, agora é notável e profundamente emocionante observar como este mundo de incredulidade afunda no mundo de superstição cada vez mais e de maneira bem grotesca. Os milagres de Cristo e Sua vitória sobre a morte na Páscoa naturalmente são contestados



por idéias modernas quanto às causas das coisas. A resposta à oração contradiz a validade das leis da natureza que não permitem nenhuma violação. A teoria da evolução proíbe, por princípio, que falemos sobre uma revelação de uma vez por todas única e incomparável de Deus em Cristo. Dessa maneira é que o espírito iluminado e transparente, plenamente consciente de sua superioridade, critica o reino de Deus, enquanto ao mesmo tempo jaz na mais rígida escravidão à angústia do mundo e ao pavor espiritual.

Nenhum hotel moderno de luxo ousa ter um quarto com o número 13, pois este quarto ficaria sempre vazio. Semelhantemente, nenhuma rua recém-construída deve conter o mesmo número sinistro; ninguém alugaria essa habitação. Um “11A” deve ser inserido no lugar, e, talvez, mesmo assim, o inquilino não entre ali de bom grado. Desde a Guerra Mundial [1914-1918], cartas do céu, talismãs, amuletos, pergaminhos mágicos, pedras e perfumes mais uma vez figuram de maneira poderosa na devoção comum. Os estadistas em evidência carregam seus amuletos para proteção assim como o faz a maioria dos aviadores, esportistas, estrelas de cinema, campeões de tênis e atores. Bem recentemente, um renomado cirurgião declarou em público que nada o vexava mais do que se, ao ir, pela manhã, de sua casa para a sala cirúrgica no hospital, um gato preto atravessasse seu caminho. Se perguntarmos a uma mãe sobre a saúde de seus filhos, poderemos receber a resposta: “Muito bem, obrigada”. Em seguida, para que nenhum mal lhes sobrevenha, poderemos ouvir três batidas suaves sob a mesa, como um tipo de proteção contra os poderes do inimigo que possam ameaçar a alegria e paz daquele lar. Adivinhação, feitiçaria, leitura de cartas florescem nas vilas e em centros mundiais como Paris e Nova York. Homens muito prudentes, de mentes progressistas, que desejam acompanhar os tempos em todas as coisas, têm medo do “olhar maligno” de um oponente e procuram proteger-se contra tal usando poderes mágicos. Outro deixa as luzes acesas a noite toda nos corredores e cômodos da casa para afastar os espíritos maus. Se a



morte entrar na casa, a pessoa estará pronta para dar crédito a toda e qualquer manifestação espiritualista, desde mesa que gira até móveis que flutuam, de pancadas na mesa até fotos de espíritos, apenas para receber uma certeza física visível da vida após a morte.

A astrologia, cuja base real remonta a uma influência astral que indubitavelmente existe fluindo pelo universo, impõe-se como uma influência cada vez mais forte entre seus contemporâneos, uma *religião substituta*. Mais uma vez, conquistou amplamente as universidades e está repleta de um sentimento poderoso de vitória no futuro. No passado, dois seres humanos, se tudo corresse bem, firmariam uma aliança para toda a vida por sentirem amor mútuo, por terem prazer um no outro de corpo e alma e por sentirem a inclinação do coração e confiança mútua um no outro. Hoje, toda e qualquer revista está apinhada de ofertas de casamento de outro tipo. Uma mulher nascida sob o signo de câncer deseja conhecer um homem nascido sob o signo de escorpião. Uma loira divorciada nascida sob o signo do capricórnio deseja casar de novo apenas se for um companheiro para toda a vida. No jornal astrológico popular *New Germany* (*Nova Alemanha*), tenta-se sem cessar explicar as políticas globais atuais com base nas constelações. Os especialistas em neurologia diariamente recebem em seus consultórios pacientes muito deprimidos em razão de seu péssimo horóscopo de Saturno. Homens jovens, nos melhores anos de suas vidas, não conseguem animar-se a empreender nenhuma façanha que requeira energia, porque, como nasceram sob a Lua, estão predestinados a permanecer atrás dos homens nascidos sob o signo de leão e a ficar com o pior. Correntes, cartas que flutuam casa adentro de surpresa e que devem ser copiadas várias vezes para seguir adiante são enviadas prontamente para que nada aconteça ao recipiente.

Hoje, em tudo isso, as classes assim chamadas de mais esclarecidas lideram, e o camponês, que já está muito mais próximo de uma concepção mágica do mundo do que o pessoal da cidade, segue essa



direção com muita boa vontade. Sinais misteriosos colocados com giz na porta do estábulo devem proteger os animais contra doenças. Verrugas são conjuradas e desaparecem. A erisipela, infecção da pele por bactéria, é tratada com fórmulas trinitarianas e estranhas cerimônias. Água pascal é buscada antes do nascer do sol, e não se ousa falar nenhuma palavra contrária para que não se perca o poder de cura do fluido tão maravilhoso. A junta inchada da vaca deve ser banhada enquanto a Lua estiver cheia e, freqüentemente, deve ser ungida acompanhada de misteriosas fórmulas de exorcismo a fim de que a cura se efetue.

Nossos evangelistas, que viajam muito por essas terras e aos quais, em confissões privadas, os homens abrem o coração em geral mais facilmente do que ao clero local reconhecido, estão bem mais cientes do escopo e da profundidade deste mundo de superstição de nossa época. Devemos ouvir suas narrativas para compreender que papel poderoso tais coisas desempenham na situação religiosa atual.

A confirmação direta e contemporânea do que foi acima descrito é dada no interessante relato de experiências pessoais da sra. Nora Waln nas esferas sociais alemãs de junho de 1934 a abril de 1938 com o título de *Reaching for the Stars* (*Alcançando as Estrelas*). A respeito de um casamento numa família de fazendeiros saxões, lemos o seguinte (pág. 142): “Os dias do casamento foram escolhidos com muito cuidado. É importante observar a posição da Lua quando se escolhe o dia. Lua crescente promete prosperidade ao casal, enquanto Lua minguante leva sua sorte embora.” Na página 143: “Os espíritos malignos foram escorraçados da presença dos noivos por meio da quebra de pratos e copos na eira”. Página 149: “Kathe foi acolhida em sua casa... Ela jogou a ferradura enfeitada atrás de si para atrair a sorte à sua porta”.

A forma como a superstição e o fatalismo dominam a mente de alguns homens ingleses cultos e modernos com relação ao “azarado” número 13 é mostrada no livro recente de Robert Henrey, *A Century*



*Between (Um Século no Meio)*, págs. 291, 292. Eram 13 à mesa. Isso produziu “um leve arrepião”. Um disse: “Creio que o azar supostamente recairá sobre o primeiro dos 13 que se levantar de seu lugar na mesa. Para que não se sintam envergonhados, levanto-me para beber à sua boa saúde.”

Na manhã seguinte, ele machucou-se num acidente de carro, “e muitos disseram que ele não deveria ter desafiado a sorte”.

Assim, a superstição sempre marcou o mundo pagão. Sua essência é a crença bem justificada na realidade de seres espirituais, que devem ser aplacados por medo de sua influência maligna. Há também o desejo da parte da mente depravada de conseguir sua ajuda, ajuda que certamente pode ser obtida em termos.

Não é de se estranhar, portanto, que tenha havido um aumento significativo das superstições sob a influência nazista, pois, como vemos, alguns dos homens mais poderosos do partido abertamente defenderam o restabelecimento do culto aos velhos deuses nórdicos. Se o culto pagão for restaurado, a superstição e a degradação moral pagã rapidamente resultarão. É claramente asseverado na Alemanha que alguns dos mais importantes líderes nazistas habitualmente consultam astrólogos.

Que a astrologia alcança até o interior da Inglaterra, como também da Alemanha, foi evidenciado pelo comentário de um comerciante que bateu à porta de minha casa numa vila remota. Era o primeiro ano da guerra atual. Ele disse: “Há algo errado; porque de acordo com as estrelas não deveria haver nenhuma guerra”. Oxalá as estrelas estivessem certas!

Quão duvidosa é esta alardeada ciência, e a base do comentário desse homem encontra-se no seguinte fato notável: o *Old Moore's Almanack* (*Almanaque do Velho Moore*), uma revista declaradamente astrológica que, neste ano (1941), está em seu 98º ano, em suas previsões para agosto e setembro de 1939 não deu qualquer dica sobre a guerra que viria, mas, a respeito de outubro do mesmo ano, disse que



“as relações exteriores irão melhorar.” Mais uma vez, com relação a julho de 1941, disse: “A situação no Extremo Oriente está começando a tender definitivamente a um acordo... O Japão percebe que deverá ser conseguido um acordo que conceda aos poderes ocidentais total liberdade para desenvolverem seus enormes interesses econômicos na China.” De fato, desde junho de 1941, o Japão avançou suas agressões. E, com relação a dezembro de 1941 (a previsão tendo sido escrita, é claro, em 1940), deu um exemplo claro de mistura de previsão astuta com erros explícitos para os quais Pember chama nossa atenção (no prefácio para a terceira edição, no tomo 1). Disse: “Relações com o Extremo Oriente provavelmente chegarão a um ponto decisivo, e há sinais de que o resultado possa ser algum grau de cooperação. O extenso comércio das democracias poderá beneficiar-se das medidas implementadas.” As relações realmente tomaram um rumo importante naquele mês, mas para a direção exatamente oposta, pois o Japão declarou guerra contra os Estados Unidos e a Inglaterra. Em vez de prever que Alemanha e Rússia se engajariam na mais terrível guerra da história da humanidade, previu para agosto de 1941 que seus dois ditadores iriam “tentar algum esforço conjunto para impressionar o mundo.” O olho que não consegue ver montanhas bem à sua frente não enxergará os montículos. Não deve causar surpresa que, com relação a junho de 1941, em vez de indicar que a Inglaterra ainda estaria liberalmente suprida de comida, descreveu um quadro no qual as donas-de-casa estariam ansiosas para encontrar “maneiras de mudar sua dieta monótona.”

Assim, o processo de paganização não se restringe à Alemanha. Ele existe na França, no Reino Unido e poderosamente na América. Indícios quanto às duas terras anteriores são encontrados numa obra idônea intitulada *The Fairy Faith in Celtic Countries* (A Fé nas Fadas nos Países Celtas), publicado em 1911 pelo sr. W. Y. Evans Wentz, M.A., um erudito americano. O tratado foi escrito para conseguir título nas universidades de Oxford e Rennes, Bretanha. Para nosso



propósito, há a vantagem de ele não ser nem um espiritualista confesso nem um cristão. É um exame puramente científico das crenças espiritualistas e práticas nas terras celtas, Irlanda, Escócia, Ilha de Man, Gales, Cornualha e Bretanha. Oferece um volume de testemunhos coletados pessoalmente nestes países para mostrar quão ampla e firmemente entrincheirada está a crença nos seres espirituais de vários tipos e ordens. Muitos exemplos dados poderão ser questionados em termos de realidade, mas ainda permanece um corpo de crença e fato que não deve ser rejeitado completamente. Experiências são narradas semelhantes àquelas citadas em meu prefácio. Um dos nomes das fadas é “pequeninas”.

Associada a essas práticas, encontra-se a filosofia que é puramente pagã. A noção panteística da unidade de Deus e a criação são expostas de forma que “Deus” torna-se impessoal, e a criação, divina. Ensina-se a reencarnação, durante cujo processo quase interminável cada homem paga totalmente as penalidades de sua conduta nas vidas passadas e, por seu próprio esforço, atinge finalmente a perfeição. Por conseguinte, não há expiação pelo pecado feita por um Redentor divino e enviado por Deus, nem tampouco qualquer outro ensino bíblico característico. É muito significativo haver uma razão dada para concluir que essa fé em fadas que ainda subsiste descende direta e ininterruptamente do culto e da prática antiga dos druidas. Devemos lembrar-nos de que a raça celta migrou do Oriente nos tempos muito primitivos, e que sua religião druida era uma forma da apostasia babilônica original pela qual, logo após o dilúvio, a raça humana deixou o culto ao verdadeiro Deus e foi atraída ao culto a Satanás.

A fé em fadas e o espiritualismo têm em comum o fato de muitos crerem que as fadas são pessoas que já morreram reaparecendo a homens vivos, respondendo ao chamado de um mago ou feiticeira, revelando assuntos secretos. “Fadas galesas ou *Tylwyth Teg* de antigamente significavam o mesmo para os galeses que os espíritos significam hoje para os espiritualistas” (151, nota). Porém, outras classes de seres



são reconhecidas, até uma raça suprema correspondente aos deuses maiores do antigo paganismo.

Cria-se firmemente na possibilidade de ligação marital entre espíritos e a raça humana, e, muitas vezes, acreditava-se que os antigos heróis celtas eram filhos de tais uniões (242, 252, 260, etc.). Isso corresponde aos casamentos de filhos de Deus com filhas de Adão, e com seus filhos sendo “varões de renome”, como em Gênesis 6. Estas eram a crença e a tradição uniformes no paganismo antigo, e até mesmo os primeiros pais da igreja desconheciam qualquer outra explicação para Gênesis 6.

O autor mostrou em grande detalhe a correspondência entre a fé em fadas e o ocultismo antigo, medieval e moderno. Exorcismos, mágicas, curas, falar em línguas estranhas, orações pelos mortos, uso de água benta, o sinal da cruz, lugares e árvores sagrados, montes e poços santos, música sobrenatural e outras semelhanças podem ser observadas. Corretamente, ele afirma que: “Não pode haver nenhuma sombra de dúvida de que essas seitas estavam prosperando quando o cristianismo chegou à Europa” (427). E, com igual justiça, acrescenta:

“Todas essa festas, rituais ou comemorações do cristianismo têm uma ligação mais ou menos direta com o paganismo e, portanto, com os antigos cultos celtas e sacrifício oferecido aos mortos, espíritos e aos Tuatha De Danann<sup>1</sup> ou às fadas. E o mesmo conjunto de idéias que atuava entre os celtas para criar sua mitologia de fadas – idéias que nasceram da crença em ou do conhecimento de um reino espiritual universal e suas várias ordens de seres invisíveis – deu aos egípcios, indianos, gregos, romanos, teutões,

<sup>1</sup> Raça de seres encantados e deuses que povoaram mitologia irlandesa. Diz a lenda que eles vieram dos céus e trouxeram o sol. Eram os senhores da vida, da morte e dos sonhos e detinham todos poderes da natureza. São os protótipos das fadas e duendes (N.R.).



mexicanos, peruanos e a todas as nações suas respectivas mitologias e religiões; e nós, modernos, somos literalmente 'herdeiros de todas as eras'" (455).

É claro que o cristianismo aqui se refere ao catolicismo romano.

Da paganização de um cristianismo degenerado, o aspecto mais maligno foi a transferência do culto da antiga mãe dos deuses para "Maria". Na Irlanda, diz o sr. Wentz:

"O povo do deus cuja mãe se chamava Dana é o Tuatha De Dannan da antiga mitologia irlandesa. A deusa Dana, no genitivo chamada de Danand, em tempos medievais irlandeses chamava-se Brigit ou Brigantia, a Santa Brígida. A deusa Brigit dos celtas pagãos foi suplantada pela Santa Brigit dos cristãos. Da mesma forma que a seita pagã antes presenteava os espíritos em fontes e poços e transferiu esse ritual aos santos cristãos, a quem as fontes e poços foram dedicados novamente, assim também foi transferido a Santa Brigit o culto pagão antes dedicado à sua antecessora. Dessa maneira, como no caso das divindades menores de suas fontes sagradas, o povo irlandês ainda hoje homenageia a mãe divina do povo que leva seu nome, Dana – que são o eterno e invisível povo da Irlanda moderna – por meio de sua veneração à boa Santa Brigit." (283, 284)

Assim, o catolicismo romano é tanto pagão quanto espiritualista. A seriedade de todo esse ocultismo está em sua influência sobre crença e prática e na expectativa quanto ao futuro que cria nas mentes, com um desejo de reviver o paganismo confesso. Desse modo:

"Os Mistérios Maiores chamaram aos santuários sagrados neófitos do Ocidente e do Oriente, da Índia e do Egito assim como também de Atlantis; e os filhos de Erin que vêm coisas místicas



ainda observam e esperam o reacender dos Fogos e a restauração dos antigos Mistérios Druidas" (59).

E de novo:

"Com o tempo, a julgar pelo rápido avanço nos dias de hoje, nossa ciência poderá trabalhar, por meio da pesquisa psíquica, até remontar aos ensinamentos do velho mistério e declará-los científicos" (365).

O sr. Wentz tem muita base para considerar essas crenças como sendo as dos druidas, crenças estas que derivam dos antigos "Mistérios", aquelas sociedades religiosas secretas que solapavam e dominavam amplamente o mundo antigo. Quanto a estas sociedades, podemos ler mais no *Mystery Babylon the Great* (*Mistério da Babilônia, a Grande*).

Também se justifica a alegação de sua grande afinidade com as doutrinas gnósticas. Quanto a estas, o leitor deve estudar a abordagem de Pember da parábola do joio no campo no livro *The Great Prophecies* (*As Grandes Profecias*). Ele então poderá ter uma idéia melhor da influência anti-cristã do ocultismo, conforme fica claro pelos comentários de Wentz na página 363:

"A informação acumulada nas mãos de eruditos cristãos sobre o pensamento cristão primitivo e o gnosticismo é muito mais completa e digna de confiança do que informações semelhantes baseadas nas quais o Concílio de Constantinopla, em 553, tomou decisões quanto à doutrina do renascimento; e a verdade que está sendo reconhecida parece ser a de que os gnósticos devem, de agora em diante, ser considerados como os primeiros teólogos cristãos e místicos no lugar dos pais da igreja que adotaram dos gnósticos as doutrinas que apreciavam, condenando as que não apreciavam.



Se esse ponto de vista sobre tal assunto muito difícil e complexo for aceito, então o próprio cristianismo moderno poderá reassumir aquela que parece ter sido sua posição original – obscurecida, durante tanto tempo, por concílios eclesiásticos cheios de boa intenção, mas mesmo assim mal-avisados – como o sintetizador das religiões e filosofias pagãs. Um ponto de vista parecido foi aceito por muitos teólogos cristãos ilustres desde Orígenes.”

Este é exatamente o ponto de vista teosófico sobre o “cristianismo”, assim como era este o alvo dos gnósticos e é o propósito da teosofia moderna. Não haveria nenhuma dificuldade, de fato, em mostrar que todas as religiões da terra são essencialmente uma com duas exceções intransponíveis: a de Israel conforme dada no Velho Testamento e a do cristianismo como instituída por Cristo, propagada por Seus apóstolos e exposta no Novo Testamento. Contudo, não seria útil aos propósitos de Satanás que isso viesse à tona, porque apenas descredenciaria todas aquelas outras religiões aos olhos dos verdadeiros cristãos. Seu objetivo sempre foi e ainda é confundir a mente dos homens quanto à verdade divina, anulando a verdade ao misturá-la com a mentira.

É por isso que os espiritualistas e teosofistas afirmam que seus pontos de vista são, na realidade, as doutrinas originais da Bíblia. Isso pode ser visto mais extensamente num livro ao qual nos referiremos mais adiante, *Esoteric Christianity (Cristianismo Esotérico)*, da sra. Annie Besant, ou nos trechos do sr. Wentz. O paganismo foi primeiro “cristianizado” (entrou na igreja católica romana), para que, enfim, o cristianismo pudesse ser paganizado nas mentes ainda não ensinadas pelas Escrituras e iluminadas pelo Espírito da verdade. Assim, o objetivo de Satanás será atingido de forma que, no final desta era, “eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos” (Is 60.2), e será que, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra? (Lc 18.8) Com essa confusão escurecendo a mente, o sr. Wentz



mistura catolicismo romano com cristianismo. Isso não é estranho já que o teólogo que o ajudou, segundo ele nos diz, nessa parte de seu trabalho era um unitarista muito conhecido (Prefácio, XII).

Contudo, a fé cristã é totalmente irreconciliável com toda e qualquer religião humana; particularmente, quanto à sua doutrina sobre pecado e expiação e por estar baseada no fato indiscutivelmente testemunhado da ressurreição corpórea de Jesus Cristo. Em 1910, estive em Rangoon, Burma, na época em que lá chegaram, vindos da Índia, alguns pequenos pedaços de osso que acreditam, com toda razão, ter sido parte do corpo do próprio Buda, a fim de serem abrigados e adorados no grande santuário budista em Mandalay. Haviam sido descobertos recentemente em Peshawar, no norte da Índia. Todo o mundo budista regozijou-se diante da recuperação de relíquias tão preciosas de seu fundador. Porém, se qualquer, até o menor fragmento autêntico do corpo de Cristo, fosse encontrado, provaria que toda a religião cristã é uma fraude. Paulo comprehendia bem as mesmas filosofias pagãs que estão sendo agora revividas. Encontrando-as em Atenas e Coríntios, centros da filosofia grega, ele habilmente fez toda a questão apoiar-se sobre o fato então recente da ressurreição de Cristo (At 17.30, 31 e 1Co 15).

A teoria do espiritualismo é de que os mortos de nossa raça comunicam-se com os vivos. Falta prova disso. O cristão não deve dizer que é impossível, pois foi permitido a Samuel subir do mundo dos mortos apenas para anunciar a um homem ímpio seu juízo (1Sm 28). Esse exemplo permanece único nas Escrituras. Ademais, Deus proibiu toda tentativa de entrar em contato com os mortos sob pena de morte. Qualquer espírito, portanto, que ajuda o homem a fazer o que Deus proibiu deve ser um rebelde contra Deus.

A verdadeira crítica à sessão espírita é de que nenhuma prova é aduzida de que ser trata do morto com quem o inquiridor se encontra. *Psychic News* (*Notícias Psíquicas*) afirma ser o “jornal espiritualista com a maior venda líquida do mundo”. A edição de 31 de maio de 1941



a maior venda líquida do mundo". A edição de 31 de maio de 1941 dá uma ocorrência típica de uma sessão. Um pai e uma mãe haviam perdido um filho encantador na guerra. Evidentemente ignorantes das Escrituras quanto a esse assunto ou não acreditando em seu testemunho, os pais enlutados procuram uma confirmação da médium quanto à sobrevivência de seu filho. Ao entrarem no quarto, ela, sem saber como se chamavam ou onde moravam, logo diz:

“Ó, senhor, uma influência muito forte entrou na sala junto consigo. Um menino alegre, alto, bonito – sim – seu filho. Que filho maravilhoso! Mas ele está cheirando a hospital, clorofórmio ou algo assim. De qualquer jeito, é o cheiro de hospital.” Depois, olhando para cima e para o lado, falou: “Não, não, doutor – sei que o cheiro não está ligado a seu acidente. Eu sei, doutor, eu sei.”

“Ele diz que sofreu um acidente que nunca deveria ter acontecido e foi-se num instante.”

Ela continuou: “Ele disse que vocês vieram de bem longe para encontrar-se com ele, mas não precisavam já que ele nunca os deixou e veio com vocês no carro.” Virando-se para o lado, disse: “Sessenta e quatro quilômetros, você diz, de R...”, e pensei que fosse falar o nome de uma cidade que começasse com “R”, mas ela falou: “Não, não, doutor; estou ouvindo – Sheffield.”

O pai ficou totalmente convencido. Porém, com exceção da curiosa questão de a alma do doutor morto carregar consigo o cheiro de hospital, de os mortos viajarem por aí de carro com os vivos, torna-se claro que nenhuma parte do conhecimento do filho *precisaria* ter vindo dele mesmo. Tudo *poderia* ter sido comunicado à médium por um espírito assistente que conhecesse o filho e os fatos concernentes à sua morte e também a casa dos pais. Dessa forma, falta *prova* de que se trata realmente do morto comunicando-se. A conclusão sobre tais fenômenos de um inquisidor altamente qualificado e puramente científico, o astrônomo francês Flammarion, citado por Wentz (481), é exatamente a seguinte:



“Duas hipóteses inevitáveis se nos apresentam. Ou somos nós que produzimos estes fenômenos (o que não é absurdo) ou são os espíritos. Porém, lembre-se bem disto: estes espíritos não são necessariamente almas de mortos, pois pode ser que existam outros tipos de seres espirituais, e o espaço pode estar cheio deles sem que tomemos conhecimento disso, a não ser em circunstâncias extraordinárias. *Não encontramos, nas diferentes literaturas antigas, demônios, anjos, gnomos, duendes, diabretes, aparições, etc.? Talvez, essas lendas tenham nascido com base em algum fato!*” (*Mysterious Psychic Forces [Forças Psíquicas Misteriosas]*, 441, 431).

O sr. William Crookes foi igualmente justificado ao oferecer a seguinte explicação:

“As ações de uma ordem de seres diferentes que vivem nesta terra, mas são invisíveis e imateriais para nós. Capazes, contudo, de ocasionalmente manifestar sua presença” (*Notes of an Enquiry into Phenomena called Spiritual [Anotações de uma Investigação sobre os Fenômenos chamados de Espirituais]*, Parte III, 100. Citado por Wentz, 482).

A teosofia considera essas atividades dos espiritualistas muito subordinadas, quase de classe baixa, úteis para atrair um tipo de mente pobre, mas bem abaixo do status de videntes antigos e verdadeiros. Afirma receber suas revelações mais nobres e prodígios superiores de uma ordem mais elevada de pessoas, denominados Mahatmas, isto é, Irmãos mais Velhos, Iniciados. Diz-se que se trata de homens que escaparam da escravidão desta vida material e alcançaram o reino do divino; no entanto, assim como se diz de Buda entre outros, em razão da bondade destes homens para com os irmãos que ainda enfrentam dificuldades, escolhem voltar aqui para nos ajudar a subir. Às vezes, reencarnam; às vezes, vêm na forma espiritual e ocupam o corpo,



inspiram a mente e orientam as atividades de homens e mulheres suscetíveis e subservientes.

Essa teoria é perpetuada em sua literatura até os dias de hoje. Assim, no *The Theosophist* (O Teósofo) de junho de 1941, pág. 190, o sr. C. Jinarajadasa fala sobre o “trabalhador teosófico”, cujo “trabalho é duplo. Primeiro, deve instruir a humanidade acerca do conhecimento do ‘Plano de Deus que é Evolução’ e depois cooperar com os Irmãos mais Velhos encarregados do Plano.”

O espiritualista depende totalmente dos seres que se comunicam, e os teósofos dependem destes Irmãos mais Velhos. Ambos confessam tal associação e gloriam-se nela. Torna-se, portanto, vital apurar o caráter desses seres que estão influenciando o mundo, e isso não é nem um pouco difícil.

- I. Primeiro, suas DOUTRINAS são diametralmente opostas à Escritura Sagrada.
  - i. Deus não é uma Pessoa, mas a soma total impessoal de todas as coisas. O fundador da Sociedade Teosófica, coronel H. S. Olcott, escreveu sobre “nossos pontos de vista quanto à impessoalidade de Deus – um Princípio Eterno e Onipresente que, sob diferentes nomes, era o mesmo em todas as religiões” (*Old Diary Leaves [Velhas Folhas de Diário]*, 396), e, em *O Teósofo*, já citado anteriormente, pág. 214, o rev. Lawrence W. Burt escreve: “Tudo é Deus, e Deus é tudo.”
  - ii. Jesus Cristo, nosso Senhor, é apenas um dos “grandes mestres, e.g., Jesus, Buda, Zoroastro e muitos outros, em épocas diferentes e várias raças, cujos ensinamentos ainda existem... Seres divinos que, em eras passadas inconcebíveis, eram homens, mas que agora são deuses, capazes de encarnar em nosso mundo à sua escolha para enfatizar a necessidade que existe na natureza, por meio



do trabalho das leis de evolução (as quais eles mesmos estão sujeitos), de o homem olhar para frente e assim se esforçar para atingir a divindade em vez de olhar para trás na evolução e cair na mero animalidade" (Wentz, 514). Em essência, é semelhante ao que o russelismo<sup>2</sup> ensina sobre Cristo: que foi, primeiro, de natureza angelical, depois se tornou homem e, por meio de sua vida, obteve a divindade.

iii. O livramento do pecado e o julgamento não podem ser afetados pela intervenção de Deus na pessoa de Seu Filho ou pelo Filho morrendo em favor dos homens para redimi-los da ira. *Carma*, a lei absolutamente invariável e fatalista de causa e efeito, proíbe totalmente tal intervenção. Cada homem deve pagar sua própria penalidade por completo por uma série de renascimentos, lutas e tristezas variadas até finalmente também alcançar a divindade e a reabsorção do indivíduo no Todo.

iv. A visão da antiga Pérsia e o gnosticismo do mal inerente à matéria são mantidos, contrariando a afirmação divina de que a criação material, conforme Ele fizera no começo, era muito boa (Gn 1.31). Assim, o escritor de *O Teósofo*, citado por último, diz naquele artigo: "A teosofia ensina que nisso reside a causa da dor – ela é o efeito da luta entre pares de opostos, a luta entre vida e forma, o conflito entre alma e corpo, espírito e matéria. Aqui também surge o problema correlato da origem do mal (assim chamado) atribuído às *gunas*

<sup>2</sup> Doutrina fundada por Charles Taze Russel; também são conhecidos por "Testemunhas de Jeová" (N.R.).



[qualidades] da matéria – inércia, mobilidade e ritmo – em oposição às qualidades do espírito – tamas [escuro], rajas [paixão] e sattva [bondade].” Isto está em direta contradição às declarações da Escritura de que o mal começou no coração de Satanás – “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor” (Ez 28.17) –, à visão de Salomão de que do coração procedem as fontes da vida (Pv 4.23), às palavras do Senhor de que “do coração procedem maus desígnios” e aos atos iníquos que disso resultam (Mt 15.19). O enfoque dessa inversão é declarar a pureza essencial do “espírito”, e sua aplicação foi vista nos ensinamentos de certos gnósticos, que afirmam que homem e espírito permanecem sem contaminação não importa o quanto gratifique a carne. Todavia, a Escritura solenemente nos ensina que o julgamento vindouro de Deus lidará com o homem de acordo com “o bem ou mal que tiver feito por meio do corpo” (2Co 5.10).

- v. De fato, não há uma distinção vital entre bem e mal. Observe as palavras da citação acima, “mal (*assim chamado*).” Certo homem, que uma vez foi proeminente mestre desta e de doutrinas aliadas, honestamente admitiu que as havia extraído de antigos filósofos gregos, e estes, por sua vez, de ainda mais antigos mestres hindus. Ainda é a doutrina da teosofia hindu. Em 1910, em Burma, isso me foi confirmado por um brâmane culto, um erudito de sânscrito, o secretário da Sociedade Teosófica de Rangoon. Ele insistiu em dizer que não há nenhuma distinção essencial entre certo ou errado. É errado para um homem fazer o que ele mesmo acha que é errado, mas o mesmo ato



estaria certo se ele o considerasse certo. Então, disse eu, adultério e assassinato são certos se um homem considerá-los certos, e ele imediatamente concordou. Na maneira acima mencionada, todo o âmbito da doutrina bíblica é negado; e não é de causar nenhum espanto que o sr. Wentz escreva o seguinte com relação à “interpretação de curas milagrosas por Jesus Cristo”, da sra. Baker Eddy, demonstrando “muita ingenuidade e verdadeiro gênio” (261); pois a Ciência Cristã, conforme apresentada em seu livro oficial *Science and Health* (*Ciência e Saúde*), de igual modo nega cada doutrina da Escritura e trai sua origem demoníaca na teosofia. O livro realmente mostra ingenuidade e gênio pervertidos, mas nenhuma *sinceridade* é encontrada na reivindicação do nome cristão para uma absoluta contradição da força clara das Escrituras cristãs.

II. Um segundo teste conclusivo e incisivo é o do CARÁTER MORAL desses seres que se comunicam com os homens. Quanto a isso, o sr. Wentz é muito esclarecedor: “As pessoas boas” [assim chamadas sabiamente por todos, para não ofendê-los] estão prontas a fazer atos bondosos àqueles que os honrarem e servirem, mas: 1. são muito vingativas se não forem tratadas bem (142, 146, 154, etc.); 2. roubam, incluindo mulheres e crianças (43, 104, 106, 130); 3. enganam viajantes (159); 4. brigam (46, 302); 5. matam/assassinam (106, 108); 6. aceitam humanos em sacrifício de sepultamento (407); 7. fornicam (252, 326, 327); 8. praticam o incesto (375); 9. adulteram (346); 10. seduzem cônjuge alheio (376). É desnecessário dizer que Salmos 135.18 diz a verdade quanto a seus devotos, “como eles se tornam os que os fazem, e todos



os que neles confiam". Os deuses da antigüidade eram como eles em iniqüidade, e assim eram e são os povos que os adoravam. Não é surpreendente ler no livro do sr. Wentz (391) que, "nos anos de 1780-1820, viveu um velho bardo em Glamorganshire que era, na realidade, druida apesar de professar ser também cristão e cria plenamente no renascimento." Tal hipocrisia não pareceria ser pecado para um pagão. Semelhantemente, em 1607, Robert Nobilos deu a conhecer que era brâmane a fim de induzir os hindus a tornarem-se católicos romanos; e, assim, aquele intrépido porém ímpio viajante, Sir Richard Burton, fez-se passar por muçulmano para poder visitar Meca e Medina nos dias em que era sentença de morte um não-muçulmano ser pego ali. Não é necessário insistir que tamanhas fraude e vileza são contrárias à santidade de Deus e pureza de Cristo. Isso é prova suficiente de que os espíritos em questão são anjos caídos, servos do Príncipe das Trevas.

Ao voltarmo-nos para a teosofia com a finalidade de investigar o caráter destes Irmãos mais Velhos, que são apresentados como benévolos instrutores e ajudantes da humanidade, verificamos que são da mesma classe moral dos espíritos de fadas. Isso será demonstrado pelos próprios teósofos ao mostrarem o tipo de agentes que estes Irmãos mais Velhos escolheram para seu trabalho aqui na terra.

A primeira e principal agente foi a falecida Madame H. P. Blavatsky, uma russa. Tudo o que precisamos saber a seu respeito pode ser visto, sem consultar seus críticos, por intermédio de seu primeiro discípulo americano, amigo e companheiro mais íntimo, o coronel Olcott. Madame Blavatsky, sob ordens impostas por seu mahatma, foi "enviada", em 1873, de Paris para a América para fazer a obra que lhe seria mostrada. Olcott primeiro a conheceu em Chittenden,



EUA., quando investigava o fenômeno espiritual na casa Eddy em 1874. Dessa forma, o movimento teosófico moderno procedeu do movimento espiritualista moderno. Juntos, fundaram a Sociedade Teosófica em Nova York em 1875.

É justo julgar a teosofia atual a partir daqueles primeiros dois agentes dos Irmãos mais Velhos já que, até hoje, os atuais líderes do movimento louvam ambos, fazem propaganda de seus escritos, ensinam as mesmas doutrinas e buscam os mesmos fins. Assim, *O Teósofo*, publicado pela sede da Sociedade, Adyar, Madras, Índia, em sua edição de junho de 1941, pág. 231, cita as seguintes palavras do presidente proferidas na Convenção de 1934: “Nossa sociedade traça sua fundação a certos Mestres da Sabedoria, sob cujas instruções H. P. Blavatsky e coronel Olcott, fundadores da Sociedade, afirmam estar trabalhando sem cessar.” O sumário de 1938 da Biblioteca de Empréstimo da Sociedade de Teosofia de Londres disse: “Esses livros representam a base e a síntese do ensinamento teosófico.” No Catálogo Geral da Casa Publicadora Teosófica de Londres de 1941, o livro *Old Diary Leaves (Velhas Folhas de Diário)*, de Olcott, é descrito como “o único relato histórico autêntico da Sociedade Teosófica.”

Nesta última obra, foi mencionado que Olcott retratou o caráter e a moral da primeira e eminente agente moderna destes Irmãos mais Velhos, estes Mestres da Sabedoria que buscam influenciar a humanidade. O leitor pode julgar os mestres pelos discípulos. Os seguintes aspectos foram esclarecidos de maneira surpreendente:

1. **TEMPERAMENTO VIOLENTO.** “Até mesmo em sua [Madame B.] primeira infância, era sujeita a ataques de paixão desgovernada e exibia uma disposição bem arraigada de rebelar-se contra todo tipo de autoridade ou controle... À menor contradição, explodia num ataque de paixão e, muitas vezes, até convulsões” (213).



Quando o Filho de Deus toma em mãos uma natureza como esta, deve corrigir tal desordem pelo poder de uma nova natureza criada em seu interior. Estes Mestres, no entanto, não trabalham assim. Essa mulher infeliz, que, em sua juventude, era “o terror de suas governantas, o desespero de seus parentes, apaixonadamente rebelde contra todas restrições de costumes ou convenção” (222), continuou assim até o fim de seus dias, de forma que Olcott a chama de “mulher turbulenta e irritante (50), que fumava, e xingava, e chamava-o de idiota incorrigível e outros nomes carinhosos” (412).

## 2. MENTIR era outro aspecto lamentável que Olcott ilustra.

Ela foi “enviada” para América, segundo ela mesma disse, para provar ao mundo a veracidade dos fenômenos espirituais que eram exibidos naquela época, mas também para mostrar que a explicação de que eram produzidos por espíritos de pessoas mortas era uma teoria falsa. A fim de não desacreditar do assunto todo, ela fingiu, por um tempo, endossar dois famosos médiuns da época e o que faziam nas sessões. Assim, ela primeiro incentivou as pessoas a acreditarem justamente naquilo que foi enviada para minar. Ela justificou tal duplidade (13, 14). Seu raciocínio, porém, fundamenta-se simplesmente na afirmação de que os fins justificam os meios.

Insistindo na fraude, Blavatsky permitiu, por um tempo, que Olcott e outros pensassem que ela estava fazendo os “prodígios” com a ajuda de um tal de “John King”, uma hora citado como chefe de uma tribo de espíritos, noutra hora como o espírito do famoso bucaneiro Sir Henry Morgan. Olcott diz que “ela manteve essa ilusão durante meses” (10,11).

Uma amiga diz: “Seja lá o que ela pode ter dito a mim ou a qualquer outra pessoa, vale muito, muito pouco para mim, pois, tendo vivido e viajado com ela por tanto tempo e estado presente a tantas de suas entrevistas com terceiros, já a ouvi contar as histórias mais conflitantes a respeito de si mesma.” A razão para essa fraude habitual



é muito significativa: “Ser aberta e comunicativa significaria trair as residências e personalidades de seus Mestres!” (264). Dessa forma, os que posam de Benfeiteiros da humanidade exigem que pessoas e lugares de residência permaneçam em profundo segredo a ponto de ser necessário mentir deliberadamente.

Mais uma vez, Olcott diz: “Quanto à sua idade, já contou todo tipo de história, fazendo-se passar por 20, 40 e até mesmo 60 a 70 anos mais velha do que realmente era.” A justificativa para estas mentiras foi de que eram equívocos: “Ela me falou, como desculpa, que os Alguéns dentro de seu corpo, nessas diferentes horas, eram de idades variadas; portanto, nenhuma mentira real foi falada apesar de o auditor ver apenas a casca da H.P.B. e pensar que ela referia-se a isso” (265).

3. IMPUREZA. Olcott declara que “cada olhar, palavra ou ação de Blavatsky proclamava assexualidade” e acrescenta: “Eu me firmo nesse ponto de vista apesar de supostas confissões de má conduta anterior presentes em certas cartas dela a um senhor russo e publicadas recentemente numa obra intitulada *A Modern Priestess of Isis (Uma Moderna Sacerdotisa de Ísis)*. Em resumo, acredito em minha avaliação de sua pureza sexual e considero falsas suas supostas revelações – mera bravata” (6). Mas que tipo de mulher era esta para dessa maneira inconsequente, apenas por “mera bravata”, confessar impureza, quer verdadeira ou falsa? Deve-se observar também quão pouca importância o próprio Olcott dá a isso.

A mulher de hoje pode notar que essa arqui-sacerdotisa de Satanás desrespeitava tanto Deus quanto a natureza, usando cabelos curtos duas gerações antes do renascimento recente dessa moda pagã. A esses aspectos desagradáveis, precisamos acrescentar que era uma fumante inveterada, também mostrando o caminho da escravidão para a mulher de hoje, e normalmente exagerava na comida (449, 452). Ela enviou sua serva para uma pequena missão distante apesar



de a empregada tê-la avisado de que estragaria o jantar meio preparado. Como a menina não voltou antes do que conseguia voltar e ela mesma estava com fome, “mandou todos os servos da Filadélfia ao diabo em massa” (450).

Era esta mulher vulgar, violenta, profana, impura, enganadora, mentirosa e no entanto fascinante que os Mestres escolheram, habitaram e usaram como sua principal serva moderna.

Seu segundo agente principal era Olcott. Como já observamos, ele faz pouco da confissão de imoralidade de Blavatsky, justifica suas mentiras (15, 321) e tolera seu temperamento violento (461). Para ele, suas “excentricidades vulgares, incluindo obscenidades” eram meras “incorrêções” (sinais de falta de berço); e sua idéia de como remover o pecado torna-se evidente em seu compromisso de que certo ato generoso e amistoso (como certamente o foi) praticado por Madame Blavatsky com relação a um pobre companheiro de viagem “faria com que páginas inteiras” de má conduta “fossem apagadas do Livro de Contabilidade Humana” (29).

A própria atitude anterior de Olcott com relação ao cristianismo mostra a razão pela qual já estava tão preparado mentalmente para ser iludido pelas artimanhas desses Mestres. Ele fala sobre “não ter nenhuma barreira sectária a ser derribada” e sua “crônica indiferença a teologias” (322).

A terceira agente moderna principal dos Mahatmas foi a falecida sra. Annie Besant. Ela também é totalmente endossada pelos líderes atuais do Movimento. O brâmane teosofista que mencionei antes me emprestou o livro *Esoteric Christianity* (*Cristianismo Esotérico*), de Annie.

Sua *Autobiography* (*Autobiografia*) [T. Fisher Unwin, ed. 2, 1893] é esclarecedora, pois mostra quão cedo na vida os Mestres já tinham o olho nela e influenciavam-na. Assim como Deus separa desde o nascimento os que destina para Seu serviço, parece que Satanás também o faz. Quão diligentes e cuidadosos, portanto, devem ser os



pais ao treinarem seus filhos para o Senhor e preservá-los das artimanhas do diabo. Quão triste é haver, nos lares cristãos, livros, jogos, programas de rádio e um ambiente geral que possa ajudar espíritos malignos a assediarem e enganarem as crianças! Como um pai crente irá responder por isso afinal?

O pai de Annie Besant era “profunda e constantemente céptico”, e sua mãe tornou-se racionalista enquanto a filha era ainda pequena (22, 23). Criada por um amigo no calvinismo evangélico, ela diz que “essa severa religião lançou uma espécie de sombra sobre mim” (44). “A igreja estabelecida por lei fez de mim uma incrédula e antagonista” (24). Sem conversão ou novo nascimento (43), ensinaram-lhe a orar em voz alta (44) e a ensinar na Escola Dominical da Igreja da Inglaterra (39); foi crismada (51), tomava Santa Ceia semanalmente (57) e familiarizou-se com a Bíblia (56). Tornou-se uma alta anglicana, casou-se com um ministro, mas a vida foi um horror e acabou em separação. Tentou o suicídio (93), e sua saúde feneceu.

Sem conhecer Deus em Cristo, dúvidas sobre Ele facilmente a tomavam (90). Leu muito naquela época, mas a Bíblia não é mencionada (101). Sob os ensinamentos de Charles Voysey e outros, ela acabou com dogmas e logo renunciou à divindade de Cristo (107-109). Naquela época, consultou Pusey, que a exortou a orar e acreditar na “Igreja” (109-112). Sua mãe, à beira da morte, queria tomar comunhão. Annie Besant foi ao Deão Stanley e disse-lhe francamente que não cria nas doutrinas cristãs. Ele, no entanto, concordou em ministrar a ceia, sendo ele, mãe e filha os comungantes. O deão disse que o sacramento era um símbolo de união, não de divisão, e que a crença na divindade de Jesus não era vital à participação (121-125). Abandonou-se a oração como um “absurdo blasfemo” (133).

Dessa maneira, foi atingido o objetivo primário dos Irmãos mais Velhos: que a verdadeira natureza do cristianismo fosse deturpada



em sua mente, e seu coração fosse desviado da Palavra de Deus e do Filho de Deus ali revelado. Quão terrível pode ser o trabalho de um cristianismo bastardo e de seus principais líderes! Assim, levada às trevas, escreveu que o Homem Ideal não é o Varão de Dores, mas “o claro ideal da Humanidade Ateísta”... “Como o Hércules da arte grega, radiante com amor, glorioso e autoconfiante em seu poder (...), o homem livre que não tem senhor, que não tolera tirania, que depende de sua própria força, que torna sua a briga de seu irmão, orgulhoso, leal, honesto, corajoso” (157, 158). Seria possível conceber um contraste mais completo com o Cristo de Deus, andando nesta terra na humilde dependência da força e sabedoria de Seu Pai, submetendo-se por inteiro à Sua autoridade?

Nessa ocasião, ela uniu-se ao ateísta Charles Bradlaugh e auxiliou-o na publicação de um livro que instruía como derrotar a ordem divina de multiplicar a raça por meio de métodos contraceptivos. O conteúdo foi tal que, em 1875, ambos foram processados e, por resolução da Casa dos Lordes<sup>3</sup>, a circulação do livro foi declarada criminosa. A condenação foi revogada por conta de uma tecnicidade, e, sem pestanejar, ela continuou a difundir o livro e também escreveu um próprio livro sobre o mesmo assunto. Que os defensores atuais e, às vezes, até mesmo cristãos dessa prática tomem como alerta o aumento de sua disseminação ser devida a dois ateístas. O livro de Annie foi tirado de circulação assim que ela passou à teosofia, não por ser considerado maligno, mas simplesmente por não ser adequado a uma ocultista (243).

Depois de deixar Bradlaugh, em 1885, ela virou socialista, mas eventualmente se decepcionou com o socialismo. Vale a pena considerar seus comentários a esse respeito: “A posição socialista é

<sup>3</sup> Casa dos Lordes é parte do Parlamento Inglês (N.T.).



suficiente no plano econômico, mas de onde tirar a inspiração, a razão que deve guiar o estabelecimento da irmandade dos homens? Nossos esforços para de fato organizarmos grupos de trabalhadores altruístas falharam. Muito foi feito, mas não houve um verdadeiro movimento de devoção sacrificial, no qual os homens trabalhassem apenas por amor e pedissem só para dar e não tirar" (338).

No prefácio desta obra, no tomo I, comentei que certas pessoas, tais como a senhora já mencionada, são de um temperamento particularmente suscetíveis à influência de espíritos. A sra. Besant descreveu-se sempre como sendo mística, imaginativa, emocional, sonhadora (24-27, 42). Que as seguintes palavras mostrem o quanto cedo na vida os espíritos vigilantes podem assediar alguém que desejam usar – que sirvam de aviso para outros. Sobre sua infância, ela escreveu: "As coisas que realmente me assustavam eram presenças nebulosas e vagas que eu sentia por perto, mas não podia ver. Eram tão reais que eu sabia exatamente onde estavam na sala, e o terror estranho que suscitavam devia-se, em grande parte, à sensação de que eu estava prestes a vê-las" (45). Assim, sua mente foi familiarizada à idéia de presenças invisíveis. No devido tempo, ela infelizmente perderia o medo.

Já que a religião formal, o ateísmo, socialismo, materialismo falharam com ela (357), estava pronta para a fase final de sua intempestiva carreira. Que o leitor observe bem isto: "Ouvi uma Voz", diz ela; "Ouvi uma Voz." Não temos por que duvidar, mas devemos atentar para o aviso do apóstolo: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1Jo 4.1). "Ouvi uma Voz dizendo para eu ter coragem, pois a luz estava próxima" (340). Então, ela conheceu Madame Blavatsky! E assim como aconteceu com Olcott, aconteceu também com ela: a fascinação sutil tomou conta dela. Em 10 de maio de 1889, ela uniu-se à Sociedade Teosófica (344). Sobre H.P. Blavatsky, comentou: "Eu



entreguei a ela minha fé sob uma imperiosa intuição" (344). Isto é diametralmente oposto à razão e ao cuidado que provam os espíritos. Exatamente da mesma maneira, inúmeras almas sucumbiram a este e a outros enganos.

Pareceu-nos ser digno de mérito, a título de aviso, expor os passos principais na formação de um apóstolo moderno de erro anticristão. Pais céticos; uma amiga bem-intencionada porém imprudente instruindo, com rigor, sobre uma teologia dura, desprovida de amor; pressionada a professar e participar da religião evangélica sem primeiro ser regenerada; ritual vazio deixando a alma insatisfeita e enfraquecida diante das amarguras da vida; High Church<sup>4</sup> um fracasso, Broad Church<sup>5</sup> sem princípio verdadeiro; ateísmo, socialismo, materialismo, todos deixando a desejar; afinal, toda experiência variada e de esfomear a alma encontrando-se, pela revelação repentina de um mundo espiritual real, com prodígios realizados, promessas feitas, perspectivas abertas e uma filosofia complexa para atrair o ávido investigador.

Foi-me dito que W. E. Gladstone, após ler sua *Autobiografia*, afirmou que o problema foi que ela nunca havia experimentado um real sentido de *pecado*. O comentário é justo e chega ao âmago da questão. Ah, que, em algum momento, ela tivesse compreendido seu caso à luz do que escreveu a respeito das almas chamadas a ascenderem, por meio de iniciação, à "Cristandade": "Cada uma dessas crianças é cercada por riscos e ameaças, perigos estranhos que não acontecem a outros bebês, pois elas ungidas com o crisma do segundo nascimento, e os poderes das trevas do mundo invisível estão sempre procurando sua ruína" (*Cristianismo Esotérico*, 186).

<sup>4</sup> High Church: grupo conservador e ritualístico da Igreja Anglicana que mais se aproxima do católico apostólico romano (N.T.).

<sup>5</sup> Broad Church: outro segmento da Igreja Anglicana (N.T.).



Que esta confissão fique bem clara: naquele outro mundo, há “poderes das trevas” procurando nossa ruína, e devemos perguntar-nos se não foi, sob essa influência, que veio Annie Besant. Sua iniquidade torna-se mais evidente ainda pelo fato de terem posado de seres generosos e bons buscando ajudar a humanidade. O próprio livro acima mencionado esclarecerá o estado moral a que ela chegou pela estrada estéril e muito viajada.

Uma vez que ela estava mutilando e falsificando toda a doutrina cristã, não é surpresa o fato de ela não ter hesitado em falsificar a história também. Ela admite, no livro mencionado por último, que uma pessoa chamada Jesus realmente viveu, mas data Seu nascimento de 105 a.C., um século antes da verdadeira data. É claro que a história autêntica não conhece tal pessoa. Ela admite que seu seguidor favorito era João. Também reconhece os primeiros Pais da Igreja, cita muitos trechos de Orígenes, Clemente de Alexandria e outros e aceita a data provável de 220 d.C. para a morte de Clemente. Além disso, aceita que Policarpo tenha sido discípulo de João.

Agora, a data da morte de Policarpo foi 155 ou 166 d.C., conforme dizem alguns. Contudo, se considerarmos a data anterior e lembrarmo-nos da famosa confissão em seu martírio – de que havia servido a Cristo por 86 anos –, vemos que suas relações iniciais com João devem ter acontecido por volta de 70 d.C. De acordo com nossa autora, uma vez que Cristo nasceu em 105 a.C., Seu ministério público, que teve início por volta de seus 30 anos de idade, deve ter começado em torno de 75 a.C., e, nessa época, João tornou-se discípulo. Supondo que João tivesse mais ou menos a mesma idade de Jesus, ele também nasceu por volta de 105 a.C.; logo, conclui-se que João já tinha uns 175 anos de idade quando Policarpo foi seu discípulo em 70 d.C.!

Ela diz, no entanto, que a vida de João se estendeu por “um século que seguiu a morte física de Cristo” (136). Só que, nesse caso, a carreira de João teria acabado por volta de 28 d.C. já que Jesus viveu



apenas uns 33 anos de 105 a.C. A conclusão lógica é que João teria morrido mais ou menos por volta de seus 133 anos, em vez de 175 anos como ficou implícito antes, isto é, uns 47 anos antes de Policarpo tornar-se seu discípulo!

O que essa contradição dupla mostra senão que a sra. Besant escrevia de maneira enganosa e, como outros enganadores, foi pega numa armadilha que ela mesma fez? Todavia, se dissermos que ela escreveu sob a inspiração de um de seus Mestres (e, de fato, há certa influência sobre-humana exercida pelo livro sobre o leitor, a qual ele precisa estar perpetuamente vigiando), então o caráter enganador do Mestre torna-se mais claro ainda.

Esta conclusão quanto aos mestres ficará mais óbvia ao cristão quando ponderarmos o fato de que a teoria que tais mestres sustentavam com respeito à natureza e ao objetivo do homem é precisamente a mesma que Satanás expôs a Eva: “Sereis como Deus” (Gn 3.5). Madame Blavatsky escreveu: “Existem poderes ocultos no homem que são capazes de fazer dele um *deus na terra*” (itálico dela; *Velhas Folhas de Diário*, 14). O rev. L. W. Burt, no artigo já citado de *O Teosofista* (junho de 1941, 213), afirmou: “As religiões e filosofias aclamam o homem como sendo divino em essência e origem, e aquela união com o Divino como o objetivo da existência humana.”.

O quanto Deus – Pessoa, Legislador e especialmente Juiz – é posto de lado, e o homem é colocado como seu único e próprio soberano pode-se depreender desta “grande verdade”, que, de acordo com o sr. G. S. Arundale, atual presidente da Sociedade Teosófica, foi proclamada pelo Mestre Hilarion: “Cada homem é seu próprio legislador absoluto, o dispensador de glória ou desalento a si mesmo, quem decreta sua vida, sua recompensa e punição” (*O Teosofista*, junho de 1941, 212). Essa autodeterminação absoluta está, de fato, em total contradição com a declaração de Olcott sobre a doutrina do carma, aplicada ao segundo casamento de Madame Blavatsky



que logo foi desfeito pelo divórcio. Ele escreveu: “Seu destino e o dele estavam temporariamente ligados um ao outro pelo inexorável carma” (*Velhas Folhas de Diário*, 56). Porém, em ambos os casos, se ao homem caído for ensinado que ele é a sua própria lei, fará como quiser.

Tudo isso que falamos até aqui e muitas outras coisas semelhantes reforçam o que já foi dito, que o Príncipe deste mundo está constantemente encerrando na escuridão do paganismo aquela fração do mundo que foi em parte iluminada e libertada pelo evangelho de Deus. Falando sobre o famoso espiritualista “M. A. Oxon” (Stainton Moisés), Olcott escreveu: “Agora, é claro para mim que uma única Inteligência diretora, prosseguindo com um plano de amplo alcance que atinge todos os povos e nações e age por meio de muitos agentes além de nós, tinha por objetivo o seu desenvolvimento e o meu” (*Velhas Folhas de Diário*, 319). O que este plano era torna-se bem evidente no objetivo confesso da Sociedade Teosófica, conforme declarado por seu fundador Olcott:

“A Sociedade ensina e espera que seus colegas exemplifiquem pessoalmente a mais elevada moralidade e aspirações religiosas; opõe-se ao materialismo da ciência e *toda forma de teologia dogmática* (itálicos meus)... Tornar conhecidos entre as nações ocidentais os fatos há muito reprimidos sobre as filosofias religiosas orientais, suas éticas, cronologia, esoterismo, simbolismo... Divulgar o conhecimento dos ensinamentos sublimes daquele sistema esotérico puro do período arcaico que estão espelhados nos *Vedas* mais antigos, e a filosofia de Buda Gautama, Zoroastro e Confúcio. Finalmente, e principalmente, ajudar a instituir a Irmandade da Humanidade, na qual todos os homens puros e bons de cada raça reconhecerão cada qual como parte igual (sobre este planeta) de uma Causa não Criada, Universal, Infinita e Eterna” (*Velhas Folhas de Diário*, 400, 401).



Na busca dessas aspirações morais e religiosas, foram usados tais agentes e meios, ainda recomendados como acabamos de ver, e os “homens bons e puros de cada raça” incluem, como oficial da Sociedade, meu conhecido, o brâmane, que declarou que adultério e assassinato não são intrinsecamente errados, mas podem ser certos. Uma doutrina passível de verdade para obter o fim de uma Irmandade da Humanidade!

Para promover este plano, os anjos caídos têm abordado, instruído, habitado, empregado e dado poderes a homens e mulheres que aliciam e controlam. Que exibição horrível é alguém criado à imagem de Deus e para o serviço de Deus ser habitado e inspirado por um inimigo de Deus! Não apenas de Judas pode-se escrever verdadeiramente que “entrou nele Satanás”; e quando não se trata do próprio arquiinimigo, trata-se de um ou mais de seus anjos subordinados poderosos e devotos.

Os perigos para o ser humano usado dessa forma são imensos. Quanto ao futuro eterno, sabemos, pelo próprio Cristo, o Juiz de tudo, que sobre alguns Ele pronunciará a temível sentença: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41). Entretanto, mesmo nesta vida, o corpo e a mente muitas vezes sofrem bastante. Assim falou um dos informantes de Wentz: “Mas sempre temo os seres das águas, das tribos brilhantes, pois, todas as vezes que tive contato com eles, senti um grande entorpecimento da mente e, muitas vezes, pensei sentir um sugar da vitalidade” (*Fé nas Fadas*, 64; ver pág. 20.) Outro falou a respeito de um colega de trabalho que lidava com “os pequeninos”: “Na manhã seguinte, Humphrey voltava, mas tão exausto que não conseguia trabalhar” (121). Outro disse: “Levi Salmon, que viveu, por há 30 anos aproximadamente, aqui e em Newport, era um feiticeiro e podia chamar espíritos bons e maus, mas temia chamar os maus a não ser que tivesse mais uma pessoa com ele, pois era uma experiência penosa e perigosa” (156). Da mesma forma, Olcott diz que, após psicografar um certo texto, Madame Blavatsky



“reapareceu com a prancheta em mãos, a testa umedecida pelo suor e parecendo muito cansada. ‘Por Júpiter!’ exclamou, ‘isso tirou o meu couro, mas consegui fazê-lo!’” (*Velhas Folhas de Diário*, 362). Sobre a médium sra. Thayer, ele falou que, no momento em que ocorria a ação espiritual, “ela tremia como se estivesse com frio, suspirava, e instantaneamente suas mãos ficavam geladas como a morte, como se um jato de água congelada de repente tivesse passado por suas veias.” De novo: “Quando H.P.B. invocou a forma espiritual de corpo inteiro de dentro do armário da sra. Holmes (*P.O.W.*, 477), ela agarrou minha mão convulsivamente, e sua mão ficou muito gelada. A mão do sr. B., o feiticeiro italiano, ficou como gelo depois do fenômeno de chamar a chuva” (*Velhas Folhas de Diário*, 91, 92). A conclusão do próprio sr. Wentz foi de que, “como no caso da possessão demoníaca chinesa, o fenômeno de mediunidade muitas vezes resulta num desarranjo moral, insanidade ou até mesmo suicídio por parte dos ‘mídiuns’ que exibem isso tolamente sem preparo especial ou sem nenhum preparo e muitas vezes ignorando por completo um possível minar gradativo de sua vida psíquica, força de vontade e até mesmo saúde física” (489).

Pode ser visto, como um sinal dos tempos, que Deus está permitindo que os povos que não receberam o amor à verdade para serem salvos, venham a crer na mentira pela qual o grande Mentiroso engana há milhares de anos quase toda a terra habitada. Se isso continuar, servirá de base para a revelação do iníquo, cuja presença anunciará a fim desta era (2Ts 2.1,2). Realmente, hoje o mistério da iniqüidade trabalha energicamente. *Psychic News (Notícias Psíquicas)* de 31 de maio de 1941, anuncia mais de 40 centros de espiritualismo apenas na região de Londres e pode-se presumir que nem todos os centros como esses anunciam nesse único número.

O Teosofista anuncia Sociedades Nacionais Teosóficas em 42 países de todos continentes, lojas em mais 12 regiões, uma Federação de Sociedades Nacionais Européias, uma Federação de Sociedades Nacionais Sul-Americanas e uma Federação Mundial de Jovens Teo-



sofistas. Há sete Agentes Presidenciais, dois deles Agentes Viajantes. Há 26 revistas teosóficas mencionadas.

Há uma enxurrada de livros espiritualistas e teosóficos. O catálogo do *Notícias Psíquicas* é apenas de livros escolhidos, mas anuncia talvez uns 300, muitos com preço bom. O catálogo da Casa Publicadora Teosófica de Londres anuncia aproximadamente 500 obras, sendo a maioria vendida por bom preço. O *Teosofista*, publicado pelo quartel-general da Sociedade na Índia, é uma revista importante de 80 páginas, vendida por preço baixo e está em seu 62º ano. Tudo isso indica uma grande demanda por literatura em língua inglesa para manter quantidades e preços assim.

Todo esse vasto e contínuo esforço e produção existem apenas para a propagação da filosofia puramente pagã, a propagação de crenças antigas orientais como ensinadas e praticadas em tempos antigos na Caldéia, Índia, Egito e Grécia. A própria insígnia da Sociedade Teosófica conta plenamente sua história. No centro, está o *tau* egípcio, o círculo apoiado numa cruz, que, no culto à grande deusa da natureza, era o sinal obsceno da conjunção dos princípios masculino e feminino. Permanece no centro de dois triângulos invertidos. Tudo isso é rodeado pelo símbolo bíblico e antigo de Satanás, a serpente; e seu rabo e sua boca unem-se na parte de cima da insígnia a um pequeno círculo que contém a suástica, a cruz aduncada agora tão bem conhecida como a insígnia do Socialismo Nacional Alemão, por si só uma indicação do espírito pagão daquele movimento.

No entanto, os propagadores dessa filosofia em nossa época deveriam conhecer que esta influência servia para afundar os povos que a adotassem num abismo de luxúria, crueldade e degradação, o próprio oposto daquele alto estado espiritual e prática que dizem ser seu objetivo. Isso pode ser visto em todas as terras, antigas ou modernas, que tenham aceito tal conceito panteístico de Deus. Nenhum erudito ousa traduzir e publicar em inglês todos os livros sagrados da Índia que os teosofistas tanto elogiam. Seria uma ofensa criminosa. O deus hindu



Krishna é uma dessas supostas manifestações de divindade com quem os teosofistas profanamente equiparam nosso único Senhor, Jesus Cristo. Vi, no entanto, nas ruas de Calcutá, em exposição para venda, retratos de coisas feitas por Krishna que fariam qualquer um enrubescer.

Se o leitor pesquisa o antigo Egito, que observe o relato de Heródoto sobre o vil comportamento de peregrinos a caminho do grande festival de Ártemis, a deusa da natureza (Livro II, 60). Se alguém pesquisa a Pérsia, que leia o relato feito pelo mesmo historiador das ações cruéis de Xerxes e sua rainha no Livro IX, 108-113. Se pesquisa a Grécia, precisa apenas ler o maior de todos os poemas humanos, o de Homero, para aprender que luxúria, crueldade e carnificina eram glorificadas pelos povos de antigamente e também praticadas por seus deuses. Se ainda quiser aprender a que nível de iniqüidade habitual um credo panteístico pode fazer seus devotos descerem, que estude o maometismo. A raiz de sua religião é panteística<sup>6</sup>. Verá como é vil o paraíso que Maomé prometia como recompensa ao fiel, um clímax apropriado ao infame sistema social que ele sancionava. Também poderá descobrir que o segundo livro mais famoso em sua língua, as *Mil e Uma Noites* é tão perverso que possivelmente um terço não poderia ser publicado em português.<sup>7</sup>

É a esse abismo de iniqüidade moral, suficientemente descrito por alguém que viveu em seu meio, o apóstolo Paulo (Rm 1.18-32),

<sup>6</sup> Veja o livro do dr. S. Zwemer, *The Moslem Doctrine of God* (A Doutrina Muçulmana sobre Deus), 59, 69, que cita, com o mesmo sentido, W. G. Palgrave, *Narrative of a Year's Journey through Central and Eastern Arabia* (Narrativa de uma Jornada de um Ano através da Arábia Central e Oriental), I, 365-7.

<sup>7</sup> Esta obra foi publicada em português pela Ediouro Publicações S.A., numa edição luxuosa da versão integral, em 2 tomos, somando um total de 1088 páginas, se transformando instantaneamente em bestseller. Em 2001, a obra já estava na 16<sup>a</sup>. edição. Em seguida, a Ediouro traz à cena a seleção *As melhores Histórias de Mil e Uma Noites*, uma obra de 236 páginas, destinada ao leitor de todas as idades, mas que se presta em especial ao público jovem, "onde", como declararam, "encontrará um esplêndido estímulo à leitura, deixando-se arrebatar pelo mistério destes contos" (N.E.).



que os teosofistas confessos e presentes estão atraindo e fazendo ir cada vez mais rápido as raças ocidentais. Trata-se da fase atual e do desenvolvimento do mistério da iniquidade. Não se faz necessário mencionar quão vasta é sua influência nos Estados Unidos. Foi ali que, em 1848, o renascimento moderno do paganismo teve início. Foi ali que, em 1875, a teosofia foi edificada como um sistema. Foi ali e no mesmo ano, que a sra. Baker Eddy publicou *Science and Health* (*Ciência e Saúde*), e começou o movimento da Ciência Cristã que já mergulhou tantos milhões na escuridão pagã. Sua idéia central é de que toda a matéria não é verdadeira, e apenas o “espírito” é real, o que nada mais é do que um reflorescimento da antiga doutrina hindu de ilusão e muito parecida com a teoria gnóstica já observada (ela mesma emprestada da teoria de dualidade persa) – de que a matéria é essencialmente má, e que o caminho para a perfeição resume-se em livrar-se dela até ser reabsorvida no espírito universal, impessoal, que sozinho é tudo.

Desta maneira é privado da consciência o aviso da verdade de que Deus é uma Pessoa, um Juiz, um Galardoador do mal, o Único com quem teremos de acertar as contas, diante de cujos olhos todos os segredos estão descobertos e patentes (Hb 4.13). Assim o coração é também o coração privado da verdade reconfortante de que Ele é também um Deus que concede toda graça ao arrependido, Pai das misericórdias aos nascidos de novo de Seu Espírito pela fé em Seu Filho, Jesus Cristo. Porquanto o carma, como disse de fato Olcott, é “inexorável”, e nele não há espaço para a graça.

### **Uma Palavra de Encorajamento Para os Fiéis que Amam a Verdade**

Que o crente não se desanime em descortinar essa perspectiva do mundo. Para este mesmo paganismo, que reina no mundo sem contestação,



que o evangelho foi enviado e triunfou em miríades de homens e mulheres. Foi nessa atmosfera e neste mundo pagão que a igreja primitiva viveu e na qual muitos cristãos vivem ainda hoje. A estes, o apóstolo escreveu essas palavras de consolo: “Sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno.” Apesar de muitos falsos profetas terem saído pelo mundo afora, e o espírito do Anticristo já estar trabalhando, ele poderia acrescentar: “Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 Jo 2.14; 4.1-6).

A força e segurança do crente encontram-se nestas coisas:

- Primeiro, o Espírito de Cristo, que ilumina e anima, habitando nele, comunicando a verdade sobre o próprio Cristo que nos livra do erro e dando-nos coragem, o que nos liberta do medo.
- Segundo, a Palavra de Deus, que alimenta a alma e a mantém saudável.
- Terceiro, em ser sempre como uma criança perante Deus e assim ser como um homem forte diante dos homens. A criança atende as palavras de seu pai: “Aquele que conhece a Deus nos ouve” – ouve os apóstolos enviados por Deus. O espírito que está no mundo é o que “agora atua nos filhos da *desobediência*” (Ef 2.2): “Aquele que não é da parte de Deus não nos ouve.” Por conseguinte, a menor desobediência à vontade conhecida de Deus, a rejeição até do menor ponto de Sua vontade revelada, dão espaço para uma usurpação da alma pelo espírito da desobediência. Por outro lado, porém, Deus outorgou o Seu Espírito “aos que lhe obedecem” (At 5.32).

Ao habitar *em Cristo*, na comunhão criada e mantida pelo Espírito Daquele que era manso e humilde de coração, o coração passa a



viver, respirar, mover-se numa atmosfera pura que desafia a atmosfera venenosa, que cega, paralisa a moral do mundo. Este coração pode ser comparado ao inseto, que, mergulhando na água, leva consigo uma ínfima bolha de ar e vive, dali por diante, em segurança debaixo da superfície. Então, diz o apóstolo: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo”, pois “se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2.15-17).

O “mundo” é a humanidade não-regenerada vista como um sistema de vida. É a criação de Satanás e sua esfera de influência. A ela, pertencem todos os homens por nascimento, por descendência de Adão. Dela, só conseguem escapar aqueles que são nascidos de Deus: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no maligno” (1Jo 5.19). Mas nós, que somos de Deus, sabemos algo mais, algo incomparavelmente maravilhoso, divino e redentoramente glorioso: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo” para este mundo repleto de mal “e nos tem dado entendimento para reconhecermos o que é verdadeiro.” Os teosofistas não podem declarar nada além de “um elo de ligação numa busca comum e aspiração pela Verdade” (O Teosofista, junho de 1941). Nós, que somos de Deus, não estamos em busca, pois já achamos Deus, o verdadeiro Deus; em verdade, “estamos *no* que é verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo.” E sabemos por que João acrescentou: “Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.” Também temos a força de Seu aviso: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1Jo 5.20, 21), pois os ídolos eram apenas as manifestações visíveis daquele falso sistema de filosofia ao qual a teosofia gostaria de atrair-nos para nossa ruína.

“Filhinhos, agora, pois, permanecei nele,” permanecei onde o Pai o pôs, em Cristo, Seu Filho, “para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda” (1Jo 2.28; Mt 25.14-30). Como, então, permanecer nessa comunhão interior com Ele mesmo? O Filho nos disse, com palavras simples, ao explicar Sua própria comunhão ininterrupta com o Pai,



quando neste mesmo mundo de pecado e Satanás: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10). Dessa forma, repletos de paz, alegria, amor, poder que Ele teve quando esteve aqui e que nós também podemos ter se permanecermos Nele, Seu seguidor passará por este mundo vencendo suas adulações e seu antagonismo, guardado em segurança contra sua filosofia que rouba as almas, derrotando seus espíritos governantes, feito benção por Deus a outros de seus escravos e tolos. E afinal, tendo compartilhado os sofrimentos e batalhas de Seu Senhor, compartilhará Seu trono e coroa e brilhará como o sol no reino de Seu Pai.



# **Eram Anjos ou Homens?**



## Apêndice

### **Eram Anjos ou Homens?**

Um Estudo Sobre Gênesis 6

Por G. H. Lang

(Editor da versão original em inglês)

**O** dr. Patrick Fairbain, no *Imperial Bible Dictionary* (*Dicionário Bíblico Imperial*) (item “Filho ou Filhos de Deus”), enquanto esposando um ponto de vista contrário ao deste artigo, diz que a opinião aqui defendida aparece no Livro de Enoque e foi sustentada por muitos pais e teólogos católicos e luteranos. Destes últimos, ele menciona Stier, Hofmann, Kurtz e Delitzsch. Darby diz que esta era a opinião quase universal dos primeiros cristãos (*Letters [Cartas]*, Vol. III, pág. 165).

Num diário que descreve a visita de Pember às ruínas de antigos templos egípcios, o seguinte é relatado:

“Será que quem quer que já tenha estado sob as sombras dos altos pilares do grande hipostilo do vasto templo de Luxor poderá facilmente esquecer a beleza da cena ao olhar para o amplo átrio de Amenhotep III e contemplar o fulgor do sol agora se pondo atrás dos morros de Tebas, irradiando com o brilho dourado as poderosas colunas das colunatas?

No entanto, o esplendor do pátio aberto é de menos interesse do que a história retratada nas paredes do apartamento próximo



ao santuário, que é chamado de Sala de Nascimento. Os relevos mostram como o deus Amon-Ra adotou a forma de Tutmés IV e visitou sua rainha Mutemua. Supondo que o visitante era seu marido real, ela recebeu-o em seu quarto. Antes de deixá-la, o deus revelou-se a ela e disse-lhe que o fruto de sua união deveria ser chamado de Amenhotep.

No templo mortuário da rainha Hatshepsut, em Dir-el-Bahri, aparece uma história mais ou menos semelhante em seus detalhes e idêntica no aspecto essencial de Amon-Ra ser o pai de Hatshepsut, visitando a rainha Aahmes (ou Nefertiti) disfarçado de seu marido.

E no templo de Ísis, em Filae, há relevos mais ou menos semelhantes.

Não dizemos se o próprio rei e a própria rainha mencionados nestas inscrições eram de origem semi-superhumana. Pode ser que isso fosse afirmado apenas para dar-lhes maior poder sobre os povos supersticiosos, os quais governavam, e cujo culto eles guiavam. Porém, haveria algo ou por detrás dessa pretensa questão de deuses assumirem formas humanas para visitar as filhas dos homens que quisessem, tornando-se pais de seus filhos? É apenas uma invenção ou será que aponta para o mais terrível de todos os males que já afligiu este mundo?"

Antes de descartar sumariamente essa idéia como sendo impossível, apenas uma sagaz invenção da politicagem clerical com o propósito de enganar a humanidade em seus próprios interesses, a pessoa ponderada considerará alguns fatos.

(1) Moisés era “educado em toda a ciência dos egípcios” (At 7.22) e não poderia ser ignorante a respeito dessas histórias. Ele pode ter visto esses mesmos relevos que hoje os visitantes ainda contemplam.



- (2) Os israelitas também, em função de sua longa estadia no Egito, deviam conhecer estes pretensos eventos.
- (3) Quando Moisés, no entanto, rejeitou os deuses do Egito para servir ao único e verdadeiro Deus, Jeová, e quando guiou Israel para fora do Egito e renunciou a toda idolatria de forma completa, não somente ensinou a seus seguidores que essas histórias eram “coisas queridas inventadas inutilmente”, meros enganos abomináveis de homens, mas, pelo contrário, ao narrar para proveito de Israel a história de tempos idos, declara que tanto antes do dilúvio quanto após esse julgamento, certos “filhos de Deus, vendo que as filhas dos homens (Adão) eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram” (Gn 6.2). Que esses “filhos de Deus” eram seres angelicais fica claro pelos seguintes pormenores:
- (a) O contraste entre os termos “filhos de Eloim” e “as filhas dos homens” (descendentes daquele assim chamado Adão).
  - (b) Os filhos dessas uniões eram, conforme esperado, notadamente “poderosos” e faziam atos que os tornaram “varões de renome”. Estas características presentes nos filhos não se devem à suposição de que os pais eram apenas homens, ainda que fossem homens piedosos.
  - (c) Que a consequência na terra foi a maldade abundante e especialmente a corrupção da imaginação dos corações dos homens, que Deus não poderia tolerar tal cena, e o julgamento varreu o mundo dos ímpios. Essa corrupção interna especial do homem sugere alguma ação e influência espiritual interna especial.
  - (d) Que o termo “filhos de Eloim”, na literatura da época, representava seres angelicais. O livro de Jó era contem-



porâneo de Gênesis e foi dado para instrução ao mesmo povo, Israel. Usar uma expressão tão extraordinária para homens em um livro e para anjos no outro teria sido confuso. Porém, em Jó 1.6 e 2.2, Satanás é visto na companhia dos “filhos de Deus”, e o local é o céu, pois Satanás informa Jeová de que chegara àquele lugar de encontro vindo “de rodear a terra e passear por ela”.

O capítulo 38.7 é ainda mais conclusivo, pois Deus indica que os “filhos de Deus” já existiam antes de criar a terra, pois, na criação, eles cantavam de alegria.

Em Salmos 82.1, 6, mais uma vez mencionam-se os “eloim”, também chamados de “filhos do Altíssimo”. Aqui, eles recebem a ameaça de que, se persistirem no mal que Deus reclama no versículo 2, “morrerão como Adão” (homem). Agora, se os filhos de Adão fossem as pessoas a quem isso se dirigia, seria supérfluo avisá-los assim, pois sua morte seria normal. Daí, conclui-se que estes “filhos do Altíssimo” devem ser os “filhos de Eloim” e não de Adão. Podemos comentar que, quando nosso Senhor citou esse versículo (Jo 10.34), não fez nenhuma menção a que ordem de seres Deus dirigiu este salmo. O uso da passagem para provar a inviolabilidade da Palavra de Deus é pertinente, não importando quem eram os seres em questão, quer anjos, quer homens.

## **Anjos que se Materializam**

Vendo que os anjos podem materializar-se em corpos normais a ponto de comer comida de homens (Gn 18.8), pegar Ló pelas mãos (Gn 19.10, 16), etc., não deve haver dificuldade de acreditar que tives-



sem capacidade para desempenhar outras funções corporais se assim o desejassem.

Se Mateus 22.30 for usado para provar o contrário, pode-se mostrar que nosso Senhor declara qual é a condição das coisas “no céu”. Ele não afirma que os anjos não podem violar essa ordem e agir de outra maneira na terra. Enquanto isso, em Judas, versículos 6 e 7, lemos claramente que existem “anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio”, e que Sodoma e Gomorra, “segundo após outra carne”, pecaram como “aqueles” anjos.

Os ponderados considerarão esses fatos e passagens bíblicas e não deixarão de notar que tal assunto abominável e terrível é de importância prática, visto que o Filho de Deus nos avisou de antemão que os dias que antecederiam Sua volta à terra apresentariam uma verdadeira semelhança com os dias de Noé e o estado de Sodoma nos dias de Ló.

Que o ocidental moderno se maravilhe e sofisme a respeito se quiser. Porém, essas pedras nos dizem claramente que os homens de antigamente conheciam a possibilidade dessas coisas tenebrosas. Gênesis 6 nos diz quem eram os verdadeiros deuses do paganismo, que, assim, com o propósito de envilecer a humanidade, “abandonaram o seu próprio domicílio”, ou seja, anjos rebeldes. “Todas as coisas que anteriormente foram escritas, foram escritas para nos ensinarem” (1Co 10).

## **Objeções Consideradas**

Ao escrever o acima exposto, eu não ignorava o fato de existir outra interpretação de Gênesis 6.2 sendo veiculada.

Para defender esta outra interpretação, um leitor do diário foi bondoso o suficiente para citar um trecho de uma obra muito conhecida, como segue:



“Mas a raça de Sete também foi contaminada pelos vícios dos cananitas. Esse parece ser o único sentido razoável para as relações entre ‘filhos de Deus’ (filhos de Eloim) e as ‘filhas dos homens’ (filhas de Adão). Podemos deixar de lado todas as fantasias emprestadas da mitologia pagã com relação à união de seres sobre-humanos com mulheres mortais e assumir que ambos eram da raça humana. A família de Sete, que conservou a fé em Deus, e a família de Caim, que vivia apenas para este mundo, até aqui haviam ficado à parte, mas, agora, uma mistura das duas raças aconteceu, o que resultou na corrupção completa da outra, que mergulhou no mais profundo abismo de iniquidade. Também nos é dito que, dessa união, surgiu uma raça notada por sua coragem e força física, e esse é o resultado bem conhecido da mistura de raças diferentes” (*Students’ Old Testament History [História do Antigo Testamento dos Alunos]* por Smith).

Como supomos ser esta uma interpretação bem aceita daquela afirmação, examiná-la-emos um pouco mais minuciosamente.

Não é nem um pouco justo para com aqueles que discutem esse ponto de vista que o rejeitemos sumariamente como “uma fantasia emprestada da mitologia pagã”, já que essa perspectiva foi deduzida de inúmeras passagens bíblicas, e resultaram considerações das quais muitas foram anteriormente sugeridas. Se a mitologia silenciasse sobre o assunto, ainda seria, do nosso ponto de vista, dedutível e sustentável na Palavra de Deus.

Tampouco é certo, sábio ou científico rejeitar toda a mitologia antiga como necessariamente falsa e sendo, portanto, indigna de consideração.

Tendo visto na própria Palavra de Deus razão para cogitar o ponto de vista já anteriormente defendido, aqueles que o aprovam apontam, como maneira de corroborá-lo, o fato inquestionável e extraordinário de que as mitologias antigas que – e prestemos bem atenção a isso – nos



remetem ao mesmo período histórico do livro de Gênesis revelam-no como uma crença quase universal do mundo antigo inteiro naquele período e, depois, como sendo de fato a base de suas religiões.

Como surgiu esse conceito extraordinário e como conseguiu comandar anuência tão universal e permanente? Pensamos que os que rejeitam a explicação oferecida a respeito de Gênesis 6 (do significado que disso podemos depreender) não podem explicar fato de tão grande alcance.

## **Os Verdadeiros “Deuses” do Paganismo**

Nosso próprio ponto de vista sobre o paganismo é de que foi instituído por Satanás e seus colegas, anjos rebeldes, para propósitos sinistros em oposição à vontade de Deus.

Esta é a explicação contida nas Escrituras, que definitiva e repetidamente nos instruem que todo culto idólatra é dirigido a demônios (Dt 32.17; Sl 106.37; 1Co 10.20).

Sendo assim, certamente muito se pode aprender sobre Satanás e suas obras pagãs se tão-somente as estudarmos à luz da revelação de Deus nas Escrituras.

A mitologia venera a lembrança guardada pelo homem dos mais antigos atos e ensinamentos de anjos caídos. Essa é a única explicação para os fatos que sempre existiram e continuam a existir.

A semelhança geral do culto pagão em várias terras e épocas, particularmente o ensinamento secreto e esotérico que transforma todo paganismo e mitologia em um corpo de demonologia, encontra aqui sua única e suficiente explicação.

A persistência destas idéias e dos rituais que as encarnam através de milhares de anos, apesar da queda e do fim das nações, também é assim facilmente explicada.



O fato solene de as doutrinas essenciais dessas velhas filosofias pagãs estarem, mesmo agora, permeando o mundo ocidental sutil e amplamente, apesar de sua erudição e progresso científico, e cativando multidões que se vangloriam de sua superioridade intelectual com relação aos “pobres pagãos” encontra uma explicação rápida e adequada no pensamento de que o poderoso “deus desta era” age vigorosamente, esforçando-se por contaminar novamente os descendentes de Jafé com os mesmos conceitos que cegaram seus antepassados e ainda hoje cegam os filhos de Sem – conceitos que escondem do homem o verdadeiro Deus e assim fazem-no uma presa mais pronta para o inimigo de Deus e pseudo-usurpador.

Isso nem é muito difícil, já que os povos que tiveram a Palavra de Deus estão recusando-se a andar na luz que a Palavra espalha, sendo facilmente iludidos por pela teosofia, pelo espiritualismo, pela ciência cristã e por outras filosofias parecidas, cujos ensinamentos essenciais são idênticos aos pontos de vista panteísticos do hinduísmo e budismo, assim como também os sistemas de pensamento grego e egípcio que uma vez floresciam junto a seus parentes orientais, mas que foram superados pelos mesmos.

A sabedoria urge os que têm discernimento a estarem preparados para ouvir alguns avisos solenes do paganismo e, assim, detectarem algumas das artimanhas de Satanás e sua penetração a fim de prevenir-se contra elas.

Onde, conforme no ponto em consideração, as Escrituras da verdade e a crença geral do mundo antigo rigorosamente se harmonizam (como o fazem com relação à nossa visão sobre as Escrituras), não é sábio – e pode ser até perigoso – recusar-se peremptoriamente a ouvir o testemunho unido.

O paganismo exercia muita pressão sobre os judeus e os discípulos cristãos e apresentava um perigo espiritual constante a ambos. Muito do significado mais sutil e profundo das declarações dos profetas



e apóstolos pode ser apreciado só quando este fato é compreendido e guardado na memória.

## **O Ponto Fraco da Objeção**

O ponto fraco básico do caso defendido pelo dr. Patrick Fairbain ficou muito claro quando ele escreveu: “Podemos supor que ambos eram da raça humana.”

Essa é precisamente a base sobre a qual se apóia a declaração: é *suposição*. É fato que, em todos os outros lugares nos quais o termo exato “filhos de Eloim” é empregado, este indica seres angelicais. Por isso, deve-se apenas *supor* que, em Gênesis 6, refere-se a homens, pois tal suposição não pode ser provada. Observemos quantas suposições, e quão grandes são, estão envolvidas.

1. *Supõe-se* que os descendentes de Sete permaneceram fiéis a Jeová. Em nenhum lugar, isso é afirmado, nem sequer fica implícito. Até mesmo dos patriarcas isso não pode ser provado, exceto nos casos de Enoque e Noé.

Realmente, o próprio fato de que, em uma genealogia, o anterior recebeu uma menção à parte como sendo aquele que “andou com Deus” quase sugere que este daria, nesse particular, dos outros ali relacionados, pois, se todos tivessem andado com Deus, por que tal feito também precisaria ser comentado enquanto o resto não recebeu nenhum elogio?

Porém, se os descendentes de Sete realmente, por um tempo, temeram a Deus, é pelo menos uma *suposição* de que continuaram a fazê-lo por muitos séculos até aproximadamente o ano 1536; e



2. Indo mais longe com esta *suposição*, pois isso não é dito, podemos dizer que o colapso de sua devoção ocorreu 120 anos antes do dilúvio.

Nenhuma explicação é dada quanto ao porquê de demoram tanto para notar que as filhas dos homens eram atraentes, ou por que, se haviam notado, não sucumbiram a seu charme antes.

Seriam as filhas da família de Sete desprovidas de nenhuma beleza para que a formosura das filhas de Caim repentina e tão desastrosamente os conquistasse? Ou será que as duas famílias, pela rápida multiplicação e morando na mesma região, nunca se encontraram?

3. Para explicar a habilidade e o poder da descendência, *supõe-se* que os filhos de Sete e de Caim eram raças separadas.

Todavia, naquela época não se tinha de fato nenhuma distinção de raça ou nação, pois é claramente declarado que as diferenças começaram após o dilúvio, com a confusão da língua até então falada por todos.

Disso, vemos que nossos comentários anteriores abaixo de 3 (b) e (c) não estão invalidados.

4. *Supõe-se* que, não tendo nenhum fundamento em outros lugares em que o termo é usado, Deus se refira aos “filhos de Sete” ao dizer “filhos de Eloim”.

Não se pode sustentar um comentário que requer que cada uma de suas premissas seja admitida.

Reportei-me também à nota de rodapé sobre Gênesis 6 na edição da Bíblia em inglês do dr. C. I. Scofield.

Nela, ele nega que a expressão “filhos de Eloim” sempre em outros lugares refira-se a seres angelicais. Contudo, para apoiar esse argumento, menciona apenas uma passagem (Is 43.6); e eis que, ao referir-se a esta única citação, *não en-*



contramos os termos considerados! Jeová não descreve Israel como “filhos de Eloim”, mas apenas como “meus filhos”.

De forma alguma, negamos que os homens são, num certo sentido, filhos de Deus. Adão, criado por Deus, é chamado assim em Lucas 3.38. Da mesma maneira, no sentido de criatura relacionada ao Criador, toda a raça de Adão é chamada de “geração” de Deus (At 17.28).

Além do mais, pela regeneração do homem interior, todos os crentes de cada época tornam-se filhos espirituais de Deus. Porém, esses usos do termo “filho” de maneira alguma provam que uma expressão tão distinta, pouco usada e peculiar como “filhos de Eloim” também queira dizer homens, quando, nos outros lugares em que é achada, claramente refere-se a seres angelicais.

Que significa seres humanos é mais uma *suposição*, e bem grande desta vez, já que terá de ser feita contrariando o uso bíblico uniforme dos termos.

## Resumindo

Nós reformularíamos a questão da seguinte maneira:

1. Lendo Gênesis 6, observa-se que certos seres chamados de “filhos de Deus” relacionaram-se com as “filhas de Adão”. Quem são estes “filhos de Eloim”? O contraste entre as duas expressões sugere serem outra coisa que não seres humanos, pois a descrição natural dos últimos seria “filhos de Adão”. Além do mais, caso se referisse aos filhos de Sete e Caim, por que não usaram exatamente estes termos para não haver mais espaço para ambigüidade?



2. A suposição de que se referia a seres angelicais é bem confirmada quando encontrada em outras partes das Escrituras nas quais essa expressão é precisamente empregada com o significado claro de anjos.
3. Que este é o significado fica bem claro pela declaração do Espírito Santo, por intermédio de Judas, de que houve, num período mais antigo, anjos que não guardaram seu estado original, a região a eles designada no universo, mas deixaram “seu próprio domicílio (*oiketerion*: usado apenas em um outro trecho, 2 Co 5.2: “sermos revestidos da nossa habitação celestial”).

Dessa forma, estes anjos abandonaram aquela forma, aquele corpo espiritual no qual foram criados e assumiram uma “habitação”, uma moradia corporal que não lhes pertencia por vontade de Deus. Isto é, Judas assim os descreve, comparando-os às misturas antinaturais dos sodomitas, “segundo após outra (*heteros*) carne”, ou seja, misturaram-se com seres heterogêneos, criaturas de natureza diferente por constituição.

Deus não admite tais violações de divisões e limitações entre Suas criaturas em nenhuma esfera da vida (veja Lv 19.19), e a punição adequada foi ordenada (Êx 22.19). De igual modo, estes anjos em particular foram precipitados a “abismos de trevas”<sup>1</sup> e, ali confinados, aguardam o julgamento final do universo (Jd 6, 7 e 2 Pe 2.4).

<sup>1</sup> “Abismos de trevas”. Em grego, *Tártaro*; 2 Pe 2.3 apenas. Aqui, o Espírito Santo emprega um termo bem conhecido da mitologia grega daquela época – mitologia esta que cercava os leitores da epístola que viviam na região da Ásia Menor. Dessa maneira, confirma definitivamente duas idéias pagãs associadas a este termo: (1) de que realmente tal região existe e é uma prisão; (2) de que seres sobre-humanos ali estão encarcerados. Isso já é uma dica de que há um indubitável elemento de fato e verdade misturado à mentira na mitologia antiga.



4. Esse sentido da passagem é bem confirmado pelo fato de a descendência monstruosa que foi o resultado, nos dias antes do dilúvio e também após o grande julgamento, ser descendência gigantesca em tamanho, poder e maldade. Os filhos de Enaque, que aterrorizaram os espías israelitas, e os *nefilins* serão devidamente explicados por essa parentela, com sua infusão de vitalidade e força sobre-humanas.

O próprio termo *nefilim* (os caídos) faz-nos lembrar da afirmação de Judas: “anjos (...) ele os precipitou”. O termo é encontrado somente em Gênesis 6.4: “Ora, naquele tempo (i.e., antes do dilúvio) havia gigantes (*nefilins*) na terra, e também depois (do julgamento), etc.” E em Números 13.33, em que os espías israelitas relatam sobre Canaã: “Também vimos ali gigantes (*nefilins*) (os filhos de Enaque são descendentes de gigantes [*nefilins*]”).

Nesta passagem, o nome é dado tanto aos descendentes gigantes quanto a seus pais, mas é feita uma diferença entre ambos: “vimos ali gigantes (*nefilins*), descendentes de gigantes (*nefilins*)”.

Por que esse uso em particular? É estranho e desnecessário dizer: “Vimos os ingleses, descendentes de ingleses”. Entretanto, se abrirmos espaço para o atributo sobrenatural dos que primeiro levaram esse nome, encontraremos uma explicação apropriada para a distinção entre a raça e seus originadores.

## Influenciando os Assuntos Terrenos

Em Salmos 82.7, o verbo cognato do substantivo *nefilim* (os caídos) é usado e traduzido como “sucumbir”, aparentemente referindo-se ao mesmo evento calamitoso do passado remoto no mundo celestial.



Ali, Deus é descrito como de estivesse presente na congregação dos “Elohim” (deuses, na nossa versão), termo que não pode significar juízes terrenos já que não há nenhuma indicação nas Escrituras de que Deus estivesse presente no meio de uma reunião de tais como eles e examinasse novamente suas ações; enquanto há exemplos claros a respeito de agir assim com os seres celestiais (Jó 1.6-12; 2.1-6; 1Rs 22.19-23).

Estes “Elohim” são então avisados de que, a menos que emendassem seus caminhos usando seus poderes de maneira correta em favor dos necessitados e aflitos, eles “como homens (ou Adão), morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir”.

Se, nesta passagem, o homem estivesse sendo focado, obviamente a ameaça de que morreria como homem seria desnecessária, já que este certamente seria seu fim quer tivesse sido justo ou injusto no desempenhar de suas obrigações públicas. Tampouco se pode associar qualquer significado definido à ameaça de que “como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir” supondo-se que fossem homens.

Entretanto, quando entendemos o versículo anterior: “Sois deuses (seres semelhantes a mim, o grande El), sois todos filhos do Altíssimo”, como se aplicando a governadores celestiais (“dominadores deste mundo tenebroso”, Ef 6.12), então tudo se torna claro e harmonioso.

Os atuais governantes rebeldes, ainda não despojados de sua função, são avisados de que, ao perseverarem no caminho da prostituição de seus poderes para fins malignos, merecerão e dividirão o mesmo destino do homem: morrerão – ou seja, deixarão seu estado e esfera original para entrar numa condição mais baixa e miserável de exílio de Deus e de sua região gloriosa no universo, os céus.

Assim, como aqueles antigos príncipes de sua ordem, eles também sucumbirão. O retrato poético desta queda é dado em Apocalipse 12.7-12, seu aprisionamento, como daqueles antigos príncipes caídos,



é indicado em Apocalipse 20.1-3, e sua terrível ruína final, após o reino milenar, no versículo 10 e em Mateus 25.41.

Dessa maneira, confirma-se a nossa perspectiva sobre Gênesis 6 por sua concordância com outras passagens, cada uma delas esclarecendo, ampliando e confirmando umas as outras.

## A Mitologia Concorda

Isto é confirmado ainda mais pelo fato de que as mitologias de todos os povos antigos, que preservam as tradições de suas crenças primitivas, personificam definitiva e constantemente tal idéia; e fazem-no com tanta persistência e sem tentar persuadir sua aceitação, que chegam a criar a pressuposição de que algo real encontra-se na raiz da crença, algo que ninguém naquela época questionou.

Esta explicação da mitologia concorda com a afirmação das Escrituras de que a descendência dessas uniões ilícitas gerou os “varões de renome” (literalmente, “varões de nome”). Suas ações poderosas e abomináveis, com as de seus progenitores angelicais, formaram, sob esse ponto de vista, o pano de fundo histórico no qual muitas das histórias dos deuses da mitologia se basearam.

A leitura da expressão “filhos de deuses (Elohim)” – significando homens – viola todos os fatos incluídos nas observações anteriores, não refuta nenhum dos argumentos derivados destes fatos e requer inúmeras pressuposições para conferir-lhe qualquer base aparente.

Ao analisar o pensamento dos que se opõem ao ponto de vista aqui defendido, é provável que a única objeção radical a ser encontrada possa ser colocada da seguinte forma: “Como podem ser essas coisas?”

Esta objeção é antecipada no subtítulo *Anjos que se Materializam* em nossos comentários iniciais. O controle efetuado por anjos do



universo material, animado ou inanimado, é amplamente exemplificado, embora não discutido formalmente, por toda a Palavra de Deus. Porém, nem nós conseguimos achar uma resposta à pergunta “Como?” que não implique em não aceitar as afirmativas anteriores das Escrituras no seu sentido simples e solene.

## **Um Argumento Conclusivo**

Por último, exporemos mais uma consideração que parece conclusiva por si mesma.

Diz-se que a expressão “filhas dos homens (Adão)” refere-se às mulheres da família de Caim.

Isto implica em afirmar que o termo anterior, “como se foram multiplicando os homens na terra”, refira-se apenas aos homens de Caim, uma vez que são suas filhas que estão em questão.

No entanto, isso é claramente impossível, um uso nitidamente impreciso da expressão já que os filhos de Sete também eram “homens”.

Também, é igualmente impossível que a expressão anterior refira-se às mulheres da família de Caim, como se fossem diferentes e contrastassem com as mulheres da família de Sete. É vital, para esse ponto de vista, que rejeitemos o fato de que a expressão deveria aplicar-se apenas às mulheres da família de Caim. Se isso não é aceito, o argumento cessa de existir.

Porém, é claro e evidente que as mulheres da família de Sete eram igualmente “filhas de homens (Adão)”, e, portanto, a expressão não poderia ser bem aplicada exclusivamente às mulheres de qualquer uma das famílias, mas necessariamente incluiria todas elas.

Assim, a expressão “filhos de Deus (Elohim)” permanece em claro contraste com os termos “filhas de homens” e “homens”, indicando que os descritos dessa maneira não eram homens.



Se alguém perguntar se vale a pena analisar esta questão, podemos apenas responder que vale a pena entender precisamente toda a Escritura que nos foi dada pelo amor e sabedoria de Deus. Devemos, mais uma vez, refletir sobre o fato de que os dias de Noé apresentam um retrato dos tempos que precederão a volta de nosso Senhor.

Ser avisado antecipadamente pela compreensão correta destes dias passados é estar preparado de antemão para enfrentar os terríveis perigos dos últimos dias, época da qual nos aproximamos rapidamente de acordo com muitos estudiosos dedicados do assunto – se é que já não sentimos e vimos suas primeiras sombras frias.

Aquele que vê antecipadamente grita: “Digo a todos, vigiai!” “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.”



Este livro foi impresso em março de 2004, pela Imprensa da Fé para a Editora dos Clássicos. Composto nas tipologias Goudy Oldstyle, Goudy Heavyface, Berkeley Oldstyle Black, Helvetica Neue 45 Light e Helvetica 95 Black. Os fotolitos foram feitos pela Imprensa da Fé. O papel do miolo é Off-Set 75g/m<sup>2</sup> e o da capa é Royal Opp 250g/m<sup>2</sup>



**D**epois de ter tratado no tomo 1 da origem de satanás e do caos do universo, neste tomo o autor, notavelmente reconhecido por sua erudição e espiritualidade, descorrina com sólido embasamento histórico que as raízes mais profundas para o atual movimento espiritualista, procedentes das religiões que dominam o mundo de hoje, como o budismo e a teosofia, têm suas origens no princípio das trevas e em seus súditos e que a rápida expansão do espiritualismo nos tempos modernos, que também sutilmente vem se introduzindo no cristianismo, aponta para uma unificação espiritual das religiões como o caminho central para a manifestação do Anticristo.

Uma vez que os cultos espirituais cristãos se movem em torno de novas revelações, de experiências espirituais e de seus próprios líderes, que vêm arrastando multidões, e a apreciação das Sagradas Escrituras vem sendo substituída por livros contaminados pelo fermento da antiga religião babilônica, devemos acordar para o fato de que a apostasia dos últimos dias, predita pelas Escrituras, está em proporção muito maior do que possamos imaginar e que a escuridão da “eclipse da fé” tem cegado a mente de muitos líderes cristãos (1Tm 4:1-5), tornando-os insensíveis à voz do Espírito.

Mais do que nunca, o dia do Filho do Homem está se aproximando. Para todos aqueles que fielmente desejam conhecer a revelação bíblica de forma mais ampla e profunda, *As Eras mais Primitivas da Terra*, uma obra clássica sem precedentes na história da literatura cristã, é leitura obrigatória que os prepara para enfrentar a tenaz batalha espiritual dos últimos dias.



